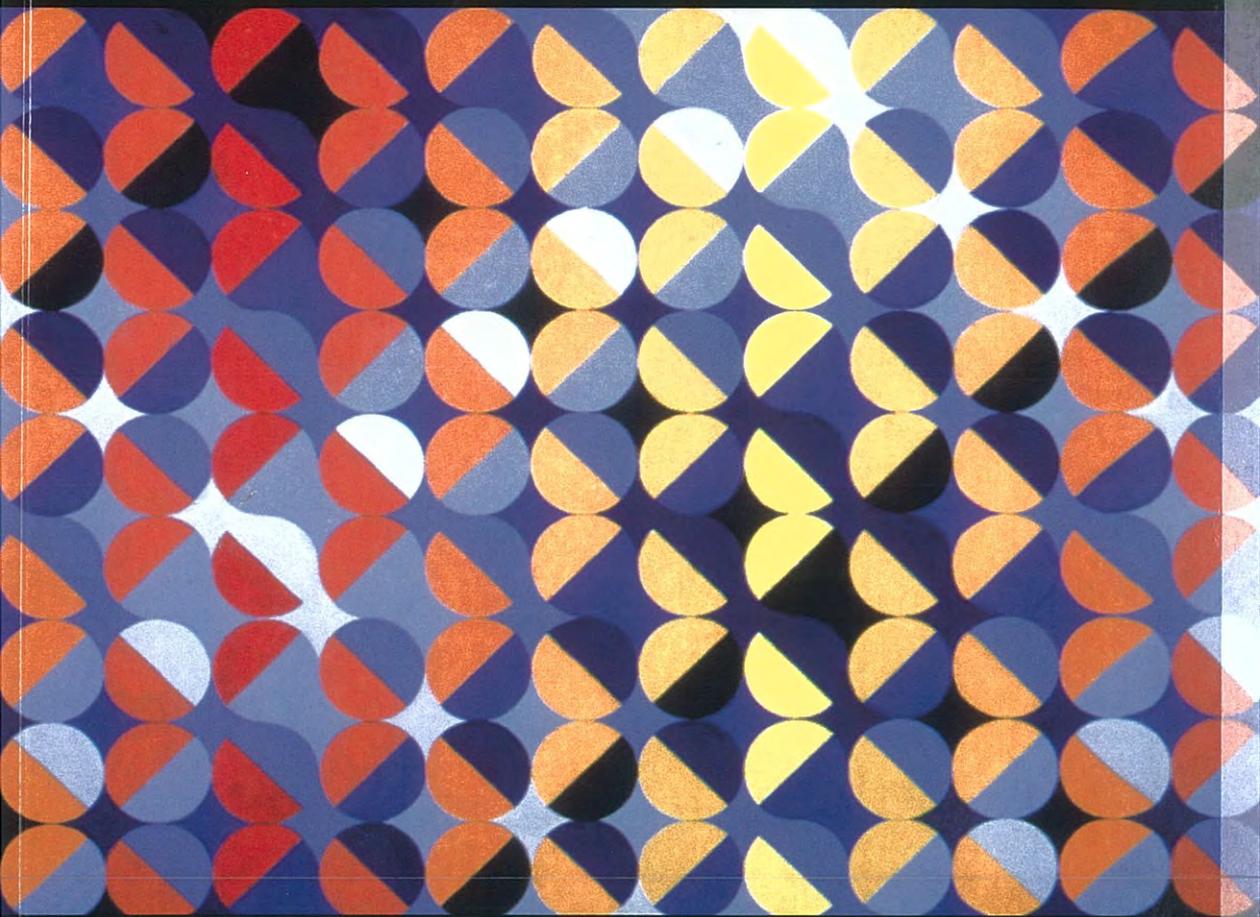


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



ALMANAQUES E OUTROS DISPERSOS

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

© 2011 Carlos Reis, Irene Fialho e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Almanagues e Outros Dispersos

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: INCM — Unidade Editorial

Capa: reprodução de uma obra da autoria de Eduardo Nery. Maqueta de um painel constituído por peças cerâmicas circulares; data do projecto: 2004; data da execução cerâmica: 2005; guache sobre papel; dimensões da mancha: 44 cm × 60 cm. Maqueta de um painel cerâmico no acervo do Museu de Cerâmica, nas Caldas da Rainha, com as dimensões de 161 cm (alt.) × 221 cm (larg.); execução cerâmica: Molde Faianças, S. A.

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Abril de 2011

ISBN: 978-972-27-1941-4

Depósito legal: 326 127/11

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis
Apoio: Ministério da Cultura

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarim
- A Relíquia
- Os Maias
- * Contos I

Semi-póstumos e Póstumos

- A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.^a
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- * Textos de Imprensa I
- Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas públicas
- Cartas privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e outros relatos

VÁRIA

- * Almanagues e outros dispersos

TRADUÇÕES

- Philidor
- * As Minas de Salomão

- * Volumes publicados

ALMANAQUES E OUTROS DISPERSOS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Fronstipício do *Almanaque Enciclopédico* para 1896

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1896=1.º ANNO

ALMANACH
ENCYCLOPEDICO

CHRONOLOGIA — ASTRONOMIA — ECLIPSES — ANNO RELIGIOSO — GALAS,
FESTAS E DIAS SANTOS — A HORA UNIVERSAL — EQUAÇÃO DO TEMPO — OS DIVERSOS CALENDARIOS
PREVISÃO DO TEMPO: BAROMETRO E THERMOMETRO — CALENDARIO PERPETUO.
TABELLAS PARA SE CALCULAR A DURAÇÃO DA VIDA —
NOMES DE BAPTISMO — HORTICULTURA E JARDINAGEM — PREDICÇÕES ASTROLOGICAS —
DADOS ASTRONOMICOS — EPHEMERIDES
DATAS E ACONTECIMENTOS HISTORICOS DE TODOS OS TEMPOS E DE TODOS OS PAIZES
CONSELHOS, RECEITAS, NOÇÕES SCIENTIFICAS, AGRICOLAS E CASEIRAS
HYGIENE, DADOS ESTATISTICOS — OS ESTADOS DO MUNDO:
SUA POPULAÇÃO, RELIGIÃO E CONSTITUIÇÃO POLITICA
CHEFES DE ESTADO ACTUAES DE TODOS OS PAIZES — ORDENS E CONDECORAÇÕES.
GEOGRAPHIA PHYSICA — O GLOBO E SEUS CONTINENTES: SUPERFICIE, POPULAÇÃO, RAÇAS,
RELIGIÃO, COMMERCIO, VAPORES, CAMINHOS DE FERRO, TELEGRAPHOS.
BRAZIL: SEU ESTADO ACTUAL, INSTRUÇÃO E GOVERNO,
AREA, POPULAÇÃO, INSTRUÇÃO, FINANÇAS, ETC., ETC.
FORÇAS TERRESTRES E NAVAES DOS DIFFERENTES PAIZES. — METEOROLOGIA: NOÇÕES GERAES,
AS GRANDES TEMPESTADES — FORMAÇÃO DE UMA BIBLIOTHECA — A IMPRESSÃO DE UM LIVRO
UNIVERSIDADES. — NOÇÕES FAMILIARES DE HISTORIA — OS CONCILIOS DA EGREJA
DIREITO PARA TODOS — NOÇÕES PRATICAS SOBRE OPERAÇÕES BANCARIAS E DE BOLSA
NOÇÕES PRATICAS SOBRE A FABRICAÇÃO E TRATAMENTO DA VIDEIRA E DO VINHO, ETC., ETC.

COM UM EXTENSO PREFACIO

POR

EÇA DE QUEIROZ

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1895

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS
Vária

Almanaques
e outros dispersos

Edição de
Irene Fialho

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2011

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nota prefacial

A produção literária de qualquer grande escritor regista, quase sempre e para além dos seus textos capitais, outros textos provindos de circunstâncias mais ou menos acidentais ou conjunturais. Quando se trata de organizar o conjunto dessa produção literária (é também isso que esta Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós está a fazer, o que obriga a questionar títulos e coletâneas até agora aceites como canónicos), torna-se necessário reunir esses textos em volume ou em volumes que lhes dêem o acolhimento possível; essa é também a oportunidade para fazer ou refazer a história literária desses dispersos.

A secção «Vária» que se encontra no plano geral da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós contempla um volume da natureza do que acabo de referir. E o título *Almanaques e outros dispersos* refere-se implicitamente à dificuldade (ou até à impossibilidade) de reunir de forma coerente o que foi escrito ao longo de muitos anos, publicado em locais muito diversos ou até deixado no sossego da gaveta dos inéditos. O facto de os almanaques ocuparem um lugar de destaque no alinhamento do título desta recolha não é casual; conforme neste volume se explica, a escrita e organização de almanaques, obedecendo sobretudo a motivações de natureza económica (os famosos «apertos» financeiros que com frequência atormentaram Eça), foram pretexto para reflexões e para relatos que hoje lemos como textos relevantes no conjunto da obra queirosiana. A abertura do almanaque para 1896 é uma quase erudita dissertação acerca da tradição e da projecção deste tipo de publicações, num tempo em que aculturação, informação e leitura lúdica se conjugavam; e o facto de o almanaque para 1897 abrir com o conto «Adão e Eva no Paraíso» (inserido, por critério de género, no volume *Contos I* desta edição crítica) mostra bem que Eça trabalhou árdua e conscienciosamente para o público que consumia este tipo de livros.

Encontram-se aqui muitos outros textos, com dimensões e origens muito díspares. Alguns deles integraram a coletânea a que Luís de Magalhães, com base num título-epígrafe de Eça, na *Gazeta de Notícias*, chamou *Notas Contemporâneas*, verdadeira manta de retalhos editada em 1909, sem critério nem lógica que se percebam. É o caso desse interessantíssimo «A Inglaterra e a França — julgadas por um inglês» e também de «Um Génio que era um Santo», admirável e emotivo testemunho destinado ao *In Memoriam* de Antero. Para além disso e do mais que este volume revela, podemos ler aqui descobertas recentes, devidas precisamente ao trabalho da editora Irene Fialho: os textos «Colombo e o seu Centenário» e «O caminho de ferro de Jerusalém» estavam «adormecidos» nas páginas da *Gazeta de Notícias*, como que camuflados sob o pseudónimo João Gomes.

Não é fácil organizar e editar um conjunto de textos como os que se encontram neste *Almanaques e outros dispersos*. Escondidos, perdidos ou esquecidos por diversos locais e publicações, eles exigem do editor (que vive frequentemente a angustiante intuição de que algum outro fugidivo texto pode estar a escapar-lhe...) uma concentrada atenção e um conhecimento muito minucioso desses lugares recônditos onde se ocultam pequenas joias ou filões ignorados. Irene Fialho é uma investigadora com experiência acumulada pela circulação em espólios oitocentistas, sobretudo pelo de Eça de Queirós. Tendo sido já, nesta série, co-editora (com Luiz Fagundes Duarte) de *Alves e C.*⁴ e tendo muito adiantada a complexa edição crítica d'*O Conde de Abranhos*, Irene Fialho é credora de inquestionável confiança e de provada competência para a tarefa a que se abalançou, ao editar estes *Almanaques e outros dispersos*.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. OS TESTEMUNHOS DA TRADIÇÃO	17
1.1. AS PRIMEIRAS EDIÇÕES PÓSTUMAS — LELLO & IRMÃO	17
1.2. A EDIÇÃO DE MACHADO DA ROSA	19
1.3. A EDIÇÃO DE LIVROS DO BRASIL	19
2. OS TEXTOS	21
2.1. 1870: PALAVRAS SOBRE O JORNALISMO CONSTITUCIONAL	21
2.2. 1873: TRÊS AMERICANOS	25
2.3. 1880: NOTA À 2. ^a EDIÇÃO DE <i>O CRIME DO PADRE AMARO</i> E [IDEALISMO E REALISMO]	29
2.4. 1883: [TESTAMENTO DE MECENAS]	36
2.5. 1884: A INGLATERRA E A FRANÇA — JULGADAS POR UM INGLÊS	40
2.6. 1885: OS LATIDOS	42
2.7. 1885: FESTA DE CRIANÇAS	44
2.8. 1885: SEM TÍTULO IN <i>ESMOLA</i>	46
2.9. [1886-1887]: [O FRANCESISMO]	47
2.10. 1887: A VIDA	51
2.11. 1887: MR. CUMBERLAND — SESSÃO DO GRANDE ADIVINHO, NA REDACÇÃO DA «PROVÍNCIA»	52
2.12. 1888: A EUROPA	55
2.13. 1888: [A PARTILHA DA DOR / A PROPÓSITO DO INCÊNDIO DO TEATRO BAQUET DO PORTO]	57
2.14. 1889: OS VENCIDOS DA VIDA	60
2.15. 1889: PREFÁCIO A <i>AQUARELAS</i> DE JOÃO DINIS	61
2.16. 1890: FRATERNIDADE	67
2.17. 1891: AUTÓGRAFO NO LEQUE DA VISCONDESSA DE CAVAL- CANTI	70
2.18. [1889-1891?]: FRAGMENTO COM ASSINATURA «JOÃO GOMES»	71
2.19. 1892: NOTAS CONTEMPORÂNEAS — «O CAMINHO-DE-FERRO DE JERUSALÉM»; «COLOMBO E O SEU CENTENÁRIO»	73
2.20. 1895: [JOÃO DE DEUS]	77
2.21. 1895: UM NOVO PLANO DE ALMANAQUE; ALMANAQUES	78
2.22. 1896: UM GÊNIO QUE ERA UM SANTO	80

2.23. 1898: [A DUSE]	82
2.24. [SEM DATA]: FACTOS, IDEIAS, IMPRESSÕES, ANEDOTAS — [A VIDA INGLESA]	84
3. CRITÉRIOS DE FIXAÇÃO DO TEXTO CRÍTICO	85
TEXTO CRÍTICO	87
1. [1870] — PALAVRAS SOBRE O JORNALISMO CONSTITUCIONAL	89
2. [1872] — TRÊS AMERICANOS	95
3. [1880] — NOTA	101
4. [1883] — [TESTAMENTO DE MECENAS]	107
5. [1884] — A INGLATERRA E A FRANÇA — JULGADAS POR UM INGLÊS	117
6. [1885] — «UM GRUPO CÉLEBRE»	135
7. [1885] — FESTA DE CRIANÇAS	137
8. [1885] — [SEM TÍTULO]	145
9. [1886-1887] — [O FRANCESISMO]	147
10. [1887] — A VIDA	173
11. [1887] — MR. CUMBERLAND	175
12. [1888] — A EUROPA	195
13. [1888] — [A PARTILHA DA DOR / A PROPÓSITO DO INCÊNDIO DO TEATRO BAQUET DO PORTO]	207
14. [1889] — OS VENCIDOS DA VIDA	209
15. [1889] — PREFÁCIO A <i>AQUARELAS</i> DE JOÃO DINIS	213
16. [1890] — FRATERNIDADE	221
17. [1891] — AUTÓGRAFO NO LEQUE DA VISCONDESSA DE CAVALCANTI	225
18. [1889-1891?] — FRAGMENTO MANUSCRITO COM ASSINATURA «JOÃO GOMES»	227
19a. [1892] — NOTAS CONTEMPORÂNEAS: COLOMBO E O SEU CENTENÁRIO	229
19b. [1892] — NOTAS CONTEMPORÂNEAS: O CAMINHO-DE-FERRO DE JERUSALÉM	235
20. [1895] — [JOÃO DE DEUS]	241
21a. [1895] — UM NOVO PLANO DE ALMANAQUE	245
21b. [1895] — ALMANAQUES	249
22. [1896] — UM GÊNIO QUE ERA UM SANTO	285
23. [1898] — [A DUSE]	331
24. [s. d.] — FACTOS, IDEIAS, IMPRESSÕES, ANEDOTAS — [A VIDA INGLESA]	333
APÊNDICE	337
<i>Notas biobibliográficas</i>	359

INTRODUÇÃO

Este volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós é uma colecção de textos esparsos nos suportes de escrita, no tempo e nos locais de publicação, de diferentes géneros e objectivos editoriais, com contrastes manifestos entre textos muito curtos e outros bastante longos. As suas diversas origens — manuscritos autógrafos, jornais, revistas, volumes de homenagem, álbuns, almanaques, publicações de caridade, prefácios a volumes seus e de terceiros, etc. —, obrigam a apresentá-los segundo a cronologia de produção ou publicação, diacronicamente, uma vez que neste caso o tempo é a única unidade sintagmática que permite uma uniformidade de organização textual.

Menos evidentes numa primeira aproximação são as particularidades de cada texto a nível filológico. *Almanaques e outros dispersos* inclui textos de que só se conhecem os testemunhos impressos, publicados em vida do autor — um deles sem assinatura, mas reconhecidamente do punho de Eça; outros com manuscrito identificado, embora perdido, deixando frustrada a expectativa de cotejo crítico para estudo da evolução da respectiva genética; um manuscrito inédito, de anotações, com bastante interesse para a compreensão dos motivos que levaram o autor a produzir outros textos; três impressos perdidos, agora publicados pela primeira vez desde a morte do autor; finalmente, impressos publicados em vida do autor dos quais conhecemos os manuscritos, permitindo observar o seu complexo processo criativo — entre eles um autógrafo fragmentário que deu postumamente origem a um texto *canónico* de Eça

de Queirós sem que a observação do manuscrito original permita nele encontrar nem um texto terminado nem um texto terminal.

Este conjunto coloca, por outro lado, dada a sua heterogeneidade, vários problemas metodológicos, culturais, éticos e patrimoniais. No caso dos impressos de que não se conhecem os manuscritos originais, por exemplo, o editor não pode comprovar a autenticidade do texto publicado em que baseia a sua edição quando, ao lado, se depara com um texto falsificado, considerado, desde que foi dado à estampa, um ensaio teórico, fonte de muitos ensaios sobre o autor e a sua teoria de escrita. Por outro lado, tem de encontrar um equilíbrio entre o dever de informar sobre a contrafacção e a difícil escolha de retirar do cânone queirosiano um texto que formou longa tradição na história literária do século dezanove. Refiro-me ao ensaio que ficou conhecido pelo título «Idealismo e Realismo», supostamente correspondendo aos fragmentos que na Biblioteca Nacional estão reunidos sob a cota E¹/295, aqui publicado sob a sua única forma autorizada por Eça de Queirós, a «Nota» à 2.^a edição de *O Crime do Padre Amaro*, de 1880. Esta eliminação de [Idealismo e Realismo] leva a reflectir sobre a importância da publicação de textos até agora desconhecidos, dadas as suas características marginais face à literatura consagrada, como é o caso de dois simples autógrafos de circunstância social, em *Esmola* e no leque da Viscondessa de Cavalcanti, sem que exista qualquer informação sobre as circunstâncias literárias em que foram produzidos. É certo que o próprio Eça considerava que «para alargar e completar o conhecimento de grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, todos os papéis íntimos — até as contas do alfaiate.»¹ Não se tratando aqui de papéis íntimos mas sim de peças produzidas em contextos da vida pública, social e cultural, cada um deles traz novas informações sobre as relações do escritor e os meios em que se movia.

¹ Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 345.

1. OS TESTEMUNHOS DA TRADIÇÃO

Consideram-se como constituintes da tradição editorial os impressos das editoras Lello & Irmão e Livros do Brasil, pelos quais se cotejaram todos os éditos. Comparam-se também, nos casos em que as primeiras edições em livro não os incluíam, com as primeiras publicações póstumas, em volumes de terceiros. Em alguns casos, quando as características do texto assim o recomendavam, procedeu-se à comparação com edições mais recentes de divulgação restrita, ou por terem sido apenas comercializadas no Brasil ou por se encontrarem em obras pouco acessíveis ao público; estes casos são comentados nas respectivas introduções mas não anotados nos aparatos críticos. Devido às dissemelhanças formais dos textos e às especificidades de cada caso editorial, o critério de transcrição e anotação das variantes é descrito na apresentação de cada um deles.

1.1. AS PRIMEIRAS EDIÇÕES PÓSTUMAS — LELLO & IRMÃO

Depois da morte de Eça de Queirós em 1900, a sua viúva, Emília de Castro, recolheu os testemunhos literários que o escritor guardara, manuscritos e impressos, enviando-os a Luís de Magalhães para que este organizasse a publicação de volumes reunindo os dispersos do amigo. Grande parte dos textos desta edição foi publicada pela primeira vez em livro nas *Notas Contemporâneas* de 1909 e nas *Últimas Páginas* de 1912, ambas da editora Lello & Irmão.

O título *Notas Contemporâneas* foi sugerido por uma crónica de Eça publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 28 de Novembro de 1892 — «Notas Contemporâneas — Os grandes homens de França» — assinada por «João Gomes», pseudónimo que o escritor usou na *Revista de Portugal* para assinar «Notas do Mês». O uso do pseudónimo aparentava ser caso único na *Gazeta de Notícias*, onde Eça firmou com o seu nome numerosas contribuições, tanto no jornal como no seu

Suplemento Literário². Na realidade, a epígrafe «Notas Contemporâneas» encabeçava mais duas crónicas na *Gazeta*, «Colombo e o seu Centenário» e «O caminho-de-ferro de Jerusalém», a que Luís de Magalhães não teve acesso. Em 1909 Magalhães estava convencido de que *Notas Contemporâneas* seria a última edição de dispersos de Eça por ele preparada, embora, como escreveu na Introdução, soubesse que poderiam vir a aparecer outros: «Termina com este volume a compilação da obra dispersa de Eça de Queirós. Empregámos todos os esforços para que ela fosse a mais completa possível; mas não ousamos afirmar que aos nossos trabalhos de colecção, realizados tanto em Portugal como no Brasil, não escapasse qualquer artigo avulso do ilustre escritor. A falta de colecções dalguns jornais, em que Eça de Queirós colaborou, fez com que tivéssemos de recorrer ao precioso auxílio de admiradores seus, que, para uso próprio, iam reunindo e amontoado esses tesouros de prosa incomparável, que ele largamente espalhou pela imprensa portuguesa e brasileira. Seriam completas essas colecções particulares? [...] Qualquer omissão, porém, que venha a verificar-se, será remediada em futuras edições.»³ Assim aconteceu, em parte, com os textos publicados em *Últimas Páginas*, que Magalhães acreditava serem verdadeiramente as últimas, também recolhidos por Emília de Castro: «Com a publicação deste volume de inéditos podemos dizer que, à parte qualquer artigo que tivesse escapado na

² V., a este respeito, a «Introdução» de Elza Miné e Neuma Cavalcante a Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

³ «Nota ao leitor» de «Os editores» (Luís de Magalhães) in Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Porto, Lello & Irmão, 1909, s. p. Enganava-se, porém, quanto ao destino que Eça pretendia dar aos recortes encontrados no seu espólio: «É positivo que Eça de Queirós pensava em juntar os seus escritos dispersos. Além doutros, já insertos nas publicações anteriores, alguns dos artigos das *Notas Contemporâneas*, como *As Rosas*, *Cozinha Arqueológica*, *Positivismo e Idealismo*, *Bock Ideal*, etc., foram encontrados no seu espólio literário, já recortados e colados em largas folhas de papel, e com o título e a numeração das páginas escritos a lápis pelo seu punho.» *Idem, ibidem*. A este respeito veja-se o n.º 19 *infra*. Os recortes mencionados por Magalhães encontram-se na Fundação Eça de Queiroz.

compilação dos seus escritos dispersos, a obra literária de Eça de Queirós fica, enfim, completa. As *Últimas páginas* encerram tudo o que de inédito apareceu entre os seus papéis.»⁴ Nos anos vinte do século passado reapareceram outros inéditos, então editados pelos filhos do escritor, interessando para esta edição «Idealismo e Realismo» e «Os Vencidos da Vida», publicados em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, de 1929.

Nos anos que se seguiram, foram aparecendo alguns dispersos de Eça de Queirós, em jornais e revistas, por vezes em volumes ensáísticos, transitando, depois de 1946 e da chamada «Edição do Centenário» da Lello, para os títulos existentes que mais se coadunavam com o tema tratado.

1.2. A EDIÇÃO DE MACHADO DA ROSA

A Editorial Presença, em 1965, publicou com organização de Alberto Machado da Rosa, cinco volumes de *Prosas Esquecidas* de Eça. Para a presente edição de [João de Deus] consultou-se o volume IV (Polémica. 1867). Depois de apresentar artigos do jovem Eça no jornal *Distrito de Évora* e na *Gazeta de Portugal*, Machado da Rosa inclui aquele texto de 1895, que não cabe na rubrica «Polémica» nem na subdivisão «Crítica de Arte», a que não corresponde⁵.

1.3. A EDIÇÃO DE LIVROS DO BRASIL

Em 1970 a editora Livros do Brasil encetou a publicação de uma colecção de Obras Completas de Eça de Queirós, apro-

⁴ «Nota ao leitor» de «Os Editores» (Luís de Magalhães?) a Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, Porto, Lello & Irmão, 1912, p. v. Em *Últimas Páginas* foram publicados dois manuscritos inéditos, «O Francesismo» e «Testamento de Mecenas»; v. n.ºs 4 e 9 *infra*.

⁵ Machado da Rosa justificava [João de Deus] naquele volume com uma sugestão de Pedro da Silveira, o que por si só não explica tal desvio nos critérios de publicação do texto.

veitando para alguns os títulos e a arrumação da Lello. A *Notas Contemporâneas* foram acrescentados «A Europa» (incompleto) e «Três Americanos» sem qualquer explicação sobre a sua inserção; os textos inéditos de *Últimas Páginas*, bem como «A propósito do incêndio do teatro Baquet no Porto em 1888» e «Fraternidade» foram incluídos num volume que agrupa aleatoriamente *Cartas e Outros Escritos*. Ambos foram organizados por Helena Cidade Moura. Finalmente, o caso mais problemático, sem responsável declarado, é o terceiro volume *Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867)*, a que Guerra da Cal chamou um «totum revolutum»⁶. Este livro, que deveria conter apenas textos jornalísticos publicados por Eça na juventude, aparece na colecção sob a rubrica «Obras póstumas de Eça de Queirós», querendo o título indicar textos recolhidos após a morte do autor; integra, para o que no caso presente interessa, «Idealismo e Realismo», «Os Vencidos da Vida» e «Os de Paris a João de Deus». Isto é, Livros do Brasil, aproveitando e levando ao extremo o estímulo da edição de 1965 das crónicas no *Distrito de Évora*, decidiu esquecer todos os critérios editoriais e lançar no livro qualquer texto disperso entretanto aparecido, «todo esto sin dar al lector la más somera explicación de la procedencia, cronología, o historia de ninguno de los textos, con grave desconsideración no sólo para el autor sino para las exigencias normales incluso del lector de cultura media.»⁷ O último livro da colecção, *Últimas páginas dispersas*, de 1981, repete a mesma falta de critério organizacional: entre cartas públicas e privadas, crónicas, contos e projectos, inclui os textos agora cotejados «Mr. Cumberland» e «Deus-Duse», este último, como se verá, acompanhado por aquilo que parece ser uma epígrafe de outro autor e é apenas um erro de edição.

⁶ V. Ernesto Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, tomo 1.º, n.º 320, p. 118.

⁷ *Idem, ibidem.*

2. OS TEXTOS

Editam-se vinte e seis textos de Eça de Queirós, quatro deles inéditos em livro e a maior parte dos éditos pouco conhecida do público, constituindo uma espécie de *marginalia* da obra do escritor de «Almanaques». Nos parágrafos que se seguem faz-se uma breve descrição de cada caso, das circunstâncias da sua produção e da sua fortuna editorial; os textos menos conhecidos, como o primeiro, «Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» mereceram maior atenção do que os mais estudados e reportados, caso de «Um génio que era um santo».

2.1. 1870: PALAVRAS SOBRE O JORNALISMO CONSTITUCIONAL

«Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» surgiu em Julho de 1870, no número sete e último ⁸ de *A República — Jornal da democracia portuguesa*, fundado e dirigido por Oliveira Martins. *A República*, com o formato 22 cm × 15 cm, capas verdes ⁹ e dezasseis páginas, teve periodicidade quinzenal durante a vigência do governo resultante do golpe da *saldanhada* de Maio de 1870. Saía das oficinas da Tipografia Democrática, que publicou no mesmo ano um *Almanaque para a Democracia Portuguesa / Ilustrado com os retratos dos mais distintos democratas da presente época acompanhados dos esboços da sua história política* ¹⁰.

No espólio de Batalha Reis, na Biblioteca Nacional, encontram-se duas listas de colaboradores d'*A República*. A primeira diz respeito a colaboradores fixos e menciona José Fontana, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Eça de Queirós,

⁸ O n.º 8 é apenas uma folha, com direcção de Magalhães Lima.

⁹ Salvo o n.º 5, com capa lilás.

¹⁰ O tipo de papel e capa do *Almanaque* é semelhante aos dos jornais. Embora esteja datado para 1870, na contracapa surge a data 1871. O prólogo «Aos meus amigos» é assinado por A. M. Baptista Tavares.

Antero do Quental. A segunda lista indica ligações entre alguns desses autores e outras personalidades, com o intuito de contactar mais colaboradores para o jornal:

Lobo de Moura (Dr.)	
Campos de Magalhães	— Fontana
Bernardino Pinheiro	— OM [Oliveira Martins]
João de Deus	— Lobo [de Moura]
Saraiva	— Font. [José Fontana]
Arriaga, Manoel	— Bat. ^a [Jaime Batalha Reis]
Gomes Leal	— OM
Alves Branco	— OM
Sousa Martins	— OM
Luciano Cordeiro	— OM
António Ennes	— OM
Emilio Castellar	— Font.
João Bonança	— Font.
Alexandre Herculano	— Font.
Marreca	— Bern. [Bernardino Machado]
Lucas Falcão (Dr.)	— Lobo
Th. Braga	— OM
Jose Falcão (Dr.)	— Anth [Antero de Quental]
Marianno Machado	— Bat.
Francisco Machado	— Lobo

Uma carta de Oliveira Martins a Teófilo Braga, convidando-o para ser colaborador do jornal, confirma os contactos correlacionados na lista: «Além de Antero e de mim temos na redacção o Luciano; um humorista, o Eça de Queirós; um poeta, Manuel de Arriaga; e um rapaz pouco conhecido no mundo literário, mas de imensa valia — Batalha Reis, agrónomo.»¹¹

Naquele mesmo espólio, uma terceira lista indica o plano dos primeiros números do jornal, enumera os temas e títulos

¹¹ Teófilo Braga, *Quarenta anos de vida literária*, Lisboa, Tipografia Lusitana, 1902, pp. 79-80.

a serem tratados, permite identificar os autores de alguns artigos. Assim, a Oliveira Martins cabia «A monarquia constitucional em Portugal», título que afinal seria «Os cinquenta anos da monarquia constitucional»; Antero de Quental ficou encarregado de «A liberdade de cultos / Secularização do Estado», que surgiu apenas com a primeira epígrafe, e de «O Estado da Europa» e «Crónica da Revolução», que se fundiram em: «Crónica da revolução: a Europa em 1870».

Sem a identificação do autor, como todos os textos publicados no jornal, e não constando do plano, «Palavras sobre o jornalismo constitucional» foi atribuído a Eça de Queirós por Lopes de Oliveira, que publicou o artigo em *Eça de Queiroz: História das suas obras contadas por ele próprio. «Páginas Desconhecidas»*¹². Lopes de Oliveira baseou-se no estilo do jovem Eça para identificar a autoria do artigo e Ernesto Guerra da Cal apoiava a hipótese «con certeza a nuestro juicio, como salido de la pluma del joven periodista, por el ‘relevó especial’ de su prosa. Sin duda: el estilo de la adjetivación y la típica estructura acumulativa de sus cláusulas, todo denuncia la ‘forma’ característica del Queiroz novel.¹³»

Como o título indica, o artigo faz uma breve análise dos jornais da época e do jornalismo então praticado em Portugal. Num discurso pautado pela negativa, roçando o radicalismo juvenil do autor, baseado na sua observação directa do assunto — reflexiva da experiência d’*O Distrito de Évora*, por ele dirigido e completamente redigido *de encomenda* em 1867 — Eça atacava os jornais apoiados por subsídios, do Governo ou da Oposição, condenados quando o subsídio acabava, por não resultarem de uma necessidade de manifestação intelectual ou social.

Se tivesse sido publicado no primeiro número d’*A República*, poderia ter funcionado como o programa da filosofia de um jornal que intentava a diferença. Assim, no último número, não sendo um epitáfio, é um desafio aos leitores, propon-

¹² Lisboa, Vida Mundial Editora, 1944, pp. 401-407. Utilizou-se a edição de 1966.

¹³ Cf. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1.º, n.º 637, p. 176.

do-lhes que exijam maior qualidade aos seus órgãos de informação. É também um apontamento do autor para as suas criações futuras: em síntese, no breve esboço expositivo do que foram os jornais durante o constitucionalismo, encontram-se, em embrião, os retratos irónicos das redacções e dos jornalistas criados por Eça nas suas narrativas ficcionais — *d'O conde de Abranhos* e *d'A Tragédia da rua das Flores*, *d'A Capital!* e *d'Os Maias*.

O texto agora apresentado foi transcrito *d'A República*. As variantes editoriais de 1966 e 1986¹⁴, indicadas no aparato, são quase sempre de interpretação gramatical, como alterações de pessoas verbais e acrescento ou supressão de sinais de pontuação, neste último caso com mudanças substanciais ao nível da prosódia, como é o caso da frase

imprensa superficial, constitucional e *boémia*

transformada pela tradição em

imprensa superficial, constitucional, e *boémia*,

As edições da tradição optaram por normalizar os casos de contracção de preposições com artigos, tanto nos lugares onde no texto base foi utilizado o apóstrofo como quando as palavras se encontram desligadas no texto de 1870. Mantiveram-se aqui as lições gráficas do jornal, variantes de caso para caso; assim, regularizou-se *d'uma ideia*, *d'um sistema* para *duma ideia*, *dum sistema*, mas não *de uma discussão*, transcrito *duma discussão* por 1986. Quanto à utilização de maiúsculas — problema sempre delicado na edição de textos de Eça de Queirós devido à importância atribuída pelo autor aos nexos resultantes do seu uso ou recusa — respeitaram-se as lições do texto base, com a excepção do substantivo *carta* (duas ocorrências

¹⁴ A edição foi mencionada, de Lopes de Oliveira e a edição de Aníbal Pinto de Castro no vol. IV das *Obras Completas de Eça de Queirós*, Porto, Lello & Irmão, 1986.

em 1870, com minúscula), por se referir à Carta Constitucional, uma vez que no texto a palavra não tem outro sentido. Adoptam-se, neste caso, as lições da tradição e o uso de maiúscula, não seguidas noutros casos, para designação de instituições como *Imprensa e Família Real*.

2.2. 1873: TRÊS AMERICANOS

Esquecido durante oitenta e dois anos, «Três Americanos» foi recuperado nas páginas do *Diário de Notícias* em 22 de Setembro de 1955 por Rodrigues Cavalheiro, com nota explicativa do achado: «Ora, há poucas semanas, o acaso dum leilão de livraria fez-me cair nas mãos um vetusto *Almanaque Álbum Ilustrado para 1873*, curiosamente comentado com desenhos de Manuel Macedo e gravuras de João Pedroso, e em cuja lista de colaboradores literários [...] encontrei com surpresa o nome de José Maria Eça de Queirós¹⁵. Procurei alvoroçado, o trecho assinado pelo futuro grande romancista [...] e deparei com duas páginas de prosa, sob o título de *Três Americanos*, que me parecem ser totalmente desconhecidas dos leitores fiéis do autor de *A Ilustre Casa de Ramires*.» O texto tem feito parte das edições de *Notas Contemporâneas* desde que Kol de Alvarenga — sem mencionar a origem nem o primeiro publicista — o incluiu na edição chamada «do Centenário» das *Obras de Eça de Queirós*.

No *Diário de Notícias*, Rodrigues Cavalheiro publicou a ilustração dos três americanos, por Manuel de Macedo¹⁶, ima-

¹⁴ Além de Eça, colaboraram no *Almanaque Álbum Ilustrado para 1873* o seu irmão Alberto de Queirós, Eduardo Coelho, Eduardo Vidal, Gomes Leal, João de Deus, Júlio César Machado, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão, entre outros escritores cujos nomes caíram no esquecimento. O *Álbum* foi muito noticiado nas páginas do jornal *A revolução de Setembro*, de que Alberto de Queirós era colaborador regular.

¹⁵ Manuel de Macedo (1839-1915) foi cenógrafo nos teatros de D. Maria II, Variedades, Ginásio e Príncipe Real e ilustrador de numerosas publicações periódicas (*Arte Portuguesa, Artes e Letras...*) bem como de volumes com textos de diversos escritores portugueses do século XIX, de

gem fundamental para a compreensão do discurso, com descrição pormenorizada. As edições em livro não têm publicado as duas ilustrações de Manuel de Macedo: o «T» inicial da primeira palavra — que é também a primeira frase, introdutória — «Três.», formado pelo corpo de um arlequim, cujos braços abertos definem o traço horizontal da letra, e o retrato caricatural dos americanos relatados por Eça.

Para a edição crítica confrontou-se o texto base de 1872 e o publicado em 1955. As edições de *Notas Contemporâneas* repetem geralmente as variantes de 1955. Mantiveram-se os nomes estrangeiros segundo a ortografia usada no *Almanaque Álbum Ilustrado*, ao contrário de 1955 (que actualizou, por exemplo, *dollar* para dólar), por se tratar de marcas culturais da época da produção textual. Emendaram-se algumas formas verbais, em frases onde o número do sujeito não concordava com o do predicado — *Nunca se espreguiçam* substitui *Nunca se espreguiça*, também corrigido em 1955. Atribuíram-se maiúsculas a algumas palavras que designam realidades concretas: por exemplo, em *O Sul pôs-lhe no cérebro uma ponta de febre*, Sul refere-se aos Estados do Sul e não ao ponto cardeal. Manteve-se a pontuação do original.

O texto «Três Americanos» é subsidiário de um outro, publicado na *Gazeta de Portugal* em Dezembro de 1866, «O Miantonomah»¹⁷, nome de um *monitor*, barco de guerra americano

que se destaca *Lisboa na rua* (com Júlio César Machado) e *Viagem à roda da Parvónia* (de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro) e a *História de Portugal* de António Ennes. Em 1878 foi um dos fundadores, com Guilherme de Azevedo e Caetano Alberto, da revista *O Ocidente*. Foi, além disso, conservador do Museu Nacional de Belas Artes. As duas capas d'*As Farpas* — com a figura do demónio Asmodeu, tiveram assinatura de Manuel de Macedo, a quem Eça chegou a sugerir parceria para uma edição ilustrada d'*O crime do padre Amaro*, que nunca se concretizou. Foi autor de um retrato de Eça de Queirós publicado em 1885 n'*O Ocidente*.

¹⁷ Aliás, o *USS Miantonomoh*, primeiro de vários navios da marinha norte-americana baptizados com o nome de um chefe tribal ameríndio, navegou entre 1863 e 1875; esteve atracado em Lisboa e foi observado por Eça. Só o terceiro destes navios (usado durante a segunda guerra mundial)

que esteve fundeado no Tejo. Os americanos deste texto «vêm de desembarcar do paquete». São três comerciantes: se se tratasse de três marinheiros, poderiam ter desembarcado do *Miantonomah*. Os dois textos são a análise de uma sociedade que Eça conhecia à distância, ou dessa observação visual directa mas sem contacto, que, em Lisboa, o autor fazia de máquinas de guerra e indivíduos de passagem, cheia dos preconceitos próprios da distância. Importa-lhe, em ambos os textos, criticar factores «[...] que faziam parte do ideário burguês, doirando-lhe o sonho de progresso, de civilização e de modernidade, semelhantes, contudo a efémeras máscaras [...]» como notaram Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho¹⁸, sendo esses factores «[...] indústria, agiotagem, luxo, dinheiro [...]»¹⁹

Em «O Mianthonomah», Eça imagina uma América inflamada pelos «[...] movimentos imensos do capital: adoração exclusiva e única do Deus Dólar; superabundância de vida; exageração de meios; violenta predominância do individualismo; grande senso prático; atmosfera pesada de positivismo estéreis; uma febre quase dolorosa do movimento industrial; aproveitamento avaro de todas as forças; extremo desprezo pelos territórios; preocupação exclusiva do útil e do económico; doutrinas de uma filosofia e de uma moral egoísta e mercantil; todo o pensamento repassado dessa influência; uma fria liberdade de costumes; uma seriedade artificial e brusca; dominação terrível da burguesia [...] e por fim um profundo tédio pelo vazio que deixa na alma as adorações do Deus Dólar [...]»²⁰, características personalizadas pelo navio, que em «Três Americanos» são individuadas: as personagens dirigem-se «para o dinheiro»; nelas adivinha-se «o caminhar resolutivo e direito para

viria a ter a grafia «Miantonomah», usada pela tradição para intitular o texto queirosiano, uma vez que o encabeçamento da *Gazeta de Portugal* diz erradamente *O Miautonomah*.

¹⁸ Veja-se a edição crítica dos *Textos de Imprensa I. Da Gazeta de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 37.

¹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰ *Idem*, p. 118.

o ganho», «o nariz erguido fareja subtilmente o metal», o dólar, desta vez com uma só citação, atrás do qual correm. Dois deles — o do Norte e o do Canadá — são portadores da Bíblia, que trazem no bolso, espalham pelo mundo essa mesma Bíblia que os marinheiros lêem, por noites de borrasca, no porão do «Miantonomah».

O individualismo americano, definido no texto de 1866, paradoxalmente, como colectivo, é para Eça conducente à incapacidade para as ciências filosóficas, históricas e sociais, uma «Inferioridade» de além-Atlântico; tal individualismo torna-se, em 1872, incapacidade para as artes, poesia e pintura: «De resto, com toda a sua civilização, a sua riqueza, o seu ouro, o seu colunar *myself*, o seu ruído sobre o planeta, a sua intimidade com Deus, não seriam capazes todos juntos, desde o Canadá até Filadélfia, desde o presidente Grant até ao negro, que agora geme atrelado ao algodão, de fazer um verso de Musset, ou um desenho de Delacroix.» As frases que fecham os dois textos são de um definitivo desdém: «Eram estas as coisas que me lembravam, há dias, no Tejo, estando a ver o Miantonomah, navio dos Estados Unidos, em viagem para o Sul, comandante Beaumont.»²¹ podendo aplicar-se ao navio, ao seu comandante e à nação de origem o mesmo adjectivo que caracteriza na última análise os três americanos: «De resto, magníficos.»

Quando o *Almanaque Álbum Ilustrado* foi publicado no início de 1873, Eça de Queirós tinha já partido para o seu posto consular na Havana. Em Maio desse ano viajou para a América do Norte, visitou grande parte dos Estados Unidos e do Canadá. Numa longa carta a Ramalho Ortigão, endereçada de Montreal em 20 de Julho, descreve a sua experiência, encantado com a paisagem natural, e confessa-se acalmado quanto a intenções sociais. Reitera, no entanto, alguns preconceitos: «Diz-se que os Americanos não têm arte: é verdade.»²² Porém, a sua visão aproximou-se, as conclusões a que chega já não têm

²¹ *Idem, ibidem*, p. 121.

²² In *Correspondência*, 1.º vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 80.

a precipitação antiga, quando via à distância — que «a América é uma matéria muito vasta e muito complexa para um estudo rápido [...]»²³ Estavam postos de parte os artigos vertiginosos na *Gazeta de Portugal* e a caricatura sarcástica no *Almanaque Álbum Ilustrado*; começara uma nova fase na escrita de Eça, de análise com fundo de documentação.

2.3. 1880: NOTA À 2.^a EDIÇÃO DE O CRIME DO PADRE AMARO E [IDEALISMO E REALISMO]

Segundo o inventário do espólio de Eça de Queirós na Biblioteca Nacional, o manuscrito E1/295 «Consta de 14 folhas escritas a lápis de ambos os lados, 5 numeradas a tinta, 2 sem numeração e mutiladas e as 7 restantes ordenadas alfabeticamente». O mesmo inventário identifica E1/295 como suporte de um «artigo escrito para servir de prefácio à 2.^a ed. d'O *Crime do Padre Amaro* e que, tendo sido posto de parte, o autor aproveitou alguns trechos essenciais que formam a «Nota da Segunda Edição» que actualmente antecede aquele seu romance. [...] Publicado em «Cartas Inéditas de Fradique Mendes», Porto, Lello & Irmão, 1929, p. 175-201»²⁴. A esse artigo foi dado o título «Idealismo e Realismo» pelo seu primeiro editor, José Maria de Eça de Queirós, filho do escritor.

A observação directa do autógrafo revela lacunas na descrição física do documento, elaborada a partir de uma análise simples, sujeitando o conteúdo textual do manuscrito a uma nota de rodapé de José Maria de Eça de Queirós para a edição de 1929, na qual, aliás, o inventário da Biblioteca Nacional se baseia²⁵. Por seu lado, José Maria nunca se referiu especifica-

²³ *Idem, ibidem*, p. 84.

²⁴ *Espólio de Eça de Queirós* — BN E1, Lisboa, Biblioteca Nacional — Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, s. d. (texto policopiado).

²⁵ Diz o texto da nota de 1929: «Este artigo, encontrado entre os papéis de Eça de Queiroz, esboçado a lápis, foi escrito para servir de prefácio à 2.^a edição, refundida, do *Crime do Padre Amaro*. Posto de parte pelo seu tom irónico e ligeiro, que mal se coadunava com a índole grave

mente às características deste manuscrito, ao contrário do que fez com outros póstumos de seu pai publicados na mesma época.

A edição de 1929 também influenciou a arrumação do manuscrito, feita na Biblioteca Nacional ou por quem quer que, antes da sua entrada naquela instituição em 1980, o tenha disposto, uma vez que a sucessão dos fólhos respeita a sequência discursiva do texto impresso «Idealismo e Realismo», sem atender às particularidades do autógrafo.

Quando o manuscrito se encontrava ainda em Tormes foi observado por Ernesto Guerra da Cal, que notou: «El original autografo está escrito a lápiz en 5 hojas, numeradas a tinta — menos una, que carece de numeración — y 7 hojas más, tambien a lápiz, ordenadas alfabeticamente»²⁶, análise que não corresponde ao manuscrito observado na BN no que respeita ao número de folhas, uma vez que faltam as duas folhas mutiladas, nem à falta de numeração de uma das folhas, que hoje está numerada a tinta.

Para a edição crítica de «Idealismo e Realismo», detectadas as sobreditas irregularidades, foi feita uma primeira análise de E¹/295 a partir da sua condição física actual e da divisão do manuscrito em três blocos de fólhos segundo os tipos de identificação — numérica, alfabética e lacunar — previstos no inventário da BN, e procedeu-se à transcrição diplomática de todo o autógrafo, seguindo, nesta fase, a presente arrumação do autógrafo.

Concluiu-se que o manuscrito E¹/295 é constituído por catorze fólhos com a dimensão 27 cm × 21 cm, num total de vinte e oito páginas de papel «G.C. & Co. — Super Fine», escritas a lápis de ambos os lados, embora o verso do último fólho esteja escrito apenas até metade. Contém intervenções a

do livro, o autor aproveitou contudo alguns trechos essenciais, que formam a ‘Nota à 2.^a edição’ que actualmente antecede aquele seu romance.» Cf. Queiroz, Eça de. «Crítica e Polémica — Idealismo e Realismo», in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, Porto, Lello & Irmão, 1929, p. [175].

²⁶ Cf. Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, n. 1392, p. 406.

tinta azul por mão alheia. O estado de conservação do suporte, a legibilidade do texto nele inscrito e o trabalho genético do autor sobre o manuscrito variam de bloco para bloco.

O primeiro grupo, cinco fólios marcados no rosto por algarismos, apresenta numeração a tinta negra nos fls. 1 a 4, sobreposta a uma numeração anterior, a lápis, possivelmente feita pelo autor, embora a sobreposição gráfica impossibilite a certeza da ordenação autoral. Pode conjecturar-se que a identificação a tinta azul no fólio 5 tenha sido posterior à observação de Guerra da Cal. O suporte encontra-se muito deteriorado, situação que interfere negativamente na leitura da mancha gráfica, dificuldade aumentada pela danificação do material de escrita: a antiguidade do manuscrito, aliada à sua manipulação descuidada, provocou o apagamento de várias passagens.

O fólio 1, cujo *incipit* diz

*Aqui esta pois um [romance] < *livro > que eu re-
faço pela segunda vez!*

é uma variante do testemunho de 1929; tem uma margem superior de seis centímetros, sendo o único em todo o manuscrito que apresenta esta especificidade: as duas ocorrências, textuais e gráfica, indicam que se trata do início de um discurso. Este fl. 1 confere uma particularidade ao manuscrito, caso raro — se não excepcional — nos autógrafos de Eça produzidos durante a segunda metade dos anos 1870: no rosto e no verso apresenta marcas de ter sido utilizado previamente, sendo visíveis, nas entrelinhas, nas margens, e sob o texto de algumas passagens, palavras rasuradas por apagamento do lápis, num momento anterior à fixação do texto que hoje se lê. O texto do rosto do último fólio deste grupo, numerado 5, não continua a sequência narrativa do fólio 4^v, e o texto inscrito no seu verso não é conclusivo

Para os distinguir no todo do manuscrito atribuíram-se as identificações α e β aos dois fólios não numerados, que constituem o segundo grupo de acordo com a arrumação na Biblioteca Nacional: trata-se dos fólios não referidos por Guerra da Cal. Como resultado da transcrição diplomática e da verifica-

ção da sequência discursiva, foi-lhes também trocada a ordem de arrumação na BN, onde β vem antes α . Os dois fólhos encontram-se em muito mau estado de conservação: o fólho α está rasgado na margem superior direita do rosto em 8 cm \times 5 cm; o fólho β está mutilado em 14 cm \times 11 cm, quase um quarto do total da página de rosto, também na margem superior direita; apresenta outros rasgões e várias manchas de cor acastanhada. Além disso, se a decifração de α apresenta poucas dificuldades, porque o material de escrita não está muito degradado, já em β a leitura é muito difícil no rosto e impossível no verso. Uma leitura através de meios electrónicos revela fragmentação do texto e permite a detecção de uma cruz na diagonal, processo habitual de Eça para definitivamente eliminar passagens discursivas; os excertos assim lidos permitem situar a sequência eliminada dentro do contexto geral do manuscrito.

Finalmente, o terceiro grupo tem a ordenação *a) a g)*, inscrita a lápis nos cantos superiores esquerdos dos rostos dos fólhos. Em relativo bom estado de conservação, sem muitos riscados nem acrescentos, é de leitura fácil. No entanto o fólho *a)* não inicia uma sequência discursiva, o seu *incipit* é a conclusão de uma frase cujo início não se encontra em α ou β , nem no primeiro grupo de fólhos. Faltando-lhe a folha ou folhas iniciais, tem um *explicit* conclusivo no fl. *g)*»: trata-se da passagem, com variantes, com que termina «Idealismo e Realismo»:

*o que é o Idealismo e o Naturalismo no
Romance — e no drama.* ²⁷

Recapitulando: o primeiro grupo revela um manuscrito de primeiro jacto, com muitas emendas autógrafas, maltratado em termos físicos, contendo nos primeiros 4 fólhos uma sequência discursiva coerente, embora com o final truncado; o segundo grupo compõe-se de dois fólhos em muito mau estado, que não seguem o discurso do primeiro grupo nem dão início ao texto do terceiro; este último, por seu lado, embora em melhor estado

²⁷ Cf. a edição de 1929, p. 199: «[...] o que é o Idealismo e o que é o Naturalismo, na Pintura, no Romance e no Drama.»

de conservação, está truncado no início e termina conclusivamente, sem no entanto se enquadrar nos outros dois grupos.

A leitura e edição diplomática do autógrafo revelou a existência de elementos textuais repetidos nos três grupos de fólhos, ou de uns para os outros, e diversas interrupções na escrita, em sequências não retomadas.

Um primeiro cotejo do texto do manuscrito com os testemunhos impressos da tradição — a «Nota» à 2.^a edição de *O crime do padre Amaro* (1880) e «Idealismo e Realismo», de *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas* (1929) — permitiu verificar que:

- 1 — O manuscrito apresenta um início e um final discursivos aparentes, mas as sequências intermédias não se enquadram nos contextos por eles delimitados;
- 2 — O autógrafo apresenta lições repetidas e interrupções repentinas na escrita; estas últimas conduzem ao início de novas sequências discursivas;
- 3 — O manuscrito, tal como está ordenado, inicia-se e termina com as mesmas fórmulas de «Idealismo e Realismo»;
- 4 — As sequências discursivas não se adaptam umas às outras; quando o autógrafo é confrontado com «Idealismo e Realismo», faltam a este último parcelas de texto patentes no manuscrito;
- 5 — O texto da «Nota» à edição de 1880 de *O crime do Padre Amaro* encontra-se, incompleto e em estado embrionário, entre os fólhos 3 e 4^v, iniciando-se depois de uma frase incompleta e dois espaços em branco; o seu *explicit* não é conclusivo, seguindo-se uma grande parcela de texto eliminado por cruzamento;

Uma análise mais exaustiva do manuscrito E¹/295 revelou, por exemplo, que o texto do rosto do fólho c) é cópia de α^v e o fólho 5 é a cópia parcial do texto quase ilegível de β^v . Uma vez que α e β vêm na sequência um do outro mas que o grupo

ordenado alfabeticamente não repete o texto de β nem o grupo ordenado por algarismos repete o texto de α , concluiu-se que não estamos perante um manuscrito coeso, pelo contrário, encontramos em E¹/295, associados aleatoriamente, segundo critérios de conveniência do editor de 1929, vários fragmentos manuscritos, tentativas de Eça de Queirós para a escrita de um prólogo para a 2.^a edição de *O crime do padre Amaro*, proposto ao editor Ernesto Chardron em 7 de Dezembro de 1879:

*Trata-se agora de saber — porei ou não um prólogo? Eu, a falar a verdade, desejaria que o livro aparecesse sem prólogo. Odeio prólogos. Mas se V. Ex.^a pensa que um prólogo de 30 ou 40 páginas, que seja um estudo quente da literatura contemporânea, pode ajudar a venda do livro, e atrair mais a atenção sobre ele, não tenho dúvida em o fazer. Tenho mesmo já os apontamentos para esse estudo. Responda pois o mais breve possível.*²⁸

Assim, no início de Dezembro de 1879 Eça tinha, em Newcastle, *apontamentos* para um prólogo, ou seja, as tentativas fragmentárias que se agrupam sob a cota E¹/295 na Biblioteca Nacional, sem qualquer indicação de data; quando o livro saiu, cerca de um mês mais tarde, a «Nota» (que como acima se disse, se encontra em estado embrionário num daqueles fragmentos), advertência do autor sobre as razões que o levaram a refazer um romance que três anos antes considerara estar na sua «Edição Definitiva», surgiu com a data «Bristol, 1 de Janeiro de 1880». Se outros motivos não existissem para podermos considerar enganosa a edição de 1929, a indicação de local e data de escrita em «Idealismo e Realismo» — «Bristol, 1879» — seria suficiente para indicar uma intenção de legitimidade que o editor das *Cartas inéditas de Fradique Mendes e outras páginas esquecidas* pretendeu dar a um texto forjado a partir dos fragmentos do manuscrito.

²⁸ Cf. *Obras de Eça de Queirós*, vol. IV, Porto, Lello & Irmão, pp. 1225-1226. A carta é datada de Newcastle.

Com efeito, à parte os conjuntos de fólios já identificados, é possível detectar no autógrafo sete fragmentos textuais distintos, incluindo as cópias de contaminação. Ora, para a composição de «Idealismo e Realismo» José Maria de Eça de Queirós utilizou esses sete fragmentos habilmente, aproveitando o *incipit* de um deles para iniciar o seu texto e o *explicit* de outro para o finalizar, inserindo, segundo as dificuldades narrativas e estilísticas que ia sentindo, provocadas pela composição de um texto completo a partir de um borrão incipiente, parcelas textuais que variam entre a palavra isolada e parágrafos inteiros, até saltos de avanço e retrocesso intercalando frases do fólio c) com frases do fólio g), ou seja, intervalos de dez páginas²⁹. No meio, a «Nota» de 1880, truncada, alterna com parte do seu texto de origem, também ele parcialmente omitido e com frases retiradas de outros lugares do manuscrito.

Para validar o seu trabalho, o editor de 1929 precisava de apresentar pelo menos uma parcela textual reconhecível, mas não em perfeita concordância com o texto publicado em vida do autor, uma vez que afirmava operar sobre um esboço. Sendo os métodos de escrita e correcção de Eça conhecidos do público, seria pouco credível que o borrão inédito se encontrasse no mesmo estado genético do texto publicado em 1880. Daí, também, a justificação para a data em «Idealismo e Realismo»: o esboço teria, obrigatoriamente, de ser cronologicamente anterior ao impresso e a sua data deveria concordar com os referentes internos do texto, quando no fólio g) o autor se refere à «burguesa da baixa, em Lisboa, no Anno da Graça de 1879.»

Não sendo possível estabelecer a partir dos fragmentos de E¹/295 um texto coerente com «Idealismo e Realismo» nem fazer, no âmbito do projecto da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, uma edição genética do autógrafo, decidi estabelecer como texto base para a edição crítica o da «Nota» a *O crime do*

²⁹ Foi possível identificar no texto «Idealismo e Realismo» 54 intervenções deste tipo, com extensão e características variáveis. Veja-se, em anexo, a transcrição diplomática do autógrafo, de acordo com a sua arrumação na BN, e respectiva tabela de símbolos diacríticos.

padre Amaro — Cenas da vida devota, de 1880, aprovado pelo autor, comparando-o com os outros dois testemunhos. Assim, no aparato crítico encontram-se as referências *Ms* para os lugares de variação encontrados no manuscrito e 1929 para as variantes de 1929. Uma vez que «Idealismo e Realismo» é um texto apócrifo, não se procuraram outras edições de divulgação que pudessem ser consideradas testemunhos para cotejo com a «Nota». Apenas a edição de Livros do Brasil, de 1981, dadas as suas características já referidas, foi aproveitada para o aparato.

A decisão de retirar «Idealismo e Realismo» da edição de *Almanaques e outros dispersos* foi das mais difíceis a nível editorial — trata-se de propor em consciência a eliminação de um texto de grande tradição doutrinária, não só dentro do cânone queirociano mas também para os estudos sobre o período realista da literatura portuguesa. Por outro lado, mantê-lo seria perpetuar uma falsidade que se conserva há noventa anos. Resta a esperança de que um dia apareçam os fragmentos que faltam ao manuscrito E¹/295, que possa estabelecer um texto coeso, mesmo num estado genético precoce, e repor a verdade, numa realização que a edição de 1929 apenas idealizou.

2.4. 1883: [TESTAMENTO DE MECENAS]

Publicado postumamente por Luís de Magalhães em *Últimas Páginas* (rubrica «Artigos Diversos», 1912), sem data, com o título atribuído que ficou na tradição, e o subtítulo «Inédito das ‘Cartas de Inglaterra’», a notícia da existência do respectivo manuscrito foi dada por Ernesto Guerra da Cal em duas ocasiões: na *Bibliografia Queirociana*³⁰ e na *Revista da Universidade de Coimbra*³¹.

³⁰ V. tomo I, pp. 360-361, n.º 1263, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975.

³¹ V. «Testamento de Mecenas» (História do manuscrito de uma crónica póstuma de Eça de Queirós) (vol. xxxvii, 1992, pp. [369]-387). Neste ensaio fundamental Guerra da Cal fez um estudo completo e minucioso de tudo o que se relaciona com a crónica gorada, incluindo notas sobre cada uma das personalidades citadas no texto que originou a resposta de Eça.

[Testamento de Mecenas] teve origem num artigo publicado na primeira página — colunas 6 e 7 — da *Gazeta de Notícias*, jornal do Rio de Janeiro que contou com longa colaboração de Eça de Queirós, no dia 1 de Abril de 1883. Nesse texto, sem título, dava-se a notícia da morte de um Comendador, português emigrado, de nome João Manuel da Silva Carvalho Peres, natural de Cinfães. O «testamento» do Comendador distribuía uma fortuna fabulosa pela família do falecido, por várias instituições e, facto cujo ineditismo em Portugal e no Brasil Eça não deixaria de notar, «[...] como amante das letras em seu país e, no Brasil, deixa como lembrança a cada um dos seguintes poetas, escritores e jornalistas, portugueses e brasileiros, duas apólices da dívida pública, a saber: C. Castelo Branco, Eça de Queiroz, João de Deus, Pinheiro Chagas, Guerra Junqueiro, Machado de Assis, Gonçalves Crespo, Valentim Magalhães, Luiz de Castro, Quintino Bocaiuva, Aluizio Azevedo, Capistrano de Abreu, Franklin Távora, Conselheiro João Cardoso, Bernardo Guimarães e Manuel Carneiro; sentindo não poder incluir nesta lista aquele a quem mais admira, porque é o que menos aplaude, à vista do seu procedimento literário de atacar em suas cartas as pessoas e coisas da pátria que lhe deu o ser, o Sr. Ramalho Ortigão. Também inclui nesta lista o Sr. Octaviano Hudson, cuja perseverança no estudo e relatório dos sucessos diários, oferecidos em bons versos ao povo, demonstra quanto é aplicado, generoso e inteligente.»³²

A falsidade da existência do Comendador Carvalho Peres e do seu «testamento», temas centrais do texto de Eça, revelou-se a Guerra da Cal quando lia um artigo de Ramalho Ortigão, na *Gazeta de Notícias* de 29 de Maio de 1883, em protesto contra a sua exclusão do testamento; o próprio Ramalho levantava a hipótese de se tratar de uma partida do primeiro de Abril. A certeza da farsa foi confirmada ao investigador queiroziano por Astério de Campos, um antigo redactor da *Gazeta*.

³² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 de Abril de 1883. Devo à generosidade de Elza Miné a transcrição da falsa notícia a partir das páginas do jornal carioca.

Em 1970 o manuscrito original encontrava-se no Brasil, na posse de um colecionador — António Pedro Rodrigues — que proporcionou a Guerra da Cal a leitura do autógrafo e lhe permitiu a reprodução do mesmo em microfilme e cópia fotográfica³³. Por morte de António Pedro Rodrigues, o original terá passado para a posse de sua filha Graça Rodrigues Freire.

Segundo a descrição de Guerra da Cal, o manuscrito compõe-se de 19 folhas de papel «J. Whatman», de 28,5 cm×21,5 cm³⁴, com marca de água de 1874, escritas a tinta de um só lado e amplas margens esquerdas, numeradas pela mão de Eça, faltando a folha número seis. O título e o subtítulo foram escritos a lápis azul grosso, por mão alheia; uma expressão intercalar, «Comendador Mecenias», pelo mesmo lápis azul, talvez tenha constituído um título tentativo; na última página, sob a palavra, de Eça «(Continua)», a mesma mão escreveu «Não apareceu a continuação».

O texto foi datado de Maio ou Junho de 1883 pelo autor da *Bibliografia Queirociana* através das referências históricas nele mencionadas, como a questão do Zaire e a coroação do Czar. Eça esteve em Portugal durante a maior parte do ano de 1883, e as notícias do falso testamento devem ter-lhe chegado através de comentários de jornais de Lisboa: a memória falhou-lhe na reprodução do nome do benemérito Comendador, que transformou para «Peres Cardoso». O facto de ter escrito uma resposta, em crónica que se dirigia também à publicação na *Gazeta de Notícias*, e de tê-la abandonado (com ou sem a «(Continuação)» prometida na página 19 do autógrafo?), indica que foi informado do embuste. É porém singular que tenha mantido o texto desaproveitado entre os seus papéis.

Tratando-se de um póstumo de Eça de Queirós, a edição crítica de [Testamento de Mecenias] deveria ser feita a partir do autógrafo; porém, como não tive acesso ao manuscrito com-

³³ V. *Revista da Universidade de Coimbra*, p. 381, nota 26.

³⁴ V. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1, p. 360; no artigo de 1992 Guerra da Cal refere as dimensões 24 cm×21,25 cm.

pleto, escolhi intercalar as duas fontes mais legítimas: transcrevi os fólhos publicados em fac-símile na *Revista da Universidade de Coimbra* e, quando o texto se interrompe, transcrevi a edição de *Últimas Páginas*, retomando o autógrafo quando a sequência textual o permite³⁵. Sempre que existem divergências entre o manuscrito e a primeira edição impressa, estas foram anotadas, bem como todas as variantes que a tradição foi introduzindo. Guerra da Cal considerou que «A lição de Magalhães é quase sempre fiel ao texto do manuscrito. Apenas encontrámos um caso de alteração deste na transcrição — mínima, pois se trata da omissão de uma só frase.»³⁶ Mas modificou muito a pontuação, «omitiu e introduziu pontos e vírgulas, alterando massivamente a fisionomia rítmica do original [...]»³⁷.

[Testamento de Mecenas] passou, a partir de 1970, a constar do volume *Cartas e outros escritos* da colecção «Obras de Eça de Queiroz», editora Livros do Brasil. A edição agora utilizada, cujas variantes surgem em nota, é a de 2001: cotejando-a com outras versões anteriores, verifica-se que esta última segue de mais perto a edição de 1912, não deixando de incorrer na inserção de sinais de pontuação que não constam de *Últimas Páginas*.

Nesta edição mantiveram-se os sinais de pontuação do original ou de 1912. Transcreveram-se com iniciais maiúsculas os nomes institucionais, como por exemplo «Dívida Pública», que na edição de Luís de Magalhães surge com minúsculas. Puseram-se entre aspas os títulos de poemas, que 1912 dá em itálico, para os distinguir dos títulos de livros. Estes surgem em itálico, bem como os nomes estrangeiros, que mantêm a ortografia original, ao contrário das edições de *Cartas e outros escritos*.

³⁵ As transcrições a partir de fac-símile correspondem aos fólhos 1 (p. 382), 7 (p. 384) e 19 (p. 385).

³⁶ In *Revista da Universidade de Coimbra*, p. 383. Trata-se da frase «Nós aqui — nada!».

³⁷ *Idem, ibidem*.

2.5. 1884: *A INGLATERRA E A FRANÇA — JULGADAS POR UM INGLÊS*

Texto da edição de 5 de Junho de 1884, número 3 d'*A Ilustração — Revista quinzenal para Portugal e Brasil*, fundada naquele ano, em Paris, por Mariano Pina³⁸. É no espólio deste último, na Biblioteca Nacional de Portugal, que se encontra depositado o manuscrito de «A Inglaterra e a França julgadas por um inglês», sob a cota N¹⁷/129.

Trata-se de um manuscrito com emendas autógrafas, composto por 20 fólios de 23 cm × 18 cm, escritos a tinta negra em ambos os lados (salvo o último, escrito apenas no rosto), e apresentando as largas margens características dos manuscritos de Eça: 3 cm na margem superior, 7 cm na margem esquerda. Tem numeração do autor e marcas de intervenção de mão alheia — para indicações tipográficas — a lápis grosso, azul (por exemplo, «En IX elzevir interligné»), e negro («Urgence»); todos os fólios têm a mancha gráfica cortada a azul na diagonal esquerda superior para a direita inferior; apresenta também selo vermelho com a data «14 Mai 84», provavelmente a da entrada na tipografia. A data e o local de escrita são autógrafos: «Angers, Maio», palavras que antecedem no fólio 20 a assinatura de Eça de Queirós, indicação repetida na margem esquerda pela mão de Mariano Pina. O manuscrito foi emendado pelo autor, com eliminações de palavras e expressões e acrescentos de outras, em substituição, imediatamente a seguir às rasuras ou nas entrelinhas superiores. Não se deve tratar, porém, de um primeiro esboço, uma vez que as variantes autorais são escassas em comparação com as de outros autógrafos de Eça: tratar-se-ia já de uma cópia para a tipografia, com algumas emendas de última hora.

Crónica escrita em Angers, França, durante um período de férias, divide-se entre uma introdução do narrador, contan-

³⁸ Além de «A Inglaterra e a França — julgadas por um inglês», *A Ilustração* publicou mais três textos de Eça de Queirós — «Uma carta sobre Victor Hugo» (20 de Agosto de 1885), «A Academia e a Literatura» (20 de Maio de 1888) e «Ainda sobre a Academia» (20 de Julho de 1888), «Ramalho Ortigão» — e um excerto de *Os Maias*.

do a história de uma raça de cães — o *pug* ou *carlin* —, a sua conclusão irónica, dirigida aos jornais ingleses, e uma carta escrita por uma personagem fictícia, o cão D. José, dirigida a outra personagem também ficcionada, a gata Pussy.

Toda a crónica é um pretexto do autor para tecer considerações entre diferentes aspectos da vida nos dois países — Inglaterra e França — suas sociedades, políticas e costumes, não ultrapassando, na carta, os limites da comparação básica, correspondente ao nível de inteligência de D. José, o cão, que vai escudando os seus comentários nas opiniões banais e lugares-comuns de um presumível jornalista do *The Times*, o *Amigo da Imparcialidade*. Este *opinion maker*, modelo do publicista inglês reproduzido em exemplos concretos e seguido pelos seus leitores enquanto formulador de verdades inquestionáveis é, afinal, o objecto visado pelo narrador principal que, na conclusão, não poupa em ironia para o classificar com adjectivos laudatórios.

O texto-base utilizado nesta edição foi o de 1884, mas sempre que surgiram dúvidas sobre a transcrição, devido a gralhas da tipografia francesa, consultou-se o manuscrito autógrafa.

«A Inglaterra e a França — julgadas por um inglês» foi recolhida por Luís de Magalhães para a edição de *Notas Contemporâneas* em 1909 e teve desde então lugar em todas as reimpressões daquele volume; para a presente edição crítica cotejou-se o texto de 1884 com os de 1909 e 1970, e deste último coligiram-se as variantes que surgem no aparato crítico. Além da habitual supressão de sinais de pontuação, mudança de maiúsculas em minúsculas e outros comportamentos editoriais recorrentes nas edições de Eça de Queirós em Livros do Brasil, a edição de 1970 utiliza diversos critérios para a aplicação das aspas, retirando-as, por exemplo, em papel «Whatman», e quando, na introdução à carta ficcionada, usa aspas para designar «D. José» e «Pussy» (expressões que Eça preferiu ver em itálico) para, no corpo do texto, preferir o itálico *Pussy*. Logo no princípio do texto, 1970 usa a palavra «Versailles», que não surge nem no manuscrito nem no primeiro impresso que preferem «Versalhes», para em todas as outras ocorrências do nome seguir os dois testemunhos anteriores; muda também «Mazza-

rin» para «Mazarino», alterando o critério de escolha de nomes mais próximos da grafia francesa que preferira de início. De resto, 1970 faz poucas alterações ao texto, salvo aquelas que podem ser resultado de erros tipográficos.

2.6. 1885: Os *LATIDOS*

No início de Outubro de 1884 Eça de Queirós esteve na praia da Granja com a família da condessa de Resende. Ali perdeu ao bilhar, com uma banhista — segundo a tradição, D. Emília de Castro, sua futura mulher — a aposta de um leque. «Uma das condições da aposta», segundo Ramalho, «era que o leque seria escrito pelos amigos com que Eça de Queirós tinha de vir almoçar ao Porto.³⁹» No almoço, que teve lugar no Palácio de Cristal, os cinco amigos fizeram-se fotografar num grupo «raro», segundo a palavra de Mariano Pina; terá sido Eça a fazer chegar a Pina a fotografia depois publicada como gravura ornando o texto conjunto, publicado em *A Ilustração* (n.º 20, 20 de Setembro de 1885, pp. 282-283) sob a epígrafe geral «Um grupo célebre». Em carta a Emília de Castro, de Londres, 18 de Outubro de 1885, Eça diz: «Achei graça à sua história do retrato. Mas como é que me reconheceu? Eu também recebo a Ilustração; e ao ver aquela gravura vaga, percebi que a pessoa do centro era Sto. Antero — mas imaginei que os outros, ao lado, eram amigos particulares do gravador, que ele pusera por baixo os nossos nomes, os nomes dos *sábios*.»⁴⁰

³⁹ Não foi possível encontrar o número d'*As Farpas* onde Ramalho publicou pela primeira vez o texto sobre o «Grupo dos Cinco»; o mesmo texto foi muito reproduzido na imprensa da época, nomeadamente em *O monóculo*, 1.º ano, n.º 9, Funchal, 13 de Junho de 1889, com o título «De Ramalho Ortigão: história do leque dos cães.» e, após a morte de Eça, por Miguel Mello em *Eça de Queiroz. A obra e o homem*, Rio de Janeiro, Livraria Editora de Jacintho Silva, s. d. [1911], p. 175.

⁴⁰ Eça de Queirós, *Correspondência*, vol. I (leitura, prefácio, coordenação e notas de Guilherme de Castilho), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 329.

Mariano Pina fez daquele número da sua revista «[...] um número a capricho». Pediu a Ramalho «[...] uma página de original seu, no estado em que sai das suas mãos, para autografar e publicar no jornal. [...] Também tenho uma poesia do Junqueiro para dar a fac-simile. [...] Amanhã espero do Eça autógrafo dele, de Antero e de Oliveira Martins.»⁴¹

O artigo incluiu um texto introdutório de Mariano Pina, a reprodução do texto de Ramalho Ortigão explicando «Os Latidos», a gravura de Ch. Baude. feita a partir da fotografia dos cinco autores, as breves biografias dos retratados e excertos de obras de cada um deles: de Ramalho um pedaço de *John [Tenorio] Bull*, e de Oliveira Martins da *História Romana* (sic); o número seguinte teve publicação de autógrafos de Antero, Eça e Junqueiro.

A publicação do «Grupo dos cinco» provocou polémica: um padre de Lisboa, José Simões Carreira, enviou a Mariano Pina uma carta, publicada na íntegra n' *Ilustração*, em que a revista é declarada excomungada, por ter publicado o retrato e a prosa de «*Talentos* maus, *talentos* do demónio de Satanás, *talentos* vindos do Inferno para destruir a obra de Deus e corromper a pobre humanidade.» Pina respondeu, aconselhando «a Sua Reverendíssima a leitura dos livros dos hereges em questão».

O suporte original foi um leque de cetim cor de ouro, ornado de uma aguarela representando um grupo de cinco cães; não se sabe actualmente qual o seu paradeiro.

O texto, reproduzido d' *A Ilustração* e sem aparato crítico, que dispensa, é o de todos os colaboradores, uma vez que publicar apenas a frase de Eça a retiraria do contexto geral.

⁴¹ Carta datada de 30 de Agosto de 1885, original no espólio de Mariano e Augusto Pina na Biblioteca Nacional com a cota Esp. N¹⁹/3, publicada por Elza Miné em «Mariano Pina, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração*» na *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, s. 2, vol. 7, n.º 2, Jul.-Dez. de 1992, p. 55.

2.7. 1885: FESTA DE CRIANÇAS

Com o título «A festa das crianças», este texto publicado em 1885 faz parte de «Cartas de Inglaterra», compilação de Luís de Magalhães, desde a primeira edição de 1905. O título segue o de um recorte, de jornal desconhecido, conservado na Fundação Eça de Queiroz junto de outros materiais usados para compôr colecções de dispersos do autor. Luís de Magalhães não deve ter conhecido o original pois segue o recorte: a nota a lápis aposta no recorte diz: «*Diário de Notícias* (R. de Jan^o). É fragmento? De quê? de 30 de Junho de 85», indicando que o compilador não tinha certezas sobre as características do que editava.

Trata-se da colaboração de Eça de Queirós num *Número Único* com fins caritativos em favor da Creche de Beja, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra e dedicado às senhoras que distinguiam «com o seu brilhante concurso o sarau musical em benefício da creche».

Da lista de colaboradores, além de Eça, fazem parte Abel da Silva, Alfredo Cunha, Anselmo de Andrade, Antero do Quental, D. António da Costa, António José de Carvalho, Camilo Castelo Branco, César de Sá, Demétrio de Campos, Eduardo Garrido, Ferrer Farol, Fialho de Almeida, Gomes Palma, Guiomar Torresão, João de Sousa Tavares, Luís Guimarães, Luís de Vasconcelos, Mateus Peres, Mimoso Rodrigues, Rodrigues Braga, Silva Gaio, Sousa Macedo, Trindade Coelho, Virgolino Carneiro e Visconde de Monsaraz.

Segundo Guerra da Cal, a capa do volume (tamanho fólho, 16 páginas) foi desenhada por Rafael Bordalo Pinheiro ⁴², e é exibida no Museu dedicado ao artista em Lisboa.

Para a presente edição, o texto-base, relato de uma festa infantil, recriação da corte do Rei Artur numa casa de campo da Cornualha, é o de 1885. No aparato crítico anotam-se as variantes de 1905 e de 2001 em *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres* das edições Livros do Brasil. A edição de Luís de

⁴² O exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal não tem capa.

Magalhães denota embaraços no critério de transcrição da terminologia arturiana do texto publicado em 1885. De facto, aquele texto apresenta, lado a lado com palavras inglesas, alguns termos aportuguesados, com várias grafias para o nome de uma mesma personagem — *Lanceoloto do Lago* / *Lancioloto do Lago* — ou de um local — o mítico *Vallallá* / *Valalá* — sem que seja claro se a ortografia foi escolha de Eça ou resultado das dificuldades sentidas pelos tipógrafos quando da leitura do manuscrito. Luís de Magalhães preferiu normalizar todos aqueles nomes para a forma mais corrente na época: assim, *Malverne* transformou-se em *Mordered*, *Valalá* passou a *Walballa*, *Blackembourg* tornou-se *Blackburn*. Nos casos em que não foi possível encontrar uma solução de normalização, Magalhães eliminou as passagens problemáticas, como aconteceu duas vezes na referência ao *convento de Clerincal*, acrescentando elementos à frase para lhe dar um sentido que a omissão tornaria equívoco. Noutros casos, preferiu aportuguesar os nomes — *Ginevra* passou a *Guinevra*, *Merlin* a *Merlino*. Para a actual edição sentiram-se as mesmas dificuldades, sobretudo porque desconhecemos se o texto publicado foi revisto e aprovado por Eça de Queirós. Partimos de duas expressões que se encontram em provas de página emendadas por Eça, d'*A correspondência de Fradique Mendes*, onde o autor escolheu manter *San Graal* e *Sir Galaad* em vez de corrigir para as expressões usadas por Luís de Magalhães, *Santo Graal* e *Sir Galahad*. Assim, usaram-se nesta edição as designações em inglês do texto de 1885, corrigindo as expressões aportuguesadas para a grafia que, no caso de duplas versões, pareceu ser a mais adequada: *Lancioloto*, passou em todas as ocorrências a *Lanceoloto* e manteve-se *Ginevra*. Pela mesma razão, dado o desconhecimento de referências do autor quanto ao texto publicado, manteve-se a pontuação do original, salvo na passagem

merenda com bolos dando gritos,

onde se adoptou a lição de Luís de Magalhães

merenda com bolos, dando gritos,

Em alguns casos, a correcção poderia levar a ambiguidades quanto à intenção autoral, no caso de

[...] como o famoso Lanceoloto do Lago se estava tornando turbulento, foi arrancado da Távola Redonda ignominiosamente nos braços dum escudeiro aos berros.

a lição de 1905 acrescentou uma vírgula — *d'um escudeiro, aos berros* — solução que pode não ser definitiva, uma vez que no texto original os *berros* tanto podem ser de *Lanceoloto* como do *escudeiro*.

A edição de 2001 segue, nos lugares de variação, as lições de 1905 mas, por vezes, mesmo em situações em que Luís de Magalhães preferiu mantê-la, corrigiu a pontuação original; por exemplo, em:

o feiticeiro Merlino, um adorável bebé, gordo e embezzerrado, com a coroa de hera,

2001 escolheu eliminar a primeira vírgula, ficando a frase

o feiticeiro Merlin, um adorável bebé, gordo e embezzerrado com a coroa de hera,

adjectivando tanto o sujeito, *Merlin*, como o complemento directo *coroa de hera*, enquanto no texto de 1885 o qualificativo incidia apenas sobre o sujeito.

2.8. 1885: SEM TÍTULO IN ESMOLA

Texto inédito, de apenas duas linhas, representa a colaboração de Eça de Queirós numa publicação de Número Único, sem paradeiro conhecido até há pouco, organizado e dirigido por Joaquim de Araújo. Como notou Guerra da Cal, cuja fonte foi o *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco

da Silva e Brito Aranha ⁴³, trata-se de uma iniciativa de desígnios filantrópicos ⁴⁴, em favor da Obra do Bom-Pastor e de um bazar organizado para o mesmo fim.

A publicação — *Esmola: Corbeille de versos e poesias*. Porto: Tipografia Elzeviriana, 1885 — foi reencontrada na Biblioteca Municipal de Sintra através de uma entrada da segunda edição do *Dicionário de Camilo Castelo Branco* ⁴⁵, autor que também contribuiu com a sua colaboração para *Esmola*. O texto de Eça, que se refere aos autógrafos em álbuns, coleções vulgares na época, poderá ser original, mas é provável que tenha sido copiado de algum álbum previamente assinado pelo autor. Não existem referentes externos — correspondência ou outros — que assegurem que Eça conhecia a publicação ou a utilização do seu nome nela.

2.9. [1886-1887]: [O FRANCESISMO]

Publicado postumamente em 1912 no volume *Últimas Páginas*, o manuscrito de [O Francesismo] encontrava-se entre os papéis de Eça e foi entregue para edição pela sua viúva a Luís de Magalhães, que lhe terá atribuído o título. Segundo Guerra da Cal, esteve depois nas mãos de uma senhora, Nelita Vital, que o vendeu à Livraria Antiquária de José Teles da Silva; por sua vez este alfarrabista vendeu-o a «um intelectual português» por volta do ano 1983 ⁴⁶.

A finalidade editorial de [O Francesismo] permanece desconhecida, não tendo sido encontradas referências externas que possam determinar se o texto era destinado à publicação em algum periódico — o que é provável, dadas as suas característi-

⁴³ Vol. XVIII (suplemento), 1906, pp. 26-27.

⁴⁴ V. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, p. 232.

⁴⁵ V. António Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Caminho, 2003.

⁴⁶ V. *Bibliografia Queirociana*, tomo 4, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1984, p. 65.

cas — que nos finais dos anos 1880 contasse com a colaboração de Eça. Guerra da Cal teve oportunidade de analisar e descrever o autógrafo: este terá 35 folhas de papel «J.P. Whatman», com marca de água de 1886. Trinta e três folhas estão escritas em ambos os lados e duas apenas de um lado ⁴⁷. A data 1887 foi atribuída a [O Francesismo] por João Medina, através de referências internas do texto, menções ao romance *La Terre* de Zola, saído naquele ano e *Les Blasphèmes* de Richepin, um pouco mais cedo ⁴⁸.

Em [O Francesismo] Eça retoma e desenvolve discursos anteriores sobre o modo como uma educação *afrancesada* teria influenciado a sua escrita. Algumas reflexões repetidas neste texto são traçadas numa carta a Oliveira Martins, de 10 de Maio de 1884:

A nossa arte e a nossa literatura vêm-nos feitas de França, pelo pacote, e custam-nos caríssimo com os direitos de alfândega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melancólica e servil dos imitadores. Os meus romances, no fundo, são franceses, como eu sou, em quase tudo, um francês — excepto num certo fundo sincero de tristeza lírica que é uma característica portuguesa, num gosto depravado pelo fadinho, e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais, francês, de província. Nem podia ser de outro modo: já no Pátio da Universidade, já no Largo do Rossio, eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, ideias francesas, modos de dizer franceses, sentimentos franceses, e ideais franceses. [...]

Da gente portuguesa conheço apenas a alta burguesia de Lisboa — que é francesa — e que há-de pensar à

⁴⁷ V. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, p. 361.

⁴⁸ V. João Medina, «À margem dum ensaio de Eça de Queirós — Nótulas sobre 'O Francesismo', sua cronologia e fontes», in *Colóquio-Letras*, n.º 10, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Novembro de 1972.

francesa, se algum dia vier a pensar. Como é feito por dentro o português de Guimarães e de Chaves? Não sei. [...] ⁴⁹

A matéria mais desenvolvida no texto é autobiográfica, com o autor que dizia não ter biografia a recordar longamente os seus primeiros anos de vida e a sua passagem por Coimbra, numa extensão narrativa apenas suplantada em *Um génio que era um Santo*, onde se repetem algumas informações de [O Francesismo], como a actuação de Eça no Teatro Académico, em papéis de *pai nobre*; o nome de Antero de Quental é frequentemente mencionado neste texto deixado inédito.

O tema da influência da cultura francesa em Portugal, com exemplos retirados sobretudo da literatura, e com especial incidência nas novas formas de poesia, é retomado noutros textos do autor: encontraremos no «Prefácio» às *Aquarelas* de João Dinis a mesma censura aos imitadores das modas poéticas de França, sobretudo aos que emulavam Verlaine, o Parnasianismo, o Decadismo e o Simbolismo, censura que surgirá também em textos ficcionais publicados postumamente nas *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, as cartas «A Manuel» e «A Paul Vargette», sendo todos eles subsidiários na crítica a essa poética que Eça de Queirós considera, em [O Francesismo], «rutilante de inauditismo».

Para além da temática, encontramos parcelas de [O Francesismo] desenvolvidas noutros textos ficcionais do autor, como é o caso da passagem sobre a ignorância dos portugueses quanto a literaturas estrangeiras:

Há alguns anos, um personagem, um Político, um Homem de Estado, perguntava-me, com um ar de suficiência e superioridade:

— Lá por Inglaterra também há alguma literatura?

⁴⁹ Eça de Queirós, *Correspondência*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, pp. 226-227.

Pergunta repetida num diálogo de *Os Maias*, entre Carlos da Maia e o Sr. Sousa Neto:

— *E diga-me outra coisa — prosseguiu o Sr. Sousa Neto, com interesse, cheio de curiosidade inteligente. — Encontra-se por lá, em Inglaterra, desta literatura amena, como entre nós, folhetinistas, poetas de pulso?*

Carlos deitou a ponta do charuto para o cinzeiro, e respondeu, com descaro:

— *Não, não há disso.*⁵⁰

O texto foi fixado a partir da edição de 1912, uma vez que não foi possível consultar o manuscrito autógrafo. A única alteração à primeira edição respeita à actualização ortográfica. Fez-se o cotejo crítico com a edição de *Cartas e outros escritos* — Livros do Brasil, 2001 — e anotaram-se as variantes no aparato crítico. Assinalam-se os critérios habitualmente seguidos por aquela editora nas obras de Eça de Queirós: eliminação de maiúsculas, retirando a força retórica a palavras e expressões (Escolástica/escolástica; Lógica/lógica), ou, pelo contrário, uso de caixa alta quando 1912 escolheu letra minúscula (os franceses/os Franceses); acrescento de vários sinais de pontuação e supressão de outros, que causam ambiguidades de leitura, como em «laudas de definições, de fórmulas misteriosas,» que 2001 converte em «laudas de definições de fórmulas misteriosas»; eliminação dos itálicos em títulos de livros, que passam a surgir entre aspas, e pelo contrário, apresentação em cursivo de títulos de obras isoladas, como poemas, a que retira as aspas; aportuguesamento de palavras estrangeiras — a *opoponax*, / a *opopánace* — que pela raridade do seu uso pouco vêm facilitar a leitura, se é que este factor pesou no critério da editora quando decidiu transformá-las.

⁵⁰ V. Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d., p. 399.

2.10. 1887: A VIDA

«A Vida» é uma composição conjunta — de Guerra Junqueiro, Oliveira Martins e Eça de Queirós — escrita para adornar um álbum feminino, o de Maria Augusta Pereira Machado. Os dois primeiros autores produziram pensamentos curtos sobre a vida; em remate, Eça comentou e resumiu. O texto foi transcrito na totalidade, uma vez que o trecho de Eça de Queirós ficaria descontextualizado sem os dois excertos que o antecedem.

Publicado em 1887, no *Almanaque das senhoras portuenses (literário, científico e recreativo)* organizado por Albertina Paraíso, reapareceu no *Almanaque Ilustrado* para o ano de 1913, publicação da Parceria A. M. Pereira. Mais tarde, em 1922, foi recuperado por M. Cardoso Martha no artigo «Notas queirosianas» do *In memoriam — Eça de Queiroz*, outra edição da Parceria. Cardoso Martha pode ter encontrado este texto no almanaque de 1913, que incluiu também um texto intitulado «As soirées de Neuilly», assinado por Conceição d'Eça de Mello, com três fotografias da família de Eça de Queirós em Paris (pp. 18-21).

A quase inexistência de lugares de variação torna a peça pouco interessante a nível filológico; é, porém, um exemplo ilustrativo de como três escritores consagrados consentiam juntar os seus nomes numa colecção *doméstica* de autógrafos, em voga durante o século XIX e inícios do século XX.

Segundo Cardoso Martha, escrever pensamentos por encomenda para figurarem em livrinhos de lembranças não era tarefa grata a Eça de Queirós. O autor confirma a aversão, em carta a Ramalho Ortigão, datada de Junho de 1871: «Esses papéis de interrogações que remeto — são folhas para encher, de um álbum da Camila Faria. Se Você já tem — entregue um a Santos Nazaré, outro a António Augusto, outro a Tomás de Carvalho, etc. — Enfim, aqueles mártires, a quem as letras ou o espírito dão o direito de gerar esse suplício *bête*.»⁵¹

⁵¹ V. *Obras de Eça de Queirós*, vol. 4, Porto, Lello & Irmão, 1986, p. 1132.

2.11. 1887: MR. CUMBERLAND — SESSÃO DO GRANDE ADIVINHO,
NA REDACÇÃO DA «PROVÍNCIA»

Texto anónimo, de composição conjunta, tal como o anterior, os seus autores foram revelados por Luís de Magalhães quando o publicou em *Eça de Queiroz — In Memoriam* de 1922.

Resultante de uma brincadeira de Carnaval, foi redigido na casa de Oliveira Martins nas Águas Férreas, Porto, e publicado numa Segunda-Feira Gorda nas duas primeiras páginas d'*A Província*, jornal que aquele escritor dirigia na época. Para o artigo contribuíram, segundo Luís de Magalhães, ele próprio, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Antero de Quental e Eça de Queirós, na presença de três colaboradores do jornal — Joaquim Gonçalves (economista), Fernando Maia (militar) e Queiroz Veloso — e do visitante João Burnay.

O artigo aproveitou a estada em Portugal de um *adivinho* inglês, Mr. Stuart Cumberland que, nos seus vários espectáculos, em Lisboa e no Porto, revelava «os pensamentos dos circunstantes, descobria objectos por eles escondidos, escrevia num quadro os números que fixavam mentalmente, e fazia outros curiosos exercícios de sugestão e percepção psicológica.»⁵² Os jornais da época descreveram largamente estas cenas de ilusionismo, dando azo a que o grupo de amigos reunidos no Porto desenvolvesse fantasiosamente uma falsa exibição do mágico nos supostos *salões* do jornal (descritos sumptuosamente), fazendo espectadora da *sessão adivinhatória* uma multidão de personalidades reais — portuguesas e estrangeiras, vivas e mortas —, convivendo com personagens ficcionais do romance, do teatro e da poesia e outras personagens imaginárias, criadas na ocasião.

Luís de Magalhães era em 1887 redactor d'*A Província*, onde assinava com o pseudónimo «João Ratão»; no sábado seguinte à publicação de «Mr. Cumberland» desmascarou a farsa, sem mencionar os seus autores. Só trinta e cinco anos mais tarde deu a conhecer a existência do texto e a sua autoria,

⁵² V. AA. VV., *Eça de Queiroz — In Memoriam*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922, p. 247.

embora tenha sido dele a missão de reunir em livro e divulgar os dispersos de Eça de Queirós, e de ter dado à estampa nove volumes nos anos seguintes à morte do amigo. O esquecimento pode ter sido acidental ou, como Magalhães admitiu, propositado, e o artigo foi publicado quando restavam vivos três dos participantes na brincadeira.

Porém, mesmo em 1922, Luís de Magalhães não publicou a versão integral de «Mr. Cumberland», omitindo a introdução, com a enumeração dos *espectadores* convidados, e os *passes* «Primeira sorte sugestiva», «Adivinhação de pensamentos», «Mais pensamentos» e o final, «Um modesto copo-d'água». Magalhães explica as supressões: sendo o texto «todo um borbulhar de humorismo, de *charges* políticas e literárias, de alusões aos acontecimentos do momento e a personalidades em evidência nessa época.»⁵³, publicá-lo na totalidade implicaria «longos comentários à política do tempo, aos acontecimentos coevos, a factos que passaram, a pessoas de várias categorias, cuja notoriedade efémera se apagou nas sombras do esquecimento.»⁵⁴ Por isso, reproduziu apenas «o que foi, sem dúvida, obra exclusiva de Eça de Queirós.»⁵⁵

Os mesmos motivos de Luís de Magalhães levam à transcrição, na presente edição, da totalidade do texto de *A Província*. Se o intervalo entre 1887 e 1922 implicava explicações que Magalhães preferiu não dar, o tempo que passou entre a edição de 1922 e a presente edição alarga o distanciamento relativo a anedotas e acontecimentos narrados no texto, permitindo a fruição exclusivamente literária e, em simultâneo, a apresentação integral da análise crítica de um grupo de intelectuais que, satiricamente, num momento de diversão, quis caricaturar a sociedade do seu tempo. Por outro lado, se Luís de Magalhães afirma que, nos episódios excluídos, «a colaboração do grande humorista foi secundária ou nula»⁵⁶, não deixa de afirmar que

⁵³ V. Eça de Queiroz — *In Memoriam*, p. 248.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 252.

⁵⁵ *Idem, ibidem*.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 263.

«quem, nessa colaboração, teve a parte mais larga, quem, principalmente, redigiu o artigo, aproveitando as lembranças, as sugestões, os ditos, os apartes, que de todos os lados rompiam e esfuziavam, — foi Eça de Queirós.»⁵⁷ Em todo o texto se percebe essa redacção de Eça, o seu estilo, a sua escrita, que — diz Magalhães — interrompia, para ler «um trecho do trabalho já feito, entre um coro de ruidosas gargalhadas. Outras vezes pedia *ideias*, exigia *ditos sublimes*, reclamava *génio!*... E logo remergulhava na redacção dessa formidável e tintamarresca pasquinada.»⁵⁸

Ou seja, considerando que Eça de Queirós terá contribuído com a maior parcela criativa para um texto de que foi o redactor integral, excluir fragmentos desse texto é, desde logo, censurar uma composição queirosiana. Publicar apenas os trechos escolhidos por Luís de Magalhães obrigaria ainda a ter de reproduzir o seu artigo de 1922 para as descrições dos vários momentos do texto. Não o fazer implicaria repetir a descontextualização narrativa que encontramos nas edições que formaram a tradição editorial de «Mr. Cumberland».

Assim acontece na edição *Últimas páginas dispersas* de Livros do Brasil de 1981: enquanto 1922 dá explicações intercalares que associam os diversos episódios, 1981 apresenta uma narrativa aparentemente sequencial, aparentemente sem omissões. Por exemplo, após o *passé* «*Entremets lírico*» existe uma «Adivinhação de Pensamentos» excluída em ambas edições; porém, a passagem para a acção seguinte — «Episódio épico — Evocação» — conta, em 1922, com explicações de Luís de Magalhães: 1981 limita-se a abrir novo parágrafo, sem qualquer referência à exclusão de «Adivinhação de Pensamentos». De resto, 1981 segue de perto o texto de 1922, tanto na sequência como na pontuação, indo contra os hábitos editoriais de Livros do Brasil quando usa a contracção da preposição *de* e dos artigos definidos *um/uma*, contra o publicado n' *A Província* mas de acordo com *Eça de Queiroz — In Memoriam*. A escolha

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 249-250.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 251.

de 1981 ao excluir a última sílaba *tão* da cadência *tara, tan, tão, tão...* falha no critério, uma vez que os versos — atribuídos a Guerra Junqueiro por Luís de Magalhães — pretendiam parodiar o ritmo dos poemas de Tomás Ribeiro; sem a última sílaba, perde-se a métrica dos alexandrinos do autor d'*O Mensageiro de Fez* e a intenção jocosa do texto d' *A Província*.

2.12. 1888: A EUROPA

Em carta dirigida de Bristol a Oliveira Martins em 14 de Março de 1888, Eça comentava a crónica que enviava ao amigo para publicação n'*O Repórter*, jornal que Martins dirigia na época: o texto era uma «[...] ária de flautim sobre a Europa, o Progresso em espiral, a finalidade do homem e outras coisas de interesse directo para a Casa Havanesa. [...] um estudo de Filosofia Florestal [...]»; chamava a «[...] atenção para a nova palavra *verborreia* com que no artigo classifico a nossa eloquência S. Bental. Creio que merece ser mencionada numa das tuas *Actualidades*, pequena e sólidas costeletas de saber e de bom-senso com que me delicio [...]»⁵⁹. Martins não esqueceu a menção e, no dia seguinte ao do aparecimento do artigo de Eça, comentava: «Uma das doenças filhas do parlamentarismo é a que o nosso querido Eça de Queirós ainda ontem chamou aqui *verborreia*.»⁶⁰ O termo ficou para a história dos neologismos queirosianos, e o artigo onde ele foi cunhado é uma das primeiras peças jornalísticas em que Eça se debruça sobre a situação social e política europeia globalmente, visando na sua análise influenciar não só o público português que a leu em 20 de Março de 1888, mas também os leitores brasileiros da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde terá sido reproduzida em 2 de Abril do mesmo ano.

O texto da imprensa carioca serviu de base à primeira publicação em livro de «A Europa», nas *Notas Contemporâneas*

⁵⁹ In Eça de Queirós, *Correspondência*, vol. 1.º, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, pp. 462-463.

⁶⁰ In Oliveira Martins, *O Repórter*, Guimarães Editora, 1957, p. 251.

editadas por Luís de Magalhães em 1909. Durante a preparação da edição crítica de *Textos de Imprensa IV*, não foi possível às editoras, Elza Miné e Neuma Cavalcante, encontrar qualquer exemplar da *Gazeta de Notícias* referente à data da publicação, pelo que usaram como texto-base o do primeiro impresso em livro. Através do confronto entre o texto de *O Repórter* e o de 1909, puderam concluir que o texto reproduzido por Luís de Magalhães tinha muitas variantes quando cotejado com o do jornal de Oliveira Martins, facto que indicava que o primeiro editor terá tido acesso à *Gazeta de Notícias* agora indisponível. Escolheram por isso classificar «A Europa» entre os textos com duplo endereçamento e apresentaram ambos em confronto como anexo à sua edição.

No corpo de edição, as editoras de *Textos de Imprensa IV* cotejaram o texto de 1909 com o da edição de 1970, preparado por Helena Cidade Moura para a Editora Livros do Brasil, o que permitiu a inclusão de um fragmento de texto inexistente em 1909: tudo indica que em 1970 havia ainda acesso ao texto da *Gazeta de Notícias*, talvez através de um recorte do jornal, que Eça costumava guardar.

O texto de *O Repórter* volta a publicar-se neste volume porque, das duas versões, é o único que pode ser transcrito directamente do suporte original; é também o único que está completo, uma vez que a tradição, baseada na edição de 1909, não pode completar o artigo da *Gazeta de Notícias*; as variantes entre ambos devem resultar do trabalho de correcção de Eça sobre o texto enviado ao jornal portuense — e não devem desconsiderar-se as variantes introduzidas pelos primeiros editores no texto da *Gazeta*, e as consequências que essas variantes têm na leitura geral do artigo. Por outro lado, têm-se em conta também os diversos objectivos de cada um dos textos: logo no início do artigo, o autor define o público-alvo de cada uma das versões. Se em Portugal não necessita de introdução ao público, porque os leitores se encontram nessa Europa analisada, para o Brasil precisou de acrescentar «Não sei o que aí se passa nessa viçosa América», seguindo na sequência narrativa a relativização dos espaços europeu e americano.

O aparato crítico restringe-se aos limites textuais — início e finais das diversas versões — uma vez que as edições da tradição

seguem o texto da *Gazeta de Notícias*, muito divergente deste d'O *Repórter*; sobrecarregar o aparato com todas as notas de variante tornaria o texto muito pesado. Uma vez que na edição crítica de *Textos de Imprensa IV* Elza Miné e Neuma Cavalcante já o apresentaram, permitindo a sua comparação através do duplo endereçamento em anexo, lado a lado com o texto de *O Repórter*, remete-se para essa edição o cotejo das duas versões.

2.13. 1888: [*A PARTILHA DA DOR / A PROPÓSITO DO INCÊNDIO DO TEATRO BAQUET DO PORTO*]

«A partilha da dor» (quando foi publicado no jornal *O Fluminense*, de Niterói)⁶¹ e «A propósito do incêndio do teatro Baquet do Porto» (a partir da chamada «Edição do Centenário» da Editora Lello & Irmão em 1946) são os dois títulos por que ficou conhecida a colaboração de Eça de Queirós num *número único* de beneficência, em favor dos sobreviventes do incêndio que destruiu completamente o Teatro Baquet, no Porto⁶².

Em 20 de Março de 1888, durante um espectáculo de benefício ao actor Firmino, sob a direcção do maestro Ciriaco de Cardoso, depois de representada a ópera-cómica *Os Dragões de Villars* e no final do último acto da zarzuela *Gran Vía*, uma gambiarra incendiou as bambolinas do teatro; o fogo no palco rapidamente alastrou aos camarotes e a todo o recinto, espalhou o terror e o pânico entre os espectadores que ao tentarem fugir, foram-se atropelando uns aos outros; morreram 86 pes-

⁶¹ Esta informação da *Bibliografia Queirociana*, tomo 1, n.º 843, p. 238, não pôde ser confirmada. Guerra da Cal não teve acesso ao *Lisboa-Porto* por estarem desaparecidos os dois espécimes da Biblioteca da Universidade de Coimbra quando o ilustre queirosiano fez a sua investigação. Dão-se agora todas as referências sobre o volume através do exemplar da Biblioteca Nacional.

⁶² O Baquet fora mandado construir em 1858-1859, pelo alfaiate Pereira Baquet, no gaveto entre as Ruas de Santo António (hoje 31 de Janeiro) e de Rua Sá da Bandeira.

soas e ficaram feridas muitas mais. Vários jornalistas da capital e do Porto — Luciano Cordeiro, Fernando Pedroso, Magalhães Lima, Assis de Carvalho, Urbano de Castro, Baptista Borges, António de Castilho, Alberto Pimentel, Higino de Mendonça, António Castanheira, Rafael Bordalo Pinheiro e Carlos Lobo de Ávila — uniram-se imediatamente para promover iniciativas com o objectivo de auxiliar materialmente os sobreviventes e as famílias dos mortos⁶³. Uma dessas iniciativas foi a edição, no mês seguinte ao da tragédia, de *Lisboa-Porto* — álbum de luxo em grande formato (60 cm × 34 cm), de 20 páginas e 10 *hors-textes*⁶⁴ — que mobilizou muitas personalidades da época⁶⁵.

⁶³ Uma dessas iniciativas partiu da revista *O Ocidente*: 500 dos exemplares vendidos da edição de 1 de Abril reverteram a favor das vítimas.

⁶⁴ Nove pinturas feitas pela família real portuguesa — o rei e a rainha, D. Luís e D. Maria Pia, o duque de Bragança D. Carlos e sua mulher D. Amélia e o infante D. Afonso — e um esboço de Sarah Bernhardt com o seu lema «Quand même» e texto de Ramalho Ortigão.

⁶⁵ A extensa lista de colaboradores inclui nomes da literatura, das artes plásticas e da música: Luís Augusto Palmeirim, Eduardo Coelho, Jaime Victor, Ricardo Jorge, Gomes de Brito, Sergio de Castro, Reprodução de estatua de soares dos reis Rodrigo Afonso Pequito, Teófilo Braga, Albertina Paraíso, F. de Castro Monteiro, Gervásio Lobato, A.X. Rodrigues Cordeiro, Costa Gondolfim, J. Cecílio Sousa, F. Gomes de Amorim, Amando da Silva, José António de Freitas, F. Mendonça, Sousa Viterbo, João Penha, Conde de Sabugosa, João de Sousa Araújo, Ferreira de Castro, Bento Moreno, A. Serpa Visconde de Monsaraz, Xavier da Cunha, José de Sousa Monteiro, Visconde de Benalcanfor, Ruy Barbo, Fialho de Almeida, Conde de Samodães, Silva Graça, Alberto Teles, Tomás de Carvalho, Francisco Palha, Alberto Braga, Rangel de Lima Jr., A. M. da Cunha Belém, Manuel Maria Augusto da Silva Bruoki, Barão de Roussado, A. De Sousa e Vasconcelos, Zeferino Brandão, A. Luso, Vicente de Almeida de Eça, P. Midosi, Tito de Carvalho, Lino de Assunção, Bernardo Pindela, Xavier de Carvalho, Bulhão Pato, A. Pereira da Cunha, Luís de Guimarães, Casimiro Dantas, J. Andrade Corvo, V. de S. Januário, Sanches Frias, Marques Gomes, Henrique de Barros Gomes, Ferreira de Mesquita, Eduardo Coelho Jr., Abel Acácio, Zacarias D’Aça, Júlio César Machado, Joaquim de Araújo, Borges de Avelar, E. Gomes dos Reis, Guilherme Gilberto de Carvalho, Sebastião pereira da Cunha, Victor Hussla, A. Porfírio de Carvalho Pereira, Jaime Moniz, Silva Lisboa, Guiomar Torresão, Rangel de Lima, Teresa

A colaboração de Eça, o artigo sem título agora editado, é a mais longa das contribuições literárias. Lembra, na intenção e na redacção, o texto «Fraternidade» de *Anátema*, temperado de cepticismo quanto à continuidade das boas intenções da solidariedade humana após o primeiro impulso de bondade face à tragédia comum

O texto esteve esquecido durante mais de trinta anos depois da sua publicação no jornal brasileiro, até que Gastão de Bettencourt encontrou um velho *Lisboa-Porto* na biblioteca de Alberto Tota e o publicou o artigo sob a epígrafe «O centenário do autor dos 'Maias'. Uma página esquecida de Eça» no n.º 7539 (quinta-feira, 18 de Novembro de 1943, p. 9) do *Diário de Lisboa*.

A partir de 1946 passou a fazer parte das edições de *Últimas Páginas* da Editora Lello & Irmão e mais tarde de *Cartas e outros escritos* de Livros do Brasil, acrescentado a um e a outro volumes, uma vez que não fazia parte das primeiras impressões daqueles livros.

O texto-base para a presente edição é a transcrição do impresso de 1888. O aparato crítico, pouco problemático, mostra as variantes introduzidas em 1943 no *Diário de Lisboa* e em *Cartas e outros escritos* de 2001. No jornal encontram-se algumas transformações, como eliminação de palavras (*sobre a fraqueza e sobre a arrogância, / sobre a fraqueza e a arrogância,*) e a alteração de tempos verbais (*deixavam/deixaram; poderia/*

Luso, José Augusto Carneiro, Hermenegildo Pedro de Alcântara, Cândido de Figueiredo, José Caldas, Brito Aranha, Alves Crespo, João Augusto Barata, Visconde de Ouguela, Conde de Valenças, António de Campos Júnior, M.M. Portela, Gomes Leal, Marques Guedes, Luiz de Araújo, David de Castro, Fernandes Costa, Afonso Vargas, João de Lemos S. Castelo Branco, A. Lobo de Miranda, Guilhermino Augusto de Barros, João de Deus, Cristóvão Aires, Marques da Costa Jr., Delfim de Almeida, Marcos Guedes, Jaime Batalha Reis, Eugénio Silveira, M. Cacir, Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Câmara, Fernando Palha, Carlos Reis, E. Casanova, Alfredo Gameiro, Félix da Costa, Silva Porto, R. Cristino, Joaquim Costa, Julião Machado, F. Vilaça, Malhoa, R. Hogan, Veloso Salgado, Leandro Braga, Garcia Greno, Condeixa.

poderá), além de alterações e acrescentos de sinais de pontuação. A edição de 2001 segue geralmente a edição do *Lisboa-Porto*, acrescentando alguns sinais de pontuação que 1943 não introduzira (*Há por isso / Há, por isso*), e transformando a data «Bristol, abril» em «Bristol, Abril de 1888».

2.14. 1889: Os VENCIDOS DA VIDA

Artigo não assinado do jornal *O Tempo*, em resposta a um outro, publicado no *Correio da Manhã*, onde Pinheiro Chagas atacava o grupo de amigos autodenominado *Vencidos da Vida*, composto pelo Conde de Ficalho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, António Cândido, Eça de Queirós, Conde de Sbugosa, Bernardo de Pindela (Conde de Arnoso), Guerra Junqueiro, Carlos Mayer, Luís de Soveral e Carlos Lobo de Ávila. Costumavam reunir-se em jantares no restaurante Tavares e no Hotel Braganza mas também em casa de alguns deles.

O grupo *jantante*, como lhe chamou Eça, começou a juntar-se em 1887 e as suas tertúlias terminaram em 1893. Na época, os jantares de um grupo de homens que, reunindo todas as condições sociais e materiais para serem considerados vencedores pelos seus contemporâneos, se declaravam vencidos, causou grande agitação. Segundo o testemunho de António Cândido, a designação *Vencidos da vida* foi atribuída por Oliveira Martins, depois de ouvir Ramalho ler algumas páginas de *La vie à Paris*: «Oliveira Martins, distraído, só deu conta das palavras finais... *Battus de la vie!* — exclamou, com o travor do seu habitual pessimismo — eis afinal o que todos nós somos: *vencidos da vida!*»⁶⁶

⁶⁶ Cf. Gomes Monteiro, *Vencidos da Vida*, Lisboa, Edições Romano Tôrres, 1944, p. 12. Eça aproveitou a expressão para o final de *Os Maias*, num diálogo entre João da Ega e Carlos da Maia «— Falhámos a vida, menino! / — Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou na imaginação. [...] Às vezes melhor, mas sempre diferente.»

O *Tempo*, dirigido por Carlos Lobo de Ávila, publicou o «Programa» do grupo e foi dando notícia dos vários jantares, locais onde se realizavam e ementas. A publicidade deu azo a artigos mais ou menos azedos, como um de Fialho de Almeida, n'Os Gatos, em Março de 1890, e até a uma peça teatral de Abel Botelho, representada no Teatro do Ginásio em Lisboa e logo proibida. Porém, apenas o artigo de 28 de Março de 1889 no *Correio da Manhã* mereceu uma resposta de Eça de Queirós — talvez porque quem o assinava era Pinheiro Chagas.

Fixou-se o texto a partir do artigo d'O *Tempo* e fez-se o seu cotejo com a primeira edição de Lello & Irmão organizada por José Maria de Eça de Queirós em 1929 — *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas* — e com o volume III de *Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867)* de Livros do Brasil, edição de 1981. Se 1929 fez alterações relativamente pacíficas — acrescentou algumas vírgulas e preferiu escrever *vencidos* sempre em caixa alta — os critérios de 1981, que segue de perto a primeira edição em volume, acrescentando-lhe mais algumas vírgulas e variando na escolha de maiúsculas e minúsculas, como é habitual nas versões da editora, são mais duvidosos no que respeita à organização do livro e apresentação do texto. A apresentação do texto entre aspas — como se se tratasse de uma citação e não de uma transcrição, critério que não repete em «João de Deus», conquanto ambos os textos sejam transpostos de publicações periódicas — não se justifica num volume que o público sabe tratar-se de uma colecção de esparsos, embora o título não indique que nele se podem encontrar estes dispersos mais tardios.

2.15. 1889: PREFÁCIO A AQUARELAS DE JOÃO DINIS

Em Abril de 1889 um funcionário da tipografia de A. José Teixeira na Cancela Velha publicava, na sua própria editora, a Livraria Gutenberg, um volume de versos com o título *Aquarelas* e nele dedicava um poema a Eça de Queirós, «Tentação» (pp. [28]-31).

Muito saudado na época (Manuel da Silva Gaio dedicou-lhe um «Boletim Bibliográfico» na *Revista de Portugal*⁶⁷) o seu autor, João Dinis, seria apenas mais um dos poetas líricos hoje totalmente esquecidos e o seu livro mais uma das inúmeras publicações poéticas ignoradas do século XIX em Portugal (como, de facto, é), se não tivesse sido prefaciado por Eça de Queirós, nas páginas IX a XXIII. Recordando que Eça se negou a prefaciá-lo, o poemeto *Camões* do seu conhecido e prolífico Joaquim de Araújo, deve questionar-se o que o terá levado a escrever um prólogo bastante longo para o livro de um tipógrafo.

João Cardoso Dinis Júnior, porém, não foi um mero compositor de caixas tipográficas. Nascido em 1847, era o homem de confiança de A. José Teixeira, em cuja casa se imprimiam as obras da Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor de Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós. Mais tarde, além da Livraria Gutenberg, fundou a Tipografia Elziviriana. Além de praticar o seu ofício, Dinis publicou obras de carácter didáctico e antologias: *O tesouro do trovador* (1878), o *Novo resumo da História de Portugal* (1879) e o *Novo Livro de Leituras para as escolas primárias*, contando com a cooperação de escritores da época. Foi também colaborador e co-proprietário — com Sebastião Sanhudo, o caricaturista do Porto — de *O Sorvete — Periódico para Rir* que durou de 1878 a 1895. *O Sorvete*, com a *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira* editada por Chardron redigida principalmente por Camilo, foram os grandes veículos de propaganda da Livraria Internacional e dos escritores por ela publicados.

Em 1880 já Eça sabia que os seus originais eram confiados a João Dinis, encarregado da composição tipográfica e que, para descontentamento do autor, se mantinha atento às falhas dos manuscritos. Eça não deixava de se lamentar do zelo do tipógrafo, queixando-se a Chardron: «Exm.^o Sr., quanto e quanto tempo vai levar a impressão do *Mandarim!* Se como diz o

⁶⁷ *Revista de Portugal*, vol. I, 1889, pp. [387]-388, Porto, Editores, Lugan & Genelioux — Sucessores de Ernesto Chardron.

Sr. Dinis, é necessário que eu reveja cada folha antes de ser impressa a folha seguinte, calculando a 14 folhas o livro, e a duas semanas o tempo de remessa e volta — vai levar sete meses!»⁶⁸ Outras cartas descrevem um percurso de convivência epistolar resultante numa total confiança de Eça no tipógrafo portuense. Noutra carta ao editor, em 1884: «Recebi já do Sr. João Dinis provas, que vêm com aquela nitidez e boa ordem que honram a sua tipografia.»⁶⁹ Depois da morte de Chardron, é ao sucessor Jules Genelioux que passa a dirigir-se, quando trata da edição d'*Os Maias*: «Quand Dinis m'aura envoyé en épreuves les deux dernières feuilles [...] et quand j'aurai donné le bon a tirer, je n'ai plus rien a faire dans ce livre [...] Quand Dinis la recevra [uma folha revista] avec les corrections il n'a qu'a la faire imprimer, sans qu'il soit besoin que je la revoie.»⁷⁰ Todas estas recomendações são de 1888, ano de uma carta a Oliveira Martins, solicitando ao amigo «o número d' *O Repórter* em que vem o folhetim, ou antes, o capítulo II do Fradique [...]» para que o remeta «apenas arranjado, ao João Dinis / Tipografia Teixeira / Cancela Velha, Porto». Estava-se «a imprimir lá o Fradique e descubro que se me extraviou esse número [...]. Vou por isso pedir a Genelioux, — ou mesmo ao João Dinis — que te mandem uma prova.»⁷¹

Não se conhece nenhuma carta de Eça a Dinis, nem correspondência em sentido contrário. Mas a gratidão do escritor pelo cuidado com os seus livros e pela paciência com as suas sempre longas revisões tê-lo-á levado, logo a seguir à publicação d'*O Mandarim*, a querer retribuir os bons serviços: «O Sr. João Dinis que eu muito desejava obsequiar, quer que eu escreva alguma coisa para o *Sorvete*. Quer V. Ex.^a ter a bondade de lhe fazer

⁶⁸ Carta endereçada de Bristol, datada de 19 de Agosto. V. *Obras de Eça de Queirós*, vol. 4, Porto, Lello & Irmão, 1986, p. [1237].

⁶⁹ Refere-se a provas tipográficas d'*Os Maias*; carta datada de 10 de Maio de 188. *Idem*, p. [1266].

⁷⁰ Carta endereçada de Bristol, datada de 19 de Abril de 1888. *Idem*, p. [1372].

⁷¹ Carta endereçada de Bristol, endereçada de 24 de Dezembro. *Idem*, p. [1421].

dizer que me mande o *Sorvete* para eu ter uma ideia do que é necessário remeter-lhe — se artigo humorístico, se pequeno conto, se *bluette*?»⁷² Não foi, porém, no *Sorvete* que Eça agradeceu a Dinis, mas no «Prefácio» a *Aquarelas*, recolhido por Luís de Magalhães na primeira edição de *Notas Contemporâneas*

O autógrafo, datado de «Bristol, Abril», em razoável estado de conservação, encontra-se depositado na coleção Alberto de Serpa na Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota M-SER-358. Consta de dez fólhos numerados no rosto pelo autor, escritos a tinta negra de ambos os lados, salvo o último fólho que está escrito apenas no rosto. O papel é da marca «J. Whatman» e tem a marca de água «1886». No primeiro fólho, mão alheia escreveu no topo, a lápis, «prefácio das Aquarellas»; Eça dera-lhe, no canto superior esquerdo do mesmo fólho o título «O Prólogo», que depois foi riscado. Apresenta as largas margens esquerdas habituais nos autógrafos do autor e muitas emendas por eliminações e acrescentos nas entrelinhas e nas margens, e as próprias transformações autorais variam muito do impresso de 1889, pelo que não pode dizer-se que constituiu o último desejo de Eça, que deve ter corrigido provas — a menos que confiasse ao prefaciado, seu habitual revisor, a última composição. As transformações correm todo o manuscrito e continuam no impresso.

Assim, no fl. 2r, Eça escreveu

criou infundável surpresa, foi popular, alcançou a Presidência de Associações, Ligas, derrubou

mas riscou desde *foi popular* até *derrubou*, mantendo apenas *Associações*, que lhe servia para continuar a emenda na entrelinha:

tornou-se esplendidamente popular, foi investido d'um Pontificado presidiu Associações, derrubou Ministérios,

⁷² Carta endereçada de Bristol, datada de 16 de Janeiro de 1881. *Idem*, p. [1239].

A frase ficou, pois:

criou infundável surpresa, tornou-se esplendidamente popular, foi investido d'um Pontificado presidiu Associações, derrubou Ministérios,

E na edição de 1889:

criou infundável surpresa, tornou-se esplendidamente popular, foi investido de um Pontificado, presidiu Associações, derrubou Ministérios,

Sem emendas no manuscrito, a variante do fólio 2v centrase no texto eliminado:

e quando, no período romântico, se decidiu a comunicar com os arvoredos, foi, sob a influencia d'um panteísmo germânico, para achar um fragmento de Deus em cada ulmeiro de Bougival, [e para surpreender uma alma em cada violeta]

ficando em 1889:

e quando no período romântico se decidiu a comunicar com os arvoredos, foi para descobrir, sob a direcção do panteísmo germânico, um fragmento de Deus em cada ulmeiro de Bougival.

No Fl. 9, pretendendo citar um poema de *Aquarelas*, escreveu:

*Ninho feito de luz que um só momento
Levou a dispersar, varreu desfeito
Para nunca mais!... E alma e pensamento*

*Circunscritos da vida ao giro <estreito>
Vão imitando o incerto movimento
D'uma corrente que não acha o leito.*

1889, corrigindo, segue o texto de João Dinis:

*Ninho de rósea luz, que um só momento
Levou a dispersar, varreu desfeito
Para não mais! — E corpo, e pensamento,*

*Circunscritos da vida ao giro estreito,
Parecem ter agora o movimento
De uma levada que não acha o leito...*

O texto-base para a edição crítica deste «Prefácio» é o do impresso de 1889. Confrontou-se com o manuscrito para compreensão da sua genética, mas as variantes entre os dois não se anotam, por 1889 ter sido aceite pelo autor. O aparato baseia-se nas variantes das duas edições correntes do volume *Notas Contemporâneas*, a da Lello & Irmão, 1909, pp. [173]-182 e a de Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 123-129. A edição de Luís de Magalhaes seguiu o texto de um recorte conservado na Fundação Eça de Queiroz, junto de outros materiais utilizados para as compilações de dispersos do autor. O recorte não tem indicação de proveniência, salvo uma nota de Magalhães: «Transcrição de *Semana* (periódico literário do Rio de Janeiro) em 1888.» A data deve estar correcta, uma vez que o preâmbulo no artigo «Um prefácio de Eça de Queirós» fala de *Aquarelas* como livro ainda por publicar. Assim, e no essencial, as variantes de Luís de Magalhães nas *Notas Contemporâneas* seguem as lições do recorte utilizado para a edição de 1909. Helena Cidade Moura, em 1970, seguiu Magalhães mas corrigiu ainda mais as mesmas situações de pontuação (a fonte donde vem, / a fonte, donde vem,) e de iniciais (do Bom-senso e do Bom-gosto. / do bom senso e do bom gosto); além disso, abriu um parágrafo por sua decisão e uniu numa única estrofe os dois tercetos citados por Eça, retirados de um dos sonetos do livro de Dinis. De resto, estas são decisões editoriais comuns na edição de Livros do Brasil.

Beatriz Berrini, em 2000, incluiu o «Prefácio» a *Aquarelas* na sua edição da Nova Aguilar. Esta última edição brasileira corrige o texto de 1889 com o manuscrito da BPMP e vice-

-versa. Assim, atente-se, por exemplo, na primeira frase: onde 1889 diz:

O que principalmente tem caracterizado nestes últimos vinte anos

A edição de 2000, seguindo o manuscrito (mas, ainda assim, retirando uma vírgula) propõe

O que principalmente caracteriza durante estes últimos vinte anos

Noutro lugar, onde o manuscrito indica:

A Religião, é hoje, em Paris tanto como em Penafiel

Beatriz Berrini transcreve o texto de 1889:

A Religião é hoje, em Paris como em Lordelo,

Isto é, o critério de edição de 2000 é, de todos os testemunhos impressos, o mais duvidoso, pois nem transcreve o manuscrito nem respeita a última vontade do autor, que aprovou — ou, pelo menos, não desautorizou — o impresso de 1889; pelo contrário, contamina as duas versões do «Prefácio», cruzando uma com a outra, sem mencionar as intercepções e oferecendo ao público uma contrafacção, tolerável no passado, censurável na actualidade.

2.16. 1890: FRATERNIDADE

Texto publicado no número único *Anátema* em Maio-Junho de 1890; constitui, com as «Notas do Mês» de Abril de 1890 e «Novos Factores da Política Portuguesa», ambas assinadas por pseudónimos, respectivamente «João Gomes» e «Um Espectador»⁷³ no mesmo número da *Revista de Portugal*, uma

⁷³ Sobre o uso do pseudónimo «João Gomes», veja-se, *infra*, o texto 18.

trilogia dedicada por Eça ao comentário do *Ultimato* inglês de 11 de Janeiro daquele ano. Com o *Ultimato*, a Inglaterra exigia a retirada dos portugueses de territórios em Moçambique, ameaçando Portugal com o corte de relações diplomáticas, que reforçava através de demonstrações de intimação bélica. A reacção de indignação patriótica tomou várias formas uma das quais, a Grande Subscrição Nacional — a Favor da Defesa do País, tinha o objectivo de angariar fundos que permitissem a aquisição de meios de defesa, sobretudo navios de guerra que faltavam à Marinha Nacional na metrópole e nas colónias.

O produto da venda de *Anátema* reverteria a favor da Grande Subscrição; nesse sentido, os organizadores do volume de grande formato (40 cm × 27,5 cm e 47 páginas), os estudantes António Vaz de Macedo e Artur Pinto da Rocha procuraram colaboradores prestigiados em Portugal, Espanha, França e Itália⁷⁴.

Tal como dois artigos da *Revista de Portugal*, o texto «Fraternidade» está carregado da desilusão de Eça face à crescente apatia que voltava a instalar-se no país após o primeiro entusiasmo patriótico; antes da publicação de *Anátema*, já o escritor, que se encontrava em Portugal e seguia de perto as iniciativas anti-britânicas, adivinhava qual o resultado da empresa para que contribuía: «Da Inglaterra já ninguém fala.

⁷⁴ Colaboraram os artistas plásticos Rafael Bordalo Pinheiro, Nicola Bibaglia e L. Battistini, e os escritores Antero de Quental, Raphael Labra, Joaquim de Araújo, Visconde de Seabra, Cesare Lombroso, Jean Richepin, João Penha, Emilia Pardo Bázan, Silva Pinto, Enrico Ferri, Manuel Duarte de Almeida, Gumerzindo de Azcárate, Juliette Adam, Gomes Leal, Pi y Margall, Oliveira Martins, F. Giner, Camilo Castelo Branco, D. João da Câmara, Auguste Vacquerie, Alves Mendes, Maria Amália Vaz de Carvalho, Rodrigues de Freitas, Fernandes Costa, Bernardino Machado, José Júlio Rodrigues, Joaquim Alves Mateus, Edmundo de Amicis, João de Deus, Henrique Lopes de Mendonça, Teófilo Braga, Fialho de Almeida, P.º Barroso, Tomás Ribeiro, Eugéne Guyon, Consiglieri Pedroso, R. de Campoamor, Eça de Queirós, Clovis Hugues, Guerra Junqueiro, Basílio Teles, Bulhão Pato, Conde de Sabugosa, Barros Gomes, Jaime Magalhães Lima e Guiomar Torresão.

A subscrição nacional gorou! O País inteiro readormeceu.»⁷⁵ Se nas «Notas do Mê» João Gomes considerava que a Subscrição Nacional constituía «uma força duradoira e viva»⁷⁶ e em «Novos Factores da Política Portuguesa», *Um espectador* tinha a consciência que não existia «no País uma força latente donde pudesse vir o movimento de reorganização nacional [...]»⁷⁷; Eça de Queirós, em *Anátema*, usa o título «Fraternidade» como desconstrução do próprio conceito idealista, prevendo «[...] um vasto conflito de povos, que se detestam porque se não compreendem, e que, pondo o seu poder ao serviço do seu instinto, correrão uns contra os outros [...]»⁷⁸

Esquecido durante cinquenta e cinco anos, «Fraternidade» foi recuperado na revista *Ocidente* em 1945, durante as comemorações do centenário do nascimento do escritor; passou a fazer parte do volume *Últimas Páginas* da editora Lello & Irmão a partir de 1946 e de *Cartas e outros escritos* de Livros do Brasil em 1970⁷⁹. A presente edição transcreve o texto de *Anátema* e o aparato crítico anota as variantes de 1945 e 1970.

⁷⁵ V. Eça de Queirós, *Correspondência* (2.º vol.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 59, carta a sua mulher, datada de 7 de Abril de 1890.

⁷⁶ V. Eça de Queirós, *Textos de Imprensa VI* («Da Revista de Portugal»), ed. crítica de Maria Helena Santana, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 82.

⁷⁷ *Idem*, p. [83].

⁷⁸ V. *infra*, p. 223.

⁷⁹ Ao contrário do que se pode inferir do texto de Guerra da Cal sobre «Fraternidade» (v. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1.º, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1975, n.º 886, p. 249), não existe em *Anátema* qualquer carta escrita por Eça acompanhando o seu artigo; Guerra da Cal referia-se, sim, a um recorte de um jornal não identificado, existente em Tormes, com a reprodução de uma carta dirigida à Comissão Directora do *Anátema*, datada de 5 de Fevereiro de 1890 (v. *op. cit.*, n.º 1454, p. 448); o recorte desapareceu, entretanto, do arquivo da Fundação Eça de Queirós.

2.17. 1891: *AUTÓGRAFO NO LEQUE DA VISCONDESSA DE CAVALCANTI*

A viscondessa de Cavalcanti, D. Amélia Machado de Coelho e Castro (1852-1946), grande colecionadora e numismata, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi a anfitriã de um dos Salões literários mais elegantes do Rio de Janeiro. Foi casada com Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Ministro de Estado do Imperador Pedro II e, em 1889, Comissário do Brasil na Exposição Universal de Paris, cidade onde os Viscondes de Cavalcanti permaneceram após a implantação da República no seu país.

A viscondessa iniciou em Paris a recolha dos sessenta e nove autógrafos que constam no seu leque: o primeiro contributo, datado de 1890, foi o do ex-imperador, já durante o exílio em França. O leque constitui um interessante objecto histórico pela diversidade cultural das personalidades que manifestaram os seus testemunhos de amizade à viscondessa: foi assinado por Alexandre Dumas Filho, Santos Dumont, Pierre Loti, o barão de Coubertin, Getúlio Vargas, Machado de Assis, Artur Napoleão, Joaquim Nabuco; Rafael Bordalo Pinheiro fez uma pintura reproduzindo a sua «Jarra Beethoven». Entre os contributos de escritores portugueses contam-se os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Antero de Quental e Eça de Queirós.

O curto texto de Eça é um elogio circunstancial da beleza feminina, sintetizada na rainha de Sabá e personificada pela Viscondessa. Inédito, foi transcrito de uma fotografia do suporte original ⁸⁰.

⁸⁰ Enquanto objecto de arte, o leque da viscondessa foi estudado pela investigadora brasileira Maraliz Vieira Christo, que proporcionou para a presente edição uma fotografia do texto de Eça. V. Christo, Maraliz Vieira. «O Mundo cabe num leque» in *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Maio de 2009, n.º 44. O leque encontra-se exposto na «Sala Viscondessa de Cavalcanti» do Museu Mariano Procópio, na cidade de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, Brasil. Segundo o inventário daquela

2.18. [1889-1891?]: FRAGMENTO COM ASSINATURA
«JOÃO GOMES»

Fragmento de texto inscrito numa folha avulsa em muito mau estado (com rasgões e sinais de ter sido machucada) encontrada em 2006 dentro de uma caixa que continha também parte do manuscrito autógrafo de *A cidade e as serras*, esquecida nos cofres do banco Millennium-BCP juntamente com um autógrafo parcial de *A ilustre casa de Ramires* e o manuscrito do artigo «Novos factores da política portuguesa». Após a doação dos documentos à Biblioteca Nacional de Portugal o fragmento foi publicado no roteiro da exposição *Aquisições Queirosianas* em 2007.

O suporte, papel vulgar, tem as dimensões 20x23cm, está escrito a tinta negra de um só lado e apenas até dois terços da página. Não tem emendas, mas o *incipit* — «Como homem» — está riscado, entendendo-se que as palavras seguintes, mantidas pelo autor — «foi honrado e simples:» — são sequência de uma frase que vinha de uma folha anterior. Apresenta, no canto superior direito, a numeração «95», por mão alheia: estes algarismos e a assinatura «João Gomes» são os únicos sinais auxiliares para uma identificação conjectural do autógrafo, que não corresponde a nenhum texto conhecido saído da pena de Eça de Queirós.

Em carta de 27 de Agosto de 1889, Eça pedia ao amigo Oliveira Martins a sua opinião sobre a possível substituição das «Crónicas» — que saíram no primeiro volume da *Revista de Portugal*, da responsabilidade de J. A. Gonçalves e “P. de Oliveira” (o mesmo Oliveira Martins) — por uma rubrica intitulada «Notas do Mês»:

O que hoje são crónicas podia ser convertido em dois artigos sobre o facto dominante — um da política

instituição, os materiais são a madeira e o papel com 102 cm de abertura e 35 cm de raio. A Viscondessa de Cavalcanti assinou o seu próprio leque em 1945, um ano antes de morrer.

*externa, outro da interna. Esses artigos teriam um nome, um título, tirado do assunto.*⁸¹

Porém, Eça não queria assinar pessoalmente esses artigos, acabando por escolher um pseudónimo que, segundo mencionou a Manuel da Silva Gaio, secretário da *Revista de Portugal*, era o nome daquele

*velho soldado que dizia, no Conselho sobre a jornada de Ceuta — Ruços alem!*⁸²

ou seja, «João Gomes». Já então enviara (ou ia remeter) para o seu editor Genelioux, no Porto, um dos novos artigos, pedindo que ele fosse publicado «*malgré tout*». Dez dias depois do envio o número de Outubro da *Revista* chegou às mãos do seu Director. As «Notas do Mês» não tinham sido publicadas. Eça não desiste delas: em nova carta a Silva Gaio, insiste:

*[...] o Genelioux já lá tem as «Notas do Mês» passado que, com excepção de duas ou três, conservam actualidade, e podem ser reportadas a este mês.*⁸³

Em Novembro de 1889, a *Revista de Portugal* iniciava a divulgação dos artigos. É possível que a folha agora descoberta junto ao longo manuscrito d'*A Ilustre Casa de Ramires* pertença a uma das «Notas» desactualizadas, rejeitadas pelo editor. A ser verdadeira a numeração, o manuscrito a que corresponde esta folha teria de ser bastante grande. Comparando: o artigo mais longo de Eça na *Revista de Portugal*, «Novos factores da política portuguesa» consta, no manuscrito, de 53 páginas

⁸¹ Eça de Queirós, *Correspondência*, leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho. 1.º vol, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 624.

⁸² Carta de 6 de Outubro de 1889. *Idem*, p. 632. A expressão «Ruços, além» afigura-se um erro de transcrição da carta. Em «Ruços alem» Eça quererá dizer «homens encanecidos, marchem».

⁸³ Carta de 22 de Outubro de 1889. *Idem*, vol. 2, p. 9.

autógrafas, resultantes em 16 páginas na revista; «El-Rei D. Luís», cinco páginas na revista, resultou de onze folhas, estudadas por Maria Helena Santana na edição crítica de *Textos de Imprensa IV (da «Revista de Portugal»)*. O número «95» teria de corresponder, portanto, a um bloco que conteria mais do que um artigo.

Uma outra hipótese, descartando-se o factor numeração por ser demasiado alta, é a de esta folha ter pertencido a um rascunho do artigo fúnebre «El-rei D. Luís», publicado sem identificação de autor por menção expressa de Eça de Queirós a Silva Gaio. O Director da revista poderá, num primeiro momento, ter pensado em publicá-lo como «Nota do Mês», com a assinatura «João Gomes» desta folha fragmentária e, depois, decidido votá-lo ao total anonimato. A circunstância de este manuscrito apresentar sinais de ter sido machucado pode indicar a intenção, por parte do autor, de destruir um rascunho, que mais tarde foi recuperado. No entanto, embora o tom do discurso, no pretérito, leve a crer que se trata de um elogio fúnebre, não corresponde ao texto dedicado a D. Luís publicado na *Revista de Portugal*.

2.19. 1892: NOTAS CONTEMPORÂNEAS — «O CAMINHO-DE-FERRO DE JERUSALÉM»; «COLOMBO E O SEU CENTENÁRIO»

As duas crónicas, com a epígrafe comum «Notas Contemporâneas», estiveram esquecidas durante cento e dezasseis anos e são agora publicadas em livro pela primeira vez.

Partindo de um recorte de jornal, *hors-texte* da primeira edição do *Eça de Queirós — In Memoriam*, com a legenda «A Correspondência de Fradique Mendes — Uma prova emendada por Eça de Queirós», foi possível identificar acrescentos nas margens, correcções e numeração do punho do autor em tudo semelhantes aos apostos em outros recortes utilizados por Eça para retomar textos jornalísticos e transformá-los em cartas de Fradique Mendes não publicadas nas edições da *Revista de Portugal* e da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Reportamo-nos apenas às cartas surgidas na *Gazeta* que, não tendo

sido escritas com o propósito de fazer parte da epistolografia fradiquista e tendo sido primitivamente crônicas de imprensa, surgiram transformadas na primeira edição d'*A Correspondência de Fradique Mendes* de 1900 como cartas de um homem que nunca existiu.

A comparação do recorte com aquela edição do *In-Memoriam* permitiu encontrar o texto modificado: trata-se da carta «XI — A Mr. Bertrand B. — Engenheiro na Palestina», primeira da série inédita do volume, uma vez que as dez anteriores tinham saído previamente em diversas publicações e as que se lhe seguiam estavam todas identificadas como resultantes do reaproveitamento de textos jornalísticos: a carta a Bertrand B. era, até então, considerada como sendo a única original do livro de 1900.

Em 1990, Elza Miné, revelou que a «Carta a Bento de S.», n.º xv d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, resultara da transformação, por eliminação de alguns trechos e desenvolvimento de outros, de uma crônica sem título saída na *Gazeta* entre 26 e 28 de Abril de 1894, retomada com variantes na *Revista Moderna* (25-7-1897, pp. 69-71) em «Crônica. Carta a Bento», de novo retomada em *O Jornal do Comércio* (2-10-1897, pp. 1-2) apresentando no título o tema tratado, «O Jornal. Carta a Bento»⁸⁴. Sabia-se, desde a primeira sistematização dos textos de Eça publicados no jornal do Rio de Janeiro, feita por Manuel Bandeira, que outras cartas de Fradique tinham tido origem nas páginas da *Gazeta de Notícias* e no seu Suplemento Literário: «Quinta de Frades» (n.º 208, 27-7-1892) e «Padre Salgueiro» (n.º 164, 13-6-1892) transmudaram-se nas cartas XII e XIV «A Madame de Jouarre» (pp. 204-212 e 218-227 da *Correspondência de Fradique Mendes*, 1900) e que de «Temas para versos I» (2-4-1893) resultara parcialmente a «Carta a Manuel» de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes* (1929). As três restantes pertencem ao conjunto «Cartas de Amor», que

⁸⁴ V. Elza Miné, «Pecados, virtudes e vícios dissolvente do jornalismo» in *Páginas Flutuantes — Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, pp. 91-107.

ficaram na tradição como «Cartas a Clara», facilmente identificáveis no acervo do jornal carioca⁸⁵. Com o fim do Suplemento Literário da *Gazeta*, em Junho de 1892, e depois de um intervalo nos meses de verão, Eça terá desejado continuar a colaboração regular com aquele periódico, tendo recuperado o antigo pseudónimo «João Gomes» para novas «Notas» mensais, desta vez subintituladas «Contemporâneas».

Através desse pseudónimo aconteceu o encontro de «Notas Contemporâneas — O caminho-de-ferro de Jerusalém»⁸⁶ no número 290 da *Gazeta de Notícias* de 17 de Outubro de 1892, encontro possibilitado pelo generoso empréstimo de Elza Miné do microfilme do jornal, e aumentou a possibilidade de existência de mais crónicas esquecidas de Eça. A continuação da leitura do segundo semestre de 1892 da *Gazeta* levou à descoberta de outro texto com as mesmas características de epígrafe e assinatura, publicado no número 261 de Domingo, 18 de Setembro daquele ano, «Colombo e o seu centenário», este inteiramente desconhecido⁸⁷, talvez por não ter sido aproveitado por Eça para nova composição.

A *Correspondência de Fradique Mendes* foi dada a público pouco mais de um mês após a morte de Eça. Não existem certezas sobre quem fez a revisão final do volume nem sobre qual era a última vontade do autor quanto aos critérios de organização das cartas de Fradique. As transformações no recorte do *In Memoriam* permitem apenas concluir que, se acaso reviu todo o volume, Eça fê-lo sobre provas de página, como era seu hábito: o texto que agora podemos ler em cada um dos suportes — jornal, recorte e edição em livro — difere dos outros dois⁸⁸. Na crónica, a crítica amargurada do autor quanto

⁸⁵ Cf. Manuel Bandeira, «Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira», in *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa/Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 173-174.

⁸⁶ Publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

⁸⁷ Este texto foi divulgado na edição do jornal *Expresso* de 12 de Julho de 2008 com o título «Crónica de um achamento».

⁸⁸ Como exemplo, um só período, na *Gazeta de Notícias*: «Todos os deuses nascem no Oriente — mas a Palestina foi decerto a residência mais

aos avanços do progresso numa terra onde deveria reinar a *espiritualidade* excede o comentário mais tardio e mais sarcástico da carta, cujo destinatário, uma personalidade aparentemente real, Bertrand B.⁸⁹, recebe em discurso directo as frias considerações do ficcional Fradique Mendes, segunda máscara dissimuladora do autor para duas variações sobre o mesmo tema, a que não faltam ecos d'*A Relíquia* e da nostalgia de uma remota viagem ao Médio Oriente, maculado por um elemento hostil à paisagem contemplada em 1870. O comboio vinha, passados vinte anos, arruinar as memórias daqueles lugares santos, sagrados para quem os admirara com os olhos da juventude. A alteração do título é um efeito da passagem do tempo entre a primeira redacção — ditada e datada pela notícia — e a rescrita do texto⁹⁰; mas é também a consequência da mudança do público-alvo e do objectivo estético do autor: o acontecimento descrito na crónica dirigia-se a um público passageiro, que esperava de Eça de Queirós a análise quase imediata de um facto da sua actualidade; a intenção da carta não se gastou com a passagem do tempo — o autor eliminou a data da inauguração do caminho-de-ferro, esvaziando a carta de referentes temporais, mantendo a sua opinião sobre os benefícios e malefícios do progresso num contexto literário diferente.

O mesmo progresso levado quatrocentos anos antes pelas naus portuguesas e espanholas, retirando todo um continente

grata da divindade»; no *In-Memoriam*: «Os deuses nascem sempre no Oriente — mas a Palestina foi decerto a residência preferida da divindade»; em *A Correspondência de Fradique Mendes*, «Sempre a Palestina foi a residência preferida da Divindade».

⁸⁹ No seu estudo «Eça de Queirós e os Amzalak» Inácio Steinhardt identifica um dos directores da Companhia de caminhos-de-ferro da Palestina, H. de Bertrand, sendo possível que este nome, transmudado em «Bertrand B.», tenha servido a Eça para a dissimulação da personagem real.

⁹⁰ Segundo o jornal científico *La Nature*, na sua edição de 15 de Outubro de 1892, o caminho-de-ferro da Palestina foi inaugurado a 25 de Setembro.

da sua «obscuridade ditosa», classificativo empregado por Eça para em «Colombo e o seu centenário», fazer a apologia da América pré-colombiana e a ironia das comemorações dos grandes homens.

A série «Notas Contemporâneas» e a utilização do pseudónimo «João Gomes» terminariam em 28 de Novembro de 1892 com a publicação de «Os Grandes Homens de França». A epígrafe deste artigo deu a Luís de Magalhães a sugestão para o título do volume de dispersos editado em 1909. Magalhães conhecia «O caminho de ferro de Jerusalém», através de recorte da *Gazeta de Notícias*, hoje na Fundação Eça de Queiroz. Em nota que apôs a esse recorte, manifesta as suas dúvidas, que o levaram a não incluir o texto em *Notas Contemporâneas*. «Para mim é fora de dúvidas que este artigo é do Eça, entretanto só poderei ter a certeza plena depois da verificação a que procedo no Rio de Janeiro. Parece-me que o Eça usou este pseudónimo na *Revista de Portugal*.» Os textos agora apresentados são transcritos do original da imprensa carioca. «Colombo e o seu centenário», por ser baseado num testemunho único, não necessita de qualquer nota em aparato crítico; «O caminho-de-ferro de Jerusalém» é apenas anotado naqueles lugares em que o recorte do *In Memoriam* varia relativamente à crónica da *Gazeta de Notícias*, e as respectivas variantes de 1900, reservando-se o seu aparato crítico completo para o volume da edição crítica de *A Correspondência de Fradique Mendes*.

2.20. 1895: [JOÃO DE DEUS]

Nascido em São Bartolomeu de Messines em 1830, o poeta e pedagogo João de Deus morreu em Lisboa em Janeiro de 1896. Em 8 de Março de 1895, data do seu último aniversário, os estudantes portugueses fizeram-lhe uma grande homenagem nacional. Associando-se ao evento, as colónias portuguesas e brasileiras em Paris prestaram-lhe tributo num luxuoso *número único* organizado por Xavier de Carvalho, correspondente do jornal *O Século* na capital francesa. O álbum teve a colaboração, entre outros, de António Nobre, Jayme de Séguier e Alves da Veiga;

Óscar da Silva contribuiu com uma partitura musical; Júlio Ramos, Eduardo Moura e Silva Pinto fizeram as ilustrações ⁹¹.

Eça de Queirós contribuiu com um texto sem título, datado de 22 de Fevereiro, apologia do poeta e do homem, «espécie de prefácio» da publicação, como o caracterizou Guerra da Cal ⁹². Machado da Rosa recuperou o texto em 1965 e atribuiu-lhe o título «João de Deus (‘Os de Paris a João de Deus 1895’)», usado por Livros do Brasil em 1981 e nas edições seguintes. O texto base é o de 1895, cotejado com as edições de 1965 e 1981, cujas variantes, sobretudo de pontuação, se anotam no aparato crítico.

O texto foi reproduzido várias vezes durante a vida de Eça em jornais e almanaques, sem que o autor tenha desautorizado nenhuma das publicações.

2.21. 1895: *UM NOVO PLANO DE ALMANAQUE; ALMANAQUES*

No espólio de Eça de Queirós da Biblioteca Nacional de Portugal existem diversos materiais relacionados com a génese do *Almanaque Enciclopédico* para 1896 e 1897 — «Apontamentos vários» e «Apontamentos de História, Literatura e outros», por exemplo, listas de temas para rubricas dos almanaques — sendo o mais interessante o manuscrito com a cota E¹/253C, que agora se publica ⁹³, uma reflexão de Eça de Queirós sobre o que considerava serem as insuficiências dos almanaques da época e um possível modo de as corrigir para que as informações por eles divulgadas tivessem um carácter mais pedagógico. O título atribuído às anotações, «Um novo plano de Almanaque», indica a intenção de pôr em prática as considerações dos apontamentos.

⁹¹ V. «Les Portugais de Paris» in *Le Moniteur des Consulats — Revue Diplomatique*, Paris, n.º 10, 17^{ème} année, 10 mars 1895, p. 4.

⁹² Cf. *Bibliografia Queirociana*, tomo 1.º, n.º 981, p. 273.

⁹³ Manuscrito com quatro folhas, 11,5 cm × 15 cm, escritas a lápis e numeradas no rosto pelo autor. Transcrito em *Aquisições Queirocianas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007, pp. 82-84.

Durante uma estada em Portugal em 1895, Eça iniciou a tarefa de compor para o editor António Maria Pereira um Almanaque que, fosse, à maneira dos almanaques franceses da livraria Hachette, uma pequena enciclopédia popular; teve como colaboradores principais Henrique Marques e José Sarmento. Este último lembrava nas suas memórias a intenção do *Almanaque Enciclopédico*: «[...] alegre, loquaz, servindo todos, com presteza e singeleza, pondo diante de todos os olhos as coisas simples que as Ciências tornam tão complicados e estéreis.»⁹⁴ O prefácio desse volume — a que Eça chamava, como quase sempre chamou aos seus prefácios, prólogo — foi escrito em Outubro de 1895 e, no impresso, teve como título «Almanaques».

O manuscrito respectivo, uma primeira redacção com emendas autorais, esteve perdido até dar entrada na Biblioteca Nacional em 2001. Ernesto Guerra da Cal mencionara na *Bibliografia Queirociana* o artigo «Um trecho inédito de Eça de Queirós», publicado na revista *Ver e Crer*⁹⁵. O trecho — transcrição das páginas 121 a 125 do manuscrito — era uma passagem eliminada por Eça no *Almanaque Enciclopédico para 1896* e, como ilustração, a revista apresentava em fac-símile a página 124 do autógrafo que, segundo a *Ver e Crer*, estava «na posse de um bibliófilo nosso amigo». A transcrição do manuscrito foi publicada pela Biblioteca Nacional sem aparato genético; na sua análise encontraram-se quinhentas e cinquenta variantes entre o autógrafo e o texto que constituiu a tradição impressa⁹⁶.

«Almanaques» foi publicado no *Dicionário de Milagres* da Livraria António Maria Pereira em 1900, após a morte de Eça de Queirós. Mais tarde, em 1909, Luís de Magalhães integrou-

⁹⁴ V. José Sarmento, *Cidade de Mármore*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1937, p. 242.

⁹⁵ *Ver e crer — cada assunto vale um livro*, n.º 19, Novembro de 1946, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, pp. 8-9. Um ano antes, em Novembro de 1945, a *Ver e Crer* publicava diversos ensaios dedicados ao centenário do nascimento de Eça de Queirós.

⁹⁶ Eça de Queirós, *Almanaques*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001 (introdução de Carlos Reis; transcrição e nota prévia de Irene Fialho).

-o na recolha *Notas Contemporâneas* da editora Lello & Irmão, de onde transitou para o volume com o mesmo título de Livros do Brasil em 1970. As variantes destes três testemunhos, cotejados com o texto do *Almanaque Enciclopédico* são apresentadas no aparato crítico.

2.22. 1896: *UM GÊNIO QUE ERA UM SANTO*

«Um génio que era um santo» é um dos três textos biográficos dedicados por Eça de Queirós a amigos seus — os outros dois, a Ramalho Ortigão e a Eduardo Prado, porém, foram publicados em vida dos retratados e não atingem a carga emocional e autobiográfica da evocação de Antero de Quental. Publicado no volume conjunto de homenagem *Antero de Quental. In Memoriam*, tem o n.º 25 e ocupa as páginas 481 a 522, sendo o mais longo do livro. Em vida de Eça foi reproduzido na revista *Branco e Negro* e logo após a sua morte teve um extracto no *Almanaque Ilustrado do Brasil-Portugal para 1901*. Na recolha *Notas Contemporâneas* organizada por Luís de Magalhães o título foi mudado para «Antero de Quental» que tem constituído a tradição das edições da Lello & Irmão e Livros do Brasil, onde surgiu em 1970.

Para a edição crítica transcreveu-se o texto de 1896, que se cotejou com os testemunhos póstumos acima referidos, identificados no aparato como 1909 e 1970. Na Biblioteca Nacional de Portugal existe um manuscrito, com a cota BN Esp. E¹/294. Trata-se de um fragmento autógrafo a tinta, com 57 folhas escritas de um só lado, numeradas no rosto de 5 a 60, com a numeração 56 repetida em duas delas; o fólio 54 tem a numeração errada 34. O fragmento corresponde, grosso modo, ao texto contido entre as páginas 482 e 498 do *In Memoriam* de 1896. Guerra da Cal identificou a falta de quatro folhas do início do texto e outras seis do final; se não atendermos à numeração tardia mas sim à extensão do texto impresso, devem faltar muitas outras folhas do final, uma vez que o princípio do texto do fólio numerado 5 corresponde a apenas uma página do impresso de 1896 e o restante texto da primeira edição, a partir do ponto em que

o manuscrito se silencia, tem mais 24 páginas. As páginas do manuscrito hoje conhecido podem equivaler a uma parcela semelhante à que Joaquim de Vasconcelos descreve a Luís de Magalhães, em carta de 11 de Fevereiro de 1895: «Envio hoje ao Eça — registada — a primeira remessa de provas, correspondente a 60 (sessenta) páginas do manuscrito, depois de feita a 1.^a revisão. [...] O Queiroz vai-se entretendo com a 1.^a remessa, como hoje lhe disse, em carta, pedindo-lhe que não a demore.»⁹⁷ Para a preparação desta edição transcreveu-se o manuscrito, que se confrontou com o texto-base para reconhecimento do trabalho do autor sobre o discurso. Neste manuscrito E¹/294 reconhecem-se numerosas variantes de autor já referenciadas por Ernesto Guerra da Cal quando examinou o autógrafo em Tormes⁹⁸. Eça eliminou, sobretudo, passagens mais pitorescas e até anedóticas que desvirtuariam o tom do discurso⁹⁹. Até à sua versão final o texto terá sofrido outras transformações que não devem esgotar-se nas variantes identificáveis no confronto entre o manuscrito da BN e o texto de 1896.

Antero suicidou-se em 11 de Setembro de 1891: a *Revista de Portugal*, que Eça dirigia, anunciou, no início do seu quarto volume, a edição de um número extraordinário, especialmente

⁹⁷ V. *Antero de Quental e a génese do In Memoriam*, leitura, transcrição, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura, 2001, p. 259.

⁹⁸ Cf. Ernesto Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, tomo 1.º, n.º 1425, p. 436.

⁹⁹ Um breve exemplo, numa passagem do |fl. 19| em que a adjectivação, aplicada ao sujeito narrador, pessoaliza comicamente a frase: «Formoso tempo, todavia, esse, em que eu, sempre ignorante, mas amando religiosamente a Sciencia dos outros [passava a noite sob a janella allumidada d'um companheiro, e gritava para cima, com profundo interesse e respeito: — Oh menino, estas na Índia? Chaldêa.] perguntava, a um camarada com os olhos esbugalhados, de respeito e Santa inveja: «— Oh |fl. 20| menino, tu conheces bem a Chaldêa?», transformada, no impresso de 1896, em: «Formoso tempo, todavia, esse, em que eu, ignorante, mas amando religiosamente a Sciencia dos outros, perguntava a um camarada, com os olhos esbugalhados de respeito e santa inveja: — «Oh menino, já conheces bem a Chaldêa?»».

dedicado a Antero de Quental¹⁰⁰. Enquanto Director da *Revista*, Eça terá aprovado o número suplementar, sugerido pelo Secretário de Redacção, Luís de Magalhães, que talvez a salvasse de se extinguir de imediato. Declarava-se no entanto incapaz de escrever «um estudo do [...] espírito e da [...] obra» de Antero, sentindo apenas forças para escrever «recordações, notas sobre o Homem.»¹⁰¹

A *Revista de Portugal* deixou de ser publicada no Verão de 1892 e o projecto de tributo a Antero — para o qual Luís de Magalhães já fizera contactos, tendo na sua posse textos de vários colaboradores — transitou para um volume autónomo, de sua responsabilidade e de Joaquim de Vasconcelos, com publicação na mesma casa editora, a Genelioux & Lugan, do Porto, que entretanto transitou para a posse dos irmãos Lello. O *In Memoriam* de Antero só foi posto à venda em Julho de 1896, em grande parte por responsabilidade de Eça de Queirós e dos seus atrasos no envio do texto definitivo que constituía a grande contribuição para a homenagem ao amigo¹⁰².

2.23. 1898: [A DUSE]

Texto curto, sem título, como outros produzidos para figurarem em obras colectivas, foi publicado numa brochura de

¹⁰⁰ Segundo Ana Maria Almeida Martins, a «ideia de editar um número extraordinário da *Revista* dedicado à memória de Antero de Quental que fora também um dos seus colaboradores quando no Inverno de 1890, aí publicara as *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*» deveu-se a Luís de Magalhães. V. Ana Maria Almeida Martins, «Prefácio» a *Antero de Quental — In Memoriam*, Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 2.^a ed., 1993, p. ix.

¹⁰¹ Eça de Queirós, *Correspondência* (2.^o vol.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 189.

¹⁰² Sobre as vicissitudes por que passou a publicação do volume de homenagem, veja-se o já citado *Antero de Quental e a génese do In Memoriam*, leitura, transcrição, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura, 2001.

homenagem à cantora lírica Eleonora Duse (1858-1924) quando esta se apresentou no Teatro D. Amélia — hoje S. Luís — em Lisboa.

Ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro, o volume de oito folhas *in quarto* — da Tipografia e Litografia da Companhia Nacional Editora — teve a colaboração, entre outros, dos escritores Maria Amália Vaz de Carvalho, Tomás Ribeiro, Fialho de Almeida, Henrique Lopes de Mendonça, José de Azevedo Castelo Branco, Macedo Papança, João da Câmara, Eduardo Schwabach, Ramalho Ortigão, Eduardo de Noronha, Consigliere Pedroso, Marcelino de Mesquita e da actriz Lucinda Simões.

Sem data de edição, a maioria dos artigos indica Abril de 1898. O de Eça, especificamente, 23 de Abril, em concordância com uma carta dirigida pelo escritor a sua mulher no dia anterior; de Lisboa, Eça diz: «Esta infernal Duse *sévit encore*. Eu agora também a frequento — porque a Empresa de D. Amélia me presenteou com uma entrada de favor. Mas só lá apareço tarde, no final das peças. Não percebo italiano — e a arte da Duse não me encanta, apesar de sentir que há génio na Artista.»¹⁰³

O texto foi publicado por Ernesto Guerra da Cal na primeira edição de *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz* com o título «À Duse» e as variantes agora apresentadas em aparato crítico. Guerra da Cal incluiu nessa sua edição uma frase intitulada «Deus-Duse», o subsídio de Lorjó Tavares — tradutor, director da revista ilustrada *Brasil-Portugal*, comediógrafo e publicista (1857-1939) — para o volume dedicado à cantora. Embora Guerra da Cal tenha retirado esta frase da versão definitiva do seu ensaio, a tradição, baseada na primeira edição, tem repetido o engano e «Deus-Duse» surge nas edições correntes como epígrafe ao texto de Eça. O original foi cotejado pelas duas edições de Guerra da Cal e por *Últimas páginas dispersas* de 1981.

¹⁰³ Eça de Queirós, *Correspondência* (2.º vol.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, pp. 435-436.

2.24. [SEM DATA]: *FACTOS, IDEIAS, IMPRESSÕES, ANEDOTAS — [A VIDA INGLESA]*

Lista de tópicos para possível desenvolvimento posterior, distribuídos por seis folhas autógrafas cosidas em caderno, escritas a tinta negra de ambos os lados com grandes margens e espaçamentos — algumas páginas apresentam apenas poucas linhas escritas — mas sem numeração. O manuscrito encontrava-se em Tormes quando Ernesto Guerra da Cal lhe atribuiu o título que acompanha a sua curta tradição editorial: [La vida Inglesa] ¹⁰⁴ e está hoje depositado na Biblioteca Nacional sob a cota Esp. E¹/268.

Publicado por Américo Guerreiro de Sousa em «Eça de Queirós e a Inglaterra — uma relação ambivalente» ¹⁰⁵, artigo do ano centenário de 2000, os critérios seguidos pelo editor recomendam nova leitura que aqui se apresenta. Por exemplo, a edição de 2000 começa por reproduzir o manuscrito na ortografia da época em que foi produzido, inclusive no que respeita à acentuação — «Historia d’um philosopho», «A musica, a musica d’egreja e de teatro» — mas não respeita indicações do autor nos casos de itálicos e outras marcas estilísticas; por outro lado, insere comentários pessoais na mancha da transcrição — «*Stifness* (*sic*: obviously stiffness)» — provocando alguma confusão entre o texto do autor e o do transcritor.

Desconhecem-se os motivos que terão levado Eça a traçar estes apontamentos ou sequer a data da sua produção, que rondará a década de 1890. O desenvolvimento poderia destinar-se a uma publicação periódica em preparação — o inventário da Biblioteca Nacional aponta o malogrado projecto de «O Serão» — ou concretizada: dadas as características dos apontamentos, a *Revista de Portugal* seria suporte preferencial, mas não se descar-

¹⁰⁴ Cf. *Bibliografia Queirociana...*, tomo 1.º, Coimbra, Universidade de Coimbra, p. 443, n.º 1.442.

¹⁰⁵ *Revista Camões*, n.º 9-10, Abril-Setembro de 2000, pp. 27-33.

ta a hipótese de divulgação num dos Almanques Enciclopédicos, uma vez que tanto a temática como a estrutura do esboço manuscrito se enquadram no projecto editorial.

3. CRITÉRIOS DE FIXAÇÃO DO TEXTO CRÍTICO

Foram seguidos, geralmente, os critérios da Edição Crítica da Obra de Eça de Queirós:

1. Fixaram-se pelo manuscrito os autógrafos deixados inéditos por Eça, tendo sido actualizada a ortografia na mancha do texto, mas mantendo-se a do autor nos casos de variantes anotadas a partir de manuscritos. Actualizou-se a ortografia dos impressos.

2. Mantiveram-se as opções tipográficas (maiúsculas ideológicas *vs.* minúsculas) de acordo com a última vontade do autor ou, no caso de esta ser desconhecida, com o primeiro impresso póstumo.

3. Mantiveram-se os estrangeirismos, apresentados de acordo com o uso da época em que os textos foram escritos e com a opção gráfica e/ou estilística de Eça de Queirós, mesmo nos casos em que o vocábulo foi posteriormente incorporado no léxico da Língua Portuguesa.

4. Nos casos de oscilação das formas sincréticas respeitaram-se as variantes ortográficas ainda hoje consentidas pela norma: ditongos <ou> e <oi>, que funcionam como variantes fonológicas equivalentes (ouro/oiro).

5. As formas grafadas com apóstrofo foram, sempre que possível, actualizadas por contracção (d'um/dum; n'uma/numa)

6. Pontuação: mantém-se a pontuação original, mesmo quando não obedece às normas actuais, nomeadamente no uso da vírgula e de dois pontos seguidos de hífen. Apenas se altera em manifesto *lapsus calami* ou gralha tipográfica, em que a omissão ou troca de sinais perturba a compreensão do texto. A correcção indica-se no aparato crítico.

7. Os erros explicáveis por *lapsus calami* corrigem-se com anotação no aparato crítico.

8. No aparato crítico, as identificações das edições cotejadas com os originais, bem como as notas de editor surgem entre colchetes [].

9. Nos casos em que as anotações exigem aparato genético, utilizaram-se os sinais adoptados para a Edição Crítica de Eça de Queirós, sobretudo riscados — entre colchetes [] — e acrescentos — entre parêntesis angulares < >.

10. Do mesmo modo, as indicações de títulos atribuídos por terceiros surgem entre colchetes [].

11. Apresentam-se a negrito as lições conjecturadas quando se trata da transcrição de manuscritos e das correcções de palavras em impressos.

TEXTO CRÍTICO

1. (1870) — Palavras sobre o Jornalismo Constitucional

A República — Jornal da democracia portuguesa, n.º 7, Julho 1870, Lisboa, Tipografia Democrática da Calçada de S. Francisco, pp. 10-13.

Oliveira, Lopes de, *Eça de Queiroz: a sua vida e a sua obra*. Lisboa, Vida Mundial Editora, 1944, pp. [395]-401. (Citada a 2.ª ed., Lisboa, Edições Excelsior, s. d. [1966], pp. [395]-401.)

Obras de Eça de Queiroz, vol. IV (introdução e fixação dos textos por Aníbal Pinto de Castro), Porto, Lello & Irmão — Editores, 1986, pp. [1000-1004].

III — Palavras sobre o jornalismo constitucional

Se fosse possível a uma idade futura perder a memória do que foi Portugal de 1850 a 70, a sua decadência, o abaixamento dos seus espíritos, o expediente da sua vida, bastariam, para revelar com nitidez toda essa época, uma colecção de jornais, um jornal só desta imprensa superficial, constitucional e *boémia* que é a consciência escrita das nossas misérias.

Um jornal nasce, não como a expressão duma ideia, dum sistema, mas como advogado de situações individuais e de ambições atacadas, vive sem consciência, sem filosofia, sem pensamento, sem gramática, desaparece como um som inexpressivo, sem ter deixado uma ideia, a memória eloquente de uma discussão, uma crítica justa das coisas, uma definição ou um dito.

4: bastaria, [*A crescentou-se a vírgula, que não surge em 1870*] bastaria [1966; 1986]

5: essa época,] [*A crescentou-se a vírgula, que não surge em 1870*]

6: um jornal só] um jornal só, [1966; 1986]

7: imprensa superficial, constitucional e *boémia*] Imprensa superficial, constitucional, e *boémia*, [1966; 1986]

10: ambições atacadas,] ambições atacadas: [1966; 1986]

11: sem gramática,] sem gramática; [1966; 1986]

12: sem ter deixado] nem ter deixado [1986]

12-13: de uma discussão,] duma discussão, [1986]

15 Sem corresponder a uma convicção, a um regímen, ou é
 produzido pelas necessidades de preguiça do espírito público
 que prefere para comodidade da sua compreensão uma notícia
 a uma ideia, ou ainda para defender sem lógica, sem justiça,
 sem verdade, desde os decretos até às anedotas, de cinco sujei-
 20 tos que pelos acasos constitucionais, alcançaram cinco ministé-
 rios; neste caso é pago pelos fundos secretos, um ministro re-
 dige o primeiro artigo, outro faz o folhetim e as calúnias, e o
 resto é abandonado a um desses ambiciosos desempregados que
 tem uma gramática de acaso.

25 Como não saem dum princípio, da fé que se pode pôr
 numa ideia, não têm individualidade, nem lógica, nem acção
 determinada, nem probidade pública: são uma voz sonora e
 enfática que serve todas as opiniões, advoga em nome de todas
 as situações, dá-se a todos os grupos ambiciosos e flutua sono-
 30 lentamente do ministério A para o ministério B, agarrando
 aqui num subsídio, além um lugar de funcionário, por toda a
 parte o desdém.

O que mais desconhecem, repelem e temem é a Justiça: a
 conveniência, o seu pequeno interesse, é que fazem a crítica
 35 das coisas: mesmo na esfera do seu interesse não tem lógica,
 coerência: é uma imprensa constitucional em que velhas frases

15: a um regímen,] de um regímen, [1966]

16-17: do espírito público que prefere] do espírito público, que prefere, [1966; 1986]

17: da sua compreensão] da sua compreensão, [1966; 1986]

18: para defender sem lógica,] para defender, sem lógica, [1966; 1986]

20: até às anedotas, de cinco sujeitos que] até às anedotas de cinco sujeitos, que,
 [1966; 1986]

23-24: ambiciosos desempregados] ambiciosos desempregados, [1966]

23-24: que tem] que têm [1986]

25: da fé que] da fé de que [1966; 1986]

26: não têm individualidade,] não tem individualidade, [1870; 1966; 1986]

27: são uma voz] é uma voz [1966; 1986]

31: num subsídio,] um subsídio, [1986]

33: O que mais desconhecem,] O que mais desconhece, [1966 e 1986; não deixam
 intervalo entre os parágrafos]

34-35: a crítica das coisas:] a crítica das coisas. [1966; 1986]

36: imprensa constitucional] Imprensa constitucional [1966; 1986]

republicanas encobrem o desprezo pela Carta: é monárquica e a todo o momento, ridiculariza com graves fórmulas de respeito o que se chama a família real: é católica mas tem o amor das
40 opiniões liberais e se tivesse espírito seria voltairiana.

Não tem um fim, não persegue a realização de uma ideia, não tem uma vontade pertinaz e lógica: vive do acaso, flutuante, cheia de palavras, ora especulando com o que o espírito público tem de mais trivial, de mais preguiçoso e rotineiro,
45 outras vezes com o que ele tem de mais nobre, com o elemento revolucionário que existe no fundo de todas as consciências.

A sua ignorância é deplorável: não conhece os movimentos modernos nem na política, nem na ciência, nem na economia. Vive longe do rumor fecundo das ideias, dos sistemas,
50 isolada no culto dos velhos provérbios idiotas.

As altas questões nacionais, não as compreende, não as conhece, ou apenas conhece as palavras, mas ignora as coisas, as suas aplicações e as suas relações. Não levanta uma questão de ideias, uma questão de filosofia política ou de história; as
55 suas questões são de indivíduos, de nomes, deste que tem o cabelo louro, contra aquele que não tem cabelo de cor nenhuma: nesse mesmo campo, não aprecia os caracteres, as tendências, as ideias que possam estar por trás dos homens, as educações, os temperamentos: ou tem glorificações ridículas, ou
60 calúnia, insulta e toca a rebate para que se repare na corcunda do inimigo: e no fim dum ano um jornal é uma colecção de questões de família — impressas. Não trata mesmo as questões

37-38: é monárquica e a todo o momento,] é monárquica, e a todo o momento [1966; 1986]

40: a família real: é católica mas tem o amor das opiniões liberais e se tivesse espírito] a Família Real: é católica, mas tem o amor das opiniões liberais e, se tivesse espírito, [1966; 1986]

41: não persegue] não prossegue [1966; 1986]

47-48: movimentos modernos] movimentos modernos, [1966; 1986]

50: dos velhos provérbios idiotas.] dos velhos privilégios idiotas. [1966; 1986]

51-52: não as conhece,] nem as conhece, [1966; 1986]

61: e no fim dum ano] e, no fim do ano, [1966; 1986]

61-62: é uma colecção de questões de família — impressas.] é uma colecção de questões de família impressas. [1966; 1986] [*Em 1870: e uma colecção. Aceita-se a lição da tradição.*]

práticas, com a louvável especialidade de relatórios: não; a sua crítica política é uma velha retórica clássica, uma ligação casual
65 de antigos períodos, onde se cita Roma, e ao pé de cada ponto e vírgula, se mostra ao público, com grande alarido, de pé e empalhado Cincinatus!

Não tem dignidade e aceita regularmente e com satisfação o desdém com que é recebida. Tem a consciência do seu abai-
70 xamento, vive confortavelmente nele, conhece-lhe a miséria e aceita-lhe o lucro.

A sua moral é o sucesso: a sua habilidade é evitar a polícia correccional: a sua independência é atacar os triunfadores que não pagam: a sua glória são as demissões que provoca e que
75 obtém. Como a burguesia donde nasce e que a criou, é sobretudo negociante: como a burguesia que numa ideia só vê o juro que ela pode dar, a imprensa só aprecia na política o subsídio que ela rende.

Como a tolerância da burguesia, a tolerância da imprensa é a prostituição da consciência; como a burguesia, a imprensa é patriota porque receia perder (funcionários despedidos, auto-
80 ridades substituídas, etc.): como a burguesia a imprensa detesta a desordem que parte os vidros, mas ama a desordem moral que produz a intriga, o favoritismo, a corrupção e o abuso das
85 maiorias.

De resto, nem sequer tem as qualidades da forma, nem sequer é literária. O seu estilo é banal, frouxo, gasto, passado. As velhas frases ridículas de mr. Prudhomme, são ainda o fundo mais sério do estilo nacional.

65: e ao pé] e, ao pé [1966; 1986]

66-67: e empalhado Cincinatus!] e empalhado — Cincinatus! [1966; 1986]

68: Não tem dignidade] Não tem dignidade, [1966; 1986]

75: Como a burguesia] Como a burguesia, [1966; 1986]

76: como a burguesia] como a burguesia, [1966; 1986]

77: a imprensa] a Imprensa [1966; 1986]

79: da imprensa] da Imprensa [1966; 1986]

80-81: a imprensa é patriota] a Imprensa é patriótica, [1966] a Imprensa é patriota, [1986]

82: etc.): como a burguesia a imprensa] etc.); como a burguesia, a Imprensa [1966; 1986]

90 A retórica substitui a crítica: a declamação está em lugar da lógica e pelas páginas de cada jornal estendem-se, como uma infinidade de regatos de água tépida, insalubres e vagarosos, toda a sorte de dizeres pomposamente tolos e pretensiosamente enfáticos.

95 Se tivesse ao menos o espírito fino, delicado, mordente, ágil. Mas não. A sua graça é brutal, animal, mal pode andar com as suas grossas pernas e o peso da sua gordura. O artigo de fundo é a sua verdadeira criação: é uma alta coluna no jornal: tudo quanto o velho estilo constitucional tem de mais
100 tepidamente banal, tudo quanto a velha região do lugar comum tem de mais explorado e de mais batido — enfileira-se ali em períodos frouxos, uns sobre os outros, especados com advérbios: tudo aquilo se equilibra velho, podre, carunchoso, mole, desfeito: não tem verdade, nem ideia, nem realidade, o
105 espírito de intriga procura sustentar aquela construção, põe cal nas velhas frases anêmicas, chega sais aos adjectivos, que desmaiam de fadiga: de balde! E às vezes para amparar tudo aquilo, para o conservar de pé, é necessário chamar a grandes brados o iberismo, personagem esfalfado, morto de trabalho, de
110 fadigas, que tem uma suprema ambição, que o deixem em sossego, e longe da política — ser grego!

No fim um profundo desdém cerca a imprensa. Ninguém põe fé na sua opinião, ninguém aceita o seu critério: ela fala,

- 90-91: em lugar da lógica] em lugar da lógica; [1966; 1986]
 92: regatos] [Em 1870: rega;tos]
 95-96: mordente, ágil.] mordente, ágil! [1966; 1986]
 96: brutal, animal,] brutal, animal; [1966; 1986]
 103: tudo aquilo se equilibra velho, podre,] tudo aquilo se equilibra, podre, [1966; 1986]
 107: de balde!] de balde! [1870; 1966]
 107: E às vezes] e às vezes [1870] E às vezes, [1966; 1986]
 109: o iberismo,] o Iberismo, [1966; 1986]
 110: suprema ambição,] suprema ambição: [1966; 1986]
 112: No fim] No fim, [1966; 1986]
 112: um profundo desdém] um fundo de desdém [1966; 1986]
 112: a imprensa.] a Imprensa. [1966; 1986]

clama, toca a rebate às portas da Carta, vituperava, sentenciava,
 115 protesta, — que importa? É uma velha prostituta que faz esgares.
 Mas como a imprensa se dirige sobretudo às pessoas, como
 pode destruir uma reputação, manchar um carácter, tem a
 importância dum difamação sempre vigilante e sempre emi-
 nente. É temida: despreza-se e evita-se: mas sorri-se-lhe, e como
 120 se faz à polícia saúda-se amavelmente, com um imenso nojo.

Tal é a imprensa constitucional em Portugal. Sem ideia,
 sem dignidade, sem sistema, sem ciência.

114-115: sentenciava, protesta,] sentenciava, protesta [1966; 1986]

116: Mas como a imprensa] Mas, como a Imprensa [1966; 1986]

119: evita-se: mas sorri-se-lhe, e] evita-se, mas sorri-se-lhe; e, [1966; 1986]

120: à polícia] à polícia, [1966; 1986]

121: a imprensa] a Imprensa [1966; 1986]

2. (1872) — Três Americanos

Almanaque Álbum Ilustrado para 1873, Lisboa, 1872, pp. 26-27.

Diário de Notícias, Lisboa, 1955, 22 de Setembro, p. 6.

Notas Contemporâneas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 407-410.

Três Americanos

Três. Três americanos completos, desde os chapéus até ao génio. Direitos, secos, hirtos, firmes, com o seu andar recto e rijo, o peito saliente, como uma proa segura que corta o destino, os pés largos e vastamente pousados, o ar sério e apressado. Vêm de desembarcar do paquete. É em Lisboa. Só aqui, entre estas figuras incaracterísticas e banais, que amolecem as ruas — as suas pessoas originais têm o relevo pitoresco, e o destaque especial.

Donde vêm? De toda a parte. Para onde vão? Para o dinheiro. Tudo na sua figura revela este caminhar resoluto e direito para o ganho, no rosto, nos gestos, na *toilette*, nas rugas, nas barbas, sente-se a grande vontade americana — lucrar depressa. O nariz erguido fareja subtilmente o metal. O olho firme olha para a frente magneticamente. Os lábios finos contraídos, económicos de palavra, parecem secos da quantidade

6: Vêm de desembarcar] Vem de desembarcar [1872] [*Corrige-se para que a forma verbal concorde com o número do sujeito.*]

7-8: as ruas —] as ruas, [1955]

10: Donde vêm?] D'onde vem? [1872] [*Corrige-se para que a forma verbal concorde com o número do sujeito.*]

12: para o ganho,] para o ganho; [1955; 1970]

16: de palavra,] de palavras, [1970]

de cifras, que têm pronunciado. Os fatos são curtos, cortados, fatos de agilidade e de movimento, que indicam a pressa, a áspera carreira, atrás do *dollar*. Poucas malas que embaracem e retenham a actividade. Um bom *reflard* para as chuvas, um chapéu-capacete para o sol. Como a vida é uma guerra, a *toilette* torna-se uma armadura. Mas sobretudo o andar. É ele que revela o homem de lucro: nada é indolente, distraído, *flâneur*, naquele andar mecânico, conciso e sôfrego: cada passada é um acto de tomar posse, as solas rangem de impaciência. Para que a articulação esteja mais livre põem polainas de linho, as biqueiras arreganhadas têm um ar orgulhoso por serem as primeiras que chegam. As correntes de relógio tilintam de alegria, e a gaze que lhes flutua no chapéu acena vitoriosamente como a bandeira da agiotagem. Vejam-nos bem. O primeiro, o de cá, é dos estados do Sul, da Carolina ou da Luisiana. O sol deu-lhe mais ênfase meridional, é o mais rápido, o mais flexível, o mais pomposo; vai como a coberta de um paquete, os braços parecem duas velas suplementares, e o charuto fumega-lhe como um cano. Tem o chapéu-capacete da Índia e da Austrália. É o mais seco, o mais febril, o mais ardente. Prefere os altos negócios, as empresas de caminhos-de-ferro, a mina de oiro. Vem decerto da Califórnia ou da planura do México, onde há a

19: a áspera carreira, atrás do *dollar*.] a áspera carreira atrás do «dólar». [1955] a áspera carreira, atrás do dólar. [1970]

19-20: embaracem e retenham] embaraçam e retenham [1872] [*Como nas edições da tradição, corrige-se a primeira forma verbal para que concorde com a segunda.*]

20: Um bom *reflard*] Um bom reflard [1955]

20-21: um chapéu-capacete] um chapéu capacete] [1872]

23: *flâneur*,] *flaneur*, [1872; 1970] flaneur [1955]

27: ar orgulhoso] ar orgulhoso, [1955; 1970]

29: que lhes flutua] que lhe flutua [1872] [*Adopta-se a lição da tradição.*]

29: acena vitoriosamente] acena vitoriosamente, [1955; 1970]

30: O primeiro, o de cá,] O primeiro, [1970]

31: estados do Sul,] estados do sul, [1872]

32-33: o mais pomposo;] o mais pomposo: [1970]

33: de um paquete,] de um paquete: [1955; 1970]

35: o chapéu-capacete] o chapéu capacete [1872]

37: as empresas de caminhos-de-ferro, a mina de oiro.] as empresas de caminhos de ferro, a mina de ouro. [1970]

40 prata; com a sua saúde elástica e de *caut-chouc*, dá-se tão bem
nas febres da Bolívia, como no sereno ar de Florença. O Sul
pôs-lhe no cérebro uma ponta de febre. Como prefere os ne-
gócios violentos e aventureiros, quer as orgias desesperadas.
Precisa gastar-se, prodigalizar-se, espalhar-se, exalar-se. É ele que
45 dá nos teatros os pequenos gritos agudos, como ganidos. É ele
que ama os concertos onde se pontua a música com tiros. É ele
o violento, quando o não servem a tempo no restaurante, cra-
va uma navalha nas costas de *Wherter*. É ele que canta
estranguladamente as canções retalhadas e metálicas que pare-
cem um tilintar de libras, seco, musculoso, duro, esguio, adunco,
50 quando não tem uma companhia a fundar, um preto a espan-
car, uma floresta a devassar, vai para casa desesperado, toma
uma cadeira e corta-a aos bocados com um canivete.

O outro é do Norte, grosso, vermelho, forte, leva em si
todo o orgulho da América. Sente-se cheio de honra de ser um
55 cidadão dos Estados Unidos. É por isso que entende que se
deve dar a todos os deveres civis da união; é bruceiro, fundou
uma escola ou um clube, odeia a Inglaterra, masca o inglês,
vota por Grant que se embebeda, e detesta Greeley que só
bebe água. Julga-se obrigado a amar fraternalmente o negro,
60 mas se o encontra no alto de um ónibus ao pé de si, atira-o
nobremente ao lajedo; sente-se ainda nele o *yankee* mal desbas-
tado, tem orgulho nisso, acentua a sua espessura, e põe pontos
e virgulas na brutalidade; se lhe pisam um pé no estrangeiro

39: e de *caut-chouc*,] e de cauchu, [1955; 1970]

40: da Bolívia,] da Bolívia [1955; 1970]

40: O Sul] O sul [1872]

45-46: É ele o violento,] É ele o violento: [1955; 1970]

47: de *Wherter*.] de «Wherter». [1970]

48: e metálicas] e metálicas, [1955; 1970]

53: O outro é do Norte,] O outro é do norte, [1872] O outro é do Norte — [1955; 1970]

58: por Grant] por Grant, [1955; 1970]

58: e detesta Greeley] e detesta Greeley, [1955; 1970]

59-60: o negro, mas] o negro, mas, [1955] o Negro, mas, [1970]

61: o *yankee*] o «yankee» [1955]

63: no estrangeiro] no estrangeiro, [1955; 1970]

65 pede 6.000 libras de indemnização; traz a Bíblia no bolso, tendo à margem apontamentos de negócios e fileiras de cifras; usa chapéu de cortiça por ser mais prático, mas entende, à americana, que deve parecer bem, e põe-lhe uma pena de pavão. Joga a luta, é casado, tem a especialidade dos ventos, é ele que
70 leva nas noites de eleições a bandeira em que vai o nome de *Sumner*, e para mostrar bem que descende do primitivo *yankee*, traz uma argola na orelha.

O outro de barbas grandes, cabelo comprido e caído em roda da cabeça, como a aba de um capacete, é do Canadá; raça que pretende ter teorias: é dissidente no protestantismo, mas
75 espalha Bíblias. Ocupa-se sobretudo de estatística. Vejam: vai em redor observando. Olha para trás. Os outros que são da América, arrastam-no na sua carreira para o dinheiro, mas ele demora-se, observando, quereria tomar apontamentos, conta o número dos trens, quantas lojas há de máquinas de costura, e
80 estuda os costumes. É ele que se interessa pela descoberta de Livingstone. É ele que tem uma fábrica de cerveja, que tem por fora o aspecto de uma capela gótica. É ele que ao domingo, sob a chuva miúda do Norte, trepa a um banco, a uma esquina, e com o guarda-chuva aberto, gravemente, explica uma
85 passagem da Bíblia, e no fim distribui anúncios de uma fábrica de fundição.

É cauteloso, sempre vestido de flanela, é da sociedade para animar a salvação dos afogados. É casado, e todos os dias à noite faz o seu diário. Um dia escreveu-lhe: hoje,
90 dez horas, adquiri a certeza que minha mulher me trairia.

64: 6.000 libras] seis mil libras [1970]

64: traz a Bíblia] traz a bíblia [1872]

69-70: o nome de *Sumner*, e] o nome de Sumner, e, [1955; 1970]

70: primitivo *yankee*,] primitivo «yankee», [1955]

72: O outro] O outro, [1955; 1970]

74-75: mas espalha Bíblias.] mas espalha bíblias. [1872]

76: Os outros] Os outros, [1955; 1970]

77-78: ele demora-se, observando,] ele demora-se, observando; [1955; 1970]

83: do Norte,] do norte, [1872; 1970]

84-85 uma passagem da Bíblia,] uma passagem da bíblia, [1872]

90: que minha mulher] de que minha mulher [1955; 1970]

Um lunch, 5, leitura de um *tratado sobre a moralização dos pequenos peles-vermelhas*.

Três são. Uma coisa têm de comum — a individualidade, o *myself*. Eu mesmo, eu cidadão americano, de resto nada. Outro ponto de contacto. Nunca se espreguiçam. De resto, com toda a sua civilização, a sua riqueza, o seu oiro, o seu colunar *myself*, o seu ruído sobre o planeta, a sua intimidade com Deus, não seriam capazes todos juntos, desde o Canadá até Filadélfia, desde o presidente Grant até ao negro, que agora geme atrelado ao algodão, de fazer um verso de Musset, ou um desenho de Delacroix. E têm outra desgraça, assoam-se muito.

De resto, magníficos.

EÇA DE QUEIRÓS

91: *Um lunch*,] *Un lunch*, [1872; corrige-se o artigo para a forma portuguesa.] *Um Lunch*, [1955] *Um lunch*, [1970]

91-92: de um *tratado sobre a moralização dos pequenos peles-vermelhas*.] de um tratado sobre a moralização dos pequenos peles-vermelhas. [1955] de um «Tratado sobre a Moralização dos Pequenos Peles-Vermelhas». [1970]

95: de contacto. Nunca se espreguiçam.] de contacto. Nunca se espreguiça. [1872; corrige-se a forma verbal para que concorde com o número do sujeito das frases adjacentes.] de contacto: nunca se espreguiçam. [1955; 1970]

96: o seu oiro,] o seu ouro, [1970]

96-97: o seu colunar *myself*,] o seu *myself*, [1955; 1970]

97: sobre o planeta,] sobre o planeta; [1872; corrige-se o sinal de ponto-e-vírgula para que a frase tenha sequência.]

98: não seriam capazes,] não seriam capazes, [1955; 1970]

99: até ao negro,] até ao Negro, [1970]

101: outra desgraça,] outra desgraça: [1955; 1970]

102: [1970 acrescenta em nota de rodapé: Este texto não foi fixado.]

3. (1880) — Nota

Cenas da Vida Devota — O crime do Padre Amaro — Nova edição inteiramente refundida e recomposta, Porto e Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1880, pp. [v]-ix.

BN E¹/295 [Idealismo e Realismo], [1879]

«Idealismo e Realismo», in *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, Porto, Lello & Irmão, 1929, pp. [175]-201.

«Idealismo e Realismo», in *Obras de Eça de Queirós — Da Colaboração no «Distrito de Évora» — III (1867)*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1981], pp. 271-285.

Nota

5 O *Crime do Padre Amaro* recebeu no Brasil e em Portugal alguma atenção da Crítica, quando foi publicado ulteriormente um romance intitulado — *O Primo Basílio*. E no Brasil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efectiva) que *O Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. E. Zola — *La faute de l'Abbé Mouret*; ou que este livro do autor do *Assomoir* e de outros magistrais estudos sociais sugerira a ideia, os personagens, a intenção do *Crime do Padre Amaro*.

10

2: recebeu no Brasil e em Portugal] recebeu, em Portugal e no Brasil, [Ms]

3: da Crítica,] da crítica, [1981]

3-4: quando foi publicado ulteriormente] quando eu publiquei posteriormente, [Ms] sobretudo quando foi publicado, ulteriormente, [1929; 1981]

4: intitulado —] intitulado [Ms]

4-6: em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efectiva) em Portugal, escreveu-se, com pena copiosa [Ms]

7: E. Zola — *La faute de l'Abbé Mouret*;] Snr. Zola *La Faute de l'Abbée Mouret*. [Ms] Zola — *La Faute de l'Abbé Mouret* — [1929; 1981]

8-9: estudos sociais] estudos sociais, [1929; 1981]

7-10: ou que este livro do autor do *Assomoir* e de outros magistrais estudos sociais sugerira a ideia, os personagens, a intenção do *Crime do Padre Amaro*.] Alguns disseram mais categoricamente uma tradução descarada. [Ms] (...) de *O Crime do Padre Amaro* [1981]. [*Manteve-se a grafia Assomoir, usada por Eça de Queirós, para o título Assommoir de Zola*]

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correcto. O *Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do Sr. Zola, *La faute de l'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da série *Rougon-Macquart*), foi escrito e publicado em 1875.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cérebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas das suas criações futuras, a figura do abade Mouret, — exactamente como o venerável Anquises no vale dos Elísios podia ver, entre as sombras das raças vindouras flutuando na névoa luminosa do Letes, aquele que um dia devia ser Marcelus. Tais coisas são possíveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinárias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céus — e outros prodígios provados.

12-13: lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874.] lido aos meus amigos em 1872 e publicado em 1874: [Ms]

14-15: (que é o quinto volume da série *Rougon-Macquart*)] [Passagem inexistente no Ms]

15: em 1875.] em 1874. [1929; 1981] [La faute de l'abbé Mouret foi publicado entre Fevereiro e Março de 1875 no *Messenger de l'Europe* e em volume da casa editora *Charpentier* na Primavera desse ano (Abril? Maio?); a primeira versão de O crime do padre Amaro surgiu na *Revista Ocidental* entre Fevereiro e Maio de 1875.]

16-17: eu considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente.] é apenas uma razão secundária e débil. [Ms] considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. [1929; 1981]

17: Eu podia,] [No Ms, abertura de parágrafo.]

18: no cérebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas] no pensamento do Snr. Zola, e entre formas fluctuantes [Ms]

20: do abade Mouret, —] do *Abbe Mouret* [Ms] do abade Mouret — [1929; 1981]

21-22: exactamente como o venerável Anquises no vale dos Elísios podia ver, entre as sombras das raças vindouras flutuando na névoa luminosa do Letes,] como Anchises, no valle suave do Lettes como placidamente sob os arvoredos murmurosos via e reconhecia entre as sombras das raças futuras, [Ms] exactamente como o venerável Anquises, no vale dos Elísios, podia ver, entre as sombras das raças vindouras, [1929; 1981] [No Ms, a repetição de como deve-se a múltiplas emendas do autor.]

23: ser Marcelus.] ser Marcelus! [1929] ser Marcelo! [1981]

24: Nem o homem prudente as deve considerar] Nem são para o homem [Ms] Nem o homem prudente as deve julgar [1929; 1981]

25: que o carro] do que o carro [1929; 1981]

25: que arrebatou Elias aos céus —] que como todos concordão, arrebatou Elias ao Ceu. [Ms] (...) aos Céus — [1981]

25-26: e outros prodígios provados.] [Passagem inexistente no Ms] e do que outros prodígios provados. [1929; 1981]

30 O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exactidão, é a simples comparação dos dois romances. *La faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado duma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mística no culto da Virgem, na solidão dum vale abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para
35 convalescer ao *Paradou*, antigo parque do século XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação alegórica do Paraíso. Aí, tendo perdido na febre a consciência de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdócio e da existência da aldeia, e a consciência do universo a ponto
40 de ter medo do sol e das árvores do *Paradou* como de monstros estranhos — erra, durante meses, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o génio, a Eva desse lugar

27-28: O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exactidão,]
O que segundo penso torna a acusação de «imitação» menos efectiva — [Ms]

28-29: é a simples comparação dos dois romances.] é a comparação simples dos dois romances lidos paralelamente. [Ms]

29-31: *La faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor.] *A Faute de l'abbé Mouret* nas suas linhas geraes, o quadro symbolico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no Amor, [Ms. *A falta do predicado no início da frase provém desta ser antecedida por uma passagem, relativa ao Crime do Padre Amaro, que a introduz; do mesmo modo, a frase do Ms tem um desenvolvimento inexistente no impresso de 1880.*] *La Faute de l'Abbé Mouret* é (...) [1929] *La Faute de l'Abbé Mouret, é, (...)* [1981]

31-32: O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado duma febre cerebral,] alli o abade Mouret, tendo perdido, por uma doença cerebral, [Ms] (...) de uma febre cerebral, [1981]

32-33: trazida principalmente pela sua exaltação mística no culto da Virgem,] a que o levou a sua devoção trabalhosa pela virgem, [Ms] derivada principalmente da sua exaltação mística no Culto da Virgem, [1929] (...) no culto da Virgem, [1981]

33: dum vale] de um vale [1981]

37-41: tendo perdido na febre a consciência de si mesmo a ponto de se esquecer do sacerdócio e da existência da aldeia, e a consciência do universo a ponto de ter medo do sol e das árvores do *Paradou* como de monstros estranhos —] a consciencia da realidade humana e universal a ponto de ter medo das arvores e do sol como de monstros estranhos [Ms]

41: erra, durante meses,] erra durante meses, [Ms; 1929; 1981]

de legenda; Albina e Sérgio, semi-nus como no Paraíso, procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência afrodisíaca da matéria procriadora; sob este símbolo da Árvore da Ciência se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua inocência paradisíaca, o meio físico de realizar o amor; depois, numa mútua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e daí os expulsa, os arranca o padre Arcângias, que é a personificação teocrática do antigo Arcanjo. Na última parte do livro o abade Mouret recupera a consciência de si mesmo, subtrai-se à influência dissolvente da adoração da Virgem, obtém por um esforço da oração e um privilégio da graça a extinção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada de humano, uma sombra caída aos pés da cruz; e, é sem que lhe mude a cor ao rosto que asperge e responsa o esquite

41-43: pelas profundidades do bosque inulto, com Albina que é o génio, a Eva desse lugar de legenda; Albina e Sérgio, seminus como no Paraíso.] semi-nu com Albine, semi-nua também que desde creança habita aquela floresta, de que ella o Genio, e a Deusa: [Ms] pelas profundidades do bosque inulto, com Albina que é o génio, a Eva desse lugar de legenda. Albina e Sérgio, seminus como no paraíso [1929; 1981; depois de legenda as edições de «Idealismo e Realismo» abrem parágrafo.]

43-45: procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência] alli, procuram, uma arvore, estranha, de cujos ramos cahe a influencia [Ms]

46: da Árvore da Ciência] da árvore da ciência [1981]

46-47: sob este símbolo da Árvore da Ciência se possuem, depois de dias angustiosos] alli se possuem, depois de horas angustiosas [Ms]

48: o amor;] o amor. [1929; 1981]

49-50: depois, numa mútua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens;] depois cobrem-se de folhagem, tomados um pelo outro, d'uma desconfiança já humana; [Ms]

50-51: e daí os expulsa, os arranca o padre Archangias, que é a personificação teocrática do antigo Arcanjo.] e d'alli os expulsa o frade Archangias, que he personaficão theocratica do antigo Archanjo! [Ms]

52: Na última [Início de passagem inexistente no Ms; 1929 e 1981 abrem parágrafo.]

52: do livro] do livro; [1929; 1981]

54: da Virgem,] à Virgem, [1929; 1981]

56-57: e, é sem que] e é sem que [1929; 1981]

57: que asperge] que ele asperge [1929; 1981]

de Albina, que se asfixiou no *Paradou* sob um montão de flores de perfumes fortes.

60 Os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l'Abbé Mouret* não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do Sr. Zola que foi talvez a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro.

65 Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou uma má-fé cínica poderia assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o patético drama duma alma mística, ao *Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e
70 de beatas tramada e murmurada à sombra duma velha Sé de província portuguesa.

Aproveito este momento para agradecer à Crítica do Brasil e de Portugal a atenção que ela tem dado aos meus trabalhos.

75 Bristol, 1 de Janeiro de 1880.

58: no *Paradou*] no *Paradou*, [1929; 1981]

59: fortes.] [*Fim de passagem inexistente no Ms com a seguinte variante noutra fragmento: Outra prova, é em que ambos os romances uma rapariga morre — uma de parto outra suicidando-se, asphyxiando-se em flores d'aromas fortes:] [1929 e 1981 acrescentam neste lugar um outro fragmento do Ms.]*

60: Os críticos] [*Início de passagem inexistente no Ms.*] Somente devo dizer que os críticos [1929 e 1981, que não abrem parágrafo.]

62-63: do Sr. Zola] do Sr. Zola, [1929; 1981]

66: ou uma má-fé cínica poderia] ou má fé cínica poderiam [1929; 1981]

67-68: alma mística, [*Fim de passagem inexistente no Ms.*]

68-70: ao *Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada] *O Crime do Padre Amaro* é nas suas linhas gerais a intriga de padres e beatas urdida e ruminada [Ms] ao *Crime do Padre Amaro*, simples intriga de clérigos e de beatas, tramada e murmurada [1929] a *O Crime do Padre Amaro* [...], 1981]

70-71: à sombra duma velha Sé de província portuguesa.] a sombra d'uma velha Sé de Província e um Padrelho, impedindo a constituição d'uma família. [Ms]

72: Aproveito] [*A partir daqui o Ms e as edições da tradição são omissos até ao final do texto de 1880 ; as edições de 1929 e 1981 continuam o texto de «Idealismo e Realismo» com a inserção de diversos fragmentos do Ms.*]

75: Bristol, 1 de Janeiro de 1880.] Bristol, 1879. [1929; 1981]

4. [1883] — [Testamento de Mecenas]

Últimas Páginas, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1912, pp. [457]-467.

Guerra da Cal, Ernesto, «Testamento de Mecenas (História do manuscrito de uma crónica póstuma de Eça de Queirós)», in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxxvii, 1992, pp. [369]-387.

Obras de Eça de Queiroz — Cartas e outros escritos, Lisboa, Livros do Brasil, 2001, pp. 315-321.

Esta carta de Inglaterra é datada de Portugal e tem por assunto o Brasil. Mas eu sou um homem de letras: um simples *fazedor de livros*, como dizia o rude filósofo Carlyle, e portanto, para mim, mais interessante do que a Irlanda coberta neste momento de forcas; mais importante que a *Exposição das Artes da pesca* aberta agora em Londres, tão completa que se vêem barcos japoneses, pescando ao candeio nos riachos do parque de Kesington, como numa paisagem de leque, e tão minuciosa que as divinas trutas da Noruega são fritas por peixeiras vindas expressamente da Dalecária; mais interessante que os esplendores sombrios e bárbaros da coroação do Czar; mais interessante que os nomes feios que um certo fabricante de tapetes baratos nos chamou no Parlamento Inglês, esse rico e ruidoso clube onde se conversa irresponsavelmente e de chapéu na

Título: [Testamento de Mecenas] Testamento de Mecenas (Inédito das «Cartas de Inglaterra») [1912] Testamento de Mecenas [2001] [No manuscrito, mão alheia acrescentou o título: Testamento de Mecenas / [Comendador Mecenas] / (Inédito das *Cartas de Inglaterra*), segundo a leitura de Ernesto Guerra da Cal.]

1: Esta carta] [Inicia-se a transcrição do texto a partir do primeiro dos fragmentos manuscritos publicados em 1992 por Guerra da Cal.]

2: de letras:] de letras, [1912; 2001]

5-6: a *Exposição das Artes da pesca*] a Exposição das Artes da Pesca, [2001]

7: japoneses,] japoneses [1912; 2001]

7-8: do parque de] [Interrompe-se aqui o fragmento manuscrito publicado em 1992.]

8: Kesington,] [A partir deste ponto transcreve-se a edição de 1912.]

14: onde se conversa] onde se conversa, [2001]

15 cabeça sobre todos os negócios do universo; mais interessante
mesmo que essa rajada de paixão patriótica que atravessou
Portugal e que nos levou a pedir à Europa, por meio de folhe-
tos em verso, que se *aniquilasse a Inglaterra*; mais interessante
que tudo, para mim, homem de livros, — é o singular e bri-
20 lhante testamento do Comendador Peres Cardoso.

Foi em meados de Abril que os jornais de Lisboa, num
tom feito de assombro e de incredulidade, copiaram dos jor-
nais do Rio de Janeiro a notícia de ter morrido um Comenda-
dor chamado Peres Cardoso, natural de Cinfães, deixando um
25 testamento extraordinário, concebido quase todo em favor da
literatura, com maços de apólices a distribuir entre poetas e
romancistas, doações de livros em lotes de cinquenta volumes
a todo o escritor que fizesse cortejo ao seu caixão, deixas de
prédios para fundar jornais — a esplêndida despedida dum
30 Mecenas, que atravessa da sua biblioteca para a sua sepultura
arremessando punhados de ouro sobre a multidão de letras.
É entre todas estas prodigalidades lá sobressaía uma, a mais
tocante, a que me põe agora a pena na mão — os doze contos
de réis, em apólices da Dívida Pública, deixados, não a seis
35 padres, nem mesmo a seis advogados, mas a seis simples
fazedores de livros portugueses, João de Deus, Crespo, Jun-
queiro, Camilo, Chagas, e eu.

A impressão foi grande aqui, nesta terra, pouco acostuma-
da a tais larguezas. Estes casos são frequentes lá fora. Em Ingla-
40 terra, o pomposo Macaulay, o bom Dickens receberam, em
legados de dinheiro e de obras de arte, testemunhos repetidos
do amor ou do orgulho que inspiravam aos seus concidadãos.
Na Alemanha, não é raro que um banqueiro judeu de Berlim

14-15: na cabeça] na cabeça [2001]

19: de livros, —] de livros — [2001]

23-24: um Comendador] um comendador [2001]

27: de livros] de livros, [2001]

27: cinquenta volumes] cinquenta volumes, [2001]

29-30: dum Mecenas,] de um Mecenas, [2001]

30: a sua sepultura] a sua sepultura, [2001]

34: Dívida Pública,] dívida pública, [1912]

45 ou de Francfort deixe no seu testamento, por mero fausto,
 alguns centos de florins a um filósofo que anda arranjando uma
 nova explicação do Universo, ou a um desses sábios como os
 amava Hoffmann, que passam quarenta anos na trapeira duma
 melancólica cidade universitária ressequindo-se dentro duma
 50 especialidade inverosímil — como aquele que escreveu doze
 grossos volumes sobre a *fisionomia das serpentes*. A Holanda
 ainda há pouco deu, por subscrição pública, uma fortuna a esse
 subtil e amargo humorista que assina *Multatulli*. Em França,
 os homens ricos dão toda a sorte de coisas boas aos homens
 grandes: Victor Hugo recebeu um dia de um dos seus fanáticos
 55 cinquenta pipas de rum da Jamaica: a Júlio Verne, esse encanto
 das crianças e dos convalescentes, foi agora doado um palácio
 em Itália dentro dum parque, verdadeiro paraíso de cardeal,
 com águas vivas cantando em bacias de mármore...

60 Em Portugal, porém, foi-se sempre lamentavelmente mes-
 quinho com os homens de letras. Mesmo quando a literatura
 vivia exclusivamente da generosidade da nobreza, e era o luxo
 de toda a casa morgada ter, além do seu capelão privado, o seu
 vate doméstico, — um espírito da ordem do Nicolau Tolentino
 o mais que granjeava, a troco de trabalhoso soneto ou cansati-
 65 va ode, era algum resto de peru assado, sobejo frio da copa; e
 em ocasiões de munificência — dia de anos ou baptizado, lá
 vinha então uma vara de briche para calções ou uma peça de
 sete mil e quinhentos réis embrulhada num papel — e às vezes

46: do Universo,] do universo, [2001]

47-48: duma melancólica cidade universitária] de uma melancólica cidade univer-
 sitária, [2001]

48: dentro duma] dentro de uma [2001]

50: sobre a *fisionomia das serpentes*.] sobre a «fisionomia das serpentes». [2001]

54: um dia de um dos seus fanáticos] um dia d'um dos seus fanáticos [1912] um
 dia, de um dos seus fanáticos, [2001] [*Preferiu-se separar a preposição e o artigo para melhor
 compreensão de que a conjunção se refere ao nome seguinte e não ao anterior.*]

57: dum parque] de um parque, [2001]

63: vate doméstico, —] vate doméstico — [2001]

65-66: da copa; e em] [*Interrompe-se a transcrição feita a partir da edição de 1912.*]

66: ocasiões de munificência —] [*Retoma-se a transcrição a partir do segundo frag-
 mento manuscrito publicado em 1992*]

68: sete mil e quinhentos réis] 7:500 rs. [Ms] 7\$500 réis [1912]

70 falsa. Mas desde que as brutalidades da Democracia desarranja-
ram esta bela ordem de coisas, e que nunca mais houve em
Portugal um fidalgo que tivesse peru de sobejo, — nenhum
escritor tornou jamais a receber, em metal ou comestíveis, o
menor testemunho da simpatia literária dos seus compatriotas
liberais...

75 E isto faz-me pensar como em Portugal as pessoas dos
escritores inspiram pouca curiosidade e perturbam pouco as
imaginações meridionais. Lá fora, em França, na Inglaterra, na
Alemanha, mesmo sem contar os semideuses radiantes e
irresistíveis, como Byron, como Lamartine, como Goethe, não
há poeta que não tenha recebido um dia alguma dessas vagas e
80 difusas cartas de amor, algum desses anónimos presentes de
flores ou de almofadas bordadas, que revelam que existe algu-
res uma doce criatura a quem o poeta parece tão poético como
os seus poemas, e que está desejando sentir bater o mais perto
possível do seu coração, à distância dum corpete de vestido,
85 dum *chambre*, ou ainda de menos, o coração eloquente e cáli-
do donde brotou tanta paixão bem rimada... Em Portugal, não
consta das indiscrições pessoais, nem dos anais literários, que
jamais isto sucedesse — nem mesmo àqueles que foram, por
profissão ou temperamento, *poetas de sentimento*.

90 Os volumezinhos de João de Lemos, de Soares de Passos,
estiveram anos sem conto em todos os cestos de costura: e
essas composições poéticas, tão doloridas e libidinosas, que eles
intitulavam «A ti!», «A ela!» fizeram suspirar e cismar sobre os
seus bordados, ou sobre os seus tachos de doce, duas gerações
95 de senhoras... Poucas eram então as *soirées* de terra pequena

69: Mas desde que] Mas, desde que [1912; 2001]

71: de sobejo, —] de sobejo — [1912; 2001]

76: Lá fora] [Interrompe-se a transcrição do fragmento manuscrito publicado em
1992]

76: em França,] [Retoma-se a transcrição a partir da edição de 1912]

84-85: dum corpete de vestido, dum *chambre*,] de um corpete de vestido, de um
chambre, [2001]

91: anos sem conto] anos sem conta [2001]

93: «A ti!», «A ela!»] *A ti! A ela!* [1912]

95: de terra pequena] de terra pequena, [2001]

em que lindos olhos negros se não humedecessem, quando um bacharel se erguia, depois do chá, e, com o lenço branco na mão, dizia às senhoras o «Noivado do Sepulcro», os dois amourosos esqueletos enganchados um no outro, ou então esse famoso «Adeus!» que foi nestes reinos, durante vinte anos, a expressão oficial, e a única garantida pela Academia, das dores da separação e das torturas da ausência. E a quantas janelas de província, por noites claras de estio, não se veio apoiar um vulto, de xale pelos ombros e os cabelos já dentro da rede, murmurando a «Lua de Londres», enquanto por baixo o quintal dormia, e o relógio da casa da Câmara ia batendo tristemente as dez! Pois, que se saiba, nenhum destes poetas, nem dos outros que têm sido entre nós os fornecedores selectos da sentimentalidade da província, teve jamais a alegria de receber qualquer prova anónima de simpatia inspirada, — uma farta lampreia de ovos ou um par de suspensórios bordados a missanga. E, todavia, quem como eles falou de amor e de beijos, de delírios, de corpos enlaçados, de virgens que lhes caíam aos pés, de corações patricios sangrando por entre as cordas das suas liras? Com toda esta tremenda *réclame* feita aos seus encantos pessoais e ao seu extraordinário vigor amoroso, nunca houve em toda essa província uma exaltada, uma idealista, uma esposa de boticário, que lhes oferecesse, pelo correio, *um coração que ainda não bateu senão por V. Ex.^a!*...

Humilhante indiferença para a literatura portuguesa! Alfred de Musset encontrava, quase todas as manhãs, sobre a mesa do almoço, um bilhete aromatizado, cuja letra assustada e tremida

98: o «Noivado do Sepulcro»,] o *Noivado do Sepulcro*, [1912]

100: «Adeus!»] *Adeus!* [1912]

101: pela Academia,] pela academia, [1912]

103: de estio,] de Estio, [2001]

105: a «Lua de Londres»,] a *Lua de Londres*, [1912]

106: da casa da Câmara] da casa da câmara [1912]

110: simpatia inspirada, —] simpatia inspirada — [2001]

115: Com toda esta tremenda *réclame* feita] Com todo este tremendo reclamo feito [2001]

119: *por V. Ex.^a!*] *por Vossa Excelência!*... [2001]

120-121: Alfred de Musset] Alfredo de Musset [2001]

125 revelava bem que a mão que a traçara estava ainda nervosa de ter tocado as páginas ardentes de *Namouna* ou de *Rolla*. As madeixas de cabelos anónimas, remetidas a Balzac pelas suas admiradoras que julgavam reconhecer-se na *Mulher de Trinta Anos*, no *Lírio do Vale* ou na duquesa de Maufrigneuse, foram em tal número que o autor do *Père Goriot* pôde encher com elas esse extraordinário tubo de vidro que lhe servia de bengala — e que não passava na realidade dum chouriço de provas de afecto. Estes poetas aqui não recebem nada! Nós aqui — nada! É como se as nossas concidadãs lhes considerassem os poemas como obras impessoais, — coisas mandadas fazer numa fábrica, pelo Governo, para uso da melancolia nacional...

135 Os únicos escritores portugueses que receberam anonimamente alguma coisa, por meio do correio, fomos nós, Ramalho Ortigão e eu, quando redigíamos ambos as *Farpas*: recebíamos então regularmente do Brasil — promessas de bordoadas.

140 Foi por isso larga e ruidosa a sensação — quando nos chegou a nova tocante desse testamento em que seis escritores portugueses eram publicamente coroados com apólices da Dívida Pública. A imprensa, um momento surpreendida, impressionou-se, aqueceu, e fez uma ovação ao Comendador Peres Cardoso; este defunto obscuro saboreou assim, durante semanas, a popularidade dum herói vivo. Às portas das tabacarias (onde Lisboa faz sobre os seus bocados de impressões os seus bocados de frases) o testamento do Comendador era mais dis-

124: de *Namouna* ou de *Rolla*.] de «*Namouna*» ou de «*Rolla*». [2001]

126-127: na *Mulher de Trinta Anos*, no *Lírio do Vale*] na «*Mulher de Trinta Anos*», no «*Lírio do Vale*» [2001]

128: do *Père Goriot*] do «*Père Goriot*» [2001]

130: não passava na realidade dum] não passava, na realidade, de um [2001]

131-132: Estes poetas aqui não recebem nada! Nós aqui — nada!] Estes poetas, aqui, não recebem nada! [1912; 2001] [*A introdução da segunda frase e a correcção da pontuação da primeira fazem-se de acordo com as indicações de Ernesto Guerra Da Cal baseadas na observação directa do manuscrito autógrafo.*]

133: impessoais, —] impessoais — [2001]

137: as *Farpas*:] as «*Farpas*»: [2001]

140: desse testamento] desse testamento, [2001]

145: dum herói] de um herói [2001]

cutido que a questão do Zaire, como se se sentisse, enfim, que
 o que se prende com a nossa literatura interessa mais a nossa
 150 nacionalidade do que a posse ou a perda dessas estúpidas terras
 negras, que só nos dão humilhações e febres... Nas salas, as
 senhoras interessavam-se por este homem: achava-se que ele
 tinha feito alguma coisa de brilhante e de *chic*: e desejava-se
 saber a sua idade, a sua figura, os seus gostos e o romance da
 155 sua vida. Não houve então brasileiro residente em Lisboa que
 não fosse detido, duas e três vezes, no seu caminho, com a
 mesma pergunta, no mesmo sorriso: «Quem é o Comendador
 Peres Cardoso? Que sabe Você do Peres Cardoso?...» Este es-
 tremecimento de simpatia ondulou até para além da fronteira:
 160 os jornais espanhóis falaram do Comendador, chamando-lhe
um noble fidalgo e tratando-o de Mecenas... Era enfim um
 enternecimento, um vasto reconhecimento público — como se
 o país tivesse pela primeira vez recebido uma afirmação posi-
 tiva, explícita e visível da sua superioridade intelectual.

165 Ama Lisboa os seus homens de letras? Não direi que os
 ame. Mas, há tempos para cá, Lisboa — vendo nas suas ruas os
tramways americanos, e os jornais franceses apregoados à porta
 dos seus teatros, e fotografias de *cocottes* nas vitrines das suas
 lojas, — imaginou que isto era a Civilização, e passou a consi-
 170 derar-se a si mesma cidade civilizada. Desde então Lisboa
 corrigiu-se cuidadosamente de alguns defeitos selvagens, lavou-
 se, apurou-se, e, para manter a sua linha de capital culta e *chic*,
 impôs-se a si mesma certos hábitos e constrangeu-se a certas
poses. Lisboa já põe casaca à noite; anda-se arruinando com um
 175 *boulevard*; finge entender de *bric-a-brac*; já vai às corridas e já
 aposta com coragem a sua placa de cinco tostões: — e Lisboa,
 enfim, já não despreza os seus homens de letras. Aqui há vinte

148: como se se sentisse] como se sentisse [2001]

153: e de *chic*:] e de chique: [2001]

161: Era enfim] Era, enfim, [2001]

168-169: vitrines das suas lojas, —] vitrinas das suas lojas — [2001]

172: culta e *chic*,] culta e chique, [2001]175: de *bric-a-brac*;] de bricabraque; [2001]

176: cinco tostões: —] cinco tostões — [2001]

anos, quando se dizia dum desgraçado *que ele era um literato* —
 tinha-se dito dele tudo quanto a imaginação burguesa podia
 180 conceber de mais humilhante e de mais esmagador. Hoje, se o
 mesmo sujeito passa na rua, Lisboa (já civilizada, mas encosta-
 da ainda às esquinas) observa-o com simpatia e diz com respei-
 to: «É um rapaz de muito talento.» Nós agora, aqui em Lis-
 boia, temos todos muito talento!

185 Enfim Lisboa ainda não se elevou decerto à compreensão
 de que uma literatura é a melhor justificação duma nacionali-
 dade — e muitos anos passarão antes que ela acredite que são
 os homens de letras que dão a um país a sua posição e o seu
 valor na civilização; que um soneto pode salvar uma nação do
 190 esquecimento; e que, se ainda hoje se fala tanto de Roma, é
 isso devido às odes dum sujeito que no seu tempo não foi nem
 senador, nem banqueiro, mas um simples *bon-vivant*, e que
 chamava Horácio. Mas é certo que Lisboa já vai considerando
 os seus literatos como um luxo que se deve ter, alguma coisa
 195 de decorativo que fica bem dentro duma cidade, o quer que
 seja de brilhante que destaca da melancólica rotina das demo-
 cracias. O seu sentimento pelos homens de letras é o dum
 burguês pelos belos móveis de cetim da sua sala rica: gosta
 deles, usa-os pouco, e estima sobretudo que os outros lhos ga-
 200 bem. E assim se explica o rumor de simpatia que se elevou,
 ondulou em torno do testamento do Comendador Peres Car-
 doso. O público viu nele mais do que um frio papel selado,
 contendo as últimas vontades dum proprietário generoso. Viu
 nele um verdadeiro artigo de crítica, um original artigo de crítica
 205 em acção, sobre a literatura portuguesa, feito por um homem
 de gosto, à hora da sua morte. Somente os escritores, ali, não
 eram julgados por meio de frases.

178: dum desgraçado] de um desgraçado [2001]

185: Enfim Lisboa] Enfim, Lisboa [2001]

186-187: duma nacionalidade] de uma nacionalidade [2001]

188: que dão a um país] que dão, a um país, [2001]

189-190: do esquecimento;] do esquecimento [2001]

197: de letras] de letras, [2001]

197-198: dum burguês] de um burguês [2001]

203: dum proprietário] de um proprietário [2001]

O Comendador Peres Cardoso não era um Taine, nem um Sainte-Beuve. Era antes um manejador de fundos públicos. Para ele, nem a frase, nem talvez mesmo a ideia, constituíam a coisa bela e suprema em que se pode ocupar uma vida de homem: para ele essa coisa suprema e bela estava no papel de crédito de onde se tira um juro. Por isso quando, na sua revista através das letras portuguesas, ele encontrava um poeta ou um romancista que o satisfizesse, não lhe marcava o valor por meio duma dessas frases, jóias de subtileza, que deixam em torno do artista e da sua obra uma vaga claridade de auréola. A sua aprovação tomava uma outra forma, rude e sincera: abria a gaveta e depositava sobre a obra de arte e com endosso ao artista, duas apólices da Dívida Pública. Assim considerada a apólice vale bem uma coroa feita de velhas flores de retórica: e, positivamente, eu não julgo esta maneira de fazer crítica inferior à de Sainte-Beuve e à de Taine!

(*Continua*)

210: a ideia,] a ideia [2001]

213: de onde se tira] donde se tira [2001]

213: Por isso quando,] Por isso, quando [2001]

216: duma dessas frases,] de uma dessa frases, [2001] [*Interrompe-se a transcrição baseada na edição de 1912*]

216: jóias de subtileza,] [*Retoma-se a transcrição a partir do terceiro fragmento manuscrito publicado em 1992*]

218: uma outra forma,] uma outra forma [1912; 2001]

219: obra de arte] obra de arte, [1912; 2001]

220: Assim considerada] Assim considerada, [1912; 2001]

221: uma coroa] uma coroa, [2001]

222: e positivamente] e, positivamente, [1912; 2001]

224: (*Continua*)] No fim deste manuscrito há a rubrica (*Continua*), mas a continuação não apareceu entre os papéis do Autor. [1912; 2001] [*No manuscrito consta a indicação, por mão alheia: Não apareceu a continuação.*]

5. (1884) — A Inglaterra e a França — Julgadas por um inglês

A Ilustração — Revista quinzenal para Portugal e Brasil, n.º 3, Paris, 5 de Junho de 1884, pp. 39-43.

Notas Contemporâneas, Porto, Lello & Irmão, 1909, pp. [97]-114

Notas Contemporâneas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 71-82.

Há dias encontrei sobre a minha mesa, enchendo com desordenadas garatujas três folhas de papel Whatman, uma carta em que o meu cão *D. José* conta as suas impressões de França à minha gata *Pussy*.

5 *D. José* é um cão inglês, gordo, sisudo, conservador, que agora pela primeira vez saiu de Inglaterra comigo, e veio descansar dum rude Inverno saxónico nestes ares suaves, tépidos, quase latinos, do país de Anjou. *Pussy* é uma gata inglesa, cor de manteiga, que ficou em Inglaterra, caseiramente, a dormir
10 ao canto do fogão.

D. José pertence a essa raça de cães ilustre e histórica que os ingleses chamam *pug* e os franceses *carlin*. Italiano de origem, introduzido em França pelo cardeal Mazarin, o *carlin* tornou-se desde o século XVII o cão favorito da Monarquia,

2: papel Whatman,] papel «Whatman», [1970]

3: cão *D. José*] cão «D. José» [1970]

4: gata *Pussy*.] gata «Pussy». [1970]

5: *D. José*] «D. José» [1970]

7: dum rude Inverno saxónico] dum rude inverno saxónio [1909] de um rude Inverno saxónio [1970]

8: *Pussy* é] «Pussy» é [1970]

11: *D. José*] «D. José» [1970]

11: e histórica] e histórica, [1909; 1970]

12: os franceses] os Franceses [1970]

13: cardeal Mazarin,] cardeal Mazarino, [1970]

14: tornou-se desde o século XVII] tornou-se, desde o século XVII, [1909; 1970]

15 como o galgo tinha sido o cão fiel do Feudalismo. É com efeito
 to ao fim da Fronda, depois desse derradeiro esforço do espí-
 rito feudal, que o *carlin* mete pela primeira vez o focinho na
 História. A turbulência aventurosa dos galgos fazia-os incompatíveis
 20 com uma aristocracia pacificada e policiada — em que
 já também não havia lugar para a galanteria heróica das Longueville,
 das Chevereuse, das Chatillon; essas damas sediciosas
 e sentimentais, que alternavam as preguiças do amor com a
 fadiga das campanhas, e, ainda amarrotadas da *chaise-longue*,
 iam com chapéus de plumas, e cercadas de galgos, guerrear na
 25 Picardia Turenne ou Monsieur le Prince. O *carlin* pesado, obe-
 so, pacato, cerimonioso, era realmente o cão que convinha agora
 à França centralizada e unificada sob a autoridade real. Por
 isso ele é essencialmente o cão de Luís XIV e de Versalhes, —
 tão característico do *grande século* como as cabeleiras de cachos,
 a tragédia clássica, e a aparatosa simetria dos jardins de
 30 Le Nôtre. À maneira que Luís XIV envelhece, que vai absorvendo
 todo o Estado dentro da sua própria majestade, de sorte
 que já se não vê a França e vê-se apenas o Rei, — a importância
 do *carlin* cresce, paralelamente. Ele chega a tomar parte nos
 35 Conselhos de Estado, tão nutrido que se não pode mover do
 coxim, entre Luís XIV já cheio de rugas, já com a fístula,
 mortalmente enfadonho, e Madame de Maintenon hipocondríaca,
 coberta de negro, com o seu livro de rezas na mão. Da

15-16: É com efeito ao fim] É, com efeito, no fim [1909;1970]

19: e policiada —] e policiada, [1909]

20: galanteria heróica] galantaria heróica [1970] [Neste caso, o impresso de 1884 segue expressamente o manuscrito: *Eça escreveu primeiro galantaria mas eliminou o a da terceira sílaba para o substituir por um e.*]

21: das Chatillon;] das Chatillon — [1909]

23: da *chaise-longue*,] da *chaise longue*, [1970]

24-25: guerrear na Picardia Turenne] guerrear, na Picardia, Turenne [1909; 1970]

28: e de Versalhes,] e de Versailles, [1909; 1970]

29: do *grande século*] do Grande Século [1970]

30: a tragédia clássica,] a tragédia clássica [1909; 1970]

31: envelhece,] envelhece [1884; acrescenta-se a vírgula de acordo com o Ms.]

32: sua própria majestade,] sua própria Majestade, [1909]

33: o Rei,] o rei, [1970]

35: tão nutrido] tão nutrido, [1909; 1970]

40 residência em Versalhes o *carlin* conserva a nobreza das belas
maneiras, as atitudes de gala, a majestade do focinho, e esse
modo de olhar, com a pele franzida, em que se sente o orgu-
lho dos Bourbons e do direito divino. O seu mesmo estilo de
45 ladrar tem um ritmo pomposo que se não ouve nos outros
cães; não direi que seja tão suave como um verso de Racine;
mas percebe-se que esta raça ouviu pregar Bossuet.

Durante o reinado de Luiz XV o *carlin* permanece cão da
corte, e da casa de França. Nas gravuras do tempo, nos retra-
tos, nas paisagens de leque, não se vê nenhuma graciosa dama
de anquinhas, sem ter, como contraste pitoresco da sua gracio-
50 sidade, um pajem negro e um *carlin* gordo. A grande glória
todavia do *carlin* no século XVIII foi ter sido adoptado pela
Filosofia e pelas Belas Letras. Havia *carlins* no salão erudito de
Madame du Deffant. Diderot tinha um *carlin*. E, atendendo à
65 influência que o cão exerce sobre o homem, pode-se dizer que
o *carlin* não é alheio à Enciclopédia. Foi então que a Inglaterra
recebeu da França o *carlin*, como já recebera outras formas do
gosto, a polidez, o corte das casacas, a correcção da prosa, a
ligeireza moral, os bailados e a eloquência sacra.

60 Mas é só verdadeiramente durante a Revolução que o *carlin*
se estabelece em Inglaterra. Depois da tomada da Bastilha ele
atravessa o canal da Mancha com a aristocracia emigrada; e

39: em Versalhes] em Versailles [1909; 1970]

44: como um verso de Racine;] como os versos de Racine; [1909] como versos de
Racine; [1970]

46: Durante] [1909 e 1970 não abrem parágrafo.]

46-47: da corte, e da casa de França.] da corte e da Casa de França. [1909; 1970]

49: como contraste] como o contraste [1909; 1970]

50-51: A grande glória todavia] A grande gloria, todavia, [1909]

51-52: pela Filosofia e pelas Belas Letras.] pela Filosofia e pelas Letras. [1909] pela
filosofia e pelas belas-letas. [1970]

52: Havia *carlins*.] Havia *carlin* [1884; 1909; 1970; a variante do impresso de 1884,
que os restantes testemunhos seguiram, resulta de uma gralha tipográfica; no Ms. o substan-
tivo surge no plural, pelo que aqui se corrige.]

53: Madame du Deffant.] Madame du Deffand. [1970] [As duas grafias são aceitá-
veis.]

57: o corte das casacas,] o corte dos casacos, [1909; 1970]

59: a Revolução] a revolução [1909]

60: da Bastilha] da Bastilha, [1909; 1970]

tendo encontrado enfim uma terra em que o povo se não considera feito do mesmo osso que a nobreza e acha até excelente que rasteje no enxurro, enquanto os Lordes beberricam nas nuvens — o *carlin* torna-se o *pug*, faz da Inglaterra a sua pátria, e fixa-se confortavelmente, e para sempre, na paz luxuosa dos castelos, ao abrigo da democracia e da *blague*.

Foi assim que o *carlin* desapareceu de França. Hoje constitui uma antiquilha. Se por acaso ainda se encontra é nalguma silenciosa rua de vila dormente de província, seguindo tropegadamente, uma velha marquesa de caracóis brancos, que, encolhida no seu mantelete de franjas, e cosida com os muros tristes de conventos desertos, se vai arrastando para o Lausperene...

O *pug* é hoje, pois, um cão exclusivamente inglês, desprezado da sua pátria francesa, podendo simpatizar com ela ou detestá-la segundo uma impressão pessoal, sem que na sua clara razão actuem ou influências de origem, ou recordações sentimentais. Para o *pug*, o francês não passa dum estrangeiro; e seguindo os hábitos da nação que o perfilhou, ordinariamente ladra-lhe. Por isso esta carta de *D. José* me parece um documento sincero e instrutivo. E aqui a transcrevo, com as suas incorrecções, os bruscos resumos, as generalizações excessivas, em que se sente o animal que pensa por *grosso*, sem as nossas distinções esmiuçadoras, a delicadeza crítica das nossas meias-tintas.

64: os Lordes] os lordes [1970]

68: de França.] da França. [1909; 1970]

69: se encontra] se encontra, [1909; 1970]

70-71: seguindo tropegadamente,] seguindo tropegadamente [1909; 1970]

71-72: que, encolhida] que encolhida [1970]

72: de franjas,] de franjas [1909]

73: de conventos] dos conventos [1909; 1970]

73: o Lausperene...] o lausperene... [1970]

74: é hoje, pois,] [Acrescentou-se a segunda vírgula, que não surge em 1884]

77: de origem,] de origem [1909]

78: o francês] o Francês [1970]

78: dum estrangeiro;] dum estrangeiro: [1909] de um estrangeiro: [1970]

80: *D. José*] «D. José» [1970]

«*Pussy* amiga. — Aproveito a ocasião em que o nosso amo foi à Biblioteca, lugar de sabedoria e de solidão, onde eu não sou admitido, para te escrever o que penso desta terra de França, como to prometi ao deixar a Inglaterra, naquela manhã em que fazia um nevoeiro tão triste... Aqui não há nevoeiro — e é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa pátria, gloriosa e fusca. Sob este céu desanuviado as nebrinas do espírito dissipam-se também. Aí as ideias (e as minhas não são difíceis) apareciam-me sempre tão vagas e indeterminadas como os nossos edifícios de tijolo através da névoa húmida: aqui tenho as ideias tão nítidas como estas casas caiadas que se recortam, com precisão e relevo, sobre o céu azul-ferrete. De manhã, no pátio do Hotel, entre as plantas em flor, quando me estiro ao sol, com todo este azul por cima, e a carícia macia do ar a correr-me pelo lombo — pensar torna-se para mim um prazer delicado.

Esta mesma influência do céu doce tem-me tirado a hipocondria; já não sinto, como em Inglaterra, o atormentado desejo de uivar; antes me apetece agora um ladrar ligeiro e cantante, que é como a expressão triunfal da alegria de viver. É este céu temperado que dá aos franceses as maneiras suaves. Entre nós a bruma regelada actua sobre os caracteres como sobre a pele; greta-os, torna-os ásperos ao contacto. Aí quando nos encontramos grunhimos torvamente; aqui lambemo-nos. Nada facilita mais uma civilização que um bom clima. Ainda ontem o dizia um inglês gordo que está aqui no nosso Hotel,

86: «*Pussy* amiga.] «*Pussy* amiga: [1970]

87: à Biblioteca,] à biblioteca, [1970]

91: a nossa pátria,] a nossa pátria [1909; 1970]

92: céu desanuviado] céu desanuviado, [1909; 1970]

92: as nebrinas] as neblinas [1970]

98: do Hotel,] do hotel, [1970]

99: por cima,] por cima [1909]

106: aos franceses] aos Franceses [1970]

108: a pele;] a pele: [1909; 1970]

108-109: Aí quando nos encontramos] Aí, quando nos encontramos, [1909; 1970]

111: nosso Hotel,] nosso hotel, [1970]

e que manda correspondências para o *Times* sobre Política e sobre Moral, com a assinatura de *Um Amigo da Imparcialidade*: ainda ontem ele dizia com aquela profundidade que o caracteriza: — *Sempre que o homem está ao sol e que este não incomoda, experimenta, tanto moralmente, como fisicamente, uma satisfação maior do que quando está à chuva.*

A primeira impressão que me deu a França, *Pussy*, foi de uma adorável variedade, proveniente talvez da democracia. Tomo, por exemplo, as fisionomias de cães. Em Inglaterra, nós estamos divididos em cinco ou seis raças isoladas umas das outras como castas na Índia, sem convivermos, sem nos cruzarmos, inconciliáveis, e quase hostis. O resultado é que, em cada classe, o tipo inicial reproduz-se em todos os seus indivíduos, fielmente, fotograficamente, com uma monotonia intolerável. És tu capaz de distinguir um cão *fox-terrier* dos outros oito mil ou dez mil *fox-terriers* que honram a nossa pátria? Não. Todos são brancos como este papel, macios como casimira, do mesmo tamanho, com o mesmo toco de rabo curto e direito, uma malha castanha no focinho, o ar ligeiro, honesto e terno. Parecem cunhados pelo mesmo molde, como as libras; — e o homem que perde o seu cão não o pode distinguir mais do cão do seu inimigo.

Por outro lado também, como em Inglaterra todos os homens da mesma classe têm o mesmo feitio e cor de suíça, e usam exactamente o mesmo casaco, e trazem na botoeira a mesma flor, e calçam luvas da mesma cor, e caminham com a mesma elasticidade de passo, e falam com o mesmo timbre de voz, e saúdam do mesmo modo brusco, — se um cão perde o seu dono não o pode diferenciar da multidão uniforme. Dirás tu que o deve conhecer pelo cheiro. Difícil, *Pussy*, muito difícil! Todos os homens em Inglaterra têm o mesmo cheiro, que

112: correspondências] correspondencias [1884; trata-se de gralha tipográfica.] correspondência [1909; 1970]

112-113: sobre Política e sobre Moral,] sobre política e sobre moral, [1970]

122: como castas] como cartas [1884; trata-se de gralha tipográfica.]

132: o seu cão] o seu cão, [1970]

139: brusco, —] brusco — [1970]

145 é composto de sabão *windsor*, tabaco *maryland*, água-de-colônia e carvão. Dirás tu ainda que um cão pode interrogar seu amo e diferenciá-lo pelas opiniões: não, porque todos os ingleses têm as mesmas opiniões e **expressam-se** pelas mesmas frases. A posição dum cão neste caso é estonteadora; e é por isso que temos muitas vezes pensado em pôr coleiras a nossos amos.

150 O mesmo sucede com as casas. Como pode um pobre cão, que não sabe ler números, distinguir a habitação de seu amo nesses longos quarteirões de tijolo, sem fisionomia e sem individualidade, em que todas as fachadas têm a mesma porta pintada de preto, o mesmo transparente meio erguido na mesma janela, e por trás da mesma vidraça o mesmo vaso branco com
155 o mesmo gerânio triste? Dirás tu, *Pussy* engenhosa, que é fácil penetrar pela porta entreaberta, e reconhecer a casa pela mobília: não, porque todas têm a mesma cadeira coberta de bezerro ao canto do mesmo fogão, o mesmo espelho na parede forrada do mesmo papel, e nos mesmos caixilhos floridos as mesmas
160 gravuras enternecedoras. O grande horror da nossa pátria é a *mesmice*. Ora, como diz o *Amigo da Imparcialidade* com aquela elevação de ideias que o torna tão venerável: — *quando as cousas se parecem absolutamente umas com as outras, começa a deixar de haver variedade*

165 Aqui, neste país que me custa a entender, e onde os marqueses são socialistas da subdivisão anarquista, e a restauração do Direito Divino é reclamada por boémios sem botas da taverna do *Gato Negro* — as raças diferentes de cães cruzando-se

143: sabão *windsor*, tabaco *maryland*,] sabão Windsor, tabaco Maryland, [1909] sabão *Windsor*, tabaco *Maryland*, [1970] [Em 1884 os qualificadores não surgem em itálico por se tratar de designações comuns na época; o cursivo em minúscula distingue-os dos nomes dos lugares de origem dos objectos substantivados, escolha dos testemunhos da tradição.]

146: e **expressam-se**] e exprimem-as [1884] e exprimem-se [1909; 1970] [A variante de 1884 é gralha tipográfica; corrige-se de acordo com o Ms.]

147: dum cão] de um cão [1970]

158: do mesmo fogão,] do fogão, [1909; 1970]

162: tão venerável: —] tão venerável, — [1909] tão venerável — [1970]

167: do Direito Divino] de Direito Divino [1884, que segue o manuscrito. A correção justifica-se pelo contexto histórico.] do direito divino [1970]

168: do *Gato Negro*] do Gato Negro [1909; 1970]

168: de cães cruzando-se] de cães, cruzando-se [1909] de cães, cruzando-se, [1970]

têm produzido uma deliciosa infinidade de tipos. Que fantasia,
 170 que imprevisto, que originalidade, que pêlo, que focinhos, nesta
 malta de cães nascidos da mistura de sangues diversos, e da
 baralhada de temperamentos contraditórios! Só queria que vis-
 ses um amigo que tenho aqui no Hotel. O seu nome clássico
 é *Príamo*; muito velho, muito pequeno, tem uma obesidade de
 175 cónego, padece de reumatismo, resmunga e geme, entrega-se
 ainda à devassidão, e gosta de cerveja: quando se move é a
 rebolar-se, com o aspecto toucinhento dum porquinho-da-índia:
 mas ordinariamente, sobretudo depois da cerveja, está senta-
 do de costas contra uma porta, com a barriga ao léu, o olho
 180 choroso, um bocado de língua vermelha pendendo-lhe do foci-
 nho, imagem estupenda dum silenozinho borracho!...

E as cadelas, *Pussy!* Ai, as cadelas... Que graça, que gosto,
 que finura, que ar leve e vibrante, que tom irresistível de la-
 drar, que *psbutt* no farejar! *Pussy*, se não fosse a respeitabili-
 185 de que me dá a nutrição e o resguardo que deve ter um cão da
 minha tradição histórica, — eu fazia tolices.

E as senhoras têm os mesmos encantos. Acho-lhes um
 sentimento mais pronto que o das nossas inglesas cor de ouro
 e de marfim, e duma expressão mais agradável. Uma dama
 190 inglesa se me encontra com meu amo, diz-me, como lhe diz a
 ele, e como diria a Jesus se o cruzasse na rua: — «*Good morning,*
sir!». Aqui as francesas que me vêem caem de joelhos, com o
 coração e os olhos em alvo, beijam-me todo o focinho, gritam

171: sangues diversos,] sangues diversos [1909; 1970]

173: no Hotel.] no hotel. [1970]

175: de reumatismo,] de reumatismos, [1884; *trata-se de gralha tipográfica que se corrige pelo manuscrito.*]

175-176: entrega-se ainda à devassidão,] entrega-se à devassidão, [1909]

177-178: dum porquinho-da-índia:] de um porquinho-da-índia: [1970]

184-185: a respeitabilidade] a respectabilidade [1884; *trata-se de gralha tipográfica que se corrige pelo manuscrito.*]

187: E] [1909 e 1970 não abrem parágrafo.]

188: mais pronto que o] mais pronto que os [1909]

189: duma expressão] de uma expressão [1970]

190: inglesa] inglesa, [1909; 1970]

191: se o cruzasse] se O cruzasse [1970]

191-192: «*Good morning, sir!*».] *Good morning, sir!* [1970]

195 num êxtase: — «*Oh, le beau loulou! Oh, le beau chéri! Oh, qu'il est beau!*» Talvez as outras, com o seu seco e correcto *Good morning*, sejam mais sinceras e mais profundas do que estas com os seus *loulous* e os seus *chéris*. Não importa: para mim vale mais uma beijoca que eu gozo logo no focinho, do que
 200 uma grave simpatia de alma que fica escondida dentro dos espartilhos do colete. Como diz o sapientíssimo *Amigo da Imparcialidade*, numa daquelas admiráveis máximas que lembram os Platões e os Aurélios: — *As cousas que estão à vista, consideradas em relação às cousas que estão ocultas têm tanto para o indivíduo, como para a sociedade, a vantagem de se poderem ver!*
 205

Nós em Inglaterra afirmamos, com a Bíblia apertada contra o coração, e a garrafa de *gin* escondida debaixo da mesa, que a moralidade dos nossos costumes é superior à de todas as nações do Universo. Tu sabes, *Pussy*, como esta pudica affectação nos parece divertida, a nós, cães e gatos, testemunhas permanentes da vida íntima, diante de quem os seres racionais, no seu imbecil orgulho e supondo que somos mudos não se dão ao incómodo de ter recato... A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pocilga, salão*, a diferença está aqui. O pecado entre estes amáveis franceses, é amável também; doura-o um estouvamento moço; tem no fundo uma ponta de sentimento ou de sensibilidade; e no beijo mais superficial há sempre bastante emoção para, sendo necessário, fazer uma lágrima. Em Inglaterra o pecado é bruto e cheira a aguardente.
 210
 215
 220

194: «*Oh, le beau loulou!* » «*Oh, le beau toutou!* [1909] *Oh, le beau toutou!* [1970]

195: *est beau!* »] *est beau!* [1970]

195-196: *Good morning*,] *good morning* [1970]

197: os seus *loulous*] os seus *toutous* [1909; 1970]

198: uma beijoca] uma beijoca, [1909; 1970]

199-200: dos espartilhos do colete.] das varas do colete. [1909; 1970]

202: Aurélios: — *As cousas*] Aurélios — *as cousas* [1909]

210: a nós, cães e gatos,] a nós cães e gatos, [1909; 1970]

212: somos mudos] somos mudos, [1909; 1970]

214-215: *Pocilga, salão*,] *Pocilga, Salão* — [1909] *Pocilga, salão* — [1970]

215: O pecado] O pecado, [1909; 1970]

Nós dizemos também em Inglaterra que os franceses, cão e homem, tendem a vadiar, não apreciam o encanto do lar como ele se aprecia aí em Inglaterra, e não têm como aí a veneração das cousas domésticas. De todos os nossos alardes, *Pussy*, é este decerto o mais desfasadamente impudente. Tu sabes, *Pussy*, como aí os nossos amos, apenas se acende o gás, largam tão direitos e tão lépidos para o *club* — como estes aqui para o botequim. Somente em Inglaterra, todo o ser racional, com calças, tem um *club*, frequenta um *club*, que o retém, pelo trabalho e pela bebida, longe do lar doméstico: e aqui os que vão à noite para esses lugares forrados de espelhos onde se joga um sereno dominó, e se filosofa amenamente, são em geral celibatários e boémios, — os mesmos que aí vão sorumbaticamente para uma taverna sem espelhos emborcar copos de *cognac*. Há decerto, entre nós, sujeitos que de vez em quando, passam a noite em chinelos ao canto do seu fogão: — mas tornam eles por acaso, com a sua presença, a sala mais animada e mais alegre o serão de família? Nós sabemos, *Pussy*, como se passam essas horas sombrias, em que o tédio escorre das paredes, penetra pela frincha das portas, acumula-se nas pregas das cortinas... O cavalheiro, de cachimbo nos dentes, lê soturnamente o jornal, tendo ao lado o copo de *cognac*; *madame*, de touca, e broche de ouro, tendo ao lado o copo de *cognac*, lê desenxabidamente o *magazine*. De vez em quando pousam o papel e

221: os franceses,] os Franceses, [1970]

223: e não têm] e não tem [Ms; 1884; 1909] [Corrige-se o verbo para o plural uma vez que se aplica aos substantivos franceses, cão e homem.]

227: o *club*] o clube [1970]

229: um *club*,] um clube, [1970]

229: um *club*,] um clube, [1970]

233: e boémios, —] e boémios — [1909; 1970]

234: de *cognac*.] de conhaque. [1970]

235: sujeitos que] sujeitos que, [1909; 1970]

237: mais animada] mais animada, [1970]

238: de família?] da família? [1909; 1970]

239: essas horas] essa horas [1970; deve tratar-se de gralha tipográfica.]

242: de *cognac*,] de conhaque; [1970]

242: *madame*, de touca,] *Madame*, de touca, [1909]

243: de *cognac*,] de conhaque, [1970]

245 ralham; e se sucede viverem numa harmonia bem remendada,
 deixam cair a prosa e dormitam. Os filhos, se são pequenos,
 vivem desterrados lá em cima, na *nursery*, com a criada; o papá
 tem apenas a respeito deles a vaga ideia de que estão vivos, e
 continuam a consumir a sua copiosa ração de pão com mantei-
 250 ga. Se os filhos são crescidos, estão nas colónias ou no bairro
 vizinho, mas sempre fora de casa, e sem relações, nem por
 visita nem por carta, com o lar de origem. Se são prósperos e
 ricos, o pai tira-lhes o chapéu, ou fala às vezes deles, às senho-
 ras; se falharam na vida, passam a ser para o seu progenitor
 255 como velhas caixas de sardinhas de Nantes vazias, destinadas
 ao lixo social. Por seu lado os filhos, se se não separam da
 lareira paterna, consideram negligentemente o pai como um
 mero dono de hotel, e nem *pai* lhe chamam, chamam-lhe *go-*
vernor, o governador; a mãe, essa, é boa para tratar da roupa
 260 branca, e é denominada *the old woman*, a velhota; e ordinaria-
 mente estas pessoas sentam-se à mesa, em volta do bule do chá,
 para dizerem uns aos outros cousas desagradáveis... No entan-
 to que está o cavalheiro lendo no seu jornal, e que está lendo
 a dama no seu *magazine*? Que só em Inglaterra existe o senti-
 265 mento doméstico, e que só aí o lar é doce e unido. Ora nisto
 é que nós somos admiráveis, — na *réclame*. Atribuímos-nos ma-
 jestosamente todas as virtudes, negamo-las aos outros com
 amargor, e esperamos que o mundo nos incense na nossa per-
 feição. E o mundo, ingenuamente, credulamente, incensa.
 270 Quando uma nação afirma, com energia de ferro e uma voz de
 trovão, que é grande, — ela passa imediatamente a ser grande.
 As outras não têm tempo de ir lá verificar e como diz o *Amigo*
da Imparcialidade, com o seu habitual esplendor de pensamen-

251-252: nem por visita] nem por visita, [1909; 1970]

253: às vezes deles,] às vezes deles [1909; 1970]

262-263: No entanto] No entanto, [1909; 1970]

265: e unido.] e unido! [1909; 1970]

266: admiráveis, — na *réclame*.] admiráveis — na *reclame*. [1909] admiráveis — no
 reclamo. [1970]

271: é grande, —] é grande — [1909]

272: ir lá verificar] ir lá verificar, [1909] ir verificar, [1970]

275 to, — *nunca se pode afirmar com certeza que uma proposição é falsa, enquanto se não sabe com evidência que ela é contrária à verdade.*

280 Outra cousa que me espanta aqui é o sentimento de igualdade. Ainda ontem vi um esbelto galgo, da mais velha nobreza da Normandia, com avós citados nas crônicas de Froissart, correndo e brincando com um canzarrão proletário, de pêlo rude, pertencente às últimas camadas caninas, socialista talvez. Em Inglaterra um cão da Câmara dos Lordes preferiria cortar o seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse ele tão honesto como Catão ou sólido no trabalho como uma máquina. E o que me surpreendeu é que o proletário estava inteiramente à vontade, sem timidez e sem servilismo, falando ao galgo como a um igual, certo de que Deus os fizera a ambos cães, e com idênticos direitos aos ossos deste mundo! Em Inglaterra o cão plebeu perderia a voz de comoção, ou se rojaria a lambar com idolatria as patas do galgo Lorde — se um galgo da Aristocracia, por uma aberração mórbida, ou num momento faceto de embriaguês, ou para ganhar uma aposta excêntrica viesse um instante fraternizar na rua com um cão da ralé. Ora se a civilização não significa igualdade — então não significa nada. Nós os ingleses somos um povo de livres que é ao mesmo tempo um povo de sevandijas. E todavia, como diz o nosso

274-275: *é falsa,] é falsa* [1909; 1970]

275: *com evidência] em evidência* [1884; *trata-se de gralha tipográfica, corrigida pelo manuscrito.*]

279: *da Normandia,] da Normandia* [1884; *corrige-se de acordo com o Ms.*]

282: *da Câmara] da câmara* [1884; 1909]

282-283: *cortar o seu rabo] cortar seu rabo* [1884; *corrige-se de acordo com o Ms. e a tradição.*]

283: *a ser visto conversando] a ser visto conversar* [1909; 1970]

284: *como Catão] como Catão,* [1909; 1970]

286: *sem servilismo,] sem servilismo* [1970]

288-289: *Em Inglaterra] Em Inglaterra,* [1909; 1970]

289: *ou se rojaria] ou se arrojaria* [1909; 1970]

290: *galgo Lorde] galgo lorde* [1970]

291: *da Aristocracia,] da aristocracia,* [1909; 1970]

292: *excêntrica] excêntrica,* [1909; 1970]

295: *Nós os ingleses] Nós, os ingleses,* [1909] *Nós os Ingleses* [1970]

296: *E todavia,* [1909 e 1970 *abrem parágrafo.*]

compatriota, o erudito *Amigo da Imparcialidade*, com aquela
sagacidade de vistas que lhe há-de obter o hábito de Santia-
go, — *é melhor que o homem não se abaixe porque tem então,*
300 *segundo as leis da natureza, uma grande probabilidade de se con-*
servar direito.

Passando incidentalmente a outro formoso lado da civili-
zação francesa, deixa-me falar-te, *Pussy*, da cozinha. Que cozi-
nheiros estes filhos da Gália! E como, ao pé destes requintes e
305 destes molhos, nós somos ainda o silvestre bretão, coberto de
peles de feras que no fundo lóbrego da sua caverna, abocanhava
pedaços sangrentos de carne mal assada, antes de S. Patrício ter
aportado a estas ilhas com a sua cruz na mão, a contar-nos as
cousas tristes que se tinham passado em Jerusalém!... Tu sabes
310 que eu gosto sempre de comer com a minha sopa, uma cenou-
ra. Em Inglaterra dão-ma invariavelmente dura, meia-crua, sem-
sabor e lívida: aqui é tenra, é doce, é perfumada, e é dum
lindo tom vermelho... É apenas uma cenoura: mas, neste pou-
co, meu Jesus, quanta graça e quanta perfeição!

315 Dirás tu, *Pussy*, que em compensação nós possuímos o
Império das Índias. De acordo. Mas, eu uso a cenoura por causa
dos meus incómodos intestinais de cão gordo: e a cenoura bem
cozinhada dá-me um alívio — que de modo nenhum me dá a
certeza, aliás lisonjeira, de que S. M. a Rainha Vitória, a quem

298-299: de Santiago, —] de Santi'Iago — [1970]

299: *é melhor*] «*é melhor* [1884] [*Embora Eça tenha usado aspas e indicação de itá-*
lico para todas as citações do Amigo da Imparcialidade esta é a única ocorrência no impresso
de 1884 em que o compositor segue as indicações do autor, não fechando, no final da frase,
as aspas abertas, pelo que aqui se eliminam.]

300: *da natureza,*] *da Natureza,* [1970]

302: formoso lado] [*A partir desta expressão o manuscrito é parcialmente lacunar*
por lhe faltar o fólho 16.]

306: de feras] de feras, [1909]

306: sua caverna,] sua caverna [1909; 1970]

308-309: as cousas] as coisas [1970]

310: de comer] de comer, [1909; 1970]

311: meia-crua,] meio crua, [1970]

311-312: sem-sabor] sem sabor [1909; 1970]

312-313: dum lindo] de um lindo [1970]

318: dá-me um alívio] dá-me alívio [1909; 1970]

320 os anjos sorriam, é Imperatriz das Índias. E se houvesse um
criado tão impudentemente patriótico, que ao servir-me em
Inglaterra a costumada cenoura rija e pálida, me recordasse,
como consolação e compensação, o nosso domínio nas Índias —
eu mordia-lhe.

325 De resto, *Pussy*, eu sou inglês: sei que à Inglaterra pertence
o Governo dos Continentes; sei que o seu lugar na civilização
é o mais vasto e o mais nobre. Não é uma cenoura mal cozida
que me esconde a grandeza moral da Pátria. E sou da opinião
do profundo *Amigo da Imparcialidade* que diz com a sua usual
330 vastidão de ideia, na sua frase tão tersa: — *Suprimi a Inglaterra
da face do Globo, e imediatamente vereis, com surpresa e com
dor, que a superfície do Globo tem uma nacionalidade de menos.*

Muito justo, mas...

.....

335 Aqui sentindo-me voltar da Biblioteca *D. José* interrompeu
a sua carta. Eu não concordo com algumas das suas opiniões
excessivamente genéricas. Todavia estas mesmas generalizações,
abrangendo tudo numa só cacheirada, são caracteristicamente
inglesas. Ainda ontem eu lia numa Revista de Londres a *Modern
Society* o estudo dum autor estimado sobre as *Mulheres France-
sas*. E logo na primeira página este crítico, que tem a cabeleira
340 entremeada de louros, surpreendeu-me singularmente dizendo-

320: é Imperatriz] é imperatriz [1970]

321: que ao servir-me] que, ao servir-me [1909; 1970]

322: pálida,] [Início do fôlio 17 e fim da lacuna no Ms.]

326: o Governo dos Continentes;] o governo dos continentes: [1909] o governo dos continentes; [1970]

330: de ideia,] de ideias, [1909; 1970]

335: Aqui] Aqui, [1909; 1970]

335: Biblioteca] Biblioteca, [1909] biblioteca, [1970]

335: *D. José*] «D. José» [1970]

336: suas opiniões] suas opiniões, [1909; 1970]

339-340: Revista de Londres a *Modern Society*] Revista de Londres, a *Modern Society*, [1909] revista de Londres, a «*Modern Society*», [1970]

340: dum autor] de um autor [1970]

340-341: as *Mulheres Francesas*.] as *mulheres francesas*. [1909; 1970]

341: este crítico,] esse crítico, [1909; 1970]

345 -me — «que as francesas *são todas* pequeninas, de cabelo muito negro e áspero como clinas, com uma cor de pele esverdinhada, e escura, o ar oleoso, e um buço tão forte no lábio superior que é quase um bigode!» É evidente que este escritor se enganou. Ao compor laboriosamente o seu artigo, baseado no Dicionário de Geografia Universal, tomou da estante por equívoco o tomo sobre Marrocos em lugar de tirar o volume sobre
350 a França, e querendo descrever as francesas de Paris, descreveu as marroquinas de Fez. Enganos destes são fáceis; e não obstam a que um autor continue a ser aclamado pelos seus concidadãos...

Assim também, há dias, o mais esclarecido jornal de Londres, o *Daily News*, dizia num ponderoso artigo de fundo, a propósito da guerra no Tonquim — «que Paris não é em cousa alguma superior a Pequim.» É claro que este jornalista estava embriagado. Acasos destes podem suceder: marcha-se num dia
360 frio para a redacção, entra-se num confortável café, carrega-se um pouco no *cognac*, sai-se pesadote e confuso; — e Pequim e Paris, dançando uma sarabanda alegre no crânio do crítico, aparecem-lhe através das fantasmagorias do álcool, ambos ornados de rabicho. Ocorrência explicável — e que não impede que um jornal continue a banhar largamente de luz o intelecto
365 dos seus assinantes...

Somente, não vos parece, amigos, que, já no caso do equívoco com o dicionário, já no outro mais lastimoso da embriaguês, esta prontidão em generalizar tudo denota uma tendên-

344-345: esverdinhada,] esverdinhada [1909; 1970]

348: Geografia Universal,] Geographia Universal [1884] [*Acrescenta-se a vírgula de acordo com o Ms.*]

348-349: da estante por equívoco] da estante, por equívoco, [1909; 1970]

350: a França, e] a França, e, [1909; 1970]

355: o *Daily News*,] o «Daily News», [1970]

360: no *cognac*,] no conhaque, [1970]

362: aparecem-lhe] aparecem-lhe, [1909; 1970]

362-363: ambos ornados] ambas ornadas [1970]

366: amigos, que,] amigos, que [1909; 1970]

367: com o dicionário,] como dicionario, [1884; *trata-se de gralha tipográfica que se corrige pelo Ms.*]

370 cia condenável no espírito inglês, e na imprensa inglesa, essa
 lâmpada condutora da terra? Pois então *todas* as damas, mes-
 mo que seja em Marrocos, com bigode? Não haverá sequer, na
 sombra lânguida dos haréns do *Sherif* uma mais favorecida por
 Maomé que tenha o doce lábio limpo de pêlo? E Paris em
 375 *cousa nenhuma* superior a Pequim? Oh senhores pois nem a
 Avenida da Ópera será um pouco melhor que a famosa rua da
 Choua, a principal de Pequim, onde os mendigos nus roem
 ossos no enxurro, e às esquinas pendem gaiolas de vime, com
 as cabeças dos decapitados a gotejar de sangue? Pois nem ao
 menos Renan e o velho Hugo, e Pasteur, e Vacherot, e Taine
 380 serão mais interessantes que esses sábios mandarins que rece-
 bem o botão de Cristal da Sabedoria desde o momento em que
 são aprovados em Gramática?...

Evidentemente estas generalizações são desconsoladoras.
 E elas são a maneira usual de julgar na imprensa inglesa, nos
 385 livros de viagem ingleses, e na conversa inglesa.

Por isso, as desculpo em *D. José*. Nele de resto, não há o
 traço grosseiro, e brutal. *D. José*, de todos os escritores ingle-
 ses, parece-me o mais moderado. E esta moderação torna-se até
 estreiteza, retrai-se em acanhamento — quando tem de escolher
 390 adjectivos para designar o *Amigo da Imparcialidade*. Chama-
 -lhe o *sapientíssimo*, o *eruditíssimo*, o *ilustre*, o *profundo*... Acei-

370: da terra?] da Terra? [1970]

372: do *Sherif*] do Sherif, [1909] do xerife, [1970]

372-373: por Maomé] por Mahomet, [1909]

374: Oh senhores] Eh senhores! [1909] Oh, senhores! [1970]

375: será um pouco melhor] será pouco melhor [1909]

378: a gotejar de sangue?] a gotejar sangue? [1909; 1970]

379: e Vacherot,] [*A crescentou-se a vírgula, que não surge em 1884*]

381: Cristal da Sabedoria] cristal de Sabedoria [1909] cristal da sabedoria [1970]

382: em Gramática?...] em gramática?... [1909]

383: Evidentemente] Evidentemente, [1909; 1970]

386: Por isso,] Por isso [1909; 1970]

386: *D. José*.] «D. José». [1970]

386: Nele] Nele, [1909; 1970]

387: grosseiro, e brutal.] grosseiro e brutal. [1909; 1970]

387: *D. José*,] «D. José», [1970]

táveis adjectivos quando se fale de Aristóteles, ou de Buffon; mas quando se trata deste assombroso colaborador do *Times* de todo o ponto mesquinhos e insuficientes.

395

Angers, Maio.

EÇA DE QUEIRÓS

392: de Aristóteles,] de Aristóteles [1909; 1970]

393: mas quando] mas, quando [1909; 1970]

393: do *Times*] do Times, [1909] do «Times», [1970]

395: *Angers, Maio.*] [O local e data de escrita da crónica foram suprimidos nas edições da tradição; 1970 substituiu-os pela data da primeira edição impressa: A Ilustração, 5 de Junho de 1884.]

6. (1885) — «Um grupo célebre»

A Ilustração, n.º 20, 20 de Setembro de 1885, pp. 282-283.

Os Latidos

I

Quem muito ladra, pouco aprende. — Antero do Quental

II

370

Escritor que ladra não morde. — Oliveira Martins

III

Dentada de crítico cura-se com pêlo do mesmo crítico. —
Ramalho Ortigão

IV

375

Cão lírico ladra á lua; cão filósofo abocanha o melhor osso. —
Eça de Queirós

V

Cão de letras — Cachorro! — Guerra Junqueiro

ENVOI

380

São cinco cães, sentinelas
De bronze e papel almaço,
De bronze para as canelas,
De papel para o regaço.

A matilha.

7. (1885) — Festa de Crianças

Beja-Creche — Número Único, Coimbra, Imprensa da Universidade, Abril 1885, p. 12.

Cartas de Inglaterra, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1905, pp. [221]-229.

Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres, Lisboa, Livros do Brasil, 2001, pp. 177-180.

Festa de Crianças

A mais engraçada festa de crianças de que me lembro foi em Inglaterra na casa de campo dos meus amigos Birds no país de Cornwall. Era uma mascarada reproduzindo em miniatura a Corte de El-Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. E o que tornava interessante a ressurreição desse mundo heróico e gentil, popularizado por Tennyson, é que nós estávamos ali justamente na região de Cornwall, onde viviam, entre sa-raus e batalhas, Artur, a sua rainha Ginevra e os doze valentes da Távola. A pouca distância do parque dos Birds, numa colina coberta de carvalheiras, a tradição coloca os paços de Artur e a maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas era o velho Usk. Nas suas frescas margens

1: Festa de Crianças] XI / A festa das crianças [1905] XI / A Festa das Crianças [2001]

2: festa de crianças] festa das crianças [1905; 2001]

2: de que me lembro] de que me lembro, [1905; 2001]

3: amigos Birds] amigos Birds, [1905]

5: a Corte de El-Rei Artur] a corte de el-Rei Artur [1905] a corte de el-rei Artur [2001]

5: Távola Redonda.] Távola-Redonda. [1885]

6-7: desse mundo heróico] deste mundo heróico [2001]

9: a sua rainha Ginevra] a sua rainha Guinevra [1905]

15 erguera-se outrora o mosteiro, onde o irmão de Percival uma
 noite, da janela da sua cela, viu passar numa nuvem cor-de-
 rosa, entre aromas de junquinhos, o vaso de San Graal cheio
 do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, das varandas da
 sala de jantar, podiam avistar em dias claros, lá ao longe na
 20 costa, e entre as rochas, as ruínas desse castelo de Tentigal, que
 aparece em todas as baladas do Rei Artur, negro e triste junto
 ao mar de Cornwall.

A corte começou a reunir-se cedo, à hora do *lunch*, no
 grande salão branco, sobre o jardim. Era o filho dos Birds quem
 esplendidamente recebia, vestido de Rei Artur. O primeiro
 25 personagem da lenda que chegou, acompanhado pela sua
 governante, foi o feiticeiro Merlim, um adorável bebé, gordo
 e embezerrado, com a coroa de hera, uns cabelos louros e umas
 enormes barbas proféticas enchendo-lhe a bochecha cor-de-rosa.
 Depois seguidos das mããs, vieram entrando todos os outros
 30 figurões da romântica crónica, cavaleiros de cinco anos arma-
 dos e emplumados, mongezinhos nédios do convento de Cle-
 rincal, bispos quase de mama com os seus báculos nos braços,
 bardos rabugentos, mesterais vestidos de seda e fadas mais lin-
 das que as fadas. As três rainhas místicas do Valalá chegaram

14-15: de Percival uma noite,] de Percival, uma noite, [2001]

16: o vaso de San Graal] o vaso do Santo Graal [1905]

16-17: cheio do sangue] cheio de sangue [2001]

17: E, das varandas] E das varandas [1905; 2001]

18: podiam avistar] podiam avistar-se [1905; 2001]

18: lá ao longe] lá ao longe, [1905]

19: castelo de Tentigal,] castelo de Tintagil [1905] castelo de Tentival, [2001]

20: do Rei Artur] do rei Artur [1905; 2001]

22: do *lunch*] do lunch [1885;1905]

24: de Rei Artur.] de rei Artur. [1905; 2001]

25-26: pela sua governante,] pela sua governanta, [2001]

26: o feiticeiro Merlim,] o feiticeiro Merlino, [1905]

27: e embezerrado,] e embezerrado [2001]

29: Depois] Depois, [1905; 2001]

31-32: do convento de Clerincal,] [Passagem omitida em 1905.]

33: de seda] de seda, [1905]

34: do Valalá] do Walhala [1905; 2001]

35 por último, gravezinhas, todas três pela mão, cobertas de véus negros, escoltadas por um grande lacaio empoado.

Pouco a pouco o salão ficou tão animado como a velha
 Caerleon numa manhã de torneio. O pequeno Bird, de Rei
 Artur, com o seu manto bordado de ouro, os cabelos frisados
 40 saindo em anéis de sob a coroa carregada de pedras, passeava,
 majestoso, entre os seus irmãos de armas. Uma senhora encan-
 tada quis-lhe dar um beijo. Ele repeliu-a asperamente, como
 teria feito o casto Rei Artur. Mais orgulhoso do que ele, só o
 bravo Lanceoloto do Lago, a quem tinham pintado um buço, e
 45 que revestido de armas negras, com uma longa pluma escarlata
 ondeando-lhe desde o elmo até às esporas de ouro, não tirava
 a mão da espada. E o que parecia ensoberbecê-lo mais era a sua
 faixa de gaze branca, passada sobre a couraça, e feita, em rígida
 obediência à Epopeia, dum véu da rainha Ginevra. E essa era
 50 a grande beleza do sarau, a rainha Ginevra, uma irlandezinha
 com as duas tranças negras e os olhos verdes como os prados
 de Érin. Séria e fria, envolta na pesada capa de cetim azul,
 conservava-se no meio dum sofá, imóvel com um sorriso, que
 lhe punha uma covinha no queixo, indiferente aos madrigais,
 55 insensível às proezas dos cavaleiros, e sempre de olhos baixos,
 ou por ela os bardos firam as harpas, ou por ela se batam os
 vassalos junto ao mar de Cornwall.

37-38: a velha Caerleon] o velho Caerleon [2001]

39: com o seu manto] com seu manto [2001]

40-41: passeava, majestoso,] passeava majestoso, [1905; 2001]

41-42: Uma senhora encantada] Uma senhora, encantada, [1905]

43: casto Rei Artur.] casto rei Artur. [1905; 2001]

44: Leceoloto do Lago,] Lancelote do Lago, [1905; 2001]

44-45: um buço, e que] um buço, e que, [2001]

47: ensoberbecê-lo mais] ensoberbecê-lo mais, [2001]

48: sobre a couraça, e feita,] sobre a couraça, e feita [1905]

49: à Epopeia,] à epopeia, [1905; 2001]

49: dum véu] de um véu [2001]

49: da rainha Ginevra. E essa] da rainha Guinevra [1905; 2001]

53: dum sofá, imóvel] de um sofá, imóvel, [1905; 2001]

Um escudeiro anunciou o *lunch*, tocando uma buzina de
 prata, tal qual como no Caerlaon. E pelo corredor aos pares
 60 toda a Corte seguiu à sala de jantar o Rei Artur, que levava
 pela mão, com uma graça solene, a linda rainha Ginevra. De-
 pois, mas não sem alguma confusão, em que necessariamente
 as mamãs tiveram de ser enérgicas com os cavaleiros, ficou
 completa a Távola Redonda ornada de baixelas e flores. E nada
 65 faltava do que mandam as poéticas crónicas. Ao fundo da mesa,
 na sua cadeira esculpida pelos Génios, lá se achava o velho
 feiticeiro Merlim, a quem a governante, para ele comer com
 limpeza a sua sopa, tirara as barbas proféticas. Não havia um
 javali assado sobre um prato de ouro. Apenas um honesto *roast-*
 70 *-beef*. Mas o Rei Artur levantava o seu copo de água misturada
 de uma gota de Bordéus, com a nobreza com que o outro, há
 tantos centos de anos e naquela mesma colina, erguia a taça de
 hidromel em dias de vitória. De resto a sala, com o seu tecto
 de carvalho lavrado, tinha o severo aparato doutras eras e atra-
 75 vés da janela lá estavam, como nos versos da *Morte de Artur*,
 as ruínas do Castelo de Tentigal, negro e triste junto ao mar
 de Cornwall.

58: o *lunch*,] o lunch [1905]

59: no Caerleon.] no Paerlaon. [1885] em Caerleon. [1905] [Emenda-se o nome,
 tal como fez 1905, por tratar-se de evidente erro tipográfico.]

59-60: E pelo corredor aos pares toda a Corte] E pelo corredor, aos pares, toda a
 corte [1905; 2001]

60: o Rei Artur,] o rei Artur, [1905; 2001]

61: rainha Ginevra.] rainha Guinevra. [1905]

64: Távola Redonda] Távola Redonda, [1905]

65: Ao fundo] [1905 e 2001 abrem parágrafo.]

67: feiticeiro Merlim,] feiticeiro Merlino, [1905]

67: a governante,] a governanta, [2001]

69-70: um honesto *roast-beef*.] um modesto *roast-beef*. [1905; 2001]

70: o Rei Artur levantava o seu copo de água] o rei Artur levantava o seu copo
 de água, [1905; 2001]

74: doutras eras] de outras eras [2001]

75: da janela] da janela, [1905]

75: da *Morte de Artur*,] da «Morte de Artur». [2001]

76: Castelo de Tentigal,] Castelo de Tintagil, [1905] castelo de Tentival, [2001]

76: junto ao mar] junto do mar [2001]

80 A Corte mostrava tanto apetite como à volta duma batida
aos lobos nos bosques, que avizinham o Usk. Até as fadas
devoravam. Sir Galaad, esse que possuía a força de mil, porque
o seu coração era virgem, já por duas vezes reclamara *pudding*
de batata, batendo furiosamente com o garfo sobre o seu
morrião de prata, posto ao lado da mesa entre os cristais. Fora
preciso, por causa da sua magnífica túnica de cetim verde, atar
85 um guardanapo ao pescoço do cavaleiro Boer, essa radiante
flor de bravura cristã. No meio de toda a alegria o forte Percival,
incomodado com a sua armadura, permanecia mono e corado,
com o ar de estar pensando (como o outro Percival) em se
recolher ao mosteiro de Vik. Depois, de repente e inexplica-
90 velmente, rolou abaixo da cadeira, entornando todo o molho
nos joelhos do intrigante Malverne, o mais violento cavaleiro
da Távola.

95 Malverne despropositou e arrepelou os cabelos de ouro de
Percival. A tia do herói acudiu assustada, e então como o fa-
moso Lanceoloto do Lago se estava tornando turbulento, foi
arrancado da Távola Redonda ignominiosamente nos braços
dum escudeiro aos berros.

Depois do *lunch*, a corte de El-Rei Artur voltou ao sarau
a regozijar-se com danças. Sarau delicioso! Havia dois monges

- 78: A Corte] A corte [2001]
78: duma batida] de uma batida [2001]
79: nos bosques,] nos bosques [2001]
80: Sir Galaad,] Sir Galahad, [1905; 2001]
82: de batata,] de batatas, [1905; 2001]
83-84: Fora preciso,] [1905 e 2001 abrem parágrafo.]
85: cavaleiro Boer,] cavaleiro Bors, [1905; 2001]
87: mono e corado,] manso e corado, [1905; 2001]
89: ao mosteiro de Vik.] ao mosteiro de Wik. [1905; 2001]
91: do intrigante Malverne,] do intrigante Mordred, [1905]
93: Malverne] Mordred [1905]
94-95: e então como o famoso Lanceoloto] e então como o famoso Lancioloto
[1885] e então, como o famoso Lancelote [1905; 2001]
96-97: ignominiosamente nos braços dum escudeiro aos berros.] ignominiosamente,
nos braços dum escudeiro, aos berros. [1905; 2001]
98: do *lunch*,] do lunch, [1905]
98: de El-Rei Artur] de el-rei Artur [2001]

100 extraordinários de buréis brancos, tão pequenos e tão trôpegos
que as senhoras tinham de os segurar pelos braços nas quadri-
lhas e que queriam constantemente dançar, mais joviais que os
cavaleiros, prontos a atirar-se sempre aos bracinhos das campone-
sas toucadas de flores.

105 O puro Sir Galaad, já sem broquel e sem morrião, galopava
doidamente com uma ligeira fada, chegada nessa manhã da
Bretanha, das florestas de Braseliante. Um bardo com a coroa
de folhas de carvalho enterrada até aos olhos chorava por ter
perdido a sua harpa. Havia também um príncipe do Mar do
110 Norte, um castelão do Érin e o bravo cavaleiro Boer, que se
tinham refugiado a um canto, por detrás dum sofá, onde, sentados
no chão, continuavam na sua divertida merenda com
bolos, dando gritos, quando as senhoras queriam pôr cobro
àquela gula tão imprópria de paladinos cristãos. No corredor o
115 pai Bird teve de suste o abade de Clerincal, que arregaçava as
vestes sacerdotais, e ia furioso sovar o intrigante cavaleiro Mal-
verne. E não foi possível realizar a parte mais picante da lenda,
fazendo com que Lanceoloto do Lago cortejasse Ginevra.

99-100: monges extraordinários] monges extraordinários, [1905]

105: Sir Galaad,] Sir Galahad, [1905; 2001]

107: florestas de Braseliante,] florestas de Broceliande. [1905] florestas de Braze-
liante. [2001]

107: Um bardo] um bardo, [1905; 2001]

108: até aos olhos] até aos olhos, [1905; 2001]

109-110: Mar do Norte,] mar do Norte [2001]

110: um castelão do Érin e o bravo cavaleiro Boer,] um castelão de Erin e o bravo
cavaleiro Bors, [1905; 2001]

111: detrás dum sofá,] detrás de um sofá, [2001]

111-112: onde, sentados no chão,] onde sentados no chão [1905]

112-113: com bolos, dando gritos,] com bolos dando gritos, [1885] com bolos,
dando gritos [2001] [*Adopta-se a lição de 1905*]

114: No corredor] No corredor [1905 e 2001 *abrem parágrafo.*]

115: suste o abade de Clerincal,] suste um rechonchudo abade, [1905; 2001]

116: sacerdotais, e ia furioso sovar] sacerdotais, e ia, furioso, sovar [1905] sacerdo-
tais e ia furioso sovar [2001]

116-117: cavaleiro Malverne.] cavaleiro Mordred. [1905]

118: Lanceoloto do Lago] Lancelote do Lago [1905; 2001]

118: Ginevra.] Guinevra. [1905]

120 O bravo Lanceoloto (bem diferente do outro) parecia de cora-
 ção duro e sem gosto pelo sorrir das damas. Terminou mesmo
 por ter uma hedionda perrice, e caiu nos joelhos da mamã,
 com duas grossas lágrimas nas pestanas e a sua bela pena escar-
 late caída no chão, como numa tarde de derrota.

125 Cedo os bebés começaram a estar cansados. Eu mesmo,
 no meio da festa, tive de levar ao colo o venerável bispo Black-
 embourg com a sua mitra e com o seu rico báculo. Os seus
 doces olhinhos azuis fechavam-se de sono. Deitei-o no sofá,
 junto da mais pequenina das rainhas do Valalá, que já ali dor-
 mia sob o véu negro, com os cabelos de ouro soltos e o lírio
 130 do Paraíso entre as mãozinhas cruzadas...

E o santo Bispo candidamente adormeceu ao lado da mís-
 tica Rainha.

EÇA DE QUEIRÓS

119: bravo Lanceoloto] bravo Lancioloto [1885] bravo Lancelote [1905; 2001]

125-126: o venerável bispo Blackembourg] o bravo bispo de Blackburn [1905] o
 venerável bispo de Blackemburg [2001]

128: do Valalá,] do Walhalla, [1905; 2001]

131: o santo Bispo] o santo bispo [1905; 2001]

131-132: mística Rainha.] mística rainha. [2001]

8. (1885) — [Sem título]

Esmola — Corbeille de versos e prosas: Director, Joaquim de Araújo, Porto, Bazar do Bom-Pastor (Brinde de D. Laura Vilar Cardoso de Castro), Tipografia Elzeviriana, 1885, p. 14.

A folha branca dum álbum, as mais das vezes, é maculada pelo epitáfio do Espírito.

EÇA DE QUEIRÓS

9. [1886-1887] — [O Francesismo]

Últimas páginas — Artigos Diversos, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1912, pp. [469]-502.

Obras de Eça de Queiroz — Cartas e outros escritos, Lisboa, Livros do Brasil, 2001, pp. 322-343.

Há já longos anos que eu lancei esta fórmula: — *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo*. A segura, a impaciência, com que ela foi acolhida, provou-me irrecusavelmente que a minha fórmula era subtil, exacta, e se colava à realidade como
5 uma pelica. E para lhe manter a superioridade preciosa da exactidão, fui bem depressa forçado a alterá-la, de acordo com a observação e a experiência. E de novo a lancei assim aperfeiçoada: — *Portugal é um país traduzido do francês em calão*. E desta
10 vez a minha fórmula foi acolhida com simpatia, com rebuliço, e rolou de mão em mão como uma moeda de ouro bem cunhada e rutilante, que é agradável mostrar, fazer tinir sobre o mármore dos botequins. Já a encontrei brilhando num almanaque, numa comédia do *Príncipe Real* e num sermão. Porque foi este
15 novo, carinhoso acolhimento? Quem sabe? Talvez porque a ideia de vernaculidade desagradava, lembrando pedantismo, caturrice, a Academia das Ciências, o pingo de rapé, outras coisas antipáticas. Enquanto que a ideia de calão nos sugere, sobretudo a nós lisboetas, chalaça alegre, bacalhau de cebolada, Chiado, Grémio,
20 pescada frita nas hortas, em tarde de sol e poeira, e outras delícias, de que eu, ai de mim, estou aqui privado!

Em todo o caso, ou à maneira de Curvo Semedo, o clássico, ou à maneira do Zé Pinguinhas, o fadista, é evidente que

25 há quarenta anos, desde a Patuleia, Portugal está curvado sobre
 a carteira da escola, bem aplicado, com a ponta da língua de
 fora, fazendo a sua civilização, como um laborioso tema, que
 ele vai vertendo dum largo traslado aberto defronte — que é a
 França. Quem dependurou ali o traslado para que Portugal
 30 copiasse, com finos e grossos? Talvez os homens de 1820; tal-
 vez os românticos da Regeneração. Eu não fui; — tenho sido
 acusado com azedume, nos Periódicos, ou naqueles bocados de
 papel impressos, que em Portugal passam por Periódicos, de
 ser *estrangeirado*, *afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo
 exemplo, para *desaportuguesar Portugal*. Pois é um desses erros
 35 de Salão, em que tão fértil é a frivolidade meridional. Em lu-
 gar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das
 melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros
 passos, ainda com sapatinhos de *crochet*, eu comecei a respirar
 a França. Em torno de mim só havia a França. A minha mais
 40 remota recordação é de escutar, nos joelhos dum velho escudeiro
 preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que ele
 me contava de Carlos Magno e dos Doze Pares. Havia aí cer-
 tamente grandes lições de valor, de lealdade, de heroísmo: mas
 eram virtudes cavalheirescas que se provavam todas nos mon-
 45 tes da Provença ou de Navarra. De cavaleiros portugueses, que
 dessem cutiladas nos mouros, nunca me contaram história al-
 guma à lareira. Também o meu preto lia contos tristes das
 águas do mar. Eram as aventuras dum João de Calais. As naus
 afundavam-se, os gajeiros gritavam *terra*, mas era tudo em frios
 50 mares da Bretanha. De navegadores portugueses, em galeões
 portugueses, não me contaram jamais história alguma à lareira.

Depois ensinaram-me a ler: e o Estado, que certamente
 tinha interesse em que eu soubesse ler, e que, por meio das

27: dum largo traslado] de um largo traslado [2001]

30: Eu não fui; —] Eu não fui — [2001]

31: nos Periódicos,] nos periódicos, [2001]

32: por Periódicos,] por periódicos, [2001]

34: *desaportuguesar Portugal*.] *desportuguesar Portugal*. [2001]

34-35: erros de Salão,] erros de salão, [2001]

40: dum velho escudeiro] de um velho escudeiro [2001]

48: dum João] de um João [2001]

55 suas Repartições Públicas, estudara prudentemente o livro que
 melhor me convinha, como lição moral, e como lição patrió-
 tica, meteu-me nas mãos um volume traduzido do francês e
 chamado *Simão de Nântua*. Eram as aventuras dum justo: abund-
 60 davam lá os exemplos de modéstia, de diligência, de caridade,
 de pudor; mas todas estas virtudes, suaves e íntimas, se exi-
 biam longe, em Dijon, na Alsácia, e nas estalagens da Picardia.
 De sorte que, para mim, todos os justos, bem como todos os
 heróis, só em França se produziam na perfeição, como os
 espargos, nessa França donde tudo que é amável vinha, donde
 65 eu mesmo viera, como outras crianças, num açafate de alfaze-
 ma e cravo. Depois, comecei a subir o duro calvário dos Pre-
 paratórios: e desde logo, a coisa importante para o Estado foi
 que eu soubesse bem francês. Decerto, o Estado ensinava-me
 outras disciplinas, entre as quais duas, horrendas e grotescas,
 que se chamavam, se bem recordo, a *Lógica* e a *Retórica*. Uma
 70 era destinada a que eu soubesse bem pensar, e a outra, corre-
 lativamente, a que eu soubesse bem escrever. Eu tinha então
 doze anos. Para eu saber pensar, o Estado e os seus professores
 forçavam-me a decorar diariamente laudas de definições, de
 fórmulas misteriosas, que continham a essência, o segredo das
 75 coisas, compiladas do francês, de velhos compêndios de Esco-
 lástica. Era terrível! O lente, casmurro e soturno, perguntava:
 — Quantos são os impossíveis?
 Eu devia papaguear em voz clara:
 — Dois. O impossível físico, que o homem não pode fa-
 80 zer, mas Deus pode; por exemplo: ressuscitar. O impossível
 metafísico, que nem ao homem, nem a Deus mesmo é permi-
 tido, como, por exemplo, que uma coisa, ao mesmo tempo,
 seja e não seja!
 «Que nem a Deus é permitido!» Havia pois alguma coisa
 85 que nem a Deus era permitida? E quem era então esse outro
 poder, que, mais onipotente, mais alto nas nuvens, lho não

57: *Simão de Nântua*.] «Simão de Nântua». [2001]

57: dum justo:] de um justo: [2001]

73-74: laudas de definições, de fórmulas] laudas de definições de fórmulas [2001]

75-76: de Escolástica.] de escolástica. [2001]

permitia? A minha cartilha, traduzida também do francês, com
 a aprovação dum bispo francês, ensinava-me, por outro lado,
 que Deus é absoluto, de ilimitado poder, e que as suas vastas
 90 mãos, que o Universo fizeram, podem o Universo desfazer.
 Qual tinha pois razão, destes dois livros que o Estado me
 impunha? A Cartilha? A Lógica? Dúvida pavorosa, primeiro
 tormento de alma em que só antevia uma coisa certa, inevitá-
 vel: o R, a *raposa*. Mas bem depressa compreendi que esta
 95 Lógica, com a divertida, faceta, incomparável Retórica, que tive
 de decorar durante um ano, eram decerto disciplinas em que o
 Estado não tinha interesse que eu fosse perfeito. O seu desejo
 estava todo em que eu soubesse bem francês. Quando cheguei
 na diligência a Coimbra, para fazer o exame de Lógica, Retó-
 100 rica e Francês, o presidente da mesa, professor do Liceu, velho
 amável e miudinho, de batina muito asseada, perguntou logo
 às pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

— Sabe ele o seu francês?

E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem
 105 como o velho Talma, o excelente velho atirou as mãos ao ar,
 num imenso alívio.

— Então está tudo óptimo! Temos homem!

E foi tudo óptimo, recitei o meu Racine, tão nobremente
 como se Luís XIV fosse lente, apanhei o meu *nemine*, e à tar-
 110 de, uma tarde quente de Agosto, comi com delícia a minha
 travessa de arroz-doce na estalagem do *Paço do Conde*. E desde
 então nunca mais saí do francês. Quando no último ano de
 Preparatórios, o Estado subitamente se lembrou que era con-
 veniente que eu tivesse algumas noções do Universo, foi atra-

88: dum bispo] de um bispo [2001]

90: que o Universo fizeram, podem o Universo desfazer.] que o universo fizeram,
 podem o universo desfazer. [2001]

93: tormento de alma] tormento de alma, [2001]

94-95: esta Lógica,] esta lógica, [2001]

95: incomparável Retórica,] incomparável retórica, [2001]

99-100: Lógica, Retórica e Francês,] lógica, retórica e francês, [2001]

111: *Paço do Conde*.] Paço do Conde. [2001]

113: o Estado subitamente] o Estado, subitamente, [2001]

114: do Universo,] do universo, [2001]

115 vés de um Compêndio francês, o *Langlebert*, que me relacionei
com os três Reinos da Natureza. Conheci mais tarde em Paris
este Langlebert, que é um médico, no *Quartier Latin*. E contei-
lhe como nas páginas tão sabiamente por ele compiladas, eu
120 aprendera de cor a fórmula química da água e a teoria do pára-
raios. Langlebert, coçando risonhamente o seu espesso colar
da barba, considerou-me com ternura, como a um bárbaro que
dá proveito:

— *Oui, oui, vous n'avez pas de ces livres là-bas... Et j'en suis
bien aise! Ça me fait une jolie rente...*

125 Creio bem que lhe fizesse uma linda renda não termos
esses livros *cá em baixo!*

E outros decerto faziam lindas rendas, eles ou os Editores,
porque, apenas entrei na Universidade, fui abrindo o meu rego
de bacharel através de livros franceses. Direito natural, Direito
130 público, Direito internacional, todos os Direitos, ou em com-
pêndios ou em expositores, eram franceses, ou compilados
abertamente do francês, ou secretamente surripiados do fran-
cês. E, sobre a mesa de pinho azul dos meus companheiros de
casa, só se apinhavam livros franceses de Matemática, de Ci-
135 rurgia, de Física, de Química, de Teologia, de Zoologia, de
Botânica. Tudo francês! Algumas lições eram dadas em fran-
cês, por lentes preclaros, carregados de condecorações, que
pronunciavam *il faut — ile faúte*. Aquele corpo docente nunca
tivera bastante actividade intelectual para fazer os seus com-
140 pêndios. E todavia Coimbra fervilhava de lentes, que decerto
tinham ócios. Havia-os no meu tempo inumeráveis, moços e
vetustos, ajanotados e sórdidos, castos e debochados, e todos
decerto tinham ócios; mas empregavam-nos na política, no
amanho das suas terras, no bilhar, na doçura da família, no
145 trabalho de dominar pelo terror o pobre académico encolhido

115: o *Langlebert*,] o «Langlebert», [2001]

124: [1912 e 2001 apresentam toda a citação em corpo redondo.]

127-128: os Editores,] os editores, [2001]

134-136: de Matemática, de Cirurgia, de Física, de Química, de Teologia, de Zoo-
logia, de Botânica.] de matemática, de cirurgia, de física, de química, de teologia, de
zoologia, de botânica. [2001]

na sua batina; e o saber necessário para confeccionar a *sebenta*, iam buscá-lo todos os meses aos livreiros da Calçada, que o recebiam de França, encaixotado, pelo pacote do Havre.

Ora naturalmente até aqui, simples estudante, eu do vasto
 150 mundo só vira, só me interessara por aquele detalhe que mais se relaciona com o estudante — o compêndio. E só encontrava, só respirava o francês. Mas depressa, compreendendo que por aquele método de decorar todas as noites, à luz do azeite, um papel litografado que se chama a *sebenta*, eu nunca chegaria a
 155 poder distinguir, juridicamente, o justo do injusto, decidi aproveitar os meus anos moços para me relacionar com o mundo. Comecei por me fazer actor no Teatro Académico. Era *pai nobre*. E, durante três anos, como *pai nobre*, ora grave, opulento, de suíças grisalhas, ora aldeão trémulo, apoiado ao meu
 160 cajado, eu representei entre as palmas ardentes dos Académicos, toda a sorte de papéis de comédias, de dramas — tudo traduzido do francês. Por vezes, tentávamos produzir alguma coisa de mais original, de menos visto que a *Dama das Camélias*, ou o *Chapéu de palha de Itália*; reunimo-nos, com papel e tinta; e
 165 entre aqueles moços, nascidos em pequenas vilórias da província, novos, frescos, em todo o brilho da imaginação, uma só ideia surgiu: *traduzir alguma coisa do francês*. Um dia porém Teófilo Braga, farto da França, escreveu um drama, conciso e violento, que se chamava *Garção*. Era a história e a desgraça
 170 do poeta Garção. Eu representei o Garção, com calções e cabeleira, e fui sublime; mas o Garção foi acolhido com indiferença e secura. E um só grito ressoou nos bastidores:

— Ora aí têm... Um fracasso! Pudera! Peças portuguesas!...

147: livreiros da Calçada,] livreiros da calçada, [2001]

147-148: o recebiam de França, encaixotado,] o recebiam de França, encaixotados, [1912]

150: só me interessara] só me interessara, [2001]

158-159: ora grave, opulento,] ora *grave*, opulento, [2001]

160-161: dos Académicos,] dos académicos, [2001]

163-164: a *Dama das Camélias*, ou o *Chapéu de palha de Itália*;] a «Dama das Camélias», ou o «Chapéu de Palha de Itália»; [2001]

167: Um dia porém] Um dia, porém, [2001]

169: *Garção*.] «Garção». [2001]

173: Peças portuguesas!...] Peças portuguesas... [2001]

Imediatamente nos refugiámos no francês e em Scribe.

175 O Teatro, pouco a pouco, pusera-me em contacto com a
literatura. Encontrei, organizada, completa, uma larga socie-
dade literária a que em parte presidia o homem, entre todos
excelente e grande, que é mais que uma glória da sua pátria,
porque é uma glória do seu século. Mas, à parte esse, em quem
180 as largas, fecundas correntes do saber contemporâneo não alte-
ravam de todo esse feitio especial, profundamente português,
de ilhéu de boa raça, descendente de navegadores do século XVI —
todo o resto desse rancho encantador parecia ter chegado na
véspera do *Quartier Latin*. Sobre as mesas, só havia livros fran-
ceses; nas cabeças só rumorejavam ideias francesas; e o cavaco,
185 entre a fumaça, tomava invariavelmente o picante gosto fran-
cês. O que se lia? Só a França. Toda a França — desde Mery a
Proudhon e desde Musset a Littré. Em todo o tempo que va-
gueei pelas margens do Mondego, creio que não abri um livro
português, a não ser, em vésperas de acto, e com infinita re-
pugnância, a *Novíssima Reforma Judiciária*. Mas conhecia, como
190 todos os meus amigos, cada romancista, cada poeta francês,
não só na sua obra, mas na sua vida — nos seus amores, nos
seus tiques, e no seu estado de fortuna. Foi por esse tempo que
eu e alguns camaradas nos entusiasmámos pela pintura france-
195 sa!... É extraordinário, bem sei, considerando que estávamos
então a seis longos dias de viagem do Louvre e do Luxemburgo,
e do *Salon*. Mas tínhamos os críticos, todos os críticos de arte,
desde Diderot até Gautier, e era na prosa deste que nós admira-
200 rávamos extaticamente a sobriedade austera de Ingres ou o
colorido apaixonado de Delacroix. E em tudo isto eu obedecia
sempre a um impulso, a uma grande corrente, como uma fo-
lha que bóia na água.

175: O Teatro,] O teatro, [2001]

184: do *Quartier Latin*.] do Quartier Latin. [2001]

191: a *Novíssima Reforma Judiciária*.] a «Novíssima Reforma Judiciária». [2001]

193-194: nos seus tiques,] nos seus *tics*, [1912]

197: do Louvre] do Louvre, [2001]

199: na prosa deste] nas prosas destes [2001]

205 Com a minha carta de bacharel num canudo, trepei enfim
um dia para o alto da Diligência, dizendo adeus às veigas do
Mondego. Justamente nesse mesmo tejadilho ia um francês, um
commis-voyageur. Era um colosso, de lunetas, duro e brusco,
com um queixo maciço de cavalo, que, à maneira que o coche
210 rolava, ia lançando através dos vidros defumados um olhar às
terras de lavoura, aos vinhedos, aos pomares, como se os sope-
sasse e lhes calculasse o valor, torrão a torrão. Não sei porquê,
deu-me a impressão de um agiota, estudando as terras dum
morgado arruinado. Conversei com este animal; ele pareceu
215 surpreendido da minha facilidade no francês, do meu conheci-
mento do francês, da política de França, da literatura de Fran-
ça. De facto, eu conhecia romancistas, filósofos franceses, que
ele ignorava. E ainda recordo o tom de alta protecção, com
que me disse, batendo-me no ombro, enquanto nós rolávamos
na estrada, vendo em baixo, no vale, o mosteiro da Batalha:

220 — *Vous avez raison, il faut aimer la France... Il n'y a que
ça! Et puis, vous savez, il faut que nous vous fassions des choses,
des chemins de fers, des docks, de choses... Mais il faut nous donner
votre argent...*

225 Creio que realmente, depois, temos dado *notre argent* à
França, largamente!

230 Enfim cheguei à capital de Portugal, — e lembro-me que a
primeira coisa que me impressionou foi ver a uma esquina um
grande cartaz, anunciando a representação de *Cançonetas fran-
cesas*, no Casino, a brilhante M.^{elle} Blanche, e a incomparável
Blanchisseuse. Era outra vez a França, sempre a França. Eu
deixara-a dominando em Coimbra, sob a forma filosófica; vi-
nha encontrá-la conquistando Lisboa, de perna no ar, sob a
forma de *can-can...*

212-213: dum morgado] de um morgado [2001]

217: de alta protecção,] de alta protecção [2001]

220: [1912 e 2001 transcrevem toda a citação em corpo redondo.]

226: de Portugal, —] de Portugal — [2001]

228-229: de *Cançonetas francesas*,] de *cançonetas francesas*, [2001]

229-230: a brilhante M.^{elle} Blanche, e a incomparável *Blanchisseuse*.] a brilhante
Madame Blanche, e a incomparável «*Blanchisseuse*». [2001]

233: de *can-can...*] de *cançã...* [2001]

235 Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era
 realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros — só co-
 médias francesas; nos homens — só livros franceses; nas lojas —
 só vestidos franceses; nos hotéis — só comidas francesas... Se nesta
 capital do Reino, resumo de toda a vida portuguesa, um patriota
 240 quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz
 de forno, ou comprar uma vara de briche — não podia.

Nem nos palcos, nem nos armazéns, nem nas cozinhas,
 em parte alguma restava nada de Portugal. Só havia arremedos
 baratos da França. A particular atmosfera de coscuvilhice po-
 lítica, que é tão peculiar a Lisboa como o nevoeiro a Londres,
 245 forçou-me, a meu pesar, a embrenhar-me também na política.
 Em que política? Boa pergunta! Na francesa! Porque havia então
 em Lisboa toda uma classe culta e interessante de políticos
 «franceses», que, no Grémio, na Havanesa, à porta do Maga-
 lhães, faziam uma oposição cruel, amarga, inexorável, ao Im-
 250 pério Francês e ao Imperador Napoleão!

Também havia decerto, na Baixa, no Passeio Público,
 Imperialistas, que tinham empreendido a campanha da Ordem
 contra Rochefort, e contra Gambetta. Mas era uma minoria.
 Lisboa toda arreganhava o dente para o Imperador. E, natural-
 255 mente, eu, moço e ardente, cheio de ideias de Liberdade, e de
 República, transbordando de ódio contra essa corja dos Rouher
 e dos Baroche, que proibiam o teatro de Hugo, e tinham leva-
 do à política correcional Gustave Flaubert, lancei-me vivamente
 na oposição às Tulherias. O que eu conspirei! Jesus, o que eu
 260 conspirei! O meu desejo era filiar-me na Internacional! E lem-
 bra-me que uma noite, a propósito de não sei que novo escân-
 dalo do Império, achando-nos uns poucos no Martinho, em
 torno dum café, exclamámos todos, pálidos de furor, cerrando
 os punhos:

265 — Isto não pode ser! Já sofremos bastante. É necessário
 barricadas, é necessário descer à rua!

252: Imperialistas,] imperialistas, [2001]

254: o Imperador.] o imperador. [2001]

258: Gustave Flaubert,] Gustavo Flaubert, [2001]

263: dum café,] de um café, [2001]

Descer à rua, era a ameaça terrível. E descemos o degrau do Martinho!

Depois, na rua, sob o quente luar de Julho, ouvindo os foguetes para os lados do Passeio Público, voltámos para lá os passos frementes — porque um de nós, o mais exaltado, encontrava lá uma certa senhora, em noites de fogo preso. Ah mocidade, mocidade, incomparável encanto! Onde estão os entusiasmos de então, a santa palidez que nos cobria a face ante o espectáculo da injustiça, e a doçura que encontrávamos nos luars de Maio, e os foguetes alegres do Passeio?

Enquanto à Política propriamente portuguesa, escuso dizer que nenhum de nós verdadeiramente sabia se o regímen que nos governava era a Constituição ou o Absolutismo. De tais detalhes portugueses não curavam os filhos de Danton. E enquanto às divisões parlamentares de Regeneradores, Históricos, Reformistas, nem sequer as suspeitávamos, nós que conhecíamos as menores *nuances* da oposição francesa, e que distinguíamos as pequenas subtilidades de opinião que dividiam Jules Favre e Gambetta, Picard e Jules Simon.

Mas para que hei-de continuar? Não quero escrever uma página de memórias. Apenas mostrar, tipicamente, como eu, toda a minha geração (exceptuando espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins) nos tínhamos tornado fatalmente franceses no meio duma sociedade que se afrancesava e que, por toda a parte, desde as criações do Estado até ao gosto dos indivíduos, rompera com a tradição nacional, despindo-se de todo o traje português, para se cobrir — pensando, legislando, escrevendo, ensinando, vivendo, cozinhando — de trapos vindos da França!

Esta geração cresceu, entrou na política, nos negócios, nas letras, e por toda a parte levou o seu francesismo de educação, espalhou-o nos livros, nas leis, nas indústrias, nos costumes, e tornou este velho Portugal de D. João VI uma cópia da França, mal feita e grosseira. De sorte que, quando eu len-

277: à Política] à política [2001]

300: mal feita e grosseira.] malfeita e grosseira. [2001]

tamente fui emergindo dos farrapos franceses em que essa educação me embrulhara, e tive consciência do postigo estrangeiro da nossa civilização, eu pude dizer que *Portugal era um país traduzido do francês* — no princípio em vernáculo, agora em calão.

305

Mas dir-me-ão: — Tudo isso é uma pequena minoria, feita de alguns políticos, alguns literatos, alguns banqueiros e alguns mundanos; a vasta maioria do país, a burguesia das vilas, a gente dos campos, permanece portuguesa, conservando no seu sentir e no seu pensar o fio da tradição, que seria fácil ir buscar lá, para com ele se continuar a tecer a nossa verdadeira civilização de feitio português.

310

Nenhum erro maior! Essa vasta maioria não conta. Um país, no fundo, é sempre uma coisa muito pequena: compõe-se dum grupo de homens de letras, homens de estado, homens de negócios, e homens de *club*, que vivem de frequentar o centro da capital. O resto é paisagem, que mal se distingue da configuração das vilas ou dos vales. É a gente sonolenta da província, que apenas se diferencia das pequenas vielas, tortuosas e sujas, onde vegeta; são os homens do campo, que mal se destacam das terras trigueiras que semeiam e regam. A sua única função social é trabalhar, pagar. A direcção de um país é dada justamente por essa minoria da capital. Quando algum jornalista e algum político de Paris quiser que a França seja republicana, proclama-se a república; quando preferir que haja monarquia, sobe um sujeito, com uma coroa na cabeça, ao trono de Luís XIV. Não são os camponeses da Beauce, nem os burgueses de Orleães, que escolhem para a França o barrete vermelho ou a coroa fechada. A moda dessa *coiffure* vem de Paris, dalguas redacções do *Boulevard* ou dos corredores do *Palais-Bourbon*. Na mesma Inglaterra, com a sua vasta descentralização intelectual e social, a classe média não conta, porque, na reali-

320

325

330

300-301: quando eu lentamente] quando eu, lentamente, [2001]

315: dum grupo de homens] de um grupo de homens [2001]

316: de *club*,] de club, [1912] de clube, [2001]330: do *Boulevard*] do Boulevard [1912; 2001]330-331: do *Palais-Bourbon*.] do Palais-Bourbon. [1912; 2001]

335 dade, os círculos eleitorais das províncias só em questões muito graves, em questões de dinheiro ou dignidade nacional, têm uma opinião sua, e a fazem ouvir de alto: de resto, ocupada no seu trabalho, aceita submissamente as opiniões dos *clubs* de Pall-Mall, e dos jornalistas de Fleet-St., como aceita a forma de *paletots*, que para a *season* é decretada pelos cortadores de Cook ou de Poole. Que será pois em Portugal onde, fora do pequeno centro de Lisboa, não há vida intelectual nem social?

340 O que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos decide no Chiado que Portugal seja — é o que Portugal é. Se um grupo amanhã decidir que Portugal seja turco — através do país inteiro todos os chapéus altos, todos os chapéus desabados, todos os cocos, todos os barretes de varino, tenderão lentamente mais ou menos a tomar a forma de turbante. Por ora, todavia, tudo é francês. A toda a parte chega esta ondulação do francesismo partida do Chiado — mais forte no Porto do que em Guimarães, mais visível em Guimarães do que em Lamaçal de Bouças, mas sensível para quem sabe ver debaixo das superfícies. Pode-se conservar o chinelo de ourelo, e ser-se fiel ao sarrabulho de porco, mas por toda a parte há vagamente essa tendência, essa aspiração, esse desejo escondido de não se ser como foram nossos avós, mas de outro modo, como se é lá fora. E lá fora — é a França.

350 O pai dum amigo meu, em 1836 ou 1848, num ódio repentino a tudo que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se à sua mobília antiga, de pau-preto torneado e de assentos de couro lavrado, e num só dia vendeu, queimou, sepultou em sótãos, 360 dispersou todas essas formas vetustas, que lhe vinham do passado; depois correu a um estofador da esquina, e comprou, ao acaso, num lote, uma mobília francesa. O que este homem fez, todo o Portugal o fez. Num rompimento desesperado com o velho regime, tudo quebrou, tudo estragou, tudo vendeu.

336-337: dos *clubs* de Pall-Mall,] dos clubs de Pall-Mall, [1912] dos clubes de Pall-Mall, [2001]

337-338: de *paletots*, que para a *season*] de paletots, que para a *season* [1912] de paletós que, para a *season*, [2001]

356: dum amigo meu,] de um amigo meu, [2001]

365 Achou-se de repente nu; e como não tinha já o carácter, a
força, o génio, para de si mesmo tirar uma nova civilização,
feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se à pressa numa
civilização já feita, comprada num armazém, que lhe fica mal,
e não lhe serve nas mangas.

370 Como acontece sempre nestas *toilettes* feitas à pressa, vê-se
ainda por baixo do arrebique francês os restos do fato primi-
tivo e rude. Portugal ainda usa tamancos. Mas mesmo onde
este desventuroso país usa tamancos, tem o seu coração, o seu
desejo voltado para a bota de verniz bicuda, que vem de Paris.
375 Numa velha vila da Província, um amigo meu entrou numa
loja, uma sombria loja, cheirando a mofo, alumiada a azeite,
para comprar um guarda-chuva. E, oh horror! Eis que o lojista,
um pouco pálido, de quinzena de cotim, lhe pergunta, erguendo-
se de trás do balcão com o seu *Gil-Blas* na mão: «V. Ex.^a leu
380 hoje esta deliciosa fantasia de Catulle Mendès?» Naquela loja
respeitável, onde seu pai, de chinelos, apilhava, honradamente,
os briches e as saragoças, o miserável lia Catulle Mendès! Mais
ainda. Um dia, em Braga, abro um jornal e vejo este anúncio:
«Na rua de tal, velas de cera, círios, tochas de qualidade supe-
385 rior, tudo o que há neste género de mais *pshutt* e *becarre*.» Oh
miséria incomparável! Os santos encantadores do nosso Calen-
dário, patronos das nossas casas, fiéis e doces protectores do
nosso lar, alumiados nos altares com círios *pshutts*, e com mo-
lhos de velas *becarre*! A este abismo levou o francesismo, na
390 velha e católica Braga, o venerável e patriótico negócio da cera.
Desgraçada cera, desgraçada Braga!

Mas é sobretudo na minha especialidade, na literatura, que
esta cópia do Francês é desoladora. Como aqueles patos que

370-371: vê-se ainda, por baixo do arrebique francês] vê-se ainda, por baixo do arrebique francês, [2001]

375: vila da Província,] vila da província, [2001]

377: E, oh horror! Eis que] E, oh horror!, eis que [2001]

379: com o seu *Gil-Blas*] com o seu «Gil Blas» [2001]

379: «V. Ex.^a leu] «Vossa Excelência leu [2001]

386-387: do nosso Calendário,] do nosso calendário, [2001]

393: cópia do Francês] cópia do francês [2001]

395 Zola tão comicamente descreve na *Terre*, aí vamos todos, em
 fila, lentos e vagos, através do caminho da poesia e da prosa,
 atrás do ganso francês. Quando ele embica para a relva, vamos
 bamboleando, pata aqui, pata acolá, em direitura à relva; se ele
 pára, com o bico no ar, todos paramos, com o bico no ar. De
 repente ele abre as asas, saltita pesadamente, e eis a fila grotesca,
 400 ca, e pesada, e saltitante, correndo confiadamente para o charco!
 Fomos sucessivamente, em imitação do ganso francês, românticos,
 góticos, satânicos, parnasianos, realistas. Toda a incoerência,
 toda a afectação, toda a extravagância duma literatura em
 decadência, ávida de originalidade, e desengonçando-se
 405 no esforço violento de encontrar uma altitude nova que espante
 o público, — é imediatamente macaqueada a sério, com uma
 gravidade melancólica, que é o fundo do carácter nacional, por
 uma infinidade de moços honestos e simples.

Há dois ou três anos, esse colossal blagueador e *cabotin*
 410 chamado Richepin, publicou um livro, *Les Blasphèmes*, em que
 se propunha simplesmente a acabar de vez, por meio de algumas
 rimas brilhantes, com o sentimento religioso na humanidade,
 descrevendo obscenamente a afeição íntima de seu pai e
 de sua mãe. Era em casa de Oliveira Martins, e todos achámos
 415 imensamente divertida esta nova forma de respeito filial. Antero
 de Quental, porém, não ria:

— Isto para nós é grave — disse ele. — Porque amanhã vão
 aparecer aí, por todos esses jornais, estrofes de poetas novos,
 começando assim:

420

Meu pai era ladrão, minha mãe meretriz!

E vinte horas não tinham passado sem que todos, no espanto
 desta profecia, lêssemos, em jornais de Lisboa e Porto,
 425 poesias em que moços de maior honestidade, de famílias
 honradíssimas, acusavam suas mães de prostituição e tratavam
 os pais de «lúbricos machos». Aí está onde leva a França!

394: na *Terre*,] na «Terre», [2001]410: *Les Blasphèmes*,] «Les Blasphèmes», [2001]

426: acusavam suas mães] acusavam as suas mães [2001]

Mas, se os que escrevem ou escrevinham vivem da França, os que lêem ou os que apenas folheiam nutrem-se exclusivamente da França. Quem passeia pelas ruas de Lisboa vê que nas vitrines dos livreiros só há livros franceses; e quando se sobe às casas, se penetra na sociedade, só lá se descobrem, (desde que a conversação se eleva acima das coisas locais), leituras francesas, admirações francesas, frases francesas. Quase toda a nossa mocidade culta recebe a sua luz intelectual do *Figaro*. E o banalíssimo, mediocríssimo Wolf é ainda, para muitos homens inteligentes, o representante do espírito francês. Porque é necessário observar que tanto os que escrevem, como os que lêem, tomam ingenuamente o *Boulevard* pela França. Para além da França nada se conhece — e é como se, literariamente, o resto da Europa fosse uma vasta charneca muda, sob a bruma. Da nossa vizinha Espanha, nada sabemos. Quem conhece aí os nomes de Pereda e de Galdós? A literatura inglesa, incomparavelmente mais rica, mais viva, mais forte e mais original que a da França, é tão ignorada, apesar de geralmente se saber inglês, como nos tempos remotos em que vinte longos e laboriosos dias eram necessários para ir de Lisboa a Londres. Há alguns anos, um personagem, um Político, um Homem de Estado, perguntava-me, com um ar de suficiência e superioridade:

— Lá por Inglaterra também há alguma literatura?

E ainda recentemente um homem excessivamente culto, conhecendo perfeitamente o inglês, me dizia:

— A respeito da literatura, imagino que deve ser alguma coisa de muito brilhante e de muito grande; mas, a não ser Dickens, que morreu há vinte anos, não posso citar um só nome, e de nenhum outro posso citar uma só linha!

E todavia não é a curiosidade que nos falta. Mas estamos colados às saias da França, como às de uma velha amante, a

428: da França.] da França: [2001]

429: vitrines dos livreiros] vitrinas dos livreiros [2001]

431: coisas locais),] coisas locais) [2001]

433: do *Figaro*.] do «Figaro». [2001]

437: o *Boulevard*] o Boulevard [1912; 2001]

446: um Político, um Homem de Estado,] um político, um Homem de Estado, [2001]

que nos acorrente o vício e o hábito, e de quem não ousamos afastar-nos, para ir falar a alguma mulher mais interessante e mais fresca. Há tempos, na curta distância que vai do Rossio
 460 ao Loreto, eu fui assaltado por seis ou sete pessoas, que me travavam do braço, me arrastavam para a esquina, para me perguntar ansiosamente: «Quem é uma certa Rhoda Broughton que escreve romances?» E eu ia já indignar-me, pensando que isto era uma *scie* montada contra mim, quando soube que o
 465 *Figaro* da véspera tinha um artigo sobre a graciosa e fina criadora da *Família Maubrey*.

Da rica e grande literatura da Alemanha, podemos dizer, como o meu amigo: nem um nome a citar, nem uma linha a lembrar! E se agora conhecemos alguns romances russos, é
 470 porque «estão à moda» no *Boulevard*.

Mas, pergunto eu, este *collage* com a França, esta imitação, esta preocupação da França, é uma tendência fatal, necessária, de temperamento, de congeneridade, de similitude, a que não possamos escapar, como a Dinamarca não pode escapar a
 475 imitar a Alemanha, e a Bélgica se não pode eximir a imitar a França? Não creio. O dinamarquês é um alemão desbotado. A Bélgica é uma edição barata da França. Mas não há similitude alguma de temperamento, de feitio moral entre nós e a França. Nada mais diferente de um francês do que um português; nem
 480 eu compreendo que satisfação, que gozo possa achar o espírito português em se nutrir, em se banhar nas criações do espírito francês. A França é um país de inteligência; nós somos um país de imaginação. A literatura da França é essencialmente crítica: nós, por temperamento, amamos sobretudo a eloquência e a imagem. A literatura da França é, desde Rabelais até
 485 Hugo, social, activa, militante. A nossa, por tradição e instinto, é idílica e contemplativa. Não é só por uma fria imitação de Teócrito e dos bucólicos latinos que nós, desde Rodrigues

464-465: que o *Figaro*] que o «Figaro» [2001]

466: da *Família Maubrey*.] da «Família Maubrey». [2001]

470: no *Boulevard*.] no Boulevard. [1912; 2001]

490 Lobo até aos elegíacos da Arcádia, amamos a écloga pastoril; é
 porque nós somos realmente o povo que se compraz em estar
 quieto entre os choupais, a ver correr as águas meigas, pensando
 em coisas saudosas. Fomos à Índia, é verdade, mas quase
 495 três séculos são passados, e ainda estamos descansando, der-
 reados, desse violento esforço a que nos obrigaram alguns aven-
 tureiros que tinham pouco do fundo comum da nossa raça, e
 que, a julgar por Afonso de Albuquerque, deviam ser de ori-
 gem fenícia, puros cartagineses, talvez da família dos Barcas.
 Enfim, o símbolo da França será eternamente o galo, o galo
 petulante e lustroso que canta claro, com uma limpidez de
 500 clarim, no fresco arrebol da manhã: e o nosso emblema é e
 será eternamente o rouxinol, que geme na espessura mal alu-
 miada dos arvoredos, o rouxinol «amavioso e saudoso» que faz
 chorar Bernardim.

505 A alma dum povo define-se bem a si mesma pelos heróis
 que ela escolhe para amar e para cercar de lenda. O grande rei
 para os franceses, é e será sempre Francisco I, enorme, robus-
 to, ligeiro, rindo alto, batendo-se valentemente, amando mais
 valentemente ainda, radiante, gozando largamente a vida, poe-
 ta em certos momentos, artista por ostentação, e falador eter-
 510 no... O nosso genuíno herói, e isto resume tudo, é o poético
 e pensativo D. Sebastião.

Ora se nenhuma congneridade de ideia, de sentimento,
 de natureza, de temperamento, nos cola irremediavelmente à
 França, ser-nos-ia fácil, sem dúvida, separar-nos dela, sem que
 515 se dilacerassem as raízes mesmas da nossa sociedade. Nós esta-
 mos apenas colados à superfície, somos um parasita. E se nos
 desprendêssemos desse grande corpo, em que sugamos para
 viver, poderíamos, sem emagrecer e sem deterioração do nosso
 organismo, ir procurar noutro corpo social a vida do nosso
 520 espírito. Como parasitas prudentes, e o português é prudente,

489: écloga pastoril;] écloga pastoril: [2001]

506: para os franceses,] para os Franceses, [2001]

514: ser-nos-ia fácil,] ser-nos-á fácil, [2001]

podemos talvez perguntar a nós mesmos, se nos convém con-
 tinuar a sugar a pele francesa, e se ela realmente oferece todos
 os elementos duma suficiente alimentação para que, como uma
 525 pulga obstinada que pica o seio ressequido da carcaça duma
 velha, onde não há seiva e sangue, não estejamos nós morden-
 do, chupando, onde não há sangue e seiva que nos alimente.

É tempo pois de considerar se nos convém, como *table-
 d'hôte*, a literatura da França, — a nós, parasitas, que em ques-
 tões de literatura e de tudo, vamos comer às casas alheias.
 530 Afoitamente digo que não nos convém. A literatura francesa,
 neste último quartel do século, sofre dum obscurecimento, um
 desaparecimento de sol entre nuvens, de que o seu génio decer-
 to sairá mais radiante e iluminado; mas por ora só nela há uma
 grande sombra, que passa. De cima a baixo, das regiões do alto
 535 saber e do alto pensar até à literatura do *Boulevard*, há um
 enfraquecimento, um desequilíbrio, um enervamento, que dum
 lado leva à extravagância, e do outro à banalidade. Extravagân-
 cia, banalidade! O grande, luminoso, exacto, crítico espírito
 francês está oscilando entre estas duas inferioridades. E em toda
 540 a linha da criação literária assim oscila, ora dando pulos grotes-
 cos com o desagradável Richepin, ora estendendo-se, chatissi-
 mamente, ao comprido, com o detestável Ohnet. Veja-se a mais
 alta figura literária da França, e a mais francesa — Renan. Espí-
 rito da mais requintada e subtil finura crítica, saturado de sa-
 545 ber, possuidor duma língua a mais luminosa e a mais bela,
 tendo o que há de melhor em Racine e de melhor em Voltaire,
 com alguma coisa de mais aveludado, de mais acariciador, que
 prende, irresistivelmente arrasta a alma, — que ensina ele, hoje,
 este Mestre, este francês, que domina com a dupla influência
 550 da fina crítica e da forma perfeita?

524-525: duma velha,] de uma velha, [2001]

527: É tempo pois] É tempo, pois, [2001]

527-528: como *table-d'hôte*,] como *table-d'hôte* [1912]

528: da França, —] da França — [2001]

535: do *Boulevard*,] do Boulevard, [1912; 2001]

545: duma língua] de uma língua [2001]

548: a alma, —] a alma — [2001]

Este Mestre ensina-nos simplesmente que nada na Terra vale, ou tem importância, senão os gozos que dá o amor, ou o esquecimento que dá a morte. Certamente, em boa filosofia, as duas coisas correlacionam-se: a morte e o amor; e há aqui uma
 555 grande lógica. Mas nem por isso deixa de ser o mais forte sintoma da decadência intelectual da França que este Mestre, este sábio, não abra os lábios, não tome a pena, senão para nos apontar alternadamente — ou para a alcova ou para o cemitério. E se, de Renan, descemos à grande massa da literatura —
 560 o estonteamento é ainda mais característico. No romance, que é a forma preferida da arte moderna, temos mais que em nenhuma outra a banalidade e a extravagância instintivamente usadas para os dois grandes fins, os dois grandes objectos de todo o esforço parisiense — ganhar dinheiro e espantar a galeria, o gozo ou a gloriola. Na banalidade, com mais ou menos
 565 distinção (porque tal é o requinte moderno que mesmo na banalidade há distinção) temos duas ou três individualidades que dão o tom por que as outras atrás afinam. É o Sr. Ohnet, o medíocre Sr. Ohnet, que ganha centenas de mil francos, fabricando, com pena fácil, para uso dum larga democracia
 570 igualitária que tem um fundo de educação aristocrática, quadros burgueses, em que os donos de forjas, empreiteiros, proprietários de armazéns de retalho, toda uma classe industrial, aparecem com os sentimentos de cavalheirismo, orgulho, heroísmo, romantismo, que essa pequena burguesia estava habituada a admirar secretamente na classe aristocrática, na gente de privilégio e de espada, nos *grands seigneurs*! É depois o Sr. Bourget, um parisiense com um ligeiro toque de inglesismo, como pede a moda, que leva para o *Faubourg St. Germain*, num *fiacre*,
 580 os seus métodos de Psicologia, dum Psicologia que cheira bem, que cheira a *opopanax*, e tomando uns ares infinitamente pro-

551-552: na Terra vale,] na terra vale, [1912]

554: correlacionam-se:] correlacionam-se; [2001]

579: *Faubourg St. Germain*,] Foubourg St. Germain, [1912]579-580: num *fiacre*, os seus métodos de Psicologia, dum Psicologia] num *fiacre*, os seus métodos de psicologia, dum psicologia [2001]581: a *opopanax*,] a opopánace [2001]

fundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estilo que todo o mundo tem.

585 Por outro lado, gesticulando violentamente, há um pequeno grupo de extravagantes, que se estorcem, se esfalfam para achar alguma coisa inesperada que faça deter os *badauds* no *Boulevard*, que com efeito espantam por vezes como saltimbancos muito destros, mas que no momento em que findam as
590 suas cabriolas, arquejando, são esquecidos pelo homem sério, que pára a olhar, e que passa. Tudo isto é francês, especialmente nascido das condições especiais de Paris, e não vejo o que aqui tenha a admirar ou imitar um bárbaro honesto que vive para cá dos Pirinéus. E de todos estes romancistas, talvez aqueles que nós pudéssemos com mais utilidade imitar, são os muito
595 simpáticos e estimáveis Verne e Boisgobey, que ao menos, com suas viagens, as suas intrigas, são um encanto providencial das crianças e dos convalescentes.

Na poesia francesa, tão admirada entre nós, a decadência
600 é maior. Os franceses nunca foram poetas, e a expressão natural do gênio francês é a prosa. Sem profunda, religiosa, ardente emoção, não há poesia; e a França não se comove, permanecendo sempre num razoável equilíbrio de sentimento e de razão, bem senhora da sua clara inteligência. Os clássicos da poesia
605 francesa, Mathurin Regnier, Boileau, La Fontaine, são justamente os homens de bom senso, de fria crítica, de honesta moral. Os bons conhecedores da poesia, em França, admiram sobretudo os poetas, quando eles têm em alto conceito estas qualidades superiores, que são na realidade qualidades de prosa. A limpidez nobre de Racine, a graça subtil de La Fontaine,
610 serão o encanto eterno da França. Victor Hugo, com o seu violento voo lírico, com o esplendor do seu verbo, teve a admiração, mas nunca teve a estima literária da França. E hoje os

587-588: no *Boulevard*,] no Boulevard, [1912; 2001]

588: que com efeito] que, com efeito, [2001]

591: é francês,] é Francês, [2001]

611: Victor Hugo,] Vitor Hugo, [2001]

615 poetas mais estimados de França são-no ainda por qualidades
que pertencem à prosa — Coppée, pela sua facilidade clara e
breve, Leconte de Lisle, pela sua majestade lapidar. A poesia
francesa são alexandrinos em prosa. Baudelaire escrevia primeiro
em prosa os seus poemas.

620 Nunca a França teve um só poeta comparável aos poetas
ingleses, a Burns, a Shelley, a Byron, a Keats, homens de emoção
e de paixão, tão poéticos como os seus poemas; e hoje, que
poeta há em França que se possa pôr ao lado de Tennyson, de
Browning, de Rossetti, de Mathew Arnold, de Edwin Arnold,
625 de Austin, etc.? Um só poeta francês teve a emoção: Musset.
Colocado no centro do Romantismo, abalado por largas cor-
rentes de emoção, que vinham de Inglaterra e da Alemanha,
dotado de uma exaltação natural, apaixonado, ardente, inspira-
do, este francês singular sofreu, e cantou como sofreu; e, con-
servando-se francês, foi profundamente humano. Mas a França
630 culta, literária, muito tempo se recusou a ver nele um grande
poeta. Diz Paul de Musset, que, quando apareceram, na *Revista
dos Dois Mundos*, as «Estâncias à Malibran», «As Noites», os
verdadeiros homens cultos permaneceram frios! Como havia
porém naquela poesia, e expressas sinceramente, coisas que são
635 eternas, a mocidade, o amor, e voluptuosidade, a dor — a Fran-
ça, pouco a pouco, foi atraída para aquele canto vivo e doloro-
so. A simpatia das mulheres venceu a resistência dos críticos.
Musset, hoje, é oficialmente um grande poeta, mas nunca veio
a ser um clássico. E a França conserva diante dele uma reserva,
640 misturada de desdém e de amor, reprovando e amando, e sen-
tindo que tem naquele homem, que a Europa tanto lhe aclama,
um poeta que é ao mesmo tempo medíocre e imortal.

De resto, a inteligência e a poesia raramente vão juntas.
Eu só conheço um homem, uma excepção, em que o sumo

631-632: na *Revista dos Dois Mundos*,] na «Revista dos Dois Mundos», [2001]

632: as «Estâncias à Malibran», «As Noites»,] as *Estâncias à Malibran*, *As noites*,

[1912]

633-634: Como havia porém] Como havia, porém, [2001]

643: e a poesia] e a poesia, [2001]

645 génio poético se alia à suma razão filosófica. É o nosso Antero
de Quental. Nos seus *Sonetos*, exprime esta coisa estranha e
rara — as dores de uma inteligência. É uma grande razão deba-
tendo-se, sofrendo, e formulando os gritos do seu sofrimento,
as suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo,
650 da mais sublime beleza poética; cada soneto é o resumo poéti-
co duma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se
lançou sobre este livro de *Sonetos* (que Portugal não leu) e os
traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatu-
ra, como uma coisa rara e sem precedentes, uma pérola feno-
655 menal de criação desconhecida, única no grande tesouro da
Poesia Universal. Mas em França não há disso. E a sua clara
inteligência tem-lhe vedado os triunfos poéticos. Depois da curta
emoção de Musset, a França recaiu mais que nunca na poesia
que é admirada por ter as qualidades da prosa.

660 E isto, naturalmente, devia levar, e levou num momento
em que toda a literatura decaí, e em que a emoção de todo se
esvai, e o espírito crítico um momento se embola, — devia levar
e levou à banalidade ou à extravagância. Mas se a parte da
banalidade é grande no Romance, — os poetas, que estão natu-
665 ralmente mais longe do grande público, foram forçados a
chamar-lhe a atenção mais violentamente, e, numa ânsia de
originalidade e de novidade, precipitaram-se em massa na ex-
travagância. Daí provêm todos esses movimentos do Satanismo,
que desandou noutro, chamado, Deus me perdoe, o Nevros-
670 sismo! Mas aí ainda havia o desejo, no fundo intelectual, de
dar um estremecimento, um arrepio novo à alma.

Por fim, toda a intenção intelectual foi posta de parte e
ficou a preocupação meticulosa, requintada da forma — duma
forma que tivesse a extrema originalidade no extremo relevo.
675 O sentir foi substituído pelo cinzelar; e uma estrofe, um sone-

646: seus *Sonetos*,] seus «Sonetos», [2001]

652: de *Sonetos*] de «Sonetos» [2001]

662: se embola, —] se embota — [2001]

664: no Romance,] no romance [2001]

669-670: o Nevrosismo!] o Nervosismo. [2001]

673-674: duma forma] de uma forma [2001]

to, foram trabalhados com os lavores, os polidos, os retorci-
 dos, os engastes, as cintilações dum broche de filigrana, tendo
 apenas, como a filigrana, um valor de feitio, como ela agradá-
 vel à vista, mas deixando o espírito indiferente. Estes homens
 680 chamaram-se a si mesmos os Parnasianos — e, entre nós meri-
 dionais, que amamos o labor e o feitio, o brilho, o luxo da
 forma, exerceram uma influência devastadora. A eles se devem
 esses estilos delirantes, que tornaram nestes últimos anos a
 poesia, em Portugal, uma coisa grotesca e pícara.

685 Mas mesmo em França a sua influência, ou antes o seu
 contágio, não foi menos lamentável. Nada há mais tirânico do
 que a moda nas formas: a bota bicuda, sendo moda impõe-se
 irresistivelmente aos espíritos mais profundos; e a cabeça de
 artista em que brilhem as ideias do mais puro gosto, ou rolem
 690 os sistemas mais profundos, submete-se resignadamente ao
 chapéu que decreta em Londres *The Journal of Fashion*. Nin-
 guém gosta de aparecer na rua menos bem entapado que o seu
 concidadão, seja em casaco ou em estilo. E foi assim que vene-
 ráveis poetas franceses caíram, já entrados nos dias da sua ve-
 695 lhice, no Parnasianismo: Autran e Laprade, eles mesmo, passa-
 ram uma camada de esmalte novo, das cores da moda, sobre os
 seus severos e succulentos alexandrinos: e viu-se o bardo Banville,
 o amável e fecundo bardo que desde 1830 cantava de *omne re-
 scibile* numa lira larga e fácil, descer ao *Boulevard* a espantar a
 700 multidão, mais fecundo e amável que nunca, com ritmos e rimas
 tão sarapintados, tão desengonçados, que não se sabia bem se
 aquilo que cabriolava e reluzia no papel, eram os versos dum
 poeta ou as bolas dum pelotiqueiro.

705 Mas estes tempos dos Parnasianos ainda eram os bons
 tempos. Hoje, que os poetas aclamados depois da geração de
 Hugo, de Lamartine, de Gautier, — os Prudhommes, os Lisle e
 outros, têm entrado na Academia e no silêncio, e a sua in-

677: dum broche de filigrana,] de um broche de filigrana, [2001]

690-691: ao chapéu que decreta] aos chapéus que decreta [2001]

691: *The Journal of Fashion*.] «The Journal of Fashion». [2001]

699: ao *Boulevard*] ao Boulevard [1912; 2001]

fluência salutar foi arrefecendo como um sol que declina, rompeu, com o crepúsculo, uma imensa, infrene orgia no Parnaso Francês. Tão infrene que as pessoas tímidas e honestas não se arriscam a aproximar-se — e, como no tempo de Baco, os homens graves da planície param aterrados, e de longe contemplam, sem ousar ver de perto, as tochas e os gritos das Coribantes perpassar, enchendo de desordem, de troça e de escândalo, a espessura do bosque sagrado.

Eu pelo menos, educado com Musset e Hugo, não ousou aproximar-me desses Coribantes, e dos seus livros. Jamais abri um desses livros amarelos, dentro dos quais passam estrofes, com bulhas e gritos intoleráveis. Sei apenas que esses novos se chamam a si mesmos, com uma sublime sinceridade, os *Decadentes*, os *Incoerentes*, os *Alucinados*. Têm as suas *coteries*, como quem diria os seus Colégios Sacerdotais, celebram em comum os seus ritos, e, como todos os Colégios Sacerdotais, redigem os seus anais, em cadernetas que se chamam o *Jornal dos Incoerentes*, a *Revista dos Alucinados*... Zelosos dos seus privilégios, detestando as confrarias rivais, todo o tempo em que não desonram o Monte Olimpo, com desabaladas orgias de ritmo, o passam, como os gramáticos do Baixo Império, a questionarem sobre precedências e valores relativos da sua escola: é assim que alguns poetas ultimamente declaravam em todos os jornais que fulano de tal, poeta, não era de modo nenhum o Chefe dos Incoerentes, e que esse Chefe ilustre dos Incoerentes, o homem inspirado e supremo, que em si resumia toda a Incoerência, era Verlaine, só Verlaine, e não outro. E Verlaine, indisputadamente, guarda a coroa da Incoerência.

716: Eu pelo menos,] Eu, pelo menos, [2001]

722: os seus Colégios Sacerdotais,] os seus colégios sacerdotais, [2001]

723: os Colégios Sacerdotais,] os colégios sacerdotais, [2001]

724-725: chamam o *Jornal dos Incoerentes*, a *Revista dos Alucinados*...] chamam o «Jornal dos Incoerentes», a «Revista dos Alucinados»... [2001]

731-732: o Chefe dos Incoerentes,] o chefe dos incoerentes, [2001]

732-733: Chefe ilustre dos Incoerentes,] chefe ilustre dos incoerentes, [2001]

733-734: toda a Incoerência,] toda a incoerência, [2001]

735: coroa da Incoerência.] coroa da incoerência. [2001]

É necessário dizer-se, todavia, que há aqui talento! Há mesmo muito talento, uma habilidade de ofício maravilhosa, uma presteza de mão que surpreende, uma técnica de rima, uma abundância de cor, uma arte no detalhe que maravilha. Somente, nestes milhares de versos admiráveis — não há um verso poético: estes poetas não têm poesia: e, entre tantos talentos, não há uma só alma!

10. (1887) A Vida

Almanaque das Senhoras Portuenses — Literário, Científico e Recreativo,
2.º ano, 1887, Porto, Imprensa Moderna, p. 39.

Almanaque Ilustrado da Parceria A. M. Pereira, 13.º ano, 1913, Lisboa, Par-
ceria António Maria Pereira, 1912, p. 24.

AA. VV., *Eça de Queiroz — In memoriam*, Lisboa, Parceria António Maria
Pereira — Editor, 1922, pp. 405-406.

A VIDA

(No álbum de Mademoiselle Maria Augusta
Pereira Machado)

.....

.....

Vida!... punhado de areia!

Morte!... rajada de vento!

GUERRA JUNQUEIRO

A vida é sonho para quem vela: será realidade para quem
dorme?

OLIVEIRA MARTINS

1: A VIDA...] Três opiniões acerca da vida [1912] [Título e subtítulo foram elimi-
nados na transcrição de 1922.]

9: para quem vela:] para quem vela; [1922]

15 O amigo Oliveira Martins diz que a vida é *um sonho*; o amigo Guerra Junqueiro diz que é um *punhado de areia*... Se é sonho, é o único que vale a pena sonhar; se é areia, é a única sobre que vale a pena edificar.

EÇA DE QUEIRÓS

12: é *um sonho*;] é um «sonho»; [1912]

13: é um *punhado de areia*...] é um «punhado de areia»... [1912]

11. (1887) — Mr. Cumberland

«Mr. Cumberland — Sessão do grande adivinho, na redacção da ‘Província’». *A Província*, Porto, ano III, n.º 41, 21 de Fevereiro de 1887, pp. [1]-2.

«Uma página anónima de Eça de Queiroz», in *Eça de Queiroz — In Memoriam*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira — Editor, 1922, pp. 253-265.

Obras de Eça de Queiroz — Últimas páginas dispersas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1981], pp. 79-91.

Mr. Cumberland

Sessão do grande adivinho, na redacção da «Província»

O homem, que hoje chama sobre si as atenções do Porto e do Universo, honrou-nos com a sua visita, aceitando graciosamente o convite para uma *séance* de sugestão divinatória, que contará decerto entre as mais gloriosas da sua gloriosa carreira.

Os nossos convidados

Achavam-se presentes, além do pessoal da nossa redacção, os Srs. António Bernardo Ferreira, Bingre, Visconde de Correia Botelho, e Camilo Castelo Branco; Joaquim de Araújo, mais o malogrado Conselheiro José Guilherme Pacheco, outra, ai! Rei de Paredes; D. Guiomar Torrezão; o Duque de Bolama pelo braço do Sr. Hintze Ribeiro, amortalhados ambos em grã-cruzes; Guerra Junqueiro, o glorioso poeta; Henrique e

2: Sessão] (Sessão [1981])

2-3: da «Província»] de *A Província* [1981]

3: O homem,] [A passagem inicial de apresentação das personagens não foi incluída por Luís de Magalhães na edição do Eça de Queirós — In Memoriam nem na edição de 1981.]

15 João Burnay, os primos irreconciliáveis, já reconciliados; Voltaire, trazendo pelo dedo a *Pucelle*; Borges, o preclaro armador, e Oliveira e Silva, ambos fortes; Luciano Cordeiro, D. Fuas Roupinho, Horácio Cocles e Barbosa Leão; o Ferreira, o Gambetta, o Bandarra e o Conde de Santa Maria; Magalhães Lima

20 e Francisco José Eugénio K...; Simão-o-Mágico, os Três Mosqueteiros, Hírcio e Pansa, Mendonça e Costa, Gaspar Ferreira Baltar; Frade, o ilustre General; Dumas filho, com a Dama das Camélias; Ofélia enlaçada a D. Albertina Paraíso; Borges de Avellar, Coge Sofar, Josefa de Oliveira, o Anónimo de Saha-

25 gun, Príamo, Eurico o Presbítero e Assis, o especialista célebre; Dido com sua irmã Ana, Barros & filha, o conselheiro Acácio, toda a família do Comendador Marcos Maria Fernandes com *toilettes* da casa de D. Cecília Fernandes & Marcos Fer-

30 nandes; Bruto & Outros, Sardanápalo, o Barão de Oliveira; os generais Moltke e Bum; o profeta Abacuc, Antero de Quental; Afonso II-o-Gordo e Alberto Pimentel-o-Magro; as rainhas do Congo (Jacinta), de Sabá e ex-Isabel; Pepino e Raposas, os Breves; Lopo Vaz de Sampaio, o herói de Cambalan, Dr. Arroio, Bertoldo e Bertoldinho; o mimoso Conselheiro Tomás Ribe-

35 ro, o reverendíssimo Patrício, Machado de Eça, Gomes Leal carregado com o Anti-Cristo, e o actor Dias com o Senhor Homem; o visconde das Hortas, Serpa Pimentel, Queiroz Veloso, de casaca escarlata, actriz Palmira, um cavalheiro embuçado, sombras, José Bicho, Karrilho ou Carrilho, António Soares Nunes Onofre, um homem triste de Angeja, assinante

40 do *Comércio do Porto*, e outras multidões.

Apresentação

Mr. Stuart Cumberland chegou à nossa redacção, ao soar das dez horas, acompanhado pelo seu intérprete e vergado sob

45 o peso de um Dicionário Larousse, encadernação de carneira.

21: Pansa,] Pança, [1887]

24: Coge Sofar] Coge Çofar [1887]

33: herói de Cambalan,] herói de Cambalaan, [1887]

À sua entrada deu-se um leve incidente tão inesperado que, magoando a todos, arrancou aqui e além gritinhos às damas mais frágeis. A Rainha do Congo desmaiou; e o Senhor Homem desaprumou.

50 O famoso sugestor, não adivinhando que existia à porta interior da redacção um degrau largamente alumado por um bico de gás, tropeçou tão desastrosamente que dezasseis volumes do Larousse caíram de enxurrada sobre o Sr. Joaquim de Araújo, contundindo-o, sobretudo os dois volumes onde se
55 encontram as palavras misteriosas, *Escova* e *Banho*.

Mr. Cumberland é um *gentleman* gordo, de cabelo cor de milho, corado, próspero, mostrando no porte e nos modos o tranquilo bebedor de cerveja e o homem correcto de negócios. Vestido de preto, com luvas claras e uma gravata tranquila,
60 Mr. Cumberland só revela os poderes sobrenaturais, de que o dotou o destino, por cinco caveirinhas de ouro que lhe tilintam nos berloques do relógio. Tem maneiras sóbrias, reservadas, e na breve conversação que tivemos com ele, no vão de uma janela, mostrou-se homem culto, penetrante, e conhecedor a
65 fundo da questão palpitante dos tabacos. De vez em quando, contrai a venta, como um coelho manso, e pisca o olho direito: nessas ocasiões derrama-se-lhe na fisionomia alguma coisa de sinistro e de amável, que prende.

56: Mr. Cumberland] [*Início de passagem atribuída a Eça de Queirós por Luís de Magalhães, transcrita em 1922 e 1981.*]

60: só revela] só revelava [1981]

60: sobrenaturais,] sobrenaturais [1981]

61: o destino,] o destino [1981]

62: reservadas, e] reservadas, e, [1981]

63-64: de uma janela,] d'uma janella, [1922]

64: culto, penetrante,] culto, penetrante [1922; 1981]

66-67: olho direito:] olho direito; [1981]

67: nessas ocasiões] n'estas occasiões [1922] nestas ocasiões, [1981]

Os salões da «Província»

70 No momento em que Mr. Cumberland, depois de ter dado explicações repassadas de cortesia ao nosso amigo Araújo, se adiantou, sacudindo risonhamente os seus berloques lúgubres, — o aspecto das salas era tão surpreendente que fazia pensar nos esplendores de Harun-al-Raschid.

75 Como a multidão dos convidados, a emoção, o gás, as digestões difíceis, e aquele ardente calor que as ideias fortes sempre deixam nos lugares em que se agitam, tornariam os salões um forno sufocante, os nossos lacaios tinham aberto largamente as janelas ogivais que dão sobre os nossos jardins.

80 Das nossas magnólias em flor, subia um aroma capitoso, e tão romântico, tão inebriante de mistério e paixão que, por momentos, vimos emagrecer Borges e a Sra. D. Guiomar Torreção.

85 Felizmente, os nossos repuxos espalhavam uma frescura adorável, cantando com tão doce melodia, que o mimoso Conselheiro Tomás Ribeiro correu à varanda, julgando distinguir neles o ritmo do seu *D. Jaime*.

90 Entre as nossas roseiras alvejavam os nossos mármore; nas nossas relvas lantelouvavam as nossas iluminações; no céu rebrilhava a nossa lua.

Dentro, os divãs, as poltronas, os bancos de carvalho lavrado, desapareciam sob as sedas amplas dos vestidos e as abas ligeiras das casacas. Na primeira ansiedade de bem examinar Mr. Stuart Cumberland, renques de cavalheiros, encarrapitados sobre as nossas mesas da Renascença italiana tocavam com as calvas ou com as guedelhas nos caixilhos das nossas telas de

69: Os salões da «Província»] [*Subtítulo suprimido em 1922 e em 1981*]

74: Harun-al-Raschid.] Harun el-Raschid. [*1887*]

77: se agitam,] se agitam [*1981*]

80: em flor,] em flôr [*1922; 1981*]

80: aroma capitoso,] aroma capitoso [*1981*]

81: e paixão que,] e paixão, que, [*1922; 1981*]

85: doce melodia, que] doce melodia que [*1981*]

88: mármore;] mármore, [*1981*]

Velázquez, de Parrasio e de Resende, e na orla dos mapas onde estão desenhadas a cores ou em relevo passadas e futuras campanhas... eleitorais.

100 Na massa pálida dos focinhos alvoroçados reluziam os
óculos do Sr. Borges, promontoriava o queixo do Sr. Luciano
Cordeiro, destacava o nariz triste de Eurico-o-Presbítero. A cuia
da Sr.^a D. Cecília Fernandes cobria sobre os mapas geográficos
o disputado círculo de Baião. Hírcio e Pansa, velhos cónsules
105 do quadro, graves nas suas togas, cochichavam mirando
de soslaio com pasmo o chinó do Sr. Machado de Eça, em
quarto crescente. Era solene!

Cumberland's speech

110 Mr. Stuart Cumberland, cercado pelos seus Larousses,
pronunciou então, com um leve acento britânico, um breve
mas conceituoso discurso.

As notas dos nossos estenógrafos dizem assim:

— «Senhoras, mininos, *how...*! Eu vir de Lisboa: *all right*.
Literatos muito me aplaudir em hotel onde lhes dei ceia. *Good!*
115 *Very good!*... Eu muito prodigioso. Achar alfinetes em cabeças
duras diplomatas. Eu inglês. *Hurrah! God save the queen!*...
Inglaterra, muitíssima nação. Porto, *portwine*. Portugal, seco...
Não! Não ser isto: bom vinho seco! *Ah, how... Good*. Mininos,

97: dos mapas] dos mapas, [1922; 1981]

98: desenhadas a cores ou em relevo] desenhadas, a cores ou em relevo, [1922; 1981]

102: Eurico-o-Presbítero.] Eurico o Presbítero. [1922] Eurico, o Presbítero. [1981]

106: de soslaio com pasmo] de soslaio, com pasmo, [1981]

106: de Eça,] d'Eça [1922; 1981]

108: *Cumberland's speech*] *Cumberland's speech* [1887] [*Início de passagem excluída da edição de 1922 por Luís de Magalhães, que comenta: «Nesta altura era o discurso de Cumberland à assistência, *Cumberland's speech*, numa cómica algaravia de português e inglês. Depois o adivinho fazia a sua primeira sorte sugestiva, que era uma engraçada alusão às dissensões que, nessa época, lavravam no partido regenerador e determinaram a chefatura de António de Serpa Pimentel, como um elemento ponderador entre as rivalidades de Lopo Vaz e Hintze Ribeiro.»; 1922, p. 255. Também omitido em 1981.]*

120 senhoras, pedir desculpa tratado Methween. Albion, não pérfida. Albion, vinho. Se vinho Albion, Albion contente. Nervos, coisa rendosa. *Good*. Eu descobrir segredas, olhos tapados. Muito contente Portugal. Achar aqui crânios moles bons para descobrir segredos. *Good*. Récita amanhã. Promete descobrir segreda abelha. *Good*. Depois segreda Cubanga. *Very good*.
125 Amar Portugal. Grande país. Já conhecer aquela senhora gorda Torrezona de Lisboa. *Very suggestive!* Cumprimentar vossemecês.»

Este discurso, tão eloquente quanto amável para o nosso país, foi acolhido com uma salva delirante de palmas.

130 O mimoso conselheiro Tomás Ribeiro disse então para o malgrado conselheiro de Paredes:

— Não somos tão pouco apreciados lá fora como inculcam os pessimistas.

135 O conselheiro Acácio pigarreou, e disse com imensa gravidade:

— Portugal ainda é muito considerável à esquina da Europa.

Então o nosso querido Eça de Queirós, com uma intolerância que foi estranhada naquele carácter generoso e benévolo, puxou severamente a aba do conselheiro Acácio, e gritou-lhe com péssimo modo:

140 — Cale-se! O Sr. Conselheiro não tem direito de piar fora do *Primo Basílio*.

E o homem triste de Angeja, ao lado, murmurou:

145 — O que é a propriedade! Eu, que ouvi o Eça, outrora, pregando todas as liberdades.

Primeira sorte sugestiva

Mr. Cumberland, correspondendo à ansiedade geral, entrou logo em exercício. Fitou um momento a assembleia, sorrindo e brincando com as caveirinhas de ouro dos berloques e dirigiu-se, pé ante pé, ao Sr. Lopo Vaz:

— Vossemecê vai, esconde coisa preciosa... E voltou-se, girando sobre os calcanhares, para o intérprete lhe vendar os olhos.

Então o Sr. Lopo Vaz, depois de segredar com Simão-o-
 155 -Mágico, levou a mão à nuca e tirou misteriosamente da corcunda o quer que fosse encerrado numa bexiga. A ansiedade era enorme. Ouviam-se cantar os nossos grilos nos nossos jardins...

Com a bexiga na mão, cauteloso, e a respiração suspensa, o Sr. Lopo Vaz atravessou a sala e foi-se ter com o Sr. Serpa
 160 que, num canto, a rir, brincava com a luneta entre os dedos. Desabotoou-lhe o colete arteiramente, meteu-lhe a bexiga sobre o estômago, abotoou; mas tanta era a distração do paciente que não percebeu o traiçoeiro caso. Brincava sempre com a luneta. Havia sorrisos em todos. Apenas o Sr. Hintze parecia
 165 entupido; e o Dr. Arroio, esverdeado, roía as unhas.

— Pronto!

Mr. Cumberland, vendado, tomou a mão do Sr. Lopo Vaz que, por mais esforços que fizesse, não podia encobrir a sua
 170 comoção. Sob o fraque arquejava-lhe o peito. (Sinais sugestivos). Mr. Cumberland, com firmeza, encaminhou-se para o Sr. Serpa e tirou-lhe do estômago — a Presidência do Conselho!

É indiscreto o entusiasmo da nossa assembleia. Um *ab!*
 175 imenso reboava sob as nossas abóbadas — e acima de todos os *ab! ab!* ouvia-se o do Sr. Serpa que sorrindo sempre, mas agora de espanto, deixara cair a luneta. O Sr. Arroio, lívido, roía o sabugo; e o Sr. Hintze, o triste, metera a cabeça debaixo da gola da casaca, como as galinhas quando chove. No meio do burburinho que aclamava Cumberland, o Sr. Lopo Vaz cochichava com o Sr. Serpa guardando na corcunda a preciosa prenda.

180

A sorte dedicada à «Província»

Logo que se fez um silêncio, Mr. Cumberland, dirigindo-se ao nosso Redactor em Chefe, teve a amabilidade de dedicar ao nosso jornal a sorte inédita que ia apresentar.

180: A sorte dedicada à «Província»] [Subtítulo omitido em 1922 e em 1981]

181: Logo que] [Início de passagem atribuída por Luís de Magalhães a Eça de Queirós, transcrita em 1922 e 1981.]

182: Redactor em Chefe,] Redactor em chefe, [1922] redactor-chefe, [1981]

185 Dirigiui-se ao Sr. Visconde de Correia Botelho e pedindo-lhe que escondesse o seu objecto mais odiado, retirou-se imediatamente para o nosso esplêndido gabinete persa, onde lhe tínhamos preparado algumas velhas garrafas de Porto, 1640 (réis) — data memorável. O adivinho sorriu, sem adivinhar a nossa sugestão.

190 Apenas Mr. Cumberland se retirou, o Sr. Visconde de Correia Botelho sobraçou o ilustre autor do *Amor de Perdição*, e contendo-lhe com mão de ferro o estrebuchar, dirigiu-se à varanda para o ir esconder no saguão.

A assembleia protestou contra a irreverência:

— Não! Nunca! É uma glória nacional!

195 Debalde um dos nossos redactores explicou adverbiosamente que o nosso saguão não era o vil saguão comum — mas um *parterre* de roseiras. Os gritos continuavam:

— Não! Nunca! Ao saguão, nunca!

200 O Sr. Visconde teve que ceder. Com o esguio autor das *Memórias do Cárcere* a debater-se-lhe debaixo do braço, olhou em volta e dirigiu-se a um dos nossos vastos tinteiros de prata manuelinos. Ouviu-se o baque de um corpo magro em tinta grossa — e viram-se dois pés agudos a pernear no alto.

205 E — quanto pode a sugestão! — logo começaram a transbordar, em vez de tinta, obras de todas as cores, feitios e tamanhos, já impressas e brochadas: romances, contos, biografias, dicionários, defesas da religião, ataques à mesma, fantasias, folhetins, tão copiosos, tão torrenciais, que de toda a sala se elevou um grito:

210 — Basta! Basta! Não nos afogue! Tire-o! Tire-o!

184: e pedindo-lhe] e, pedindo-lhe [1981]

186: onde lhe tínhamos] onde lhe tinham [1981]

187: 1640 (réis)] 1640 (rs.) [1887; 1922]

190-191: e contendo-lhe com mão] e, contendo-lhe com a mão [1981]

194: — Não! Nunca! É uma glória nacional!] — Não!, nunca? É uma glória nacional! [1981]

196: o vil saguão comum —] o saguão commum — [1922] o saguão comum, [1981]

198: — Não! Nunca!] Não!, nunca! [1981]

202: de um corpo] dum corpo [1922; 1981]

206: e brochadas:] e brochadas, [1981]

208: de toda a sala] de toda a parte [1922; 1981]

O Sr. Visconde, contrariado tirou o romancista do negro charco, sacudindo-o com esmero. Dos pingos espargidos em redor, sobre os tapetes, verificámos ao outro dia terem ainda nascido tortulhinhos de prosa...

215 Hesitou um pouco o Sr. Visconde, e de repente, com o romancista debaixo do braço, a pernear sempre, correu num lampejo de inspiração a escondê-lo no seio vasto e gracioso daquela senhora a quem Mr. Cumberland, com um correcto anglicismo, chamara a Sr.^a Torrezona.

220 Raras vezes temos visto, na nossa longa carreira jornalística, um escritor pernear tão desabridamente. Por fim rompeu aos gritos:

— Brutalidades, não! Estamos aqui para nos divertirmos entre cavalheiros da sociedade... Violências, não!

225 A assembleia condenou com um murmúrio a sanha odienta do Sr. Visconde, que, encolhendo os ombros, com o gesto de César nas Termópilas, sorriu, abriu desmesuradamente a boca e, como quem engole espadas, absorveu o romancista.

230 O pasmo era esmagador. Pairava nos ares a majestade de Mr. Cumberland, invisível como a Providência. Olhava-se por toda a parte. Seria uma ilusão? As senhoras sacudiram os vestidos, os homens palpavam as algibeiras. Sumira-se o autor da *Corja!* O glorioso humorista estava definitivamente eliminado. E no meio da sala, de pé, o Sr. Visconde emudecera, empanzinado.

235 Foi então que, num silêncio em que se podiam ouvir segredar os nossos antípodas, surgiu risonho e agitando os berloques fúnebres, o suggestor Cumberland.

211: Visconde, contrariado] visconde, contrariado, [1922; 1981]

215: e de repente,] e, de repente, [1981]

216: a pernear sempre, correu] a pernear sempre, correu, [1922]

217: de inspiração] de inspiração, [1922; 1981]

224: da sociedade...] de sociedade... [1922; 1981]

225: condenou com um murmúrio] condenou, com um murmúrio, [1981]

226-227: de César] de César, [1981]

231-232: sacudiram os vestidos,] sacudiam os vestidos, [1981]

234: E no meio da sala,] E, no meio da sala, [1981]

237: surgiu risonho] surgiu, risonho [1922; 1981]

240 Não hesitou um momento. Caminhou direito ao Sr. Visconde, agarrou-lhe o pescoço com uma das mãos, com a outra os tornozelos; e com a facilidade de quem quebra uma cana, fê-lo estalar pelo meio! Houve desmaios. Do Sr. Visconde escoou-se no chão um corpo ténue; e Mr. Cumberland, tomando-o na ponta dos dedos, mostrou à assembleia o Sr. Camilo Castelo Branco.

245 Mas, ai! Quão mudado! Onde se sumira o sarcástico arranhão? Para onde fora o lábio fremente de *verve*? Onde se escondia aquela direitura de porte que parecia espartilhada em adjetivos de aço? Tudo desaparecera! Tudo estava perdido para as letras!

250 Na nossa assembleia havia uma sussurração de desconsolo e saudade. Meninas suspiravam; e a Sr.^a Torrezona comprimia ais no seu copioso seio.

Então o Sr. Camilo Castelo Branco, esvaído e diminuído murmurou:

255 — Metam-me outra vez dentro do Sr. Visconde! Só lá dentro estou bem! Bem para dentro, lá no meio, onde está a coroa!

260 Logo Mr. Cumberland ajustou de novo o titular partido, metendo-lhe o recheio de romancista; e, no meio de palmas, *hurrahs*, gritos, urros, cacarejar de galos e piar de corujas, terminou esta sorte que ficará memorável na história literária, e gravada nos anais gloriosos da *Província*.

239: um momento.] um momento; [1922; 1981]

241: tornozelos; e com] tornozelos; e, com [1922; 1981]

243: corpo ténue;] corpo ténue; [1981]

247: direitura de porte] direitura de porte, [1981]

253: e diminuído] e diminuído, [1922; 1981]

256: lá no meio,] lá no meio, — [1922] lá no meio — [1981]

260: *hurrahs*,] *hurrahs*, [1981]

261: esta sorte] esta sorte, [1981]

262: da *Província*.] de *A Província*. [1981] [*Final de passagem atribuída a Eça de Queirós por Luís de Magalhães, que comenta: «Esta foi a parte principal da intervenção de Eça de Queirós nesta burlesca produção, que se diria devaneada e escrita, não num cenáculo de autores categorizados, mas na roda pícara e jovial dos heróis de Murger. Todavia, embora a sua colaboração fosse nelas parcial, quero ainda citar duas passagens em que ele ajudou a emoldurar em prosa duas soberbas *pochades* poéticas, — uma de Guerra Junqueiro, outra de Antero de Quental.» 1922, p. 259-260. Refere-se às passagens «Entremets lírico» e «O episódio épico — Evocação», como adiante se verá.]*

Entremets lírico

265 O ilustre poeta de estado honorário, Sr. Conselheiro Tomás Ribeiro, foi o herói deste episódio memorável da nossa *soirée*.

Havia um certo cansaço depois de tão fortes emoções; e Mr. Cumberland, adivinhando o desejo de todo o *madamismo*, convidou o festejado estadista a recitar algum dos seus bocadinhos de ouro em obséquio às senhoras.

— Minhas senhoras, retorquiu o Sr. Conselheiro, é muito lisonjeiro, muito honroso para mim, mas não vinha prevenido... Se tivesse tido alguma antecipação...

275 A instâncias do Sr. Duque de Ávila nomeou-se uma comissão para implorar a S. Ex.^a que recitasse alguns dos seus harmoniosos decretos, ou das suas mimosas portarias.

O Sr. Conselheiro não resistiu mais; e, acompanhado pela Sr.^a Torrezona que desferia eolicamente o Sr. Alberto Pimentel, tirou o lenço bordado, prenda de misteriosa odalisca, cofiou
280 o bigode plangente, afogou o olho em ternura nova, e, com voz oleaginosa, trinou:

Sou par do reino, bacharel formado,
Lírio nevado, trovador cristão,
Brisas do Tejo que passais balsâmicas,
285 Epitalâmicas, tara, tan, tão, tão...

263: *Entremets lírico*] [Subtítulo referido por Luíz de Magalhães, que diz ser a «paródia dos ritmos dos versos de Tomás Ribeiro», «de autoria de Guerra Junqueiro.», 1922, p. 260. Omitido em 1981, que o substituiu por um separador gráfico.]

268: todo o *madamismo*,] todo o «madamismo», [1981]

270: de ouro] de ouro, [1981]

271: senhoras,] senhoras — [1981]

271: Conselheiro,] conselheiro —, [1981]

272-273: não vinha prevenido...] não vinha preparado... [1922; 1981]

276: harmoniosos decretos,] harmoniosos decretos [1981]

277: não resistiu mais; e,] não resistiu mais e, [1922; 1981]

278: Sr.^a Torrezona] Sr.^a Torrezona, [1922; 1981]

280: ternura nova, e,] ternura nova e, [1981]

282: Sou par] [1981 apresenta as quadras em itálico]

284: Brisas do Tejo] *Brisas do Tejo*, [1981]

285: tara, tan, tão, tão...] tara, tan, tão... [1981]

Trazei, pousai-me nesta frente bela,
Pura e singela, divinal, gentil,
Os beijos castos, que as meninas Peres
Dão aos alferes, sob o céu de Abril!

290 Trazei-me os sonhos perfumados, ledos,
Almos segredos que, escutando bem,
À meia-noite Julieta arrulha
Quando a patrulha vai passando além!

295 Trazei-me os ecos dos defuntos pianos,
Que eram há anos, ao ouvir meus ais,
Martirizados pelas viscondessas,
Em cem cabeças de comarca, ou mais!...

300 Sou Par do Reino, bacharel formado,
Condecorado com a Conceição;
Tarirarira, rira-rira-rira,
Tarirarira, rira-rira-rão!

— Bis! Bis! Exclamavam todos.

E o Sr. Borges gritava entusiasmado:

— Vis! Vis!

305 Então o Sr. Conselheiro, sorrindo, repetiu:

Tarirarira, rira-rira-rira,
Tarirarira, rira-rira-rão!

Foi um delírio!

292: Julieta arrulha] Julieta arrulha, [1922; 1981]

297: ou mais!...] ou mais! [1922; 1981]

300: rira-rira-rira,] rira, rira, rira, [1922; 1981]

301: rira-rira-rão!] rira, rira, rão! [1922; 1981] [1981 acrescenta: [Versos de Guerra Junqueiro]

302: — Bis! Bis! Exclamavam todos.] Bis! bis! exclamaram todos. [1922] — Bis!, bis! — exclamaram todos. [1981]

304: — Vis! Vis!] — Vis! vis! [1922] — Vis!, vis! [1981]

306: rira-rira-rira,] rira, rira, rira, [1922, 1981]

307: rira-rira-rão!] rira, rira, rão! [1922; 1981]

Adivinhação de pensamentos

310 Terminados estes doces acordes, Mr. Cumberland, que, por não entender bem nem o português, nem a poesia lírica, se conservava um tanto casmurro, agitou-se, e batendo as palmas exclamou:

— Senhoras, mininos! Pensamentas, querer pensamentas, vir para pensamentas. *Good!*

Houve um momento de hesitação.

E dentre os renques cerrados de cavalheiros, adiantou-se espevitadamente de capelo e borla, o Sr. Arroio.

— Em que penso? Roncou ele, *ore rotundo*, batendo no peito.

Mr. Cumberland pegou-lhe solenemente na mão e, levando-o ao nosso quadro de lousa de Valongo, obrigou-o a escrever por seu próprio e trémulo punho, a giz:

— Tribunal de contas... Um conto e duzentos! Ai!

325 Todos sorriram. E o doutor esgueirou-se roendo o seu resto de unhas. Foi então que, entusiasmado e querendo exhibir-se, o Sr. Borges armador deu um passo estrondoso para a frente, e gritou:

— Ora adivinhe lá, seu mágico!

330 Mr. Cumberland, sempre grave, levou-o à pedra; e leu-se ali em verídicas letras brancas:

— Binho berde.

E o Sr. Borges, confirmando o adivinho, bateu triunfante na pança.

335 Mas de todos os lados da sala se começou a bradar:

— Araújo! Araújo!

O untuoso autor da *Lira Íntima* não pôde evitar a sua querida publicidade.

340 Foi arrastado à pedra, onde pela mão de Mr. Cumberland escreveu estas palavras supremas:

— José... Guilherme... Paredes... Pacheco... Conselheiro... Rei...

309: Adivinhação de pensamentos] [Início de passagem omitida em 1922 e em 1981.]

A assembleia, inquisitiva, ávida de ideias, não se dava por satisfeita. Mas Mr. Cumberland alargou os braços para os nos-
345 sos convidados, e disse melancolicamente:

— Não haver mais pensamenta em seu crânio.

E o Sr. Visconde de Barreiros exclamou do seu lugar, de ao pé de Coge-Sofar, erguendo o punho:

— E esse mesmo foi roubado, porque era meu!

350 Depois disto Cumberland, a pedido dos patriotas, e dos amadores das nossas glórias, dirigiu-se a El-Rei D. Pedro-o-Cru. E o amante de Inês, sugestionado, escreveu perante os olhos sôfregos da nossa assembleia:

— Pedro-o-Franco!

355 — Aliás Conde da Praia do Restelo! Acudiu o Sr. Pedro Franco, brandindo ao alto a sua coroa.

El-Rei-o-Cru, cumprimentou e sumiu-se, na multidão, democraticamente.

360 E viu-se então Eurico-o-Presbítero, terrível na sua armadura, com o romance de Herculano apertado ao coração, avançar e fitar o sugestor. Este disse-lhe sorrindo:

— O Reverendo pensa em Hermengarda Torrezona.

O Sr. Antero de Quental do lado obtemperou filosoficamente.

365 — Sempre idealista!...

O episódio épico — Evocação

Mefistofélico, com o seu nariz adunco, na primeira fila, via-se o nosso Guerra Junqueiro, nessa noite particularmente glorioso. Passavam-lhe na mente incendiada pelos esplendores

348: Coge Sofar,] Coge Çofar, [1887]

365: — Sempre idealista!...] [Fim de passagem omitida em 1922.]

366: O episódio épico — Evocação] [Luís de Magalhães, alterando este subtítulo para Episódio lyrico: Evocação, diz que Antero fez para esta passagem «os alexandrinos huguescos que ahí se leem», 1922, p. 262; 1981, que omite o subtítulo, não faz qualquer transição entre o episódio acima transcrito e esta nova passagem.]

369: na mente] na mente, [1922; 1981]

370 da festa trovões, montanhas, abismos e vozes do Infinito.
Mr. Cumberland adivinhou imediatamente que a alma do grande Hugo se aninhara no cérebro do nosso querido Junqueiro, e lhe estava revelando lá dentro um grande segredo poético.

375 E não querendo privar os nossos convidados de uma *primeur* póstuma do épico da *Lenda dos Séculos*, tomou pela mão, que a cerveja respeitara, o nosso querido Junqueiro e, levando-o à pedra, obrigou-o por sucessivas sugestões, a vomitar as porções de Hugo, que o afrontavam:

380 Je suis mort. Me voilà. Je rayonne dans l'ombre,
Je suis l'éclair, je suis la voix, je suis le nombre!

Les soirs autour de moi, comme un essain d'abeilles,
Voltigent. Oh firmament, jardin de fleurs vermeilles.

Que mon souffle caresse, et que ma vaste main
Cueille d'un large geste, auguste et surhumain,

385 Je t'habite! Oh lueur! Je rêve sur la cime!
Et mon nombril s'étale aux bords noirs de l'âbime.

Je suis tout. Oh! Je suis le repos et la lutte.
De l'infini muet, je suis l'harmoniflûte!...

370: da festa] da festa, [1922; 1981]

372: querido Junqueiro,] querido Junqueiro [1922; 1981]

374: E não querendo] E, não querendo [1981]

374-375: de uma *primeur* póstuma] d'uma *primeur* postuma [1922]

375: da *Lenda dos Séculos*,] da «Lenda dos Séculos», [1922]

376-377: Junqueiro e, levando-o] Junqueiro; levando-o [1981]

377: obrigou-o] obrigou-o, [1922; 1981]

378: porções de Hugo,] porções de Hugo [1922; 1981]

379: Je suis] [1981 *apresenta todos os versos em itálico.*]

381: Les soirs] Les soirs, [1922 ; 1981]

382: Oh firmament,] Oh, firmament, [1981]

387: et la lutte.] et la lutte, [1922 ; 1981]

388: De l'infini muet,] De l'Infini muet. [1922 ; 1981]

390 Il dit. — Et dans la fauve et sombre immensité,
 Dans un nimbe effrayant d'horreur et de clarté,

Etonnant l'ouragan et l'aigle et l'escargot
 Sous Dieu le Père on vit — percer le père Hugo!

395 Estes quatro últimos versos que o nosso glorioso Junqueiro
 adicionou à confiança sideral de Victor Hugo, fizeram dizer
 ao nosso Eça de Queirós:

— Sempre odiando o Padre Eterno, que tanto fez por ele!...
 Bem ingrato, este Abílio!

400 Uma parte da assembleia desgraçadamente, por ignorar a
 língua francesa, não pôde apreciar as belezas fortes desta poesia
 épica de Hugo. Os leitores da *Província* dirão se ela é sublime,
 ou não.

Mas decididamente não foi este o mais belo sucesso da
soirée. Pois merecia sê-lo!

Mais pensamentos

405 Alegraram-se todos, quando nas salas, dentre um rumor
 de sedas, se derramou um aroma de almíscar. Imaginou-se um
 momento que era a *Dama das Camélias* que ia exhibir a sua
 tísica recreativa. Não! Era D. Cecília Fernandes, com plumas
 no chapéu, e *toilette* daquela cor delicada que se chama *coxa de*
 410 *ninfa*, trazendo preso por uma fita seu marido Marcos Maria

389: Il dit. —] Il dit. [1981]

391: l'ouragan et l'aigle et l'escargot] l'ouragan, et l'aigle, et l'escargot, [1922; 1981]

392: père Hugo!] [1981 *acrescenta*: [Versos de Antero de Quental]

393: últimos versos] últimos versos, [1922; 1981]

394: confiança sideral] confiança astral [1922; 1981]

400: da *Província*] de *A Província* [1981]

400-401: sublime, ou não.] sublime ou não. [1981]

402: Mas decididamente] Mas, decididamente, [1981]

403: merecia sê-lo!] [Termina aqui a transcrição de Luís de Magalhães para a edição
 de 1922 e também a transcrição de 1981.]

Fernandes. E sem convite de Mr. Cumberland, sem sugestão, sem esperar, arremessou-se sofregamente para a pedra e largou a escrever, em letras enormes:

415 — *Maison de France!* Única autêntica! Não confundir com a outra!

Rapidez, perfeição, moralidade, corcundas disfarçadas em qualquer parte do corpo, *tournares*, plumas! *Chic à bon marché!* O melhor barateiro, vender muito ganhar pouco, catitismo!...

420 Mr. Cumberland, inquieto, e adivinhando a inesgotabilidade daquela digna industrial, observou:

— Si senhora continua, acabar-se lousas...

Foi necessário positivamente arrancar à força da pedra a Sra. D. Cecília que, deixando as plumas do seu chapéu nas mãos dos nossos lacaios, continuava berrando:

425 — Prontidão, catitismo, segredo!... Travessa de Santa Justa! Este episódio desagradou.

— A *réclame* é boa, objectou o Sr. Conselheiro Acácio, quando é feita absolutamente em silêncio...

430 Mr. Cumberland, receando que esfriasse o entusiasmo, e querendo de novo interessar a assembleia, com a exibição das altas questões sociais, foi buscar e levou à pedra o Sr. Conselheiro Karrilho ou Carrilho. E o notável economista, gravemente sugestionado, escreveu com mão firme esta fórmula engenhosa:

435
$$\frac{\sqrt[3]{\text{valhos}} + \sqrt[2]{\text{bugalhos}}}{\text{Orçam:}^3} + x^3 \text{ coisas ó Rosa;}$$
 etc. e tal = K. ou C.

A assembleia ficou pensativa e embatocada, diante de tanta profundidade de cálculo.

440 — Nada há como a aritmética, para se conhecer o número das coisas públicas! — exclamou o Conselheiro Acácio.

Mas emudeceu, olhando para o nosso Eça de Queirós, que já esquecido do Conselheiro, e indiferente às questões sociais, conversava com Eurico e Dido!

445 Ao mesmo tempo, dos dois lados da nossa sala, ergueram-se, um alto e outro baixo, um rapado e outro de vasta barba,

um esguio e o outro atarracado — o Sr. Assis, o célebre especialista, e o Sr. Henrique Burnay (aliás Conde! disse alguém).

Mr. Cumberland, risonho, sacudindo as caveirinhas de
450 ouro dos berloques, tomou-lhes as mãos a ambos e levou-os solenemente à pedra. Não se imagina a resistência de um e de outro, tremendo talvez da vastidão dos próprios pensamentos. E foi só então, quando as mãos involuntariamente traçavam palavras com o giz, que os nossos convidados mediram bem o
455 alcance maravilhoso do poder do grande Sugestor. Tirou a última verdade do coração daqueles cavalheiros. A assembleia ficou muda de terror quando ele, Cumberland, lhes perguntou dramaticamente:

— Em que pensais?

460 E mais muda de terror, quando a mão do Sr. Assis escreveu:

— **Em todos!**

E logo a mão do Sr. Burnay:

— **Em tudo!**

Mr. Cumberland, sorrindo com alguma coisa de hamléptico
465 no lábio, explicou à assembleia que o seu poder não chegava ao ponto de decifrar tão profundos enigmas.

Em todos!

Em tudo!

Portugal, disse ele, devia compreender a significação de
470 tão estranhas palavras, melhor que ele, cidadão inglês: e limitava-se a recordar ao país as palavras conhecidas do festim de Baltazar.

Eram duas da noite. O nosso director declarou encerrada a sessão.

475

Um modesto copo-d'água

Não nos atrevemos a chamar-lhe ceia. Pondo acima de tudo o patriotismo, quisemos brindar o famigerado sugestor e a plêiade escolhida dos convidados da *Província* com o grande prato nacional.

480 Por isso os nossos lacaios, em terrinas fumegantes, serviram as nossas tripas. E com *mucho gusto*, as nossas tripas fo-

ram regadas pelo nosso verdasco de Basto. Não nos consta (até
ao sair do número de hoje) que houvesse indigestões. Não há
nada afinal melhor e mais sadio do que a velha cozinha portu-
guesa! E seja esta a grande moral a deduzir dos fastos notáveis
485 desta noite de sugestões.

Um aperto de mão aos nossos amigos que nos honraram,
deixando os nossos tapetes cheios de pontas de cigarros; e aos
nossos leitores, amigos nossos todos, o aviso de que a *Provín-*
490 *cia* não sairá amanhã, — porque justamente nesse dia temos de
assistir à maravilhosa sessão que acabamos de narrar.

12. (1888) — A Europa

O Repórter, n.º 79, Lisboa, 20 de Março de 1888, p. [1].

Neste últimos anos, aqueles *que se distinguiram por conhecer as coisas das nações*, como dizia o velho escriba egípcio do tempo de Tutmés III, recomeçam a inquietar-se, a levantar o gesto de Cassandra, a gritar sombriamente: — «A situação da Europa é medonha! Sob as crises que a sacodem toda a máquina se desconjunta! Nada pode suster o incomparável desastre! Este fim do século é um fim de mundo.» E com efeito, se a tão prolongado e triste brado o homem que trabalha, quieto na sua morada, repara mais atentamente na Europa, ela aparece-lhe como uma sala de hospital onde arquejam e se agitam, nos seus catres apertados ou largos, os grandes enfermos da civilização!

Logo aqui, debaixo da minha janela, a Inglaterra. Logo nesta Inglaterra, de aspecto tão rubicundo, as «crises» se acumulam mais numerosas que as chagas no corpo clássico de Job. Primeiramente, a mais intensa e a mais extensa, a que arranca mais gemidos, é a crise industrial, nascida da necessidade que a prolífica e atulhada Inglaterra tem de vender o que fabrica para

1: [A frase introdutória do artigo da Gazeta de Notícias (neste caso, da edição de Notas Contemporâneas de 1909) diverge da d'O Repórter por aquela ser destinada ao público brasileiro. Assim, em Textos de Imprensa IV, p. [223] — Não sei o que aí se passa nessa viçosa América. Mas aqui neste ressequido continente, há já mais de dois anos, — sequentemente, o restante texto varia muito em ambos os periódicos, pelo que o aparato crítico não se justifica.]

comprar o que come, necessidade implacável que a força a
 20 procurar desesperadamente mercados que cada dia mais assustadoramente lhe escasseiam; a criar povos vassalos para conservar povos fregueses; a considerar toda a concorrência ao seu produto como uma hostilidade contra o seu pão; a permanecer para com todas as nações, apesar do seu humanitarismo, num estado latente de guerra comercial; e em breve talvez, como quase prevê o professor Huxley, a despir os derradeiros pudores na sôfrega *struggle for life*, e fazer francamente fogo sobre todo aquele que como ela ouse vender algodões ou como ela vender ferro!... E depois a crise agrícola, cada manhã mais enredada, produzida pela alta dos salários e pela alta das rendas; pelos retraimentos do capital directo e pelas extorsões do capital intermediário; pela divisão mesma do solo, na sua quinta parte improdutivo, porque a Aristocracia territorial o preserva cerrado em parques de luxo e coutadas de caça; e sobretudo, mais que tudo, por essa torrencial invasão, através dos seus postos-livres, de toda a produção e toda a criação da terra alheia, searas da América, pomares da Normandia, manadas de bois da Nova Zelândia, rebanhos de carneiros da Austrália, queijos daqui e de além,
 30
 35
 40 frutas de todo o universo!

E depois a crise social pela consequente conversão das classes rurais em classes industriais; a lavoura abandonada pela fábrica; uma afluência tumultuosa às cidades, fazendo com que o trabalho cada vez rareie mais sob a indefinida multiplicação da plebe operária: e a final formação dessas turbas esquálidas de proletários, esfomeados e regelados, sem lugar na sociedade e sem conforto na Natureza, rolando do *meeting* onde a polícia os espanca, à taberna onde o *gin* os embrutece.

E depois a crise política, múltipla e confusa, feita da revolta nacional da Irlanda, do descontentamento agrário da Escócia, da desafeição eclesiástica de Gales, complicada ainda pela onda alastrante duma Democracia de feitio continental que desagrega os velhos partidos históricos, azeda o conflito das ideias com o rancor das personalidades, e pela lógica da sua
 50
 55 tendência separatista põe em perigo a solidez mesma do velho Império Colonial.

E depois a crise religiosa: a progressiva hostilidade contra a igreja oficial levando as populações a armarem-se para não pagarem o dízimo; o desdém cada vez mais acentuado das massas pelas seitas Não-Conformistas que até agora as mantinham numa salutar disciplina moral: a Bíblia, a grande lição e a grande consolação, caída em descrédito como voz divina, tornado mero livro de Literatura, lirismo e crónica dum povo findo; e enfim, pior que tudo, as almas procurando na religião menos uma regra do que uma excitação, e fugindo do abstracto puritanismo para as flores e cantos dos templos Ritualistas, ou para as bandeiras e pandeiretas da grosseira *Salvation Army*.

E ainda por cima, como complemento, a crise moral, a inquietadora degeneração dos costumes: as altas classes aristocráticas e plutocráticas refazendo a sociedade leviana e galante dos Stuarts; a sensualidade bruta que é o fundo do temperamento inglês irrompendo, quebrando todas as barreiras, as mais fortes, mesmo as da respeitabilidade; o amor do luxo, do gozo, da ostentação, e do dinheiro que os compra, tornado o supremo motor da existência; o jogo adoptado como a profissão melhor por essa imensa classe, composta da «bela gente» que aposta pelo jóquei, pelo remador, pelo atleta, pelo andarilho e pelo boxador; a honestidade apagando-se nos sentimentos como nas transacções, o negociante falsificando tudo o que vende, as famílias desfazendo-se no tribunal do Divórcio, os filhos das velhas casas históricas roubando nos campos de corridas...

E se da verde Inglaterra passarmos ao continente, lá encontramos nos outros organismos reproduzidas as mesmas lesões. Todos sofrem dum crise industrial, dum crise agrícola, dum crise política, dum crise social, dum crise moral. E cada uma, por cima, pena dum mal seu e próprio que é hereditário ou nascido dos desregramentos da vida.

Logo para além da Mancha vemos a França, a nossa mãe latina, segunda pátria de todo o espírito bem nascido, a braços com a sua terceira República que não consegue desembaraçar-se do seu carácter provisório, nem pelo voto do *paysan*, nem pelo dinheiro da burguesia, e na sua eterna aspiração de unidade procura o homem providencial que a cimente e a fixe no

95 solo, levando ao poder estadistas sucessivos que logo freneticamente derruba e arroja ao lixo, voltando-se ora para um general, ora para um advogado, ora para um engenheiro, estonteada, ofegante, nesse afã que a traz desde 70 *cherchant son sauveur!*

100 Como corolário a ânsia mórbida de enriquecer depressa, característica de todos os regimes instáveis, estabelecendo desde o Havre até Marselha uma imensa bolsa, com um *agent de change* em cada prédio, um sindicato colado a cada instituição, a lotaria infiltrando-se na indústria, e o *Crack* todos os cinco anos.

105 Através disto, em torno disto, uma plebe democratizada até ao fio, subdividida em tantos partidos militantes quantas são as teorias sociais, todos irreconciliáveis e todos agressivos, cada um com o seu clube, a sua gíria, o seu herói e a sua substância explosiva.

110 Depois, que grossas crises especiais — a das finanças, a da administração, a dos costumes! — Um orçamento que cada dia se desequilibra mais sob o peso de ferro desse exército enorme que o orgulho patriótico a obriga a manter, de dedo no gatilho, voltado para os Vosges! A administração, o eixo resistente sobre que a França, desde Colbert, rodara com suficiente equilíbrio através de guerras e revoluções, enfraquecido, rachado, 115 lascado pela República, roído pela traça da corrupção! A igreja, de que a França era a filha mais velha e bem amada, volvida para metade da sua família espiritual em objecto de escândalo e cólera! O miasma do *boulevard* disseminando-se pelo vapor e pela electricidade a todos os cantos da França, deteriorando mesmo a austera burguesia provincial, a sólida depositária de 120 *la haute bonnêteté française!*

Depois, para cúmulo, Paris comprometendo tudo com a sua Comuna, o seu *Hôtel de Ville*, a impressionabilidade das suas massas, a garrulice da sua imprensa, a sua *blague* e a sua 125 miséria, o seu anarquismo e o seu *cocottismo*... Mil males — e o meu querido Oliveira Martins, esfregando as suas mãos de filósofo, e ameaçando já esse Paris «capital dos povos» de brevemente ficar reduzido a uma Corinto, onde sempre abundará

130 o dinheiro estrangeiro, as cortesãs subirão aos altares, o estô-
mago terá a sua glória, Arion inventará ritmos novos, e toda
a noite, entre cantares e luzes, a orgia tumultuará da porta de
Sicyon à porta de Cencreia, sob a invocação de Afrodite!

Se atravessamos o Reno, a Alemanha surge, compacta e
maciça, como Torre de incomensurável força. Mas aqueles *que*
135 *se distinguem por conhecer as coisas das nações* sabem bem como
é quebradiça! Numerosos Estados, cada um com o seu
particularismo, como eles próprios dizem, dissemelhantes de
temperamento, de carácter, de religião, de interesses, agregados
uns aos outros à maneira de animais domésticos num pátio de
140 granja quando sentem em torno uivar o lobo — eis a Alemanha!

O que desde 70 a retém unida sob a bandeira amarela e
negra é o seu receio perpétuo de que o urso moscovita levante
as patas dum lado, ou do outro bata as asas e solte o seu toque
de clarim o petulante galo francês. Só por meio deste terror
145 Bismarck consegue fazer flutuar com tolerável estabilidade a
vasta jangada germânica.

Mas daí quantas crises minando a Minerva armada! Os
seus milhões de soldados sugam-na fibra a fibra. O solo avaro
que mal a nutre, os impostos intoleráveis, a mesquinhez das
150 profissões liberais, expatriam a mocidade burguesa e rural para
a Inglaterra e para a América; a pequenez dos salários que,
permitindo produzir barato e vender barato, dá à sua indústria
por fora um verniz postiço de prosperidade, actua realmente
com a causa permanente e surda da decadência moral e física
155 do operário; e por fim o regime de quartel, militarizando tudo,
desde a escola até às *gares*, uniformizando o alemão no corpo
e na alma, diminui-lhe a individualidade moral como lhe anula
a coragem civil.

Entalada na fardeta prussiana, a Alemanha perde tudo o
160 que havia de livre, de expansivo e de grande na sua natureza.
O próprio génio se lhe estreita sob o peso do capacete. Onde

132: Sicyon] Sicyo [1888]

132: Cencreia,] Cenereia [1888]

está essa literatura tão viva, original, profunda, graciosamente
 variada que saía das pequenas Cortes polidas e cultas onde Goethe
 era um semi-deus, e Hegel, como um profeta, acolhia peregrinos?
 165 Tudo se apagou. E, descontentes com o tempo presente, as
 inteligências mergulham na erudição e no pó da arqueologia.

E se continuarmos, depararemos com males iguais por essa Eu-
 ropa, em todas as nações, desde a imensa Rússia até à esguia Suécia.
 Sempre a dissipação dos Estados, sempre a miséria das Plebes!

170 Na Rússia as despesas do governo, não contando obras de
 utilidade nem armamentos de ataque, subiam, sem que os ren-
 dimentos aumentassem, de *cento e cinco por cento* em dez anos.
 Ora como o pai, o Czar, gasta assim, e os seus oitenta milhões
 de filhos, os mujiques, têm de pagar. Acabrunhado de impos-
 175 tos, o pobre mujique corre ao agiota, vende na aflição, vende
 com perda, mal aparece à beira do seu campo o colector fiscal
 entre baionetas, e a ignorância em que o Estado o traz abafado
 é tão sistemática que no ano de 1886, no mercado de Karcoff,
 enquanto os agentes da pequena nobreza, mais informados dos
 180 preços da Europa, vendiam a medida de aveia por *setenta*
kopecks, o desgraçado mujique, embrutecido, ignorando o valor
 do seu grão, rolando confusamente entre os dedos trémulos o
 rude barrete de pelos, deixava ir a mesma medida, o suor do
 seu ano, por *vinte* miseráveis *kopecks*!

185 Na laboriosa e plácida Suécia, por outro lado, para tudo
 resumir no horror dum número, o Estado tem de alimentar
 pela caridade oficial quase a *décima parte* da população — um
 pauperismo quatro vezes maior do que o da Irlanda, esse hú-
 mido formigueiro de turbulentos mendigos!

190 Será necessário, para mostrar a máquina desconjuntando-
 -se, esmiuçar a Itália, inventariar a Espanha, indefinidamente
 desfiar o rosário de crises? Será caritativo falar de nós? No
 nosso canto, com a azulada doçura dum céu carinhoso, a con-
 tente simplicidade da nossa natureza meia árabe (duas condi-
 195 ções tão propícias à felicidade social) nós temos, ao que parece,
 todas as enfermidades da Europa em proporções várias — des-
 de o *deficit* desconforme, até a esse novo partido Anarquista
 que cabe todo num banco da Avenida.

200 E, desgraçadamente, além destes males, uns nascidos do
nosso desatino, outros traduzidos do francês, suportamos a mais
outro mal, todo nosso, e que só a Grécia, menos intensamente
connosco partilha. Qual? Este: — enquanto, contra as tormen-
tas sociais, nas outras naus *se trabalha* — na nossa rota e rasa
205 caravela *tagarela-se!* Tagarela-se num desabalado fluxo labial,
cuja qualidade, desde 1820, não tem deixado de miseravelmen-
te decair, da eloquência, degenerando na loquacidade — da ver-
bosidade, descambando na verborreia!

210 De sorte que, considerando em resumo o Norte e o Sul,
bem podem aqueles que *se distinguem por conhecer as coisas das*
nações sombriamente afirmar que a máquina se desconjunta, e
que a situação da Europa é medonha!

215 E todavia, no fundo, a situação é normal. Tão natural e
normal que, para ninguém que pensa, ela pode ter terrores. Já
não falo como bicho egoísta e caseiro, para quem, através de
todas estas agonias dos impérios, continuem os miúdos regalos
da vida, o calor do lar, a amizade dos livros, o bom arroz de
forno, o cigarro palreiro, e os pássaros cantando nos folhedos
da primavera.

220 Mas mesmo para um humanitário, para um filósofo (so-
bretudo para esses que vêm mais longe que o curto espaço
duma duração de homem) não há neste fim de mundo nada
que desole ou mate a esperança. A situação da Europa de facto
quase nunca cessou de ser medonha. Tem-no sido melancolicamente
e apaixonadamente todo este século. Foi-o durante todo
225 o século XVIII, através da maior indiferença e dum maior do-
çura de vida. Tem-no sido em todos os séculos desde que os
Árias aqui chegaram, cantando os Vedas e empurrando os seus
rebanhos para Oeste. A «crise» é a condição periódica da
Europa.

230 E raro se tem oferecido o momento em que um homem,
derramando os olhos em redor, não julgue sentir a máquina a
desconjuntar-se e tudo perecendo, mesmo o que é imperecível —
a virtude e o espírito. Já o velho Cronista Medieval murmurava,
com infinita desconsolação: — «Tudo se desconjunta,
235 e mesmo entre os homens se vai embotando a ponta da saga-

cidade». Já antes, o velho poeta clássico, o comedido e satisfeito Horácio, cantava tristemente, quando sobre o mundo começava a espalhar-se a imensa majestade da Paz Romana: — «Tudo se afunda e mais que nenhum outro este tempo é fecundo em misérias». E o mesmo gemido encontraríamos, percorrendo os anais, os poemas e os textos — até aqueles que estão pintados a cores vivas nos pilones de Tebas, ou gravados a fogo nos tijolos assírios do palácio de Sennacherib.

Mas o que são, no fundo, estes lamentos? São, num tom mais solene e amplo, aquele costumado queixume que cada ano soltamos quando as folhas caem, e o céu se recobrem de névoas: — «Aí vem o Inverno e a noite»!

É que a Sociedade reproduz a Natureza. E na Europa, como em qualquer espesso bosque, num fundo de vale, um momento vem em que tudo decai e fenece: ramos mirram e radiam; os mais altos robles tombam de velhice; mil podridões fermentam; o sol desaparece sob os destroços; a obscuridade aterra; um longo soluço ondula no vento. E, para quem então o contemple, o bosque parece na verdade coisa confusa, arruinada e medonha. E todavia, tudo isto provém simplesmente de que chegou Dezembro. É a Vida. É a Ordem. Estamos no Inverno e na morte; breve estamos na Primavera e na ressurreição. Das ramagens apodrecidas já se vão nutrindo as sementes que não-de ser árvores; e através das decomposições lá se conserva a seiva, que tudo fará reflorir quando Março voltar.

Ora este tempo que atravessamos é precisamente o Outubro fresco, que anuncia um dos negros Dezembris do mundo. Temos já misérias, destroços, dissoluções, raízes que se despegam, prantos no vento: pior nos irá quando Dezembro vier; mas, através de todas as vicissitudes, lá se transmitirá como na Natureza, das folhagens murchas às novas florescências, a eterna seiva que é a eterna força. Como familiarmente dizia o sábio Rabelais «é apenas um mau quarto de hora a passar!»

Somente as verduras tenras de Março não ressurgem mais verdes ou mais belas por terem recolhido a seiva das camadas

de folhas mortas. Na Natureza a Força não tem um fim, não leva a nada de melhor ou mais perfeito; e não sendo moral nem imoral, a Natureza nem recua nem progride. As árvores que nos cobrem não nascem mais fortes nem mais frondosas
 275 que as que deram sombra aos homens do Lácio; e as humidades, a chuva, as nortadas, os nevões não nos incomodam menos do que a César durante a campanha das Gálias.

Verdade seja, o Homem, no que lhe é inato, não progride, também. Não possuímos hoje mais rijeza nos músculos que os
 280 soldados da invasão persa, ou mais graça nas formas que os modelos da estatuária grega; e não nos podemos decerto gabar de mais coragem que Leónidas, de mais génio que Platão, de mais poesia que Virgílio, ou mais virtude que Marco Aurélio. Mas essas colmeias de homens a que chamamos Sociedades cada
 285 dia melhoram e se aperfeiçoam pela sucessiva acumulação do trabalho, da virtude, do génio, da poesia, da coragem de cada geração que um instante surge, labora, sofre e logo se esvai.

E se realmente não pensamos mais profundamente do que em Atenas sob os plátanos da Academia, nem combatemos mais
 290 heroicamente do que no desfiladeiro das Termópilas — temos decerto mais Justiça repartida entre nós do que no tempo dos Gracos, e mais Saber verificado entre nós do que no tempo de Aristóteles. E no século xx, de que já tanto nos ocupamos com paternal solicitude, por esta nova ideia de solidariedade huma-
 295 na, tão diferente da dos antigos que só pensavam nos avós, enquanto nós só pensamos nos netos — nesse século xx haveria ainda ao todo mais justiça realizada, mais saber espalhado, e entre os homens definitivamente mais Ciência e mais Consciência.

300 De sorte que todos estes males, crises, misérias, são meramente o natural deperecimento de Dezembro na Floresta humana — donde surgirá uma mais fértil e rica vegetação de liberdade e de noções. Estas mesmas, por seu turno, criarão dificuldades novas na sociedade, incertezas novas no espírito.
 305 Outra vez sobre o mundo cairá Dezembro, e o seu sopro agreste. Vozes sombrias chamarão de novo «que tudo se desconjunta e que a situação é medonha!» Quando Março porém por sua

vez volver, e se vir mais claro num céu mais limpo, reconhecer-se-á que em suma a Humanidade deu outro passo decidido para a frente no caminho da Justiça e no caminho do Saber. E, assim aos tombos, entre tormentos, fremente no seu esforço, ora devastado, ora reflorado, o mundo avança irresistivelmente.

Mas onde nos leva por fim marcha tão dolorosa? Não sei — e se conhecesse o augusto segredo, não o divulgava no *Repórter*.

Leva-nos talvez a essas coisas sublimes e vagas anunciadas por Fourier: a harmonia completa das forças do homem com as forças da natureza; os seres da Terra comunicando com os seres de Saturno; a imensa confederação dos Orbes; a Humanidade tornada onnipotente, omnisciente e onipotente, reconhecendo-se a si mesma como Divindade una, e para todo o sempre abismando-se na contemplação e na delícia de si mesma!

E enquanto não alcançamos esse apetecível estado de divinização, esta crescente justiça, e este crescente saber levam-nos cada dia a um bem melhor, imediato, tangível, de incalculável valor — que é o gozarmos mais a Vida e recearmos menos a Morte.

Porque enfim, reflexionemos... Já nestas idades modernas, há apenas seiscentos anos, quando não havia esta porção de saber e esta porção de justiça — que teríamos nós sido, nós outros, Jornalistas, Críticos, Políticos, Ministros, Personagens — que teríamos nós sido, não possuindo decerto Castelo no monte, nem Abadia na planície — que teríamos nós sido? — Vilões. Sim, vilões. Vilões hirsutos e bestiais, embrulhados em trapos de estamena, nutridos de ervas meio-cruas, encafuados em tocas fumarentas, tremendo do homem de armas, tremendo do homem de igreja, pagando para ambos, rezando por ambos, esmagados, vis, mudos, mal distintos do boi e do por-

312-313: irresistivelmente.] irresistivelmente! [Termina o texto de 1909, que acrescenta a data 1888.]

316: e vagas anunciadas] e vagas anunciadas... [Termina aqui o texto da edição de 1970, com a informação *Gazeta de Notícias*, 2 de Abril de 1888 e a nota de rodapé: Termina aqui o recorte da *Gazeta de Notícias* que temos em nosso poder.]

340 co, com a Vida toda vazia de gozos e a Morte toda cheia de
terrores, tendo por partilha neste mundo o opróbrio e a força,
e no outro o Demónio com o seu grande espeto em brasa...

345 Mas distribuiu-se uma pouca de justiça, derramou-se um
pouco de saber. E hoje, sem medo dos tiranos e sem medo dos
demónios, protegidos pelos nossos Códigos e esclarecidos pe-
los nossos Compêndios — ah! Bacharéis maganões, como nós
falamos de alto!

EÇA DE QUEIRÓS

13. (1888) — [A partilha da dor / A propósito do incêndio do Teatro Baquet do Porto]

Lisboa-Porto: número único. Publicado pela Imprensa de Lisboa em Benefício das Vítimas sobreviventes do incêndio do Teatro Baquet, Lisboa, Tipografia Portuense/Litografia Guedes, 1888, p. [5].

Diário de Lisboa, ano 23, n.º 7539, quinta-feira, 18 de Novembro de 1943, p. 9.

Obras de Eça de Queiroz — Cartas e Outros Escritos, Lisboa, Livros do Brasil, 2001, pp. 344-345.

Os artistas da Renascença, quando pintavam o Dilúvio, nunca deixavam de mostrar, em evidência na tela, como alegoria e como lição um cabeço de cerro — onde se amontoavam animais contrários, as feras e as presas, cordeiros e lobos, gazelas e tigres, os que assaltam e os que fogem, colados dorso a dorso, buscando um no outro refúgio, no pavor comum da maré negra que em torno sobe e os vai todos tragar...

Assim devia ter sido nessa primeira desgraça do mundo. E assim é hoje, entre os homens, quando uma catástrofe, a terra que treme, um rio que submerge os campos, o chamejar dum vasto incêndio, nos dão o inesperado terror desta bruta e divina Natureza que nos contém, que é mãe e tutelar nutridora, e que bruscamente nos ataca com uma violência que nada discerne, e que indiferentemente cai sobre a fraqueza e sobre a arrogância, sobre o que já vai murchando e sobre o que ainda não floresceu, sobre o monstro e sobre o santo.

Há então um ansioso aglomerar de gente, a mais oposta e mais vária, na mesma ideia — a ideia de fraternização, de uni-

2: nunca deixavam de mostrar,] nunca deixaram de mostrar, [1943]

3: como lição] como lição, [2001]

11: dum vasto incêndio,] de um vasto incêndio, [2001]

14: discerne,] discerna, [1888; 1943]

14: e que indiferentemente] e que, indiferentemente, [2001]

14-15: sobre a fraqueza e sobre a arrogância,] sobre a fraqueza e a arrogância, [1943]

20 dade, de aliança contra a Natureza, se não já para debelar o
 desastre com que ela a todos podia esmagar, ao menos para
 minorar as curáveis misérias que o desastre a todos poderá
 estender. É este sentimento, este confuso medo de uma Natu-
 reza incerta e traiçoeira, que inspira, no fundo, as grandes
 correntes de piedade e de caridade.

25 Depois, está claro, volvido o rio ao seu leito, apagadas as
 labaredas, clareadas as ruínas e acalmada a Natureza, todos já
 sem susto, se vão pouco a pouco desagregando, cada um volta
 ao seu interesse e ao ódio de seu vizinho, — e o lobo recomeça
 a devorar o cordeiro. Mas, enfim, houve uma bela hora de har-
 30 monia, de fé partilhada, em que os corações bateram em ritmo,
 as vontades trabalharam em concordância — e da mesma emo-
 ção nasceu o mesmo heroísmo. Há por isso alguma coisa de
 nobre e de tocante em querer prolongar, mesmo artificialmente
 este radiante momento de união moral. Eu, por mim, acho bom
 35 que ele se alargue, se exagere, ganhe até um começo de rotina e
 de maneirismo. É um instante amável de paz que se rouba ao
 contínuo conflito humano! É como quando, num longo e áspe-
 ro Inverno rompe um dia de sol e doçura, em que tudo parece
 embelezar, uma bondade esparsa flutua, o céu azula a vida, e os
 40 homens sem motivo sorriem quando se cruzam. Quem não
 desejaria espaçar este relance de suavidade e de luz?

Bem cedo voltará o vendaval e o negrume — e nos mon-
 tes, como nas cidades, o lobo recomeçará a devorar o cordeiro.

Bristol, Abril.

45

EÇA DE QUEIRÓS

21-22: a todos poderá estender.] a todos poderia estender. [1943]

22-23: de uma Natureza] duma Natureza [1943]

26: todos] todos, [2001]

28: de seu vizinho, —] do seu vizinho, — [1943] do seu vizinho — [2001]

32: Há por isso] Há, por isso, [2001]

33: mesmo artificialmente] mesmo artificialmente, [2001]

37-38: áspero Inverno] áspero Inverno, [2001]

39-40: e os homens sem motivo] e os homens, sem motivo, [2001]

44: Bristol, Abril.] Bristol, Abril de 1888 [2001]

14. (1889) — Os vencidos da vida

- O Tempo*, Lisboa, ano I, n.º 84, 29 de Março de 1889, p. 1.
Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1929, pp. [202]-206.
Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), vol. III, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 286-288.

Os vencidos da vida

O amável *Correio da Manhã*, fazendo hoje o retrato social dos *Vencidos da vida*, um por um, para lhes contestar este título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade que a imprensa tem erguido ultimamente em torno deste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem. Pode parecer talvez estranho que esta ressoante publicidade assim magoe os derrotados. Não permitem eles que hebdomadariamente as gazetas anunciem a sua reunião em torno da mesa festiva? É verdade. Mas se o fazem é para que a opinião se não possa de modo algum equivocar sobre o motivo íntimo que todas as semanas os

1: Os vencidos da vida] Os «Vencidos da Vida» [1929] «Os Vencidos da Vida» [1981] [Em nota de rodapé, 1929: «Este escrito foi publicado anonimamente no n.º de 29 de Março de 1889 de *O Tempo*, jornal de que era director Carlos Lobo de Ávila, em resposta a um comentário que, na véspera, Pinheiro Chagas fizera, no seu *Correio da Manhã*, à designação de «Vencidos» dada ao famoso Cenáculo literário e mundano. Eça de Queirós traçou-o rapidamente a uma mesa da redacção, depois dum dos jantares semanais em que o grupo costumava reunir-se no Hotel Bragança.» e 1981: «Este escrito foi publicado anonimamente no número de 29 de Março de 1889 de *O Tempo*, de que era director Carlos Lobo de Ávila (N. do E.).».]

2: O amável] «O amável [1981]

3: *Vencidos da vida*,] *Vencidos da Vida*, [1929; 1981]

11: se não possa de modo algum] se não possa, de modo algum, [1981]

15 arranca dos seus buracos, para os juntar num gabinete de res-
taurante, ao lusco-fusco, no isolamento sumptuoso de quatro
cortinas de *reps*.

Homens que assim se reúnem, poderiam logo, neste nosso
bem-amado país, ser suspeitados de constituir um sindicato,
uma filarmónica, ou um partido. Tais suposições seriam desa-
gradáveis a quem se honra de costumes comedidos; e o respei-
to próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais,
20 que, se em certo dia se congregam, é apenas para destapar a
terrina da sopa, e trocar algumas considerações amargas sobre
o *collares*. De resto, o sussurro atónito que de cada vez levanta
estas refeições periódicas não é obra sua — mas da socie-
dade que com tanto interesse os espreita. Eles comem — a so-
25 ciedade, estupefacta, murmura. O que é, portanto, estranho
não é o grupo dos *vencidos* — o que é estranho é uma socie-
dade de tal modo constituída que no seu seio assume as pro-
porções dum escândalo histórico o delírio de onze sujeitos que
30 uma vez por semana se alimentam.

O que de resto parece irritar o nosso caro *Correio da Manhã*
é que se chamem *vencidos* aqueles que para todos os efeitos
públicos parecem ser realmente *vencedores*. Mas que o querido

15: de *reps*.] de reps. [1889] de repes. [1981]

16: se reúnem,] se reúnem [1981]

18: uma filarmónica,] uma filarmónica [1929; 1981]

19-20: e o respeito] o respeito [1929; 1981]

22: da sopa,] da sopa [1929; 1981]

23: o *collares*.] o Collares. [1929] o colares. [1981]

25: que com tanto interesse] que, com tanto interesse, [1981]

26: O que é, portanto, estranho] O que é, portanto estranho [1889] O que é,
portanto, estranho, [1981]

27: dos *vencidos*] dos *Vencidos* [1929; 1981]

27: é estranho] é estranho, [1981]

28: que no seu seio] que, no seu seio, [1981]

29: dum escândalo histórico] de um escândalo histórico, [1981]

29: de onze sujeitos] de 11 sujeitos [1929; 1981]

31: *Correio da Manhã*] *Correio da Manhã*, [1981]

32: se chamem *vencidos*] se chamem *Vencidos* [1929; 1981]

32: aqueles que] àqueles que, [1981]

33: públicos] públicos, [1981]

35 órgão, nosso colega, reflecta que para um homem o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou — mas do ideal íntimo a que aspirava. Se um sujeito largou pela existência fora com o ideal supremo de ser oficial de cabeleireiro, este benemérito é um *vencedor*, um grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos uma gaforina e a tesoura
40 para a tosquiar, embora atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas. Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres segundo as circunstâncias), e se apesar
45 de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho — ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação.

50 Dito isto, só podemos ajuntar que os *vencidos* oferecem o mais alto exemplo moral e social de que se pode orgulhar este país. Onze sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos de *direita* e de *esquerda*; sem terem
55 durante todo este tempo nomeado entre si um presidente e um secretário perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial de *Reais vencidos da vida* ou *vencidos da vida real ou nacional*; sem arranjar estatutos aprovados no Governo Civil; sem emitirem acções; sem possuírem hino nem bandeira

34: reflecta que para um homem] reflecta que, para um homem, [1929] reflecta, que, para um homem, [1981]

35-36: a que chegou —] a que chegou, — [1929]

44: (ou de mulheres] (ou de mulheres, [1929; 1981]

44: e se apesar] e se, apesar [1929; 1981]

50: Dito isto,] [1929 e 1981 não abrem parágrafo]

50: os *vencidos*] os vencidos [1889]] os *Vencidos* [1929; 1981]

52: Onze sujeitos] 11 sujeitos [1929; 1981]

57: *Reais vencidos da vida*] *reais vencidos da vida* [1981]

57-58: *vencidos da vida real ou nacional*;] *Vencidos da vida real ou nacional*; [1929] *vencidos da vida real ou nacional*; [1981]

58-59: no Governo Civil;] no governo civil; [1889]

60 bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto
dedicadas»; sem iluminarem no primeiro de Dezembro; sem
serem elogiados no *Diário de Notícias* — estes homens consti-
tuem uma tal maravilha social que certamente para o futuro,
na ordem das coisas morais, se falará dos *onze do Braganza*,
65 como na ordem das coisas heróicas se fala dos *doze de Inglaterra*.
Dissemos.

61: de Dezembro;] de dezembro; [1889]

64: *do Braganza*,] *do Braganza* [1929]

66: Dissemos.] Dissemos.» [1981]

15. (1889) — Prefácio a *AQUARELAS* de João Diniz

Aquarelas, Porto, Livraria Gutenberg-Editora, 1889, pp. IX-XXIII.

Notas Contemporâneas, Porto, Lello & Irmão, 1909, pp. [173]-182

Notas Contemporâneas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 123-129.

PREFÁCIO

O que principalmente tem caracterizado nestes últimos vinte anos a Poesia francesa (única que conhecemos em Portugal) é, creio eu, o extremo requinte e a ciência extrema da Forma.

No período lírico que vai de Lamartine a Brizeux a Poesia brotava da Emoção, tão naturalmente como da terra brota uma nascente — que se prolonga, corre, abundante e fácil, reflectindo no seu curso toda a Vida e toda a Natureza, céus, arvoredos, moradas marginais e os homens que se debruçam sobre a sua transparência. Hoje (para continuar esta imagem) a divina nascente parece ir secando. Já não borbulha entre as relvas simples, está canalizada numa fonte de mármore; mas apenas dela, a espaços, cai alguma gota solitária que na atmosfera gla-

1: PREFÁCIO] Prefacio das «Aquarellas» de João Diniz [1909; 1970]

2: tem caracterizado] tem caracterizado, [1970]

3: vinte anos] vinte anos, [1970]

3: a Poesia] a poesia [1909; 1970]

4-5: da Forma.] da forma [1909; 1970]

6-7: a Brizeux a Poesia brotava da Emoção,] a Brizeux, a poesia brotava da emoção, [1909; 1970]

9: toda a Vida] toda a vida [1909; 1970]

13: de mármore;] de mármore: [1909] de mármore, [1970]

14: alguma gota solitária] alguma gota solitária, [1909; 1970]

15 cial deste século de análise e de crítica, tão incongênera com a
 poesia, imediatamente gela e se faz cristal. São estes cristais que
 poetas, cheios de arte e paciência, engastam em filigranas de
 oiro, orlam de pedrarias e põem à venda «chez Lemerre». A estes
 20 poetas deu-se em França o nome de «Cinzeladores». A sua obra
 realmente pertence mais à joalheria do que à poesia.

Devemos concluir daqui que a alma francesa vai perdendo
 a divina qualidade da Emoção? Evidentemente em França, como
 em toda a parte, as almas já não vibram ao contacto de certos
 sentimentos colectivos que outrora foram os grandes inspira-
 25 dores. A Religião é hoje, em Paris como em Lordelo, incapaz
 de produzir um único alexandrino sincero. O Patriotismo tem
 a mesma impotência, porque as desgraças de 1870 só deram
 um poeta, Paul Deroulède — que, por isso mesmo que conse-
 guiu inspirar-se da Pátria, criou infundável surpresa, tornou-se
 30 esplendidamente popular, foi investido de um Pontificado,
 presidiu Associações, derrubou Ministérios, quase fez tratados
 de Aliança. A Natureza por seu lado também não comove o
 poeta francês, que nunca foi idílico, muito tempo só conheceu
 os prados e as searas pelas traduções de Teócrito e de Virgílio,
 35 e quando no período romântico se decidiu a comunicar com
 os arvoredos, foi para descobrir, sob a direcção do panteísmo
 germânico, um fragmento de Deus em cada ulmeiro de Bougi-
 val. Resta porém o homem interior — o Sentimento, a Paixão.
 E pode-se acaso dizer que o francês já não ame, já não chore,

18: «chez Lemerre».] «chez Lemerre» [1909; 1970]

19: «Cinzeladores».] «cinzeladores» [1970]

19-20: A sua obra realmente] A sua obra, realmente, [1909; 1970]

25: A Religião] A religião [1970]

26: O Patriotismo] O patriotismo [1970]

30-31: de um Pontificado, presidiu Associações, derrubou Ministérios,] de um
 pontificado, presidiu associações, derrubou ministérios, [1970]

32: de Aliança.] de aliança. [1970]

32: A Natureza por seu lado] A Natureza, por seu lado, [1970]

35: e quando no período romântico] e quando, no período romântico, [1970]

38: Resta porém] Resta, porém [1970]

38: o Sentimento, a Paixão.] o sentimento, a paixão. [1970]

39: o francês] o Francês [1970]

40 já não passe pelos êxtases e pelos amargores que são obra da sensibilidade? Não, certamente. Apesar do que afirmam críticos subtis, estou seguro de que ainda hoje em França, quando se é moço, o coração bate tão sinceramente e tão ruidosamente como batia no tempo de Lamartine.

45 De que provém pois que, nos escassos poetas que produz a França (cujo génio crítico tem por expressão mais natural a prosa), haja tão pouca emoção apreciável? Provém, julgo eu, das qualidades mesmas do espírito francês, tão eminentemente literário. Provém de que os poetas mais modernos, entrando
50 na Arte quando o brilhante verbo romântico descaíra já numa retórica arrastada pelos almanaques, procuraram naturalmente evitar todas as velhas formas poéticas com que o romantismo traduzira a sua emoção. Trabalham por isso com a ansiedade constante de produzir formas novas, inesperadas, que surpreendam. Quando Lamartine vogava no «Lago» com Elvira,
55 à claridade da lua — deixava transbordar o êxtase que o sufocava no murmúrio mais natural e mais cândido: «Como és bela! como a noite é serena! como o lago é azul!» Quando por seu turno Mallarmé ou Verlaine vão ao lago com Elvira, experimentam decerto a mesma emoção porque têm a mesma mocidade e Elvira a mesma beleza. Somente nem por todos os tesouros de Salomão traduziriam essa emoção nas formas claras e largas de Lamartine. Isso seria antiquado, retórico e banal. O seu gosto apurado e afinado, ávido de modernismo e de
60 originalismo, leva-os a cantar o lago e Elvira requintando tão subtilmente a expressão do seu sentimento, entrelaçando-a em tantos labores e floreios, que o sentimento, já de si depurado e adelgado, inteiramente desaparece sob este luxo plástico que o afoga. Diz-se logo: — «Pobreza de poesia, disfarçada sob a
65

43: tão ruidosamente] tão ruidosamente, [1970]

45: De que provém pois] De que provém, pois, [1970]

53: Trabalham] [1970 abre parágrafo]

58-59: Quando por seu turno] Quando, por seu turno, [1970]

60: a mesma emoção] a mesma emoção, [1970]

63: retórico e banal.] retórico, e banal. [1970]

65: e Elvira] e Elvira, [1970]

70 riqueza da forma.» Não. A poesia lá estaria, e genuína, nascendo da sensibilidade moça. Somente foi toda diluída em literatura.

Esta é, se me não engano, a explicação do Parnasianismo, cuja prática consiste em nunca chamar a um «gato» singelamente um «gato», como era o ideal de Boileau — mas pelo contrário em exprimir as coisas ou as sensações mais simples numa
75 forma que seja, como um dos Parnasianos ensinou, «rutilante de inauditismo». Duas palavras que constituem toda uma Poética. E Poética admirável, porque ao mesmo tempo estabelece o preceito e formula o exemplo. Deve-se ser sempre original —
80 e, para começar, à própria originalidade se deve chamar «inauditismo».

Ora se isto é feito por poetas de Paris ou de Londres, temperamentos de artistas servidos por um gosto perfeito, trabalhando línguas dúcteis e maleáveis, próprias para qualquer
85 subtilização da ideia, produzindo-se dentro de uma atmosfera congénere de superior elegância, já educada no artificial — a obra parnasiana pode oferecer ainda muito encanto.

É o que sucede com as extravagâncias de vestuário de um alto *dandy* de Paris ou de Londres. Quando *Lord C.* ou o duque de M., soberbamente brilhantes e ricos, com quarenta cavalos nas cavaliças, parques, castelos, e toda uma lenda galante de amores e duelos, se apresentam num baile, entre uma sociedade que tudo compreende, vestidos de casaca de veludo verde-escuro e calções de cetim preto — há nisto alguma coisa de
90 fantasista e de petulante que pode seduzir. Mas que um amanuense da administração do Marco de Canaveses, querendo reproduzir estas audácias (que leu no *Primeiro de Janeiro*), apareça num baile da terra com uma casaca de veludo e calções
95

72: do Parnasianismo,] do parnasianismo, [1970]

76: um dos Parnasianos] um dos parnasianos [1970]

77-78: uma Poética.] uma poética. [1970]

78: E Poética] E poética [1970]

88-89: um alto *dandy*] um alto dandy [1889;1909]

89: Quando *Lord C.*] Quando lord C. [1889; 1909] Quando Lord C. [1970]

96: do Marco de Canaveses] de Marco de Canaveses [1970]

97: no *Primeiro de Janeiro*,] em «O Primeiro de Janeiro», [1970]

100 feitos num algibebe de escada — e, em lugar de um *dandy* de
 corte, temos logo um xexé de Carnaval. Foi justamente o que
 aconteceu, quando, há alguns anos, os poetas moços em Portu-
 gal se lançaram na indiscreta e desastrada imitação do
 Parnasianismo francês. Tudo estava contra eles: o seu tempera-
 105 mento, a sua educação, o meio literário, o feitio da sociedade,
 a própria língua que manejavam. O que surgiu fatalmente foi
 a contrafacção achavascada de uma affectação requintada. O Par-
 nasianismo na realidade, já era uma retórica: em Portugal foi
 esta coisa hedionda — o calão de uma retórica. Ainda me re-
 cordo, como modelo instrutivo desse género, de certa poesia
 110 em que um Parnasiano cantava a sua amante, uma «duquesa»,
 pisando o «asfalto» do Chiado, por entre as «acácias em flor»,
 com botinas de «cetim verde» e uma cauda de seda «cor de
vieil-or», enquanto ele a seguia de longe, cheio de «desprezo
 por Deus», triturando maquinalmente entre os dedos a «flor
 115 de Angsoka»! Nada mais completo. E o que são no fundo esta
 duquesa, estas acácias no Chiado, estas botinas de cetim verde,
 esta flor de Angsoka que é uma flor fabulosa, todas estas coisas
 ingénuas, delirantes e pavorosas? A casaca de veludo verde-negro
 de *Lord C.* nos ombros do amanuense do Marco de Canaveses.

120 Felizmente este Parnasianismo entre nós tende, creio eu, a
 desaparecer: o espírito, como o corpo, não pode permanecer
 muito tempo numa atitude violenta e contorcida. Conheço
 muito imperfeitamente a poesia dos poetas mais novos de
 Portugal; mas penso que uma salutar reacção, um regresso à
 125 simplicidade e ao lirismo nativo começam a acentuar-se, com
 infinito alívio do Bom-senso e do Bom-gosto.

99: um *dandy*] um dandy [1889; 1909]

106-107: O Parnasianismo,] O parnasianismo, [1970]

110: um Parnasiano] um parnasiano [1970]

112-113: «cor de *vieil-or*»,] «cor de *vieil-or*», [1889; 1909]

119: de *Lord C.*] de lord C. [1889;1909] de Lord C. [1970]

119: do Marco de Canaveses.] de Marco de Canaveses. [1970]

120: este Parnasianismo] este parnasianismo [1970]

126: do Bom-senso e do Bom-gosto.] do bom senso e do bom gosto. [1970]

Dito isto — quase me resta só apontar para as páginas mesmas deste livro gentil, que pertence a esse movimento de sincera e pura poesia, para desde logo lhe ter dado o louvor melhor e o mais exacto.

Aqui está pois um poeta que ousa modestamente esta coisa rara — ser singelo e ser claro. Não é por um esforço doloroso da imaginação, burilando com o suor na fronte labores atormentados sobre o «verso», que ele lança ao mundo o seu canto. Pelo contrário! Abandona-se simplesmente, francamente, à sua emoção, e quando ela aparece, despertada pela Natureza ou pelo Sentimento — deixa-a correr numa forma límpida como a fonte donde vem, saudável, fresca, que vai seguindo, que vai cantando, à maneira de um desses modestos regatos de prado onde por vezes se reflecte o céu inteiro.

De resto a sua Musa tem gostos simples. Não se abalança a remontar às estrelas, nem a mergulhar nos mistérios; e o caminho por onde de preferência conduz o poeta é o familiar e estreito caminho que incessantemente trilham os passos humanos. São por isso de todos os dias as coisas que o comovem: um belo ocaso, uma lágrima surpreendida, uma paisagem, uns lindos olhos entrevistos, uma fragilidade que faz sorrir, bastam para que ele corra os dedos nesse pequeno alaúde onde as cordas não são de oiro nem de bronze — e por isso mesmo talvez dão uma vibração mais humana.

Para fielmente cantar o que sinceramente sente, não lhe são pois necessárias essas formas novas que devem «rutilar de inauditismo». Poderia certamente produzi-las — porque a sua factura não é difícil, havendo muito vagar e papel; mas ao servir-se delas sentiria sem dúvida o embaraço de quem, para beber água de um regato, numa sesta de Verão, tivesse de usar um

131: Aqui está pois] Aqui está, pois, [1970]

137: pelo Sentimento —] pelo sentimento — [1970]

137-138: a fonte donde vem,] a fonte, donde vem, [1970]

143: o poeta] o poeta, [1970]

151-152: não lhe são pois] não lhe são, pois, [1970]

156: de Verão,] de verão, [1889; 1909]

160 pesado cálice do século xvii, todo de oiro, cravejado de pedras,
 tirado de um museu de Artes decorativas. A ele basta-lhe um
 copo de cristal — quero dizer os termos transparentes do ver-
 bo familiar. Se a tarde cai, diz com singeleza — «a tarde vai
 caindo»; quando lhe vem uma lágrima, não a lapida no angus-
 tioso esforço com que os judeus de Amesterdão lapidam os
 165 diamantes; e, se ri, não sobrecarrega o seu riso com pesadas
 instrumentações à Wagner. E vede para logo a recompensa desta
 honestidade de espírito! Como deixa exalar livremente a alma
 e o verbo, encontra coisas de toda a beleza, de pura e genuína
 poesia, sentidas com a mais fina sensibilidade, expressas com
 uma delicadeza rara e cheia de encanto. Quanta graça e quanta
 170 real emoção nos tercetos do soneto «Dolor», chorando a dis-
 persão de um lar feliz:

«Ninho de rósea luz, que um só momento
 Levou a dispersar, varreu desfeito
 Para não mais! — E corpo, e pensamento,

175 Circunscritos da vida ao giro estreito,
 Parecem ter agora o movimento
 De uma levada que não acha o leito...»

180 Alguns julgarão perceber aqui talvez um lindo eco da
 maneira de João de Deus. Já isto seria excelente — lembrar um
 mestre tão encantador. Mas o poeta das *Aquarelas* é dos que
 pensam, como Musset, que, «*quoique le verre soit petit, il faut*
toujours boire dans son verre»: e ninguém melhor que ele sabe
 que nada se ganha, antes se corre a um desastre certo querendo
 imitar a poesia intensamente lírica de João de Deus, ou ainda

157: século xvii,] seculo 17, [1889]

158: de Artes decorativas.] de artes decorativas. [1970]

167: expressas com] expressa com [1970]

173: e pensamento,] e pensamento. [1970, *que une aqui os dois tercetos.*]179: das *Aquarelas*] das «*Aquarelas*» [1970]179-180: dos que pensam, como Musset,] dos que pensam como Musset, [1909;
1970]

185 a poesia epicamente satírica de Guerra Junqueiro, ou ainda,
num esforço maior e mais ambicioso, a poesia tão nobremente
intelectual de Antero de Quental.

190 Ele contenta-se pois com traduzir a seu modo o seu senti-
mento próprio — esse sentimento tão meigo e sóbrio que
transparece naqueles tercetos, e que vai reaparecendo por todo
o livro. Mas não é ele só que o caracteriza. Aqui e além repe-
tidamente surge o lampejo fugidio de uma ironia. É o poeta
que, no caminho por onde a Musa o leva, ao lado de uma
coisa melancólica encontrou uma coisa risível. Nada porém sai
195 de seus lábios que tenha aspereza ou amargura. Apenas uma
ironia velada de doçura, que resvala, não apoia, lança, ao pas-
sar, sobre uma fraqueza humana, o breve clarão de um riso
amável: — e logo foge, se some, na corrente mais larga de sim-
patias poéticas...

200 Mas para que insistir? A natureza mesma desta Poesia não
suporta os comentários. Intolerável seria um jardim onde cada
flor tivesse preso à haste o grosso capítulo de Botânica que a
explica e descreve. Prefácios para versos sinceros são infinita-
mente arriscados. Quando se quer mostrar a beleza de um
cristal, movendo-o muito com os dedos — quase sempre se fin-
205 da por lhe empanar a transparência e o brilho casto.

Bristol — 1888

EÇA DE QUEIRÓS

187: Ele contenta-se pois] Ele contenta-se, pois, [1970]

190: Aqui e além] Aqui e além, [1909; 1970]

193: Nada porém] Nada, porém, [1970]

199: A natureza] A Natureza [1970]

199: desta Poesia] destas poesia [1909; 1970]

201: de Botânica] de botânica [1970]

206: Bristol — 1888] Bristol, 1888 [1970] [O autógrafo termina com Bristol, Abril
sem menção de ano. O livro, Aquarelas, foi publicado em Abril, mas de 1889. Terá o «Pre-
fácio» demorado doze meses a atingir a sua forma definitiva?]

16. (1890) — Fraternidade

Anathema (número único), Coimbra, Guillard, Aillaud & C.^a (Imprensa da Independência), Maio, 1890, pp. 44-45.

Ocidente — Revista Portuguesa Mensal, Lisboa, 1945, vol. xxvii, n.º 91, Novembro, pp. 157-158.

Obras de Eça de Queiroz — Cartas e Outros Escritos, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 346-348.

Fraternidade

5 Nunca na Europa se falou com tanta segurança, como hoje, de «fraternidade, de concórdia entre os povos, de fusão das raças numa universal simpatia»: — e ainda há pouco em Paris, num congresso, um Moralista, um Sábio, predizia, entre aclamações, que bem cedo da linguagem purificada dos homens desapareceria este vetusto e bárbaro termo — *o estrangeiro*.

10 De facto, porém, nunca entre as nações existiu, como neste declinar dos velhos regimens, tanta desconfiança, tanta malquerença, ódios tão intensos apesar de tão vagos. Não se encontram hoje na Europa dois povos genuinamente fraternais; — e nos países cujos interesses mais se interligam, as almas permanecem separadas. O alemão detesta o russo. O italiano abomina o austríaco. O dinamarquês execra o alemão. E todos
15 aborrecem o inglês — que os despreza a todos.

4: numa universal simpatia»:] numa simpatia»; [1945; 1970]

5: um Moralista, um Sábio,] um Moralista, um sábio, [1945] um moralista, um sábio, [1970]

11: fraternais; —] fraternais — [1970]

13: O alemão detesta o russo.] O Alemão detesta o Russo. [1970]

13-14: O italiano abomina o austríaco.] O Italiano abomina o Austríaco. [1970]

14: O dinamarquês execra o alemão.] O Dinamarquês execra o Alemão. [1970]

15: o inglês —] o Inglês — [1970]

São estes antagonismos, irracionados e violentos, tanto ou mais que as rivalidades de Estado, que forçam as nações a essa rígida atitude armada em que elas se esterilizam e se enervam: — e hoje, diferentemente dos tempos antigos, o amor e o cuidado da paz está nos Reis e nos povos o impulso para a guerra.

Isto provém de que o poder, ou a influência sobre o poder, passou das castas para as massas, das oligarquias para as democracias. Outrora as oligarquias, tornadas «cosmopolitas» pela educação, pelas viagens, pelas alianças, pela comunidade de hábitos e de gostos, pela similitude dos deveres de corte, pela tolerância geral que dá a cultura e pelas especiais afinidades de espírito que criava a cultura clássica, não odiavam nunca as outras nações — porque as *outras nações* se resumiam para elas nas *outras oligarquias* com quem se sentiam congêneres em todos os modos de viver, de pensar, de representar, de governar. As democracias, ao contrário, profundamente nacionais e nunca cosmopolitas, conservando com tradicional fidelidade os seus costumes próprios, e intolerantes para os costumes alheios — apenas se conhecem (através das noções estreitas de uma instrução fragmentária) nas suas feições mais nacionalmente características e portanto mais irreconciliavelmente opostas: — e dessas diferenças **que** entre si pressentem ou constatarem lhes vem por instinto um mútuo afastamento e com uma antipatia etnográfica. O operário inglês, há cem anos, não conhecia sequer a existência do russo. Hoje sabe, imperfeitamente, por leituras apressadas de jornais e de *magazines* populares, que o russo é um homem

16: antagonismos, irracionados] antagonismos, irracionais [1945; 1970]

18: e se enervam: —] e se enervam — [1970]

20: está nos Reis] está nos reis, [1970]

25: deveres de corte,] deveres da corte, [1970]

29: nas *outras oligarquias* com quem se sentiam congêneres] nas *outras oligarquias* com que se sentiam congêneres [1945; 1970]

34-35: de uma instrução] duma instrução [1945]

36: opostas: —] opostas — [1970]

37: diferenças **que** entre si pressentem] diferenças entre si pressentem [1890] [*Aceitação a lição de 1945 para suprir a lacuna.*]

40: do russo.] do Russo. [1970]

41: o russo] o Russo [1970]

que dele absolutamente difere no tipo, no traje, no idioma, nas maneiras, nas crenças... Daqui uma primeira repulsão: e como sabe além disso vagamente, pela imprensa, que esse homem
 45 tão dessemelhante de si vai marchando sobre a Índia «para se apossar dos domínios da Rainha», enxerta sobre o seu antagonismo de raça a sua indignação de patriota, e chega a odiar o russo tão intensamente que se não pode em Londres, num café-concerto ou num circo, desdobrar a bandeira da Rússia, sem
 50 que rompem das bancadas do povo apupos e clamores de cólera.

Por toda a parte assistimos assim ao desenvolvimento exaltado do individualismo nacional. E, com o advento definitivo das democracias, haverá na Europa, não a universal fraternidade que os idealistas anunciam, mas talvez um vasto
 55 conflito de povos, que se detestam porque se não compreendem, e que, pondo o seu poder ao serviço do seu instinto, correrão uns contra os outros — como outrora, nas velhas demagogias gregas, os homens da Megária se lançavam sobre os homens da Lacónia, e toda a Ática se eriçava de armas, por
 60 causa de um boi disputado no mercado de Fila ou duma bulha de rufiões nos grandes pátios de Aspásia.

EÇA DE QUEIRÓS

44-45: homem tão dessemelhante de si] homem tão dessemelhantemente de si [1945; 1970]

47-48: odiar o russo] odiar o russo, [1945] odiar o Russo, [1970]

48: tão intensamente] tão intensamente, [1970]

52: do individualismo nacional.] do indivíduo nacional. [1945; 1970]

58: da Megária] da Mégara [1970]

59: se eriçava de armas] se eriçava de armas [1970]

60: ou duma bulha] ou de uma bulha [1970]

17. (1891) — Autógrafo no leque
da Viscondessa de Cavalcanti

Este velho e tão louvado aforismo — *A Mulher, na sua beleza, é mais forte que um Exército posto em batalha* — foi certamente escrito por Salomão no leque de pergaminho e sândalo da Rainha de Sabá.

5

Paris, 11 de Março de 1891

EÇA DE QUEIRÓS

18. [1889-1891?] — Fragmento manuscrito
com assinatura «João Gomes»

[Como homem] foi honrado e simples: como oficial zeloso e dedicado; como camarada fiel e serviçal; como amigo leal e carinhoso; como amo foi benévolo e paternal; nenhum homem pode remir a abstenção de serviços que lhe impuseram os costumes e as leis, com uma mais nobre e fecunda soma de virtudes particulares.

JOÃO GOMES

19a. (1892) — Notas Contemporâneas: Colombo e o seu Centenário

Gazeta de Notícias, n.º 261, ano XVIII, Rio de Janeiro, Domingo 18 de Setembro de 1892, p. [1].

Os centenários têm a excelente utilidade de avivar e recordar largos pedaços de História, que já se apagavam, se sumiam, conservando apenas aqui, além, algum contorno incerto e turvo...

5 Há anos, em Lisboa, o centenário do «Príncipe dos Poetas» levou muito homem culto (e mesmo de Letras) a comprar enfim os *Lusíadas*: e os divinos Sonetos, as Elegias choradas com tanta paixão e arte «sôbolos rios de Babilónia», foram finalmente lidas (ou folheadas) porque, no Rossio e no alto da Graça, havia luminárias em honra de Luís de Camões. Não foi
10 tanto porém a Obra como a Vida do poeta que teve assim o seu feliz momento de ressurreição.

E como ela andou tão espalhada e repartida pelo mundo, através dela se rememorou — desde a Lisboa do século XVI, e
15 da corte letrada da infanta D. Maria, e do soalheiro turbulento de Alhos Vedros até aos combates da Índia e às façanhas dos Mares do Oriente — toda uma soberba página da vida heróica da Renascença Portuguesa. Esse centenário foi assim, entre préstitos e charangas, uma preciosa vulgarização histórica. Portugal
20 necessita de vez em vez absorver um largo trago da sua História — como os velhos de esvaída força necessitam beber goles de vinho generoso e forte, de Borgonha ou do Porto.

A mesma útil lição do Passado nos está sendo dada pelo
25 centenário de Cristóvão Colombo de quem, por entre este tumulto de ideias e factos que nos solicitam andávamos tão

esquecidos (nós os ignorantes), que apenas sabíamos que ele vagamente descobrira a América, e vagamente morrerá em miséria. Todo o resto era uma mancha escura. Dela agora, graças ao centenário, vai surgindo (para nós os ignorantes), em um relevo certo e cada dia mais vigoroso, a imagem do herói e do seu tempo. Já começamos a saber toleravelmente o nosso Colombo — e como numa aventureira galé arribou à Madeira onde herdou os papéis e as cartas dum velho mareante português; e como muito tempo errou por Lisboa, oferecendo um Mundo novo, desatendido do «Rei Perfeito», desdenhado pelos nossos cosmógrafos que só tinham olhos para Oeste; e como por um triste inverno atravessou a Espanha quase mendigando com o seu filhito Diego; e como bateu à porta do Mosteiro de Santa Maria da Rábida para nele encontrar, além do pão, aquele inteligente patronato de padres e fidalgos que, através de lutas, de dedicados esforços, o puseram enfim a bordo da *Santa Maria*, com uma bolsa de 6000 maravedis, para ele ir buscar esse mundo de que tanto se riam os grandes doutores de Salamanca. E não é só Colombo que assim renasce, outra vez vivo e real, mas todos esses homens fortes que o amaram, com ele colaboraram no grande achado, e, de todo esquecidos, vêm hoje receber a sua parte de glorificação — o bom prior do mosteiro da Rábida, Juan Perez de Machena, um santo que era um cosmógrafo, Pedro Gonçalves de Mendonça, gran-chanceler de Castela, que toda uma tarde defendeu o seu roteiro perante os Reis Católicos, no acampamento de Baeza; o velho duque de Medina-Coeli que o ajudou a equipar a *Nina* e a *Pinta*; e outros ainda até essa boa ama do infante D. Juan, que cria nele, como num predestinado e valente resgatador de almas.

Também estes devem partilhar das coroas do centenário — quando não para animar, pelo exemplo da sua fé generosa (tão em contraste com a resistência obtusa dos sábios de Salamanca, e de todos os corpos constituídos da Espanha) aqueles a quem

42: maravedis] maravedos [1892]

58: os corpos] corpos [1892]

ainda hoje um grande homem possa levar a confiança de uma grande ideia.

Grande homem decerto o foi, este Colombo! Partira de Itália um simples piloto, e o ar de Espanha fez dele um herói. Melhor! Fez dele um Místico, pondo-lhe na alma essa Fé que vale mais que o Génio, porque só ela comunica ao homem a força que pertence a Deus. É, com efeito, uma ideia de misticismo que impele Colombo para os mares. O que ele pretende não é completar o mapa do mundo, em bem da ciência, mas achar essa misteriosa Índia onde há o ouro, *Ouro excelentíssimo*, como ele dizia) para com ele, em bem da Fé, equipar dez mil cavalos, cem mil infantes, e ir conquistar Jerusalém!

O que Colombo procurava através das névoas atlânticas, era na realidade o Santo Sepulcro.

E de que essa Índia seria descoberta, e colhido todo esse ouro, seguro estava ele — porque *assim o predissera o profeta Isaías!*

Parte enfim de Palos. Decerto levava roteiros e mapas. Mas que lhe importavam? O mapa único com que estudava, na incerteza dos altos mares, era o que lhe desdobravam de noite, diante da proa da *Santa Maria*, dois grandes anjos, e onde ele via brilhar num contorno de luz, a Índia e todo o seu ouro! Por isso quando os ventos sopravam com desusado furor, ele, indignado, mandava-os emudecer, em nome de Deus. E se as altas vagas batiam devoradoramente essas pobres caravelas, mal pregadas, frágeis como os nossos caíques de cabotagem, Colombo, indiferente à manobra, debruçado da amurada, à luz mortiça dum farol, lia às vagas, para as serenar, o Evangelho de S. João. Assim era no século xv um *almirante mayor del mar oceano*. E assim chegou pilotado pelo Espírito Santo! Além está a terra... A *Pinta* dá naquelas solidões, com uma velha colubrina o primeiro tiro, anúncio primeiro das mortandades que hão-de vir. Mas, nesse instante só se pensava em cravar depressa *nel mundo novo*, uma cruz, signo de infinita paz, do divino ensino trazido aos infiéis! Finalmente Colombo desembarca. Gajeiros e pilotos choram de pura alegria, aclamam o *Almirante*. Só Colombo está sereno. Porquê? Ele o diz — «porque nesta empresa das Índias não me aproveitou razão, nem matemática, nem mapas mundi; simplesmente se cumpriu o que disse Isaías!»

Há certamente razões para celebrar este homem — mas não sei se se há realmente para celebrar a sua descoberta. Dela datam a decadência e todas as posteriores misérias de Portugal e de Espanha.

100 Até a essa fatal partida de Palos, nós éramos duas nações ditosas, compostas sumariamente de homens de espada e de homens de enxada. O homem de espada ia adiante rechaçando o Mouro, o outro seguia atrás, com a sua enxada, grangeando a terra (que de resto o mouro já regara e preparara bem destramente!). Assim íamos edificando a prosperidade da pátria sobre a base do trabalho. E, dentro de nossa casa, éramos ricos. 105 Todas as grossas e lentas caravelas da Europa vinham a Lisboa buscar trigo: e na Andaluzia, terra da amoreira e gado, havia dezasseis mil teares tecendo alegremente a seda e a lã. Era o tempo dos Bucolistas. E o mais ambicioso poeta, exclamava: 110

A mi una pobrecilla
Mesa de amable paz bien abastada
Me basta!...

De repente, porém, uns atrás dos outros, nau após nau, 115 Colombo descobre as Antilhas, Vasco da Gama acha o caminho da Índia, Ponce de León avista a Florida, Balbôa atravessa o Panamá, Álvares Cabral aporta ao Brasil!

E todos eles voltam perturbados, trazendo a notícia e já a posse de terras cheias de especiarias, de marfim, de ouro e de 120 diamantes! Foi como se a estes dois homens, honestamente curvados sobre a terra, o Espanhol e o Português, tivesse saído o prémio grande da lotaria.

Houve uma brusca revolução nas suas ideias, nos seus hábitos, na sua moral. Todos, tumultuosamente, abandonam casais e teares. Para quê trabalhar? Para juntar ao fim de uma 125 vida suada e dura, dois dobrões no fundo de uma arca? Mas só nas Molucas há um ilhéu, cujo solo é todo de ouro, de ouro bruto! Mas as Índias estão atulhadas de pimenta e cravo, e uma mão cheia de especiarias vale uma légua de centeio e milho! 130 Mas o Samari, que é mouro, e portanto presa justa, tem no seu palácio cestas cheias de rubis e diamantes! Basta embarcar, trazer e mercadejar! E tudo embarca. Campos e teares ficam de-

sertos. Dos sete milhões de carneiros que tinha a Andaluzia, escassamente lhe restam alguns milhares, comendo cardo pelas fráguas.

135

Lisboa já não tem trigo para vender — já não há pão próprio em casa. Há pimenta — com que se compra o pão alheio. Espanha e Portugal não são já duas nações, que pelo trabalho se desenvolvem normalmente, mas duas metrópoles ociosas, de braços cruzados, diante dos seus contadores, explorando ao longe, por meio de escravos, jazigos de ouro e feitorias de tráfico. E, opulentas, gozam a vida.

140

Mas que sucede? Que pouco a pouco se esgotam os jazigos de ouro. Que outras raças vindas do Norte, dextras nos mares, mais tenazes e mais hábeis, com aptidões de mercancia imensamente superiores se apoderam das suas feitorias, das suas naus. E aqui fica o desventuroso peninsular sem feitoria e sem ouro! Nada lhe resta. Os campos? Incultos. Os teares? Partidos. Os gados? Comidos nos tempos dos festins, com a pimenta e o cravo do Oriente. E, pior que tudo, perdido o hábito forte e salutar do trabalho! Que fará? Quando ele era rico, e para que Deus lhe perdoasse os meios sangrentos por que enriquecia, fundara e dotara muitos mosteiros, agora poderosos. É esse o seu recurso extremo. E o peninsular, lançando aos ombros a capa do Lazarilho, vai esmolar o caldo de todos os dias à portaria dos conventos.

145

150

155

Tem todavia ainda outro recurso. As descobertas, essas Américas e essas Índias, com o seu comércio, tinham feito desenvolver entre as raças do norte que com elas aproveitaram, uma instituição nova e estranha — o *Banco*. O Banco era ainda mais rico que o mosteiro — de facto ia substituindo o mosteiro. De sorte que o Peninsular (apenas adquiriu esta certeza) retomou a capa de Lazarilho e partiu a implorar a vida de cada ano aos Bancos de Inglaterra e França... E assim vive desde que os seus grandes pilotos o presentearam com um mundo. Não vejo por isso que haja uma superior razão em celebrar estas descobertas...

160

165

Nós, os Portugueses, fomos talvez mais justos, atendendo apenas, na descoberta, ao poema que ela ocasionou — esquecendo prudentemente a passagem do Cabo, e glorificando só os *Lusíadas*.

Enquanto à América, se ela realmente se orgulha em ter sido descoberta (vivia tão feliz, quando ignorada!) não me parece que deva especialmente celebrar Cristóvão Colombo como o homem *sine qua non*, a quem ela deva a sua vida de civilizada.

O genovês não lhe foi essencial, para ela emergir do segredo do Mar tenebroso!

«A América lá estava», como dizia o bom Narvaez.

Ora, sempre que no século XVI se tratava de ir buscar um Mundo, quando não partia já um galeão espanhol, partia logo um galeão português. Em Cádiz ou em Lisboa, havia constantemente um mareante, pronto a ir com alguns mapas incertos, e o coração posto em Deus, fundar, através dos mares, um reino novo. E se em 1492 Colombo não tivesse descoberto a América pelo norte, lá estava já Pedro Álvares Cabral que, em 1500, a descobriria pelo sul. Eram para esse continente mais oito anos de sossego e obscuridade ditosa!

JOÃO GOMES

19b. (1892) — Notas Contemporâneas: O caminho de ferro de Jerusalém

Gazeta de Notícias, anno XVIII. Rio de Janeiro — Segunda-feira, 17 de Outubro, 1892, n.º 290, p. [1].

A obra horrenda está consumada: — e Jesus, se ainda se lembra da terra e dos homens, que tão mal lho merecem, pode na verdade gemer de novo o seu *consumatum est!* Desde ontem ficou concluído, ficou aberto, com as locomotivas acesas, fumegando e silvando, o Caminho de Ferro de Jaffa para Jerusalém! O Progresso, sujo ainda com a felugem deste feito, e contente, esfrega as suas mãos de aço!

É em Jaffa, a antiquíssima Jeppo, já falada e rica antes do Dilúvio, que se ergue, com os seus alpendres, a sua carvoeira, as suas balanças, a sua sineta áspera, o seu chefe de boné agalado, a primeira Estação desta Estrada de Ferro, entre esses laranjais, tão gabados pelo Evangelho, onde S. Pedro, chamado pelos brados das mulheres, ressuscitou Dorcas, a tecedeira, e a ajudou a sair do seu sepulcro. Daí a locomotiva, com os seus *wagons* de 1.^a classe, forrados de chita, atravessa a planície de Saron, tão particularmente amada do céu, e que, nos intervalos das guerras Filistanicas, se cobria toda de açucenas e rosas; corta através de Beth-Dagon, e mistura o pó do seu carvão de Cardiff ao vetusto pó do Templo Fenício, que Sansão, mudo e repastado de tristeza, derrocou movendo os ombros; rola por sobre Lydda, e atroa com os seus guinchos o grande S. Jorge,

que ali dorme o seu sono terrestre; toma água, por um tubo de couro, do Poço Santo donde a Virgem na fugida para o Egip-
to, repousando sob o figueiral, deu de beber ao Menino; pára
25 em Ramleh, que é a velha Arimateia (*Arimateia, quinze minu-
tos de demora!*) a pátria do homem que enterrou o Senhor; fura
em túneis fumarentos, as severas colinas de Judá, onde chora-
ram os profetas; rompe por entre ruínas que foram outrora a
valente cidadela e são hoje a sepultura dos Macabeus; galga,
30 numa ponte de ferro, a torrente onde David errante escolhia
pedras para a sua funda justiceira; corre através do vale melancó-
lico que habitou Jeremias; passa ainda a Emaús, transpõe a
torrente do Cedron, e estaca enfim, arquejando, no vale de
Hénon, no *terminus* de Jerusalém.

35 Tal é o seu sacrossanto itinerário: — e eu que não sou enge-
nheiro, nem accionista desta *Companhia dos Caminhos de Ferro
da Palestina*, mas um velho peregrino desses lugares adoráveis,
tenho a caturrice de considerar esta obra de civilização como uma
obra de profanação. S. Pedro ressuscitando a velha Dorcas; a
40 florescência milagrosa das roseiras de Saaron; Sansão e a sua
desconsolação e a sua força; o Menino bebendo, na sua fuga para
o Egipto, à sombra das árvores, que os anjos iam adiante semeando.

São talvez fábulas: mas são fábulas que há dois mil anos
têm dado a energia moral a um terço da Humanidade.

45 Os lugares onde se passavam esses factos, decerto muito
simples e muito humanos, que depois, através da imaginação e
pela necessidade que a alma tem de Divino, se transformaram
na adorável mitologia cristã, são por isso veneráveis perante a
religião como perante a história. Todo o céu, todos os seres
50 excepcionais que hoje formam, para o crente, a corte do céu,
desde Jacob a S. Paulo, viveram, combateram, ensinaram, pa-
deram, naqueles lugares — que por isso muito justamente se
denominam *santos*. Jeová só ali se mostrava no seu terrífico
esplendor, no tempo em que visitava os homens.

55 Todos os deuses nascem no Oriente — mas a Palestina foi
decerto a residência mais grata da divindade. Daí lhe ficou esse
dom único na terra, de tornar mais piedosos e melhores, e
mais toleradores da vida, e mais fortes em esperança, aqueles
que vão em peregrinação respirar esse ar, que ainda conserva o

60 perfume da passagem dos anjos, e pisar esse solo onde ainda não se apagaram as pegadas divinas.

A Terra Santa constitui assim um perpétuo fermento de ilusão. Mas a ilusão é tão útil como a certeza — e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar
65 tanto os Contos de Fadas como os problemas de Euclides. Destruir pois a influência moral, religiosa e mesmo poética da Terra Santa, tanto sobre os corações simples como sobre as inteligências cultas, é um retrocesso na verdadeira civilização. Ora, locomotivas correndo entre Jerusalém, Jericó, Nazaré,
70 Belém, a Galileia a Samaria, com os seus guinchos, a sua pressa rude, a sua fealdade, o seu desenvolvimento paralelo e de estações, restaurantes, hotéis, ônibus e outros *et cæteras* inevitáveis e grosseiros destroem irremediavelmente essa influência da poética Terra-dos-Milagres, porque a modernizam e a materia-
75 lizam.

Essa influência encantadora da Palestina de que provinha? Unicamente de ela se ter conservado através destes quatro mil anos, imutavelmente *bíblica e evangélica*. Decerto existem hoje em Israel, modificações introduzidas pelo muçulmanismo; a
80 administração turca é menos completa e eficaz que a administração romana; os vergéis e jardins que cercavam Jerusalém desapareceram; certas cidades perderam o seu heróico feitio de cidadelas; o vinho é raro; e não duvido que aqui e além, em Sião, se gema ao piano a valsa de *Madame Angot*. Mas todas estas alterações são de exterioridade.
85

A vida íntima, na sua forma rural, urbana ou nómada, as maneiras, os costumes, os cerimoniais, as construções, os trajes, os utensílios, — tudo permanece idêntico ao que era nos tempos de Abraão e nos tempos de Jesus. Entrar na Palestina
90 é como penetrar numa Bíblia real e viva. As tendas de pele de cabra plantadas à sombra dos sícomoros; o pastor, apoiado à sua alta lança, seguido do seu rebanho; as mulheres, de túnica azul e branca, cantando a caminho da fonte, com o seu cântaro

95 no ombro; o montanhês, atirando a funda às águias; os velhos
 sentados, pela frescura da tarde, à porta das vilas muradas; os
 claros terraços cheios de pombas; o escriba que passa com o
 seu tinteiro dependurado da cinta; as servas à porta moendo o
 grão; o homem de longos cabelos nazarenos que nos saúda
 com a palavra de *paz!* e que conversa connosco por parábolas;
 100 a hospedeira que nos acolhe, atirando para nós passarmos, um
 tapete ante o limiar da sua morada; e ainda os longos mantos
 às riscas brancas e pardas, e os bastões com uma flor esculpida,
 e as jóias, e os perfumes, — tudo imediatamente coloca o peregrino
 na velha Judeia das Escrituras, e de um modo tão presente
 105 e tangível, que a cada momento se espera ver Jesus surgir a
 uma volta do caminho, no meio dos seus amigos.

É esta imutabilidade da Terra Santa que lhe dá a sua estranha e subtil influência sobre as almas. A história ou lenda que cada um tem na memória adquire logo, na sua decoração natural, onde se não desmanchou uma linha nem uma só cor desbotou — uma realidade tão intensa, que parece, passados momentos, que não a aprendemos num livro, mas que a testemunhamos, que andamos nela envolvidos, e que a nossa alma está agora nela recebendo a sua verdadeira iniciação.

115 Esta sensação, preciosa para o crente, não o é menos para o céptico, (quando inteligente) porque o põe numa comunhão directa, intrínseca, com um dos mais maravilhosos momentos da História Humana. Decerto seria igualmente interessante (mais interessante talvez) que se pudesse colher a mesma emoção intelectual na Grécia, e que aí encontrássemos ainda, viva e idêntica, nos seus mesmos trajes, nas suas maneiras, na sua sociabilidade, na sua cultura, no seu viver, a grande Atenas de Péricles. Infelizmente, essa Atenas incomparável jaz morta, para sempre soterrada, desfeita em pó, sob a Atenas romana e a Atenas bizantina, e a Atenas bárbara, e a Atenas muçulmana, e a Atenas constitucional, com o seu parlamento e o seu *deficit*.
 120 Por toda a parte hoje, o cenário da história está esfrangalhado e em ruínas. Os próprios montes perderam, ao que parece, a configuração clássica: e ninguém pode achar no Lácio, o rio, e o fresco vale que Virgílio habitou e tão suavemente cantou.
 130 Um único sítio na terra permanecia ainda com os aspectos, os

135 costumes, os trajes, e o viver, com que o tinham visto, e de que tinham partilhado os homens que deram ao mundo uma das suas mais altas transformações; — e esse sítio era um pedaço da Judeia, e a Samaria, e a Galileia.

140 Se esse lugar privilegiado for grosseiramente modernizado, e se nele se sumir para sempre a oportunidade tão educadora de *ver* o Passado (que é todo o esforço das ciências arqueológicas), há aí uma lamentável profanação, e por perder esse tipo sobrevivente das civilizações primitivas, o tesouro do nosso saber fica tristemente denunciado.

145 Ora, a modernização da Terra Santa é certa, logo que através dela comecem a silvar e a fumar esses caminhos de ferro, que, mais que nenhum outro instrumento da nossa civilização, têm a propriedade de reduzir todas as regiões e todos os costumes, os mais urgentes e originais ao protótipo querido deste século, que é o distrito de Liverpool ou Marselha.

150 Ninguém mais do que eu, decerto, aprecia e venera o caminho de ferro: — e ser-me-ia penoso o ter de viajar de Lisboa para o Porto, ou de Madrid para Paris, como Jesus subia do vale de Jericó para Jerusalém, escarranchado num burro. As coisas mais úteis, porem, são importunas, e mesmo escandalosas quando invadem brutalmente lugares que lhes não são congêneres. Nada há mais necessário na vida do que um restaurante: e todavia ninguém, por mais descrente ou irreverente, 155 desejaria que se instalasse um restaurante com a sua vulgaridade, as suas mesas, o seu tinir de pratos, o seu cheiro a guisados, — nas naves de Notre Dame, ou na velha Sé de Coimbra. Um caminho de ferro é obra excelente, entre Paris e Bordéus — 160 entre Jericó e Jerusalém, basta a égua ligeira, que se aluga por dois dracmas, e a tenda de lona que se planta à tarde, entre os palmares, à beira de uma água clara, e onde se dorme tão deliciosamente sob a paz radiante das estrelas da Síria.

165 E é justamente essa água árabe, e a tenda, o camelo grave que leva o rancho, e a escolta flamejante de beduínos, e as frescas paragens junto aos poços bíblicos, e as longas recordações do Passado, à noite, em torno à fogueira do acampamento, que fazem o encanto da jornada, e atraem o homem de gosto, que ama as emoções verdadeiras. Quando de Jerusalém

170 se partir para a Galileia, num *wagon* estridente e cheio de pó, ninguém fará essa peregrinação magnífica, — a não ser o destro *comis-voyageur*, que vende pelos Bazares chitas de Manchester ou panos vermelhos de Sedan.

175 É bem possível por isso que esta *Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina* venha a recolher os seus *wagons* vazios e inúteis, aos depósitos de Marselha, seu elemento natural.

180 Será essa uma pura alegria para todos os espíritos cultos — que não forem accionistas. Mas, se ela florescer, se o peregrino adoptar para isso da sua fé, ou da sua curiosidade histórica, a «grande velocidade a 200 réis por quilometro» — então a obra horrenda ficará imutavelmente consumada, e para sempre estabelecida na terra dos milagres, na Sião Redentora e brilhante de claridade.

185 E, dentro de poucos anos, o homem positivo, que de manhã partir da velha Jeppo, no seu *wagon* de 1.^a classe, e comprar na estação de Gaza a *Gazeta Liberal do Sinai*, e jantar divertidamente em Ramleh no *Grand-Hotel dos Macabeus*, irá, à noite, em Jerusalém, através da *Via Dolorosa*, iluminada pela electricidade, beber um *bock* e bater três carambolas no *Casino do Santo Sepulcro!*

190 E tudo isto, (afirmaram as gentes graves desde Brindisi até Glasgow) será Progresso, maravilhoso Progresso!

JOÃO GOMES

20. (1895) — [João de Deus]

Os de Paris a João de Deus, Paris-Lisboa, Guillard, Aillaud & Cia. (8 de Março), 1895, pp. [5]-6.

Rosa, Alberto Machado da, *Eça de Queiroz: prosas esquecidas IV — polémica 1867*, Lisboa, Editorial Presença, 1965, pp. 290-292.

Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), vol. III, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1981], pp. 235-237.

5 A ALMA poética do Povo Português encarnou em João
de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingé-
nuo e profundo, infantil e sublime, se explica a sua vida e a sua
lenda; a sua fluida e singela maneira de improvisador e rapsodo
errante; os temas eternos e simples sobre que incessantemente
se exerce o seu poder de idealização; a graça da sua melancolia
e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos
sobrevivendo a todas as evoluções da arte e do gosto que tanto
verso atiram cada ano para o lixo das Literaturas; a luminosa
10 facilidade com que cativa os espíritos mais primitivos, e ainda
os mais saturados de cultura crítica; e enfim esta simpatia que
irradia, por todos sentirmos nele como a expressão genuína

1: Sem título no impresso original.] João de Deus («Os de Paris a João de Deus»
1895) [1965; 1981]

1: A ALMA] A alma [1981]

3-4: e a sua lenda;] e a sua lenda, [1965; 1981]

4-5: rapsodo errante;] rapsodo errante, [1965; 1981]

6: poder de idealização;] poder de idealização, [1965; 1981]

7: da sua ironia;] da sua ironia, [1965; 1981]

7: dos seus versos] dos seus versos, [1965; 1981]

8: e do gosto] e do gosto, [1965; 1981]

9: atiram cada ano para o lixo das Literaturas;] atiram para o lixo das literaturas,
[1965; 1981]

dos nossos ideais nativos, e que hoje nos traz aqui, com ramos verdes, a cantar os seus louvores, em romaria amorável.

15 João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os apelidos que o prendiam a uma família, e apenas lhe deixou um nome, como aos santos, que são de todos) não se sentiu poeta lendo os poetas. Exactamente como o povo, foi pela música, cantando à viola dos campos que ele penetrou na poesia. As suas
20 primeiras estrofes foram arrancadas, como soluços naturais, pela morte, pela injusta morte, a daquele «lírio delicado e frágil» que tão docemente se debruçava duma janela da velha Coimbra romântica, e que murchou antes de abrir. Depois, muito naturalmente também, — porque se uma flor seca outras desabrocham e dão o seu pleno aroma — cantou a beleza forte e o Amor. Mas pelo Amor facilmente se vai a Deus; e o seu génio poético tomou o hábito desse caminho transcendente, e por ele se passou a sua existência lírica, peregrinando da Terra ao Céu, recolhendo do Divino ao Feminino, ora arroubado ante o poder do
30 Senhor, ora ante a graça de dois olhos finos, de tal sorte que na adoração contínua do seu verso se confunde por fim Maria que está nos Céus, e aquela que fazia meia sentada à porta do seu casal, com o peito redondo e arqueado:

Como de pomba farta e satisfeita...

35 E para ele, como poeta, não existiram mais senão estes dois interesses, a Mulher e a Divindade. A todo o seu século, a este

14: cantar os seus louvores,] cantar os seus louvores [1965; 1981]

17: de todos)] de todos), [1965; 1981]

19: dos campos] dos campos, [1965; 1985]

22: duma janela] de uma janela [1981]

24: também, —] também — [1965; 1981]

24: uma flor seca] uma flor seca, [1965; 1981]

26: se vai a Deus;] se vai a Deus, [1965; 1981]

30: de tal sorte que] de tal sorte que, [1965; 1981]

31: do seu verso] do seu verso, [1965; 1981]

32: que fazia meia] que fazia meia, [1965; 1981]

33: e arqueado:] e arqueado. [1965; 1981]

34: Como de pomba farta e satisfeita...] *Como de pomba farta e satisfeita...* [1965; 1981]

40 fecundo e revoltoso século permaneceu sempre alheio, senão pela
 inteligência, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa desloca-
 ção de classes; nem as ilusões humanitárias da Democracia; nem
 a conquista violenta dos Direitos Políticos; nem a obra gran-
 diosa da Ciência experimental; nem as audácias da Mecânica;
 nem revoluções sociais, nem transformações espirituais — o co-
 moveram ou tiraram um som à sua Lira amorosa e sacra.

45 Menos ainda influíram na sua pura arte de cantar, essa
 passagem de formas novas que vão surpreendendo e mudando
 o gosto desde Lamartine até Verlaine. Como se fosse o primei-
 ro Homem, antes de nascerem outros homens, e começarem
 os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraíso
 poético — com Eva e com Jeová.

50 Mas pela nobreza dos seus instintos religiosos, pela força
 da sua rectidão intelectual, pelo sentir intenso da beleza — ele,
 sem passar pelos dogmas procurou e por vezes encontrou a
 Divindade; ignorando as Poéticas, realizou supremamente a
 Poesia; e sem atender às Metafísicas, chegou, na sua obra e na
 55 sua vida, à pura verdade moral.

É pois bem justo, e útil para a dignidade pensante da nossa
 terra, que entre todos apontemos para este homem, tão poéti-
 co como os poemas, murmurando, com a reverência e o Amor
 do velho florentino: — *Onorate l'altissimo poeta!*

60

EÇA DE QUEIRÓS.

Paris, 22 de Fevereiro de 1895.

37: revoltoso século] revoltoso século, [1965; 1981]

39: de classes;] de classes, [1965; 1981]

39: da Democracia;] da Democracia, [1965; 1981]

40: Direitos Políticos;] direitos políticos, [1965; 1981]

41: Ciência experimental;] Ciência Experimental, [1965] Ciência Experimental, [1981]

41: da Mecânica;] da Mecânica, [1965; 1981]

44: na sua pura arte de cantar,] na sua arte de cantar, [1965; 1981]

52: pelos dogmas] pelos dogmas, [1965; 1981]

53: as Poéticas,] as *Poéticas*, [1965; 1981]

53-54: a Poesia; e] a Poesia, e, [1965; 1981]

60: Eça de Queirós.] [Omitido em 1965 e 1981]

21a: [1895] — Um novo plano de Almanaque

BN Esp. E¹/253-C

Como eu tenho pensado na insuficiência dos presentes almanaques.

O que são os almanaques actuais: previsões do tempo, indicações dos dias de gala, e outras informações pueris.

5 Que importa que chova ou faça sol a 15 de Fevereiro?

O que me parece que um almanaque devia ser, era uma espécie de guia especial, para o pensamento e para a acção. Nem todo o mundo pensa com originalidade nem todo o mundo sabe dispor do seu tempo.

10

(volta)

O almanaque original seria aquele que marcaria, o que cada um em cada dia do ano, deve pensar ou fazer.

Objecção a isto: que o pensamento humano tomaria uma horrível uniformidade. Mas essa uniformidade não é a essência

15 mesmo da humanidade? Não é o *mesmismo* a tendência do
 homem? Não nos vestimos todos do mesmo modo? Não nos
 manda a Igreja, pensar todos nas mesmas máximas, e não manda
 a Constituição sermos todos iguais perante a lei? O *mesmismo*
 20 pode parecer odioso mas não é mais do que a crença comum
 que é a maior força da humanidade.

2

Mas realmente, quando o meu almanaque tivesse marcado
 para cada dia uma ordem de pensamento e de acções — ainda
 restasse a quantidade de originalidade que cada cérebro indivi-
 dual daria a esse pensamento comum, e que cada temperamen-
 25 to individual daria a acção recomendada.

Mas de donde tirar estes pensamentos e sobre que fazê-los
 versar? Entendo que parte deve ser deixada à fantasia do autor
 do almanaque. Se ele disser que a 15 de Janeiro devem pensar
 na questão do Oriente, ou nas consequências do terremoto, é
 30 necessário obedecer-lhe, — porque ele deve ter a impressão de
 que comoveu, ou porque a sua fantasia sendo maior que a vossa,
 ele tem sempre uma ideia onde vós não tendes nenhuma.

Mas a parte maior do pensamento deve ser de acordo com
 a individualidade do dia. Porque cada dia é um ser próprio, feito
 35 de tudo quanto nele se tem passado desde a formação do Calen-
 dário: cada ano, lhe ajunta algum traço de sorte que em 1883
 poucos dias há que não sejam um verdadeiro troféu cheio de
 cousas gloriosas ou tristes, nas centenas de heróis, batalhas desas-
 tres, catástrofes, alegrias, apoteoses, etc. — Exemplo qualquer —
 40 É para dar a cada ideia uma certa vida própria — que a Igreja
 põe cada um sob a invocação dum santo, e que imitando-a, como

a imita em tudo quanto é ornamental, a Revolução tem posto os seus Calendários sob a invocação dos heróis da Democracia.

45 Penso que para base do pensamento tudo se deve aproveitar no dia — o santo, e o revolucionário: e igualmente os factos da vida cívica.

Sendo assim, a primeira vantagem é apresentar a trama de cada leitor do almanaque, com o resto do Universo e da humanidade.

50 Hoje **em** dia cada homem tende a ser uma unidade isolada. João José julga que é só João José e sofre talvez de se sentir só João José. Mas quando o seu pensamento se puser diariamente em comunicação com os santos, os heróis, os grandes feitos da terra, ele receberá de todas estas cousas grandes que
55 subitamente penetram no seu espírito, como uma comunhão em que se sentirá parte duma grande humanidade activa. O homem que acaba de pensar em um dia antes de almoço em Lutero, ou em S. Vicente de Paula, participa momentaneamente da grandeza do reformador, da beleza moral do Santo. Este
60 almanaque, é um tónico espiritual tomado às gotas. De cada página dele, o homem sai mais forte.

Resta ainda a parte da meditação que há-de ter por motivo os grandes acontecimentos: essa serve, menos para tonificar

50: **em** dia] dia [1895]

o homem, do que para lhe dar uma ginástica do intelecto. Assim
65 o almanaque deu-lhe: pensar no terremoto de 1755, e ele aí
começar a pensar, e o seu pensamento exercendo-se, adquire
elasticidade, vibração, justeza, e harmonia de movimento.

70 Julgo ter explicado o meu almanaque. Agora resta dar um
exemplo prático, iniciando o mês de Janeiro, — exemplo im-
perfeito, porque o autor deste almanaque deve ser ao mesmo
tempo, um sábio, um filósofo, um humanista, um poeta, e um
pedagogo: e eu sou apenas um pobre homem do povo, a que
a graça do Grande Espírito, permitiu ter uma ideia.

21b. (1895) — Almanagues

Almanaque Enciclopédico, 1896, 1.º anno, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira — Editor, 1895, pp. [XIX]-XLV.

Dicionário de Milagres, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira — Editor, 1900, pp. [257]-297.

Notas Contemporâneas, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores, 1909, pp. [537]-573.

Notas Contemporâneas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 378-402.

Almanagues

Conta uma velha lenda Talmúdica que, nas vésperas do Dilúvio, dois sábios, dois videntes, que eram filhos de Seth e conheciam as tenções de Deus, descendo por um caminho da Mesopotâmia, numa tarde triste, naquela imensa tristeza das últimas tardes do mundo, estremeceram, pararam, ao avistar por trás dos montes Górdios as nuvens que subiam, tenebrosas, enroladas, já carregadas da chuva suprema e vingadora. E o que então os contristou não foi a destruição dos rebanhos, das fortes cidades muradas, de tantos povos dóceis, pois bem sabiam os dois videntes que, retiradas as águas, encalhada a Arca nas colinas moles, em breve outros homens, pais de outros povos, pastoreariam rebanhos mais densos através de prados mais férteis, e ergueriam novamente cidades com vigias nas torres e o incenso fumegando nas aras. Não! O que os

1: Almanagues] Almanagues [1900; em nota de rodapé: «Prefácio do *Almanaque Enciclopédico* para 1896.] Almanagues / (Introdução ao 1.º volume do «*Almanaque Enciclopédico*) [1909; as aspas que 1909 não fecha no subtítulo serão fechadas no final do texto.] (...) Enciclopédico») [1970]

2: lenda Talmúdica] lenda talmúdica [1970]

4-5: da Mesopotâmia,] de Mesopotâmia, [1900]

6: do mundo,] do Mundo, [1970]

8: da chuva] de chuva [1900]

angustiou foi pensar que a Ciência, a Ciência tão penosamente adquirida e acumulada desde o Paraíso, pereceria com os homens sábios que a possuíam, de repente, como se evapora a essência rica do nardo quando o vaso fino se quebra; — e que
 20 as raças, renascidas sobre a terra renascida, deveriam recomeçar a áspera aprendizagem, e por longos tempos errar de rio a monte numa apagada e muda simplicidade de espírito, não sabendo mais que matar a caça com uma lasca de rocha, e ao desdobrar da sombra buscar o refúgio dalguma toca, com medo
 25 da noite e dos seus astros incompreendidos.

Então, naquele caminho perdido da Mesopotâmia, sob a tristeza imensa da tarde, os dois sábios, filhos de Seth, determinaram arquivar, escrevendo em matéria imperecível, a Ciência que possuíam, que era a Ciência total daquela primeira Humanidade. Durante três dias, durante três noites, num vale onde
 30 acendiam fogos, à beira de uma fonte que rugia, inchada com a cólera que Deus já comunicara a todas as águas — os dois sábios, sem repouso, ansiosamente, espreitando as nuvens, gravaram sobre o granito e gravaram sobre o tijolo o Livro de
 35 Todo-o-Saber. Depois, na derradeira madrugada, finda a Obra, estendidos como páginas, pelo vale, os tijolos e os granitos onde ficava inscrita toda a Ciência Inicial, os dois sábios, levantando as faces cansadas, louvaram o Senhor que lhes concedera tempo de cumprirem, para com os homens da outra Humanidade,
 40 aquele dever final de fraternidade magnífica: — e do céu caíram lentamente, sobre as faces erguidas dos dois filhos de Seth, as primeiras gotas, pesadas e mudas, da grande chuva de Deus.

16: que a Ciência, a Ciência] que a Ciência, a ciência [1909] que a ciência, a ciência [1970]

24: dalguma toca,] de alguma toca, [1970]

26: da Mesopotâmia,] de Mesopotâmia [1900]

28: a Ciência] a ciência [1970]

29: a Ciência total] a Ciência [1900] a ciência total [1970]

29-30: Humanidade.] humanidade. [1970]

34-35: o Livro de Todo-o-Saber.] o livro de todo o saber. [1970]

35: finda a Obra,] finda a obra, [1970]

37: a Ciência Inicial,] a ciência inicial, [1970]

39: outra Humanidade,] outra humanidade, [1970]

45 Que continham, gravados pelo cinzel generoso dos dois
filhos de Seth, esses tijolos, esses granitos, páginas imperecíveis
do Livro de Todo-o-Saber, enterradas há 4240 anos num vale
da Mesopotâmia? — Certamente nas suas primeiras linhas o
Livro revelava o começo e a idade do Mundo. (Dois sábios
antediluvianos, filhos de Seth, não deixariam de registrar esta
50 augusta Cronologia.) Depois, sem dúvida, ensinava a jornada
que o Sol faz no Zodíaco, as inconstâncias da Lua, as influên-
cias dos ventos, a previsão das borrascas pela forma das nuvens
que o Senhor na sua cólera enegrece, e doira na sua alegria.
Como a ciência de propiciar Deus é a mais útil ao homem que
55 começa a sua carreira terrestre, necessariamente o Livro indi-
caria as épocas em que convém subir aos montes para adorar
a Divindade, e os Carmes rituais que melhor a glorificam, e as
Oferendas votivas de animais, frutas ou essências com que Ela
mais se deleita. Escrevendo para seres tão noviços como fora
Adão na semana genesíaca, o Livro incontestavelmente instruía
60 esses simples nas artes de cardar a lã, torcer a corda, forjar o
ferro, amassar o barro. Logo adiante, começaria o bom ensino
rural, as sementeiras, as vindimas, e como se atrai o enxame
das abelhas, como se espreme a azeitona no lagar, como se
alternam as pastagens dos rebanhos. Longos tijolos seriam de-
65 dicados aos segredos de curar as feridas da flecha, a mordedura
das serpentes, os arrepios e suores que vêm da passagem de

45: do Livro de Todo-o-Saber,] do livro de todo o saber, [1970]

45: há 4240 anos] ha 4242 anos [1900]

46: da Mesopotâmia?] de Mesopotâmia? [1900]

46-47: o Livro revelava] o livro revelava [1970]

49: augusta Cronologia.)] augusta cronologia.) [1970]

50: no Zodíaco,] no zodíaco, [1970]

52: e doira] e doura [1970]

54: o Livro] o livro [1970]

56: a Divindade, e os Carmes] a divindade, e os carmes [1970]

56-57: as Oferendas] as oferendas [1970]

57: com que Ela] com que ela [1909; 1970]

59: o Livro] o livro [1970]

66: os arrepios e suores que vêm] os arrepios e suores que vem [1896; 1900]

[A correção justifica-se pela necessidade de concordância entre a forma verbal e os substantivos antecedentes.]

ventos malignos, e as chagas que tornam inúteis as pernas dos velhos. Também o bom Livro marcaria as estradas que levavam à Fenícia, à Bactriana, ao Egipto, mostrando como se
 70 percorre o deserto sob a guia doce das estrelas, e como, pela cor da terra, se descobre a água escondida. Um tijolo com certeza daria a velha tabela mesopotâmica dos Pesos e Medidas. E outro talvez ao lado arquivasse a filiação dos grandes
 75 chefes Cananeus, e a sua riqueza em gados, armas, escravos e vasos de ouro... Que direi? O Livro de Todo-o-Saber, gravado para a Humanidade vindoura, sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth, era na realidade e simplesmente — um *Almanaque*.

É que o Almanaque contém essas verdades iniciais que a
 80 Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, e se perpetue. A essas verdades, chamam os Franceses, finos classificadores, *verdades de Almanaque*. São as altas verdades vitais. O homem tudo
 85 poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto o mês em que se semeia o trigo. E se os livros todos desaparecessem bruscamente, numa fogueira atizada pelo Senhor, restando apenas entre o montão de cinzas um Almanaque inocente, a Civilização, guiada pelas indicações genéricas que ele desse sobre a
 90 Cronologia, a Religião, o Estado, a Lavoura, o Direito, pode-

68: o bom Livro] o bom livro [1970]

72-73: dos Pesos e Medidas.] dos pesos e medidas. [1970]

74: chefes Cananeus,] chefes cananeus, [1970]

75: O Livro de Todo-o-Saber,] O livro de todo o saber, [1970]

76: Humanidade vindoura,] humanidade vindoura, [1970]

78: um *Almanaque*.] um *Almanak*. [1900; nas restantes ocorrências usa sempre a grafia *Almanach, que é a do impresso de 1896.*] um «almanaque». [1970]

79: o Almanaque] o almanaque [1970]

79-80: a Humanidade] a humanidade [1970]

84: *de Almanaque*.] *de almanaque*. [1970]

88-89: um Almanaque inocente, a Civilização,] uma almanaque inocente, a civilização, [1970]

89-90: a Cronologia, a Religião, o Estado, a Lavoura, o Direito,] a cronologia, a religião, o estado, a lavoura, o direito, [1970]

ria continuar, sem esplendor e requinte, mas com fartura e com ordem, a sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca. Por isso os homens se apressaram a arquivar essas *verdades de Almanaque*, — antes mesmo de fixar em livros duráveis as suas Leis, os seus Ritos, os seus Anais. O Almanaque antecedeu o

95

Código, a Cartilha e a História.

Entre os lixos Pré-históricos que cada dia se desenterram, muitas vezes se encontra um pedaço de dente de mamute, onde algum ousado artista, que floresceu há duzentos mil anos, gravou uma imagem da Lua, ora redonda como um escudo, ora arqueada como um batel. São rudimentos de Almanagues. É o homem hirsuto, ainda sem alfabeto, quase sem linguagem, que do fundo da toca onde come crua, como uma fera, a carne das feras, observa espantado as viagens dos astros, e com uma lasca de pedra tenta fazer o seu Almanaque. Depois, passados centos

100

105

110

de mil anos, quando se abrem as portas já sólidas da História, em que ocupação surpreendemos os primeiros povos, os Caldeus, os Assírios? Nos altos terraços dos templos, observando os eclipses, dividindo pensativamente o Ano e o Mês, calculando os pesos e as medidas, regrando a colheita do bálsamo, regulando a data das feiras, — compondo Almanagues.

O Almanaque com efeito é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas, dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social. O Tempo, essa impressão miste-

93-94: *de Almanaque*,] *de almanaque*, [1970]

94-95: as suas Leis, os seus Ritos, os seus Anais.] as suas leis, os seus ritos, os seus anais. [1970]

95: O Almanaque] O almanaque [1970]

95-96: o Código,] e Código, [1909] o código, [1970]

96: a Cartilha e a História.] a cartilha e a história. [1970]

97: lixos Pré-históricos] lixos pré-históricos [1970]

100: ora redonda] ora redonda, [1900]

101: de Almanagues.] de almanagues. [1970]

105: seu Almanaque.] seu almanaque. [1970]

106: da História,] da história, [1970]

109: o Ano e o Mês,] o ano e o mês, [1970]

111: compondo Almanagues.] compondo almanagues. [1970]

112: O Almanaque com efeito] O almanaque, com efeito, [1970]

114: O Tempo,] O tempo, [1970]

115 riosa a que chamamos Tempo, é para o homem como uma
 planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele
 transita guiado pelo Almanaque, que o segura pela mão, o vai
 puxando e a cada passo murmurando: — «Aqui, estás em Se-
 tembro!... Além, finda a semana!... Em breve alcanças o 28...
 120 Hoje é sábado...» Se o Almanaque de repente, por facécia ou
 perfídia, lhe soltasse a mão, o abandonasse, o homem vaguea-
 ria, irremissivelmente confuso e perdido, dentro da vacuidade
 e do Não-ser do Tempo. Sumida a noção do Ano, do Mês, do
 Dia, ele não poderia mais cumprir, com ordem proveitosa, os
 125 actos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social — e
 logo se arriscaria àqueles dois erros, de que galhofava o provér-
 bio antigo, a semear o seu trigo em Julho e a celebrar a sua
 Páscoa em Novembro. Só com o Almanaque, sempre presente
 e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual
 130 ou colectiva: — e sem ele, como numa feira, quando se abatem
 as barreiras e se recolhem as cordas divisórias, o que era uma
 sociedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria
 apenas um trambolho.

135 Por isso cada povo que se organiza, e se prepara para a
 História, imediatamente redige o seu Almanaque, com o cui-
 dado e a previsão com que traça as ruas da sua cidade. De
 facto, ainda Roma é um terreno mal arruado, mal murado,
 com barracões rudes para os homens, e estacadas para os ga-
 dos — e já Rómulo ansiosamente, recolhendo, através de ve-

115: chamamos Tempo,] chamamos tempo, [1970]

117: pelo Almanaque,] pelo almanaque, [1970]

119: Além,] Além [1909; 1970]

120: é sábado...»] é sábado... [1896; 1909]

120: o Almanaque] o almanaque [1970]

123: do Não-ser] do não ser [1896; 1900] do não-ser [1909; 1970] [Corrige-se de acordo com uma lição posterior no texto de 1896.]

123: do Tempo.] do tempo. [1970]

123-124: do Ano, do Mês, do Dia,] do ano, do mês, do dia, [1970]

126-127: provérbio antigo,] provérbio antigo: [1909]

128: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

134-135: a História,] a história, [1970]

135: seu Almanaque,] seu almanaque, [1970]

140 lhos augures sabinos, as tradições dos magos Caldaicos, se ocupa
em organizar o Ano, arranjar dez Meses que o encham harmo-
niosamente, distribuir por eles os Dias, fixar o calendário, es-
tabelecer o Almanaque romano. Mas o rude fundador, que
mamara os peitos da loba, não tinha a fina arte do Almanaque.
145 Guiada pelo *Almanaque de Romulus*, Roma começa a hesitar,
a tropeçar na sua vida civil e sacra, errando lamentavelmente,
ora na celebração dos Ritos, ora na reunião dos Comícios...
Então Numa, o prudente Numa, tudo abandona, a construção
do Fórum e do Aqueduto, a organização dos Sacerdócios e das
150 Milícias, para acudir à necessidade suprema, e, sob o bafo e
inspiração das Sibilas, refazer o Almanaque, criar um Almanaque
que conduza Roma, com segurança, aos seus altos desti-
nos. Assim Roma ainda não tem um Livro — e já possui dois
Almanaques, e um deles velho, atirado para entre o cascalho e
155 o lixo do Capitólio que se ergue. Para evitar estes erros, funes-
tos à República, e dar à veracidade do Almanaque uma sanção
religiosa, a redacção do Livro Vital foi confiada, como um Rito,
aos Pontífices. E como os Pontífices não saíam duma casta
sacerdotal, mas eram anualmente escolhidos entre os persona-

140: magos Caldaicos,] magos caldaicos, [1970]

141: o Ano,] o ano, [1970]

141: dez Meses] dez meses [1970]

142: os Dias,] os dias, [1970]

143: Almanaque romano.] almanaque romano. [1970]

144: do Almanaque.] do almanaque. [1970]

145: pelo *Almanaque de Romulus*,] pelo «Almanaque de Romulus», [1970]

147: dos Ritos,] dos ritos, [1970]

147: dos Comícios...] dos comícios... [1970]

149-150: dos Sacerdócios e das Milícias,] dos sacerdócios e das milícias, [1970]

151: das Sibilas,] das sibilas, [1970]

151-152: o Almanaque, criar um Almanaque] o almanaque, criar um almanaque

[1970]

153: Assim Roma] Assim, Roma [1909; 1970]

153: um Livro —] um livro — [1970]

153-154: dois Almanagues,] dois almanaques, [1970]

156: do Almanaque] do almanaque [1970]

157: do Livro Vital] do livro vital [1900; 1970]

157-158: como um Rito, aos Pontífices.] como um rito, aos pontífices. [1970]

158: os Pontífices] os pontífices [1970]

- 160 gens do Estado superiormente magníficos (os Imperadores, mais tarde, exerceram o Pontificado), não houve em Roma patricio de grande nome e de grande clientela que se não tivesse ocupado, durante o período augusto da sua existência cívica, em redigir, com estilete de marfim ou ouro, o Almanaque do Ano.
- 165 César, através da conquista do mundo, incessantemente pensa em reformar o Calendário, refazer o Almanaque romano, em harmonia com a sociedade romana que ele vai refazer. No Egipto as suas noites pertencem, *sicut licet*, à maravilha do Egipto, a Cleópatra: mas os seus dias são dados ao velho e
- 170 hirsuto Sosígenes, astrónomo muito famoso do Serapeum, com quem o vencedor das Gálias colabora no grande Almanaque Juliano. — E os Papas, que tanto herdaram dos Césares, herdam também este cuidado, tenazmente se esforçam por harmonizar o Ano da terra com o Ano do céu, até que um, Gregório XIII, melhor jurista, melhor teólogo, vendo no seu
- 175 Pontificado a Páscoa a correr, aflita, esguedelhada, sem encontrar o seu Dia, decreta este Calendário, estabelece este Almanaque que, em alegria ou em tristeza, nos vai conduzindo através do Tempo e da Sorte.
- 180 Já então o Almanaque, além da sua imensa importância civil, tem uma profunda importância Religiosa — porque, a cada

160: magníficos (os Imperadores,] magníficos, (os Imperadores, [1896; 1909] magníficos (os imperadores, [1970]

161: o Pontificado,] o pontificado), [1970]

164: o Almanaque do Ano.] o almanaque do ano. [1970]

166: o Calendário,] o calendário, [1970]

166: o Almanaque romano,] o almanaque romano, [1970]

169: a Cleópatra:] a Cleopatra: [1900]

172: E os Papas,] E os papas, [1970]

174: o Ano da terra com o Ano do céu,] O Ano da terra com o Ano do Céu, [1909] o ano da Terra com o ano do Céu, [1970]

175-176: no seu Pontificado] no seu pontificado [1970]

177: o seu Dia,] o seu dia, [1970]

177: este Calendário,] este calendário, [1970]

177-178: este Almanaque] este almanaque [1970]

179: do Tempo e da Sorte.] do tempo e da sorte. [1970]

180: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

181: importância Religiosa] importância religiosa [1970]

dia do Ano, a Igreja adjudicou a festa e a adoração dum Santo.
 Mas o Ano oferece apenas trezentos e sessenta e cinco escassos
 dias — e no Céu vivem decerto milhares de Santos: só a Irlanda,
 185 da, a verde Erin, a esmeralda Céltica, produziu três mil, e dos
 melhores, uns Reis, outros porqueiros, mas todos fortes vencedores
 do Demónio. Roma, pois, suspirando, teve de fazer uma
 selecção, separar uns quatrocentos Santos, mais mártires ou mais
 doutos, sobretudo mais latinos, que ela distribuiu pelos dias do
 190 Ano — empurrando às vezes dois e três, com reverência mas
 com força, para dentro do mesmo dia. Esses formam a Aristocracia
 Celeste. Os outros milhares constituem uma divina plebe, que está
 no Céu sem estar no Calendário, que nós ignoramos, que Deus
 conhece, e a quem talvez redobradamente ama
 195 pela sua obscuridade tocante. O Almanaque era assim, para os
 Santos, o que era para os fidalgos o *Livro de Ouro da Nobreza*.
 Por isso, durante toda a Meia Idade, ele anda colado aos Livros
 de Horas e de Orações. Pelo seu carácter santificado quase se
 confunde então com o Breviário. E a sua leitura não só interes-
 200 sava os homens na Terra, mas os Santos no Céu — pois que
 cada um podia aí encontrar o seu nome, com gosto, na aureo-
 lada lista da Nobreza divina, e verificar risonhamente o dia em
 que, por escolha da Igreja, os homens lhes deviam incenso,

182: dia do Ano,] dia do ano, [1970]

182: a adoração dum Santo.] a adoração de um Santo. [1970]

183: Mas o Ano] Mas o ano [1970]

184: de Santos:] de santos: [1970]

185: a esmeralda Céltica,] a esmeralda céltica, [1970]

186: uns Reis,] uns reis, [1970]

188: uns quatrocentos Santos,] uns quatrocentos santos, [1970]

189-190: dias do Ano] dias do ano [1970]

191-192: a Aristocracia Celeste.] a aristocracia celeste. [1970]

193: no Calendário,] no calendário, [1970]

195: O Almanaque] O almanaque [1970]

195-196: os Santos,] os santos, [1970]

196: o *Livro de Ouro da Nobreza*.] o «Livro de Ouro da Nobreza». [1970]

197: a Meia Idade,] a Idade Média, [1900; 1909]

197-198: aos Livros de Horas e de Orações.] aos livros de horas e de orações.

[1970]

200: os Santos no Céu] os santos no Céu [1970]

202: da Nobreza divina,] da nobreza divina, [1900; 1970]

205 sermões, fogueiras, cantos e ramalhetes. Decerto no Céu (pelo
 menos durante a Idade Média) os Santos tinham um Almanaque.
 Na Biblioteca do Paraíso não havia livro mais pedido, nem
 mais folheado. Que outras imaginações humanas podem prender
 os Santos a não ser o culto vistoso e amoroso que nós lhes
 votamos, e que é na verdade a mais linda e genial das nossas
 210 concepções? E é doce pensar que nas coruscantes manhãs da
 Bem-aventurança Eterna, nos inefáveis ócios daquelas manhãs
 que não têm tarde, os Santos se juntam, se recostam sobre uma
 fresca nuvem, folheiam curiosamente um Almanaque, já lumi-
 noso de ter sido tão manejado por luminosas mãos, e seguem,
 215 com olhares húmidos de gosto e riso, as linhas do Calendá-
 rio... Então S. João Nepomuceno exclama, com encantada sur-
 presa: — *Começa amanhã a minha novena!* — E S. Camilo de
 Lelis, cofiando a barba perfumada, calcula e murmura deleita-
 do: — *Faltam três dias para a minha festa, com música, na*
 220 *Madalena!*...

Mas pelos Santos ou pelos Pecadores o Almanaque foi sob-
 retudo lido com avidez, e amor, depois da invenção da Im-
 prensa, quando ele deixou de ser o custoso e fidalgo manuscri-
 to, em pergaminho, rebrilhante de iluminuras e iniciais floridas,
 225 e se popularizou, se tornou o folheto de papel pardo, de gros-
 sas letras negras, que todos os anos, aos primeiros frios, antes
 do Natal, entrava pelos Castelos, rompia alegremente pelos

205: a Idade Média) os Santos] a Meia Idade) os santos [1970]

205: um Almanaque.] um almanaque. [1970]

206: Na Biblioteca do Paraíso] Na biblioteca do Paraíso [1970]

208: os Santos] os santos [1970]

209-210: das nossas concepções?] das nossas concepções! [1909]

210-211: da Bem-aventurança Eterna,] da bem-aventurança eterna, [1970]

211: daquelas manhãs] daquelas manhãs, [1909]

212: os Santos] os santos [1970]

213: um Almanaque,] um almanaque, [1970]

215-216: do Calendário...] do calendário... [1970]

221: Mas pelos Santos ou pelos Pecadores] Mas, pelos Santos ou pelos Pecadores,
 [1909] Mas pelos santos ou pelos pecadores [1970]

221: o Almanaque] o almanaque [1970]

222-223: da Imprensa,] da imprensa, [1970]

227: pelos Castelos,] pelos castelos, [1970]

casebres, ainda húmido do tempo e da tinta gorda, e à noite,
 ao serão, acabava de secar diante da lareira, contando as gran-
 230 des cousas do Céu e da Terra. Já então o bom Almanaque se
 despegara dos Livros de Orações e dos Breviários — e não se
 contentava em desfiar, de mãos postas, o devoto Calendário.
 A Humanidade, saindo do fundo da Meia Idade e passeando ao
 Sol da Renascença, descobrira uma inesperada maravilha, a
 235 Natureza, andava toda no deslumbramento e na paixão da
 Natureza; — e o Almanaque, que depende da Humanidade,
 imediatamente se fez Naturalista. Vivera até aí nas Igrejas com
 os Padres — agora não sai dos Laboratórios, de entre os Sábios.
 Se volta ainda cada ano à Igreja, não passa da porta da Sacristia,
 240 onde consulta o Sacristão e toma uma nota concisa das
 Novenas e dos Lausperenes. Mas, alinhavado o Calendário
 (porque o mundo, mesmo sob os Papas pagãos, ainda é cató-
 lico), todo o seu volume, já grosso, o entrega aos Sábios
 com quem vive, com quem se deleita, para que eles o encham,
 245 lhe dêem a dignidade apetejada de Manual do Saber. E quem
 são esses Sábios? No alvorecer da Renascença são simplesmen-

230: o bom Almanaque] o bom almanaque [1970]

231: dos Livros de Orações] dos livros de orações [1970]

232-233: o devoto Calendário. A Humanidade,] o devoto calendário. A humani-
 dade, [1970]

233-234: ao Sol da Renascença,] ao sol da Renascença, [1970]

236: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

236: da Humanidade,] da humanidade, [1970]

237: se fez Naturalista.] se fez naturalista. [1970]

237-238: nas Igrejas com os Padres] nas igrejas com os padres [1970]

238: dos Laboratórios, de entre os Sábios.] dos laboratórios, de entre os sábios.
 [1970]

239: à Igreja,] à igreja, [1970]

240: da Sacristia, onde consulta o Sacristão] da sacristia, onde consulta o sacristão
 [1970]

240-241: das Novenas e dos Lausperenes.] das novenas e dos lausperenes. [1970]

241: o Calendário] o calendário [1970]

242: os Papas pagãos,] os papas pagãos, [1970]

242-243: ainda é católico,] ainda é católico) — [1909] ainda é católico) [1970]

243: aos Sábios] aos sábios [1970]

245: de Manual do Saber.] de manual do saber. [1970]

246: esses Sábios?] esses sábios? [1970]

te os Astrólogos e os Médicos. O Almanaque constitui então para estes dois facundos personagens uma forma de Publicidade inesperada e preciosa. Só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas — a Bíblia e o Almanaque. Mas a Bíblia é um livro definitivo, fechado, pois que o Céu o ditou e depois de o ditar emudeceu. O Almanaque, esse, engrolado o Calendário que a tradição lhe impõe, tem largas páginas brancas. Nelas se instalam, para longos séculos, — o Médico e o Astrólogo. Eis o Almanaque — que os Caldeus, e os Etruscos, e depois Rómulo, e depois César, tinham procurado ansiosamente tornar o *livro da Verdade* — cheio de horóscopos, de vaticínios, de prognósticos, de oráculos, de revelações, de esconjuros, de nicromancias, de terrores! É o Astrólogo que pontifica, com o seu negro funil sobre a guedelha, o óculo de papelão inspirado para o alto, a simarra negra salpicada de meias-luas caindo em pregas fatídicas, as barbas a esvoaçar. E logo adiante surge o Médico, de óculos redondos na ponta do bico, sobraçando a seringa imensa. Esse traça os Récipes, lança os Aforismos, estabelece os Ditames, desenrola as Virtudes dos simples e dos metais, e revela misericordiosamente os grandes segredos — desde o raminho de cinco-em-rama, trazido sobre o peito, que faz

247: os Astrólogos e os Médicos.] os astrólogos e os médicos. [1970]

247: O Almanaque] O almanaque [1970]

247: constitui então] constitui então, [1970]

248-249: de Publicidade] de publicidade [1970]

250: o Almanaque.] o almanaque. [1970]

252: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

252-253: o Calendário] o calendário [1970]

254-255: para longos séculos, — o Médico e o Astrólogo.] para longos séculos — o médico e o astrólogo. [1970]

255: o Almanaque] o almanaque [1970]

257: o *livro da Verdade*] o *livro de Verdade* [1896] o *Livro de Verdade* [1909] o «Livro de Verdade» [1970] [Por parecer gralha, confrontou-se a lição de 1896 com a do Ms que confirmou o erro tipográfico agora corrigido.]

259: o Astrólogo] o astrólogo [1970]

261: de meias-luas] de meias luas [1896; 1900; 1909]

262-263: o Médico,] o médico, [1970]

264-265: traça os Récipes, lança os Aforismos, estabelece os Ditames, desenrola as Virtudes] traça os récipes, lança os aforismos, estabelece os ditames, desenrola as virtudes [1970]

267: de cinco-em-rama,] de cinco-em-rena, [1896; 1900]

secar as almorreimas, até às pílulas de azebre e mirabolanos
 que, tomadas em sumo de couve, aumentam a memória e os
 270 poderes do raciocínio. O ano de 1550 é a data gloriosa para
 este novo Almanaque secularizado, convertido em Fonte de
 Saber — porque nesse ano, o ilustre, o tremendo Nostradamus,
 o astrólogo venerado de Carlos IX e de Henrique II, o mestre
 275 das Grandes-Artes, o adivinhador da História, o confidente
 dos Astros, vota toda a sua ciência espagírica, toda a sua ex-
 periência dos quatro Elementos, à redacção dum Almanaque.
 Desde então o Almanaque fica uma obra extremamente no-
 bre, a que se pode atrelar com honra um Génio, um Vidente,
 um Profeta. O bom folheto de papel pardo imediatamente se
 280 incha com esta consagração quase pontifical, — e a sua voz
 retumba como a dos velhos Oráculos. Já não se contenta em
 predizer ao varão nascido sob o signo do Touro que «viajará
 em países estrangeiros, e aos quarenta anos, por causa do fíg-
 ado se tornará taciturno»: — mas, mergulhando o óculo as-
 285 trológico na densa treva do Futuro, anuncia os destinos dos
 Reis e dos Povos. E todavia, meus irmãos, com esse óculo de
 que hoje nos rimos viu ele, o astuto Almanaque do século XVI,
 catástrofes, ruínas nossas! É no seu Almanaque que Nostrada-
 mus vaticina as matanças de Padres e Fidalgos na Revolução de

271: novo Almanaque] novo almanaque [1970]

271-272: em Fonte de Saber] em fonte de saber [1970]

272: porque nesse ano,] porque, nesse ano, [1909]

275: dos Astros,] dos astros, [1970]

276: dos quatro Elementos,] dos quatro elementos [1970]

276: dum Almanaque.] de um Almanaque. [1970]

277: o Almanaque] o almanaque [1970]

278-279: um Génio, um Vidente, um Profeta.] um génio, um vidente, um profeta. [1970]

281: velhos Oráculos.] velhos oráculos. [1970]

282: que «viajará] que «viajara [1896; 1900] [*A correcção justifica-se por se tratar de uma previsão e a forma verbal dever apresentar-se no futuro.*]

284: se tornará taciturno »] se tornara taciturno » [1896; 1900] [*V. nota anterior*]

285: do Futuro,] do futuro, [1970]

285-286: dos Reis e dos Povos.] dos reis e dos povos. [1970]

287: astuto Almanaque] astuto almanaque [1970]

288: seu Almanaque] seu almanaque [1970]

289: de Padres e Fidalgos] de padres e fidalgos [1970]

290 93. É noutro Almanaque que o monge de Orval prediz a guerra da França e da Alemanha em 1870, duas Províncias levadas, e Paris incendiado.

295 Talvez por tanto esticar os olhos, e de tão longe, para o Futuro, é que o Almanaque chegou a não compreender, a quase ignorar, o esplêndido Presente que o cercava; — e assim, durante todo o século XVII, ele se torna, no meio da fértil corrente das ideias e das ciências, uma verdadeira rocha, onde se isola e se agarra, como uma tartaruga, com a sua velha casca, a pesada e chata Rotina. Entre o novo saber que se constitui e se abastece pela observação dos Fenómenos, o Almanaque fica como o refúgio derradeiro das fórmulas escolásticas. Já a maçã (essa medíocre fruta que tanto tem feito pela Ciência desde os dias do Paraíso) revelara a Newton a gravitação dos corpos, e já Newton morrera deixando a Astronomia constituída, — e
300 ainda o Almanaque, fiel a Ptolomeu, ou com medo do defunto Cardeal Bellarmin, ensina aos camponeses e à fidalguia de província que a Terra está fixa, e em volta dela, numa marcha respeitosa, gira o Sol com todos os seus Astros, e o Céu com todos os seus Santos. Já Torricelli descobrira o barómetro e a
305 pressão do ar, e Higgens formulara a teoria da luz como movimento — e ainda o nosso querido Almanaque teimava numa
310

290: noutro Almanaque] noutro almanaque [1970]

290: monge de Orval] monge Orval [1970]

293-294: o Futuro,] o futuro, [1970]

294: o Almanaque] o almanaque [1970]

295: o esplêndido Presente] o esplêndido presente [1970]

299: chata Rotina.] chata rotina. [1970]

300: dos Fenómenos,] dos fenómenos, [1970]

300: o Almanaque] o almanaque [1970]

302: pela Ciência] pela ciência [1970]

304: a Astronomia] a astronomia [1970]

305: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

306: Cardeal Bellarmin,] Cardeal Bellarmino, [1909] cardeal Bellarmin, [1970]

307: a Terra] a terra [1896; 1900; 1909]

308-309: gira o Sol com todos os seus Astros, e o Céu com todos os seus Santos.]
gira o Sol com todos os seus Santos. [1900] (...) os seus astros, (...) os seus Santos [1970]

311: querido Almanaque] querido Almanaque [1970]

315 vetusta Física do tempo de Arquimedes explicava que a *água*
sobe nas bombas porque a Natureza tem horror do vácuo, e for-
 çava povos estimáveis a viver no constante horror deste Vácuo
 de que até se horrorizava a Natureza! Já Harvey achara a cir-
 culação do sangue e a Medicina se ia metendo pelas estradas do
 raciocínio — e ainda o bom Almanaque corre todos os anos,
 alvoroçado, pela cidade e pelo campo, a espalhar a certeza
 320 imensa de que doença e saúde dependem de termos o fígado de
 compleição quente, de compleição fria, de compleição seca ou
 de compleição húmida... Assim disserta o Almanaque, no sé-
 culo XVIII, nas vésperas da Enciclopédia! Que digo eu? Em 1815,
 quando este nosso século XIX já é um moço prodigioso que
 conhece o vapor e medita no telefone puxando o buço, — ain-
 325 da por toda a terra de Espanha circula com grande autoridade
 um Almanaque, impresso em Valência, cheio de «coisas notá-
 veis e de grande utilidade», onde se populariza uma Astrono-
 mia anterior a Ptolomeu, uma Física anterior a Arquimedes,
 uma Medicina anterior a Galeno e uma Botânica anterior a
 330 Adão.

Pobre e descuidado Almanaque! Bom risco corria ele de
 se tornar perfeitamente desprezível, quando Franklin lhe es-
 tendeu a mão amorável, lhe limpou o bolor da rotina, e o
 tornou «raciocinado e científico» com o seu esperto *Alma-*
 335 *nach du Bonhomme Richard*. Era esse o curioso momento do

312: vetusta Física] vetusta física [1970]

312: de Arquimedes] de Arquimedes, [1900; 1970]

314: deste Vácuo] deste vácuo [1970]

316: a Medicina] a medicina [1970]

317: bom Almanaque] bom almanaque [1970]

321: o Almanaque] o almanaque [1970]

326: um Almanaque] um almanaque [1970]

327-328: uma Astronomia] uma astronomia [1970]

328: uma Física] uma física [1970]

329: uma Medicina] uma medicina [1970]

329: uma Botânica] uma botânica [1970]

331: Almanaque!] almanaque! [1970]

334-335: esperto *Almanach du Bonhomme Richard*.] esperto «Almanach du
 Bonhomme Richard». [1970]

século XVIII em que as Ciências Naturais, as Ciências Económicas, as Ciências Políticas, toda a Ciência e com ela a Filosofia estavam «em moda», constituíam o regalo e o cuidado mundano da Sociedade, que então se chamava a «Boa-companhia».

340 Todo o salão de Paris, verdadeiramente superior e bem formado, devia ter os seus Filósofos, os seus Economistas, os seus Matemáticos; — e a conversa preferida, a mais picante, à ceia, quando se serviam os vinhos do Tokai, preconizados, através de d'Alembert, por Frederico, rei da Prússia, era sobre Zoologia ou sobre Química. À cabeceira de todo o leito, mesmo dos

345 mais levianos, havia um grosso tomo da Enciclopédia. Em cartas, ou passeando no Cours-la-Reine, os namorados discutem as questões da Filosofia, uns sendo pelo deísmo dos Escoceses, outros, naturalmente, pelo sensualismo de Condillac.

350 E as damas correm de Versalhes em coche, e decotadas, para ouvir um novo opúsculo de Economia Política de Mr. de Quesnay. A ciência e as suas teorias eram para esta Boa-companhia do século XVIII (fina flor do género humano, como afirma Voltaire), o que a Religião e as suas controvérsias tinham sido,

355 no tempo de Port Royal, para a sociedade do século XVII, que então se chamava «a Gente do belo-ar». De facto, a Religião agora, a única que tinha fanáticos, era a Ciência. O *Almanach*

336-337: as Ciências Naturais, as Ciências Económicas, as Ciências Políticas,] as ciências naturais, as ciências económicas, as ciências políticas, [1970]

337: a Ciência e com ela a Filosofia] a ciência e com ela a filosofia [1970]

339: da Sociedade,] da sociedade, [1970]

339: a «Boa-companhia».] a «boa companhia». [1970]

341-342: os seus Filósofos, os seus Economistas, os seus Matemáticos;] os seus filósofos, os seus economistas, os seus matemáticos; [1970]

344-345: sobre Zoologia ou sobre Química.] sobre zoologia ou sobre química. [1970]

348: da Filosofia,] da filosofia, [1970]

350: de Versalhes] de Versalhes, [1909] de Versailles [1970]

351: de Economia Política] de economia política [1970]

352: para esta Boa-companhia] para esta boa companhia [1970]

354: a Religião] a religião [1970]

356: chamava «a Gente do belo-ar».] a «gente do belo ar». [1970]

356: a Religião] a religião [1970]

357: era a Ciência.] era a ciência. [1970]

360 *du Bonhomme Richard* foi o seu Catecismo Popular. Aí a Ciência, sem o aparato das Escolas e sem o requinte oratório das salas, vestida de briche e com a cabeleira despolvilhada, como o próprio Franklin (que tinha também a alcunha de *Bonhomme*), ia contar caseiramente, pelas vilas e pelas aldeias, as maravilhas do Universo.

365 Tão popular em toda a Europa se tornou este Almanaque, que a Literatura teve pungentes ciúmes da propaganda que ele fazia à Ciência. E a Poesia, que era a grande forma literária do século XVIII, inventou para seu uso o *Almanaque das Musas*. Nesse, nem Astronomia, nem Física, nem Medicina, nem mesmo Economia Política apesar de tão mundana, tão patrocinada
370 pelas damas. Apenas um Calendário seco, em letrinha miúda, quase sem Santos — e depois trezentas páginas de Cançonetas, Quadrinhas, Éclogas, Ditirambos, Epicédios, Epigramas, Epitalâmios, Elegias, Fábulas, Sátiras, Epístolas, e Madrigais em flor. O *Almanaque das Musas* foi o grande viveiro dos vates do
375 século XVIII. Por vezes mesmo, Mr. de Voltaire, velhíssimo,

357-358: O *Almanach du Bonhomme Richard*] O «Almanach du Bonhomme Richard» [1970]

358: Catecismo Popular.] catecismo popular. [1970]

358-359: a Ciência,] a ciência, [1970]

359: das Escolas] das escolas [1970]

361: de *Bonhomme*),] de «Bonhomme»), [1970]

364: este Almanaque,] este Almanaque [1909] este almanaque, [1970]

365: a Literatura] a literatura [1970]

366: à Ciência.] à ciência. [1970]

366: a Poesia,] a poesia, [1970]

367: o *Almanaque das Musas*.] o «Almanaque das Musas». [1970]

368: nem Astronomia, nem Física, nem Medicina,] nem astronomia, nem física, nem medicina, [1970]

369: Economia Política] economia política [1970]

370: um Calendário] um calendário [1970]

371: sem Santos —] sem santos — [1970]

371: de Cançonetas,] de cançonetas, [1970]

372: Quadrinhas,] Quadrilhas, [1900] quadrinhas, [1970]

372-373: Éclogas, Ditirambos, Epicédios, Epigramas, Epitalâmios, Elegias, Fábulas, Sátiras, Epístolas, e Madrigais] éclogas, ditirambos, epicédios, epigramas, epitalâmios, elegias, fábulas, sátiras, epístolas, e madrigais [1970]

374: O *Almanaque das Musas*] O «Almanaque das Musas» [1970]

mirrado, em *robe-de-chambre*, com uma perna metida na sepultura e com a outra atirando piruetas, vinha aí trautear, em falsete rachado, alguma quadra, maligna ou terna, de verso falsete e também rachado. Mas que êxito incansável, o deste *Almanaque das Musas*, de bordas douradas! Nascido sob Luís XV, viu Luís XVI; viu Robespierre e o Terror; viu o Directório; viu Napoleão; viu os Aliados em Paris; viu Luís XVIII; viu Carlos X... E sempre poetando! Alguém houve pois que rimou galanteios a Clóris durante as matanças de Setembro! Alguém houve que fez espumar um Ditirambo e gritou «Evohé!» enquanto a guarda morria em Waterloo! Caduco, caquético, com caruncho nas rimas, o *Almanaque das Musas* morreu, enfim, quando Victor Hugo já escrevera os *Burgraves*, já era par de França!

Assim o Almanaque propagava pelas Cortes a Poesia galante de Paris, ou derramava pelas pequenas vilas adormecidas, o gosto da Ciência raciocinada. Mas uma missão mais ruidosa lhe restava ainda, nos fins desse século XVIII, — a de vulgarizar a Revolução, denunciar «os velhos abusos», ensinar «os novos Princípios». Desde 1787 é o *Almanach du Père Girard* que vai por todas as aldeias de França, se senta às lareiras, conversa das geadas e dos ventos, e depois, quando todos esses olhos tristes de aldeões famintos estão cravados nele, volta sorrateiramente a folha, e começa a ensinar que a nação é soberana, que todos

376: em *robe-de-chambre*,] em robe-de-chambre, [1896; 1900]

379-380: deste *Almanaque das Musas*,] deste «Almanaque das Musas», [1970]

382: viu Luís XVIII;] viu XVIII; [1900]

385: um Ditirambo] um ditirambo [1970]

385: e gritou] e gritou: [1900]

386: a guarda] a Guarda [1970]

387: o *Almanaque das Musas*] o «Almanaque das Musas» [1970]

388: os *Burgraves*,] os «Burgraves», [1970]

390: o Almanaque] o almanaque [1970]

390: pelas Cortes a Poesia] pelas cortes a poesia [1970]

392: da Ciência] da ciência [1970]

394: a Revolução,] a revolução, [1970]

394-395: «os novos Princípios».] «os novos princípios». [1970]

395: o *Almanach du Père Girard*] o «Almanach du Père Girard» [1970]

400 os cidadãos nascem iguais e livres, que os direitos feudais de-
vem findar, e que no mundo, tornado justo, vai reinar a Fra-
ternidade...

Proudhon conta orgulhosamente que seu pai, durante o
405 longo e terrível Inverno que precedeu a Revolução, ia através
da França, com grossos tamancos sobre a neve dura, espalhan-
do o *Père Girard*, que ele levava dentro dum alforge, e que
deixava sobretudo nas residências dos curas, para que o lessem
aos fiéis como um novo e melhor Evangelho. E esta tradição
410 de utilizar os Almanagues como agentes formigueiros da Re-
volução persiste em França, onde, de 1830 a 1850, aparecem,
sucessivamente mais radicais, mostrando como a Revolução se
alastra das estreitas fórmulas políticas para as vastas transfor-
mações sociais — o *Almanaque dos Amigos do Povo*, o
Almanaque do Verdadeiro Republicano, o *Almanaque Democrá-*
415 *tico*, o *Almanaque do Trabalhador Emancipado*, o *Almanaque*
do Socialismo, o *Almanaque da Ideia Comunista*... Um dos
primeiros cuidados de Napoleão III, antigo conspirador que
conhecia as boas armas, foi mandar calar os Almanagues. Eis
o nosso brilhante amigo, depois de funções tão intelectuais e
420 cívicas, reduzido humildemente a anunciar eclipses e marés.
Mas não lhe convém perder esse hábito que o torna tão que-
rido, e necessário — o doce hábito de conversar ao serão com
o seu leitor do campo e da vila, que tem nele o conversador
mais instruído de quantos lhes batem à solitária porta. Em

401-402: a Fraternidade...] a fraternidade... [1970]

406: o *Père Girard*,] o «*Père Girard*», [1970]

406: dum alforge,] de um alforge, [1970]

408: melhor Evangelho.] melhor evangelho. [1970]

409: os Almanagues] os almanagues [1970]

413: o *Almanaque dos Amigos do Povo*,] o *Almanaque dos amigos do Povo*, [1909]
o «*Almanaque dos Amigos do Povo*», [1970]

413-416: o *Almanaque do Verdadeiro Republicano*, o *Almanaque Democrático*, o
Almanaque do Trabalhador Emancipado, o *Almanaque do Socialismo*, o *Almanaque da*
Ideia Comunista...] o «*Almanaque do Verdadeiro Republicano*», o «*Almanaque Demo-*
crático», o «*Almanaque do Trabalhador Emancipado*», o «*Almanaque do Socialismo*», o
«*Almanaque da Ideia Comunista*...» [1970]

418: os Almanagues.] os almanagues. [1970]

421-422: tão querido,] tão querido [1970]

425 França era nesse momento proibido pensar — mas era permiti-
do rir. Até mesmo o riso, como clássico espalhador de males,
agradava a César. Então o Almanaque, astuto, desata a rir. Daí
nasceram esses Almanaques, imitados por toda a Europa e que
430 também floresciam em Portugal — o *Almanaque para Rir*; o
Almanaque Cômico; o *Almanaque Satírico*; o *Almanaque das*
Cem Pilhérias; o *Almanaque das Gargalhadas...* Uma atroante
hilaridade, patrocinada benignamente por um Imperador taci-
turno, de fígado congestionado, que nunca ria — e que ignorava
435 que o Riso é um rude demolidor de instituições. Nesse tempo,
desgraçadamente, andavam muito atrasadas as Ciências Psico-
lógicas — sobretudo a Psicologia das Multidões, sem o conhe-
cimento da qual não pode haver Estadista nem mesmo Estado
que sejam estáveis. Não se tinham também interpretado veri-
440 dicamente os grandes símbolos históricos: — e ainda se ignora-
va, mesmo na Academia das Inscrições, que se Jericó caiu tão
facilmente é porque Josué, que chegava do deserto e da verda-
de das coisas naturais e livres, fez girar em torno àquelas
muralhas, onde se abrigava o bolorento anacronismo das ideias
Cananeias, o triplo som de gargalhadas heróicas. A Bíblia diz
445 «trombetas» — porque os Orientais, em matéria de Religião ou
de Negócio, que são os supremos interesses da sua vida, se
exprimem sempre por parábolas e emblemas.

Rindo, cheia de *Almanaques para Rir*, e com aquele olhar
vagamente obscurecido de quem muito ri — a França esbarrou

427: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

428: esses Almanaques,] esses almanaques, [1970]

429-431: o *Almanaque para Rir*; o *Almanaque Cômico*; o *Almanaque Satírico*; o
Almanaque das Cem Pilhérias; o *Almanaque das Gargalhadas...*] o «Almanaque para Rir»;
o «Almanaque Cômico»; o «Almanaque Satírico»; o «Almanaque das Cem Pilhérias»; o
«Almanaque das Gargalhadas...» [1970]

432: por um Imperador] por um imperador [1970]

434: o Riso] o riso [1970]

435-436: as Ciências Psicológicas —] as ciências psicológicas — [1970]

436: a Psicologia das Multidões,] a psicologia das multidões, [1970]

437: haver Estadista nem mesmo Estado] haver estadista nem mesmo estado [1970]

443-444: das ideias Cananeias,] das ideias cananeias, [1970]

445-446: de Religião ou de Negócio,] de religião ou de negócio, [1970]

448: *Almanaques para Rir*,] *Almanaques para rir*, [1909] «Almanaques para Rir» [1970]

450 em Sedan. Nação de guerra, «soldado de Deus», e tendo até aí
 posto toda a sua honra nas armas, não quis confessar que fora
 vencida pela espingarda do soldado alemão: — e imaginou, ou
 pelo menos afirmou, que fora vencida pelo compêndio do pro-
 fessor alemão. Com efeito o professor lá estava também, nos
 455 altos de Sedan, de óculos, de grossas barbas ruivas — mas sem
 compêndio, com uma espingarda: e quem comandava era Moltke
 e não Hegel. Na realidade não vencera nem o compêndio, nem
 a espingarda; — mas a forte alma germânica, a alma submissa e
 séria que estava no soldado e estava no professor. Ao fim da
 460 batalha, os franceses, encurralados no vale de Sedan choravam,
 clamavam, injuriavam o Imperador, desabafavam em blasfêmias,
 tentavam arremetidas furiosas... E no entanto, sobre as colinas,
 os exércitos alemães, trezentos mil homens, com uma só grande
 voz, uma lenta e grave voz, repassada de reverência e crença,
 465 cantavam, na sombra crepuscular, o Coral de Lutero. Este Co-
 ral cantado em Sedan por um exército, numa tarde de batalha,
 explica, melhor que todos os Relatórios do Estado-Maior, as
 vitórias da Alemanha — as que passaram e as que virão.

Mas a França estabelecera, como consolação ou como es-
 perança, que a Ciência vencia, *in hoc signo*, como outrora a
 470 Cruz, pela sua própria virtude — e começou a prestar à Ciên-
 cia um culto exclusivo e magnífico. Ao contrário dos tempos
 ligeiros de César já não era permitido rir — só era permitido
 saber. Logo no seu primeiro ano, a República gasta centos de
 475 milhões em Escolas — e toma por padroeira Nossa-Senhora-da-
 -Erudição. Mas não é a ciência do século XVIII, elegante, embe-
 lezada pela Oratória, toda em nobres teorias, que as Damas de

460: os franceses,] os Franceses, [1970]

461: o Imperador,] o imperador, [1970]

467: os Relatórios do Estado-Maior,] os Relatórios do Estado Maior, [1896; 1900;
 1909] os relatórios do Estado-Maior, [1970]

473: de César] de César, [1909; 1970]

475: em Escolas —] em escolas — [1970]

475-476: Nossa-Senhora-da-Erudição.] Nossa Senhora-da-Erudição. [1900] Nossa
 Senhora da Erudição. [1970]

477: pela Oratória,] pela oratória, [1970]

Versalhes debicam, por entre «sonhos de ananás», sorrindo meigamente aos Zoólogos e aos Químicos. É uma ciência positiva, experimental, toda em factos, que não vem para ornar a inteligência, mas para enriquecer a bolsa, e por isso indiferente aos sistemas, só atenta às aplicações. Todas as formas da actividade intelectual se reclamam logo desta ciência experimental. A Crítica pretende ser equiparada à Botânica. O Romance exige que o considerem como um ramo da Fisiologia. O Almanaque imediatamente se tornara também científico. Não o fora ele sempre desde Nostradamus até Franklin? E como esta Ciência nova é, por natureza, especialista, — ele se encarrega de a vulgarizar, nas suas especialidades, através das Artes e dos Ofícios.

Então aparece o *Almanaque do Químico*; o *Almanaque do Construtor*; o *Almanaque do Destilador*; o *Almanaque do Vinhateiro*; o *Almanaque do Mestre de Forja*; o *Almanaque do Mineiro*; o *Almanaque do Cervejeiro*, que sei eu?... Até ocupações que andavam abandonadas à direcção do instinto procuram a garantia da observação, e pedem regras, bem experimentadas, bem comprovadas, que o bom Almanaque, logo, serviçalmente, se presta a codificar: e assim temos o *Almanaque do Caçador*;

477-478: as Damas de Versalhes] as damas de Versailles [1970]

479: aos Zoólogos e aos Químicos.] aos zoólogos e aos químicos. [1970]

484: A Crítica] A crítica [1970]

484: à Botânica.] à botânica. [1970]

484-485: O Romance] O romance [1970]

485: da Fisiologia.] da fisiologia. [1970]

486: O Almanaque] O almanaque [1970]

488: Ciência nova] ciência nova [1970]

488: especialista, —] especialista — [1970]

489-490: das Artes e dos Ofícios.] das artes e dos ofícios. [1970]

491-494: o *Almanaque do Químico*; o *Almanaque do Construtor*; o *Almanaque do Destilador*; o *Almanaque do Vinhateiro*; o *Almanaque do Mestre de Forja*; o *Almanaque do Mineiro*; o *Almanaque do Cervejeiro*,] o «Almanaque do Químico»; o «Almanaque do Construtor»; o «Almanaque do Destilador»; o «Almanaque do Vinhateiro»; o «Almanaque do Mestre de Forja»; o «Almanaque do Mineiro»; o «Almanaque do Cervejeiro», [1970]

497: bom Almanaque,] bom almanaque, [1970]

500 o *Almanaque do Remador*; o *Almanaque do Pescador à linha*; o *Almanaque do Biciclista*; o *Almanaque do Valsista!*

505 Ora, sempre que se acentua um fenómeno de especialização muito disseminada, surge logo, sobretudo no espírito latino, amador teimoso de simetria e de unidade, uma tendência à generalização bem concentrada, bem apertada. Assim desabrochou naturalmente a ideia lucrativa de estabelecer um Almanaque genérico, que, abrangendo todas as Especialidades, atraísse todas as Clientelas, fosse tão prestante ao mineiro como ao ciclista, e realizasse na ordem das Informações o que, na ordem das Provisões, tão inesgotavelmente realizam certos
510 armazéns de Londres (como o Whiteley) onde se pode obter, indiferentemente, só com mudar de balcão, um chapéu, um elefante, um trombone, um bote ou o osso dum mártir... E aqui está este Almanaque, por cujas primeiras páginas vamos andando e conversando, que é simplesmente *Enciclopédico*.

515 Ideia subtil e fértil. As Enciclopédias, tais como elas se edificam, desde a Grande, a do século XVIII, a de Diderot e d'Alembert, são obras aterradoras. Compridas como a curiosidade humana, construídas de *in-fólios* que pesam cinco e sete quilos, elas atravancam as nossas livrarias que tornam maçudas e tristes, empolgam o lugar devido aos Poetas e aos Filósofos,
520

498-500: o *Almanaque do Caçador*; o *Almanaque do Remador*; o *Almanaque do Pescador à linha*; o *Almanaque do Biciclista*; o *Almanaque do Valsista!*] o «Almanaque do Caçador»; o «Almanaque do Remador»; o «Almanaque do Pescador à Linha»; o «Almanaque do Biciclista»; o «Almanaque do Valsista!» [1970]

503-504: tendência à generalização] tendência a generalização [1909; 1970]

505-506: um Almanaque] um almanaque [1970]

506: as Especialidades,] as especialidades, [1970]

507: as Clientelas,] as clientelas, [1970]

508: das Informações] das informações [1970]

509: das Provisões,] das provisões, [1970]

512: dum mártir...] de um mártir... [1970]

513: este Almanaque,] este almanaque, [1970]

514: simplesmente *Enciclopédico*.] simplesmente enciclopédico. [1970]

515: As Enciclopédias,] As enciclopédias, [1970]

516-517: e d'Alembert,] e D'Alembert, [1970]

519: nossas livrarias] nossas livrarias, [1909]

520: aos Poetas e aos Filósofos,] aos poetas e aos filósofos, [1970]

esbarrondam os soalhos, e pelas suas alterosas proporções desanimam o espírito investigador como uma enorme, sombria montanha, assusta e desalenta o peregrino. Ah! Realmente nesta nossa atulhada Europa, onde já há tantos Homens que se entressufocam, não resta espaço para os Conhecimentos, desde que eles se materializem e se encarnem em tomos mais grossos que os homens. Em Paris, onde mesmo os palácios são estreitos, como o génio da raça que os edifica (nenhuma senhora, em Portugal, alojaria as suas criadas nos cubículos que Marie Antoinette ocupava em Versalhes), não existe casa, por mais estudiosa, que se resigne a conter a nova *Enciclopédia Universal*, dirigida por Berthelot, — e ainda essa torre augusta da Sapiência vai nos primeiros andares, na letra C. A *Enciclopédia Britânica*, já não cabe em Londres, onde todavia cabem seis milhões de seres — dos quais três são mulheres, e usando essas mangas tufadas que tiram ao Civilizado o espaço que lhe pertence na Civilização, e o impelem a emigrar para a Austrália e África. Assim, que providencial invenção, o editar todo o Saber em volumes portáteis, fáceis, que um erudito anémico possa manejar, que não tirem lugar à Imaginação e à Razão Criadora, que possam dormir connosco na alcova com os livros de rezas, e que nos ofereçam as noções facilmente, e tão fáceis de colher, como flores dum canteiro baixo! Preciosa ideia, sobre-

522-523: sombria montanha,] sombria montanha [1909; 1970]

524: tantos Homens] tantos homens [1970]

525: os Conhecimentos,] os conhecimentos, [1970]

529-530: que Marie Antoinette] que Maria-Antoinette [1896;1909] que Marie-Antoinette [1900]

530: em Versalhes),] em Versailles), [1970]

531-532: nova *Enciclopédia Universal*,] nova «Enciclopédia Universal», [1970]

532-533: da Sapiência] da sapiência [1970]

533-534: A *Enciclopédia Britânica*,] A *Encyclopedia Britanica* [1909] A «Enciclopédia Britânica» [1970]

536: ao Civilizado] ao civilizado [1970]

537: na Civilização,] na civilização, [1970]

538-539: todo o Saber] todo o saber [1970]

540-541: à Imaginação e à Razão Criadora,] à imaginação e à razão criadora, [1970]

543: dum canteiro baixo!] de um canteiro baixo! [1970]

545 tudo, não arremessar sobre nós toda a Ciência bruscamente,
 num só baque, em pedreira que desaba, mas espalhar discretamente,
 suavemente, por cada ano um pedaço da *Rè Scibile*, de
 modo que ela seja como um magnífico país onde pelo Outono,
 quando vem o Almanaque, empreendemos uma bela excursão,
 550 ora para ver os seus frescos vergéis, ora as suas eruditas cidades... Assim em 1896 andamos pelo Céu, com a Meteorologia,
 observando divertidamente como se formam as nuvens, e como
 os flocos de neve se aligeiram e se vestem de gaze branca para
 a sua dança pensativa e muda. Em 1897 desceremos talvez, com
 a Geologia, ao centro da Terra, para contemplar da borda negra
 555 das rochas o vasto mar do Fogo Central rolando e rugindo.
 O ditoso leitor do *Almanaque Enciclopédico* é assim, cada ano,
 nas férias, procurado pela Ciência, uma Ciência moça, de rou-
 pagens ligeiras, ágil e familiar, que o toma pela mão, o conduz
 alegremente, sem soalheiras e sem estalagens, a um dos seus
 560 maravilhosos Domínios. Vai levado, como se o ar o levasse, —
 e não tem ele de se erguer num esforço, de se vestir todo de
 sisudez, de marchar pensabundamente, e de procurar a Ciência.

565 Ninguém de resto, nesta nossa Idade leviana, a procura,
 nos seus Domínios especiais e alcantilados, a não ser os que
 dela comem profissionalmente, ou os que nela se perdem to-
 dos, corpo e alma, como num amor sublime. Onde houve aí
 homem resoluto, que, sem essa grossa urgência da profissão,
 ou esse impulso de alta voluptuosidade intelectual, desvie os

544: a Ciência] a ciência [1970]

546: da *Rè Scibile*,] da «Re Scibile», [1970]

548: o Almanaque,] o almanaque, [1970]

550: pelo Céu, com a Meteorologia,] pelo céu, com a meteorologia, [1970]

553-554: com a Geologia,] com a geologia, [1970]

555: do Fogo Central] do fogo central [1970]

556: do *Almanaque Enciclopédico*] do «Almanaque Enciclopédico» [1970]

557: pela Ciência, uma Ciência moça,] pela ciência, uma ciência moça, [1970]

560: maravilhosos Domínios.] maravilhosos domínios. [1970]

560: Vai levado,] Vai levado [1970]

560: o levasse, —] o levasse — [1970]

562: a Ciência.] a ciência. [1970]

563: nossa Idade leviana,] nossa idade leviana, [1970]

564: nos seus Domínios] nos seus domínios [1970]

570 passos do seu prazer ou do seu negócio, os endireite bem firmes a uma biblioteca, para sinceramente e fundamente se iniciar nos costumes e instituições dos Egípcios do tempo de Ramsés II?

575 Nunca houve! Houve Décio, que em Roma, por amor de Roma, se arrojou vivo a um sorvedouro que é perfeitamente lendário. Mas nunca houve o outro, o homem que se erguesse e marchasse para o Egito de Ramsés. Para tão temerosas jornadas, é necessário que sejamos docemente arrasados por algum velho e sociável amigo, que nós sabemos não ser pedante, nem massudo, nem pastoso, e que na sua
580 convivência sempre nos habituou a horas festivas e amáveis. O Almanaque é esse amigo sociável e fiel. Bem o conhecemos, desde os primeiros serões da nossa mocidade, que ele encheu e maravilhou. As suas histórias eram tão risonhas! Quanta agudeza nos seus logogrifos! Quadras que ele nos cantou ainda nos repicam na alma! Será certamente de boa aventura a estrada por onde ele nos leve... E lá vamos confiados, lentamente avançamos, escutando o bom *Almanaque*, que nos
585 ensina uma Data, nos revela uma Receita frutuosa, nos murmura maliciosamente uma picante Estatística, até que nos encontramos muito longe, à beira dum grande rio: — e é o velho Egito, por Deus! Estamos justamente entre os Egípcios do tempo de Ramsés III!

590 Ah! Almanaque, Almanaque, nunca nós treparíamos a esta remota antiguidade, se não fora a tua sedução, companheiro de

570: a uma biblioteca,] a uma Biblioteca, [1900; 1909]

571-572: de Ramsés II?] de Ramezes II ? [1896 ; 1900; 1909]

576: de Ramsés.] de Ramezes. [1896;1900; 1909]

581: O Almanaque] O almanaque [1970]

587: o bom *Almanaque*,] o bom «almanaque» [1970]

588: uma Data,] uma data, [1970]

588: uma Receita] uma receita [1970]

589: picante Estatística,] picante estatística, [1970]

590: dum grande rio:] de um grande rio: [1970]

592: de Ramsés III!] de Ramezes II ! [1896 ;1900; 1909]

593: Almanaque, Almanaque,] almanaque, almanaque, [1970]

594: remota antiguidade,] remota Antiguidade, [1970]

595 palestra douda e fácil. E agora, que de tão longe viemos, será
divertido percorrer este vale do Nilo de há quatro mil anos, e
observar este povo polido, silencioso, vestido de linho branco,
docemente caturra, que traz uma flor na mão, e saúda com
reverência os gatos. Como vão e vêm nobremente, sobre o rio
600 sagrado, as vistosas barcas de vela escarlata, com a sua alta popa
que é o lótus desabrochado! Olá! Bem gráceis e moreninhas e
tenras são as duas harpistas, que cantam agachadas, acolá, à
porta da taberna, rente ao caramanchão de grades douradas,
onde os dois homens, um escriba e o outro, de simarra borda-
605 da, certamente mercador de Suza, bebem um vinho cor de rosa
desmaiada, e tão leve, e tão fresco, que me está doidamente
tentando! Oh! O curioso pátio, e o tanque imenso de granito
verde, e os dois sacerdotes lançando bolos de mel, devotamen-
te, a um velho crocodilo sagrado que tem as patas medonhas
610 carregadas de manilhas de ouro! Decerto, além, na margem
Arábica, passa um Chefe, um Príncipe, porque pontas de lan-
ças faíscam entre leques de plumas, e um carro lento que
rebrilha, esmaltado, toldado de sedas finas, rola com majestade
na estrada que airosas Núbias, de véus amarelos, vão regando,
615 perfumando e juncando de anémons. Esta cidade, que se es-
tende até ao deserto líbico, cheia de obeliscos, de pilones, de
esfinges, de palácios, de jardins, de piscinas, com avenidas
areadas de azul, é decerto Tebas. Já o Sol vem rompendo dos
lados do mar. E eis justamente o Grande Pontífice, esguio
620 e pálido como um círio, que surge, entre as cortinas desfran-
zidas do pórtico de Ámon, e ergue as mãos espalmadas para

595: e fácil.] e fácil! [1970]

599: e vêm nobremente,] e vem nobremente, [1896; 1900; 1909] [*Corrige-se para que a forma verbal concorde com o número dos substantivos seguintes.*]

601: que é o lótus] que é o loto [1970]

604: onde os dois homens,] onde dois homens, [1909; 1970]

605-606: cor de rosa desmaiada,] cor-de-rosa desmaiado, [1970]

606-607: doidamente tentando!] doidamente tentando. [1900]

611: um Chefe, um Príncipe,] um chefe, um príncipe, [1970]

614: airosas Núbias,] airosas núbias, [1970]

619: o Grande Pontífice,] o grande Pontífice, [1900]

621: de Ámon,] d'Amnon, [1896; 1900] d'Ammon [1909]

o Astro, e murmura num êxtase: «Oh verídico, oh benéfico, oh bem desejado dos homens, oh senhor radiante dos dois horizontes...» Linda prece, e deliciosa foi esta jornada, meu
 625 bom *Almanaque!* Para o ano, se voltares, irei contigo a Atenas, quando o lance for mais interessante, e o Persa numeroso vier marchando da Dórida, e Ésquilo velho, e Sófocles moço, e os poetas divinos se estejam armando para se baterem em Salamina!

Mas não é certamente por esta ciência fácil que o Almanaque me encanta: — e se ainda o desejo louvar é pelo incomparável benefício de nos tornar o Tempo visível e como palpável. Consideremos que um dia esquecido, não registado no Almanaque, seria absolutamente como um negro pedaço de Não-ser por onde um pedaço da nossa vida, se afundaria, se
 635 iria em Nada. Só o Almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade da nossa Existência, porque a circunscreve, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo, e onde vão ficando, os factos da nossa feliz ou desgraçada História. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte. Um bem que nos veio
 640 *no dia 17 de Agosto, que era uma quarta-feira*, fica alumando a nossa alma com uma claridade muito diferente do bem que nos sucedesse, incertamente, no tempo, sem dia e sem data.
 645 Quando em Roma mais confuso se tornara o Calendário antes

622: o Astro,] o astro, [1970]

623-624: dos dois horizontes...»] dos dois horizontes!...» [1909; 1970]

625: bom *Almanaque!*] bom «Almanaque»! [1970]

627: e Sófocles] o Sofocles [1900]

629-630: o Almanaque] o almanaque [1970]

631: tornar o Tempo] tornar o tempo [1970]

632-633: no Almanaque,] no almanaque, [1970]

633-634: pedaço de Não-ser] pedaço de não-ser [1970]

635: em Nada.] em nada. [1970]

635: o Almanaque] o almanaque [1970]

636: nossa Existência,] nossa existência, [1970]

640: desgraçada História.] desgraçada história. [1970]

645: o Calendário] o calendário [1970]

do Almanaque de César, os Cônsules, comandando as Legiões, ganhavam batalhas — mas nunca se podia inscrever com exactidão nos Fastos o dia certo das Vitórias. E era um deles, o velho Pansa ou Caio Metelo, que exclamava uma tarde no Senado: — «Que valem triunfos que não têm data?» Que valem, na verdade? É a certeza da data que imprime realidade às coisas que, sem essa certeza encarnadora, apenas passadas, se desfariam na diafanidade e impalpabilidade do Tempo. Todo o nosso viver consiste num rolo de sonhos que se vão desprendendo de nós, fugindo para trás como o fumo de uma tocha que corre, depressa adelgaçados, logo esvaídos. São as datas que prendem, retêm esses sonhos: nelas ficam imóveis, em torno delas se condensam, por elas ganham forma e duração.

Foi entrevendo esta verdade que Bossuet, numa grande imagem, comparou os dias felizes duma existência a pregos de ouro cravados numa parede escura. Esses pregos eram as datas, onde as venturas dessa existência, que já voavam, se iam dissipar na Eternidade, ficaram presas, imóveis, resplandecendo como pontos de ouro. Mas as nossas dores são da mesma essência e vão pelo caminho das nossas alegrias. E que vantagem tiramos de que as nossas dores fiquem retidas e vivendo, na ponta duma data, e dela dardejem, periodicamente o seu dardo, e não se desfaçam na vacuidade do Tempo? A vantagem de permanecerem, e sobre nós renegrejem, e dentro em nós redolorirem — pois que é só relembrando, revivendo, ressofrendo

646: do Almanaque] do almanaque [1970]

646: os Cônsules,] os cônsules, [1970]

646-647: as Legiões,] as legiões, [1970]

648: nos Fastos] nos fastos [1970]

648: o dia certo das Vitórias.] o dia das Vitórias. [1900] o dia certo das vitórias.

[1970]

653: do Tempo.] do tempo. [1970]

661: duma existência] de uma existência [1970]

664: na Eternidade,] na eternidade, [1970]

668: duma data] de uma data [1970]

668: e dela dardejem,] e dela dardejem [1970]

669: do Tempo?] do tempo? [1970]

as suas dores que a Alma se corrige, se liberta, se aperfeiçoa, se torna mais própria para Deus.

675 E mesmo nesta aproximação do Céu, quanto ainda, dou-
tro modo, devemos ao Almanaque! É ele que, retomando as
meigas funções do Anjo da Guarda, constantemente nos avisa
e nos avizinha dos deveres que salvam. Com que desvelo nos
empurra ele para a convivência dos Santos! E sem capciosas e
680 subornantes promessas de Bem-aventurança — sem impertinen-
tes e descorteses ameaças de Fogo Eterno! Não! Muito simples-
mente, muito discretamente, lembrando cada manhã o Santo
que devemos adorar, ou na capelinha do nosso coração, ou na
boa Igreja de Freguesia onde essa adoração esteja preparada de
véspera, com sanefas e órgão. E isto sem insistir, cheio de
685 confiança na prontidão da nossa fé, murmurando apenas, ao
passar, com um leve murmúrio de folha roçada: — *«Hoje, quarta-
-feira... S. José... Cardais da Graça!...»*

Assim o bom Almanaque se torna o cicerone adoravel-
mente zeloso das estradas que levam ao Céu. Que digo? Ele
690 arranja, na realidade, que essas estradas, tão várias, umas lajea-
das de obras, outras de pensamentos, desemboquem todas na
nossa vida; — e cada fresca manhã, por uma dessas luminosas
estradas, nos traz um Santo, que connosco fique durante o dia
festivo em salutar convivência, e nos console, e nos fortaleça,
695 e nos agasalhe sob o seu doce manto para nos contar a sua

672: que a Alma] que a alma [1970]

674: do Céu,] do céu, [1896;1900; 1909] [*Corrige-se por se tratar de um nome pró-
prio.*]

675: ao Almanaque!] ao almanaque! [1970]

678: dos Santos!] dos santos! [1970]

679: de Bem-aventurança —] de bem-aventurança — [1970]

680: de Fogo Eterno!] de Fogo-Eterno! [1896] de fogo eterno! [1970]

681: o Santo] o santo [1970]

683: Igreja de Freguesia] Igreja da Freguesia [1909] Igreja da freguesia [1970]

686: *«Hoje,] Hoje, [1970]*

687: *Cardais da Graça!...»] Cardais da Graça!... [1909; 1970]*

688: bom Almanaque] bom almanaque [1970]

693: um Santo,] um santo, [1970]

694-695: e nos console, e nos fortaleça, e nos agasalhe] e nos console, e nos aga-
salhe [1900]

doce história... Daqui resulta a frequência incessante dos Pecadores e dos Santos, tão útil para ambos — pois que por ela uns são remidos, e os outros justificados. Desatentos e envolvidos no fragor e rolar do Mundo, enfronhados em manejar a Matéria, vagamente familiarizados com o Demónio, nunca nós correríamos voluntariamente ao encontro de S. Ciríaco — nem mesmo saberíamos onde o encontrar nesse infinito Céu, tão atulhado de Santos que as Onze Mil Virgens e as suas vinte e duas mil asas não são mais que um pontinho de luz, muito cândido, que palpita nas profundidades. É o Almanaque que, pontualmente, sem jamais olvidar, no dia 8 de Agosto, logo de manhã, nos traz S. Ciríaco, que, inefavelmente bom, se deixa trazer e escuta com paternal riso e favor esses complicados empenhos que um Pecador tem sempre a pedir a um Santo... Na antiguidade Pagã os Deuses viviam mais na Terra do que no Céu: — e era fácil de noite, nas vielas escuras de Atenas, esbarrar num Deus, de cujo corpo ressaltava, com o choque, um fulgor sublime entre um perfume. Para se conversar pessoalmente com Apolo bastava alugar uma mula por um dracma e trotar para Delfos. Vénus era certa em todo o vale onde mais densamente florisse o tomilho, nua e séria, farejando os pastores formosos. Em qualquer mata propícia à lebre se encontrava Diana com o seu arco de ouro... O Cristianismo, esse, arremessou os Santos tutelares para alturas abstractas — e aqui deixou, sobre este grão de terra, o Homem abandonado, sem

696-697: dos Pecadores e dos Santos,] dos pecadores e dos santos, [1970]

699: do Mundo,] do mundo, [1970]

699-700: a Matéria,] a matéria, [1970]

703: de Santos] de santos [1970]

705: o Almanaque] o almanaque [1970]

709: um Pecador] um pecador [1970]

709: a um Santo...] a um santo... [1970]

710: na antiguidade Pagã os Deuses] na antiguidade pagã os deuses [1970]

712: num Deus,] num deus, [1970]

719: os Santos] os santos [1970]

719: alturas abstractas —] alturas abstractas, — [1909]

720: o Homem] o homem [1970]

ter, para se alçar ao Céu onde habitam os seus Padroeiros, outra escada além do Pensamento, e sempre portanto no inextricável embaraço de atingir o que é Infinito por meio do que é Finito. Mas o *Almanaque* chega, corrige o Concílio de Trento, e sem alarde, muito comezinhamente, mistura a Terra e o Céu.

E não só na nossa vida religiosa o Almanaque nos guia, mas também na nossa vida civil, com o desejo carinhoso de que, além de bons católicos, sejamos bons cidadãos. Quanto devemos ao Almanaque! Não será por culpa dele que descuraremos os nossos deveres cívicos — pois que incansavelmente ele se debruça sobre o nosso ombro, lembrando o acto que nos cumpre executar para bem do Estado, e que nós, ávidos de Individualismo, cada vez mais desapegados do Estado, já contaminados de Anarquia, nunca cumpriríamos se não fossem as súplicas do Almanaque, paternais e graves. A Sociedade tem nele um poderoso promotor da Ordem. Sem ele, sobretudo nestas terras distraídas e irreverentes da vinha e da oliveira, só haveria indisciplina e todos os despeitos que ela gera. E não há outro livro que preste tal serviço público. O Código, impassível, imóvel no alto do seu Sinai, define os Direitos, regra os Deveres, abstractamente, com os olhos mergulhados nos Princípios, sem mesmo entrever os homens. O Almanaque, esse, corre atarefadamente pela casa dos cidadãos, cada manhã, a gritar: — «Acorda, hoje é o dia do recenseamento dos jurados!

721: seus Padroeiros,] seus padroeiros, [1970]

722: além do Pensamento,] além do pensamento, [1909; 1970]

723: o que é Infinito] o que é infinito [1970]

723-724: do que é Finito.] do que é finito [1970]

724: o *Almanaque*] o «almanaque» [1970]

726: o Almanaque] o almanaque [1970]

729: ao Almanaque!] ao almanaque! [1970]

734: de Anarquia,] de anarquia, [1970]

735: do Almanaque,] do almanaque, [1970]

735: A Sociedade] A sociedade [1970]

739: O Código,] O código, [1970]

740-741: os Direitos, regra os Deveres,] os direitos, regra os deveres, [1970]

741-742: nos Princípios,] nos princípios, [1970]

742: O Almanaque,] O almanaque, [1970]

745 Deixa o passeio, vai à Recebedoria, declara o teu prédio que é
a formação da matriz! Já namoraste bastante, trata de pagar a
contribuição!» — Quanta solicitude! Quanto amor do nosso
bem, através do bem da Nação! Assim duplamente o Almanaque
750 nos leva, com irresistível insinuância, a dar a Deus o que
é de Deus e a César o que é de César. E esta, segundo o ensino
dum Mestre sublime, é a suprema lei do Bem-viver.

E não só nos habilita a que vivamos bem, na larga vida
social e espiritual, mas a que vivamos bem, com doces facilidades,
755 na vida pequenina e caseira. — Vede simplesmente a abundância,
a diversidade, a magnífica utilidade das Receitas que ele
nos ensina, em cada página generosa. É talvez por esta Ciência
que eu o louvo com redobrado enternecimento. Quanto mais
vantajosa e necessária, na sua humildade, ela se torna ao homem,
760 através da sua carreira terrestre, do que a ativa Ciência
das Escolas! Consideremos que todo o homem pode percorrer
uma farta, saudável, próspera, venerada existência, até à velhice,
sem nunca, num só dia, ter necessitado conhecer o sistema
Filosófico de Descartes ou a História dos Deuses Fenícios; mas
765 que nunca houve um homem que, numa longa vida, não precisasse,
durante um momento e urgentemente, saber como se tira uma
nódoa de azeite numa fazenda de lã ou como se desenferruja
uma chave velha... E como esta Ciência de Almanaque excede
no engenho a Ciência das Escolas! Uma noção só vale pela
quantidade de certeza que encerra; só por essa

745: à Recebedoria,] à recebedoria, [1970]

748-749: o Almanaque] o almanaque [1970]

751: dum Mestre] de um mestre [1970]

751: lei do Bem-viver.] lei do bem viver. [1970]

755: das Receitas] das receitas [1970]

756: por esta Ciência] por esta ciência [1970]

759-760: ativa Ciência das Escolas!] ativa ciência das escolas! [1970]

762-763: o sistema Filosófico] o sistema filosófico [1970]

763: a História dos Deuses Fenícios;] a história dos deuses fenícios; [1970]

764: mas que nunca houve um homem] mas que nunca um homem [1900]

767-768: esta Ciência de Almanaque] esta ciência de almanaque [1970]

768: a Ciência das Escolas!] a ciência das escolas! [1970]

770 certeza se mantém e dura; e a prova do gênio daquele que a
 formulou está unicamente nessa duração. Ora sistemas de Filo-
 sofia, teorias do Universo, concepções da Sociologia, sínteses
 da História, duram geralmente cinquenta anos: uma geração as
 ergue, outra geração as derruba. Mas a receita de matar mos-
 775 cas, por meio da cássia, é eterna: e enquanto houver cássia e
 houver moscas, ambas, uma matando, as outras morrendo,
 provarão triunfalmente a genialidade da invenção. Ciência cer-
 ta, Ciência útil, que outra se lhe compara?

E sobretudo ciência adoravelmente prestável e serviçal!
 780 A soberba Ciência das Escolas transpõe a minha morada, nal-
 gum grave e gordo tomo, sobe à estante como a um sólio, e ali
 espera, em majestosa inércia, que eu lhe entreabra reverente-
 mente as folhas para lhe admirar a profundidade e o rigor.
 A boa Ciência de Almanaque, essa, rompe pela minha casa,
 785 arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os
 tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, rever-
 dece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola
 o verniz que lascou... Se eu, vermelho, ofegante, curvado so-
 bre um velho pergaminho, me esforço por limpar a nódoa de
 790 gordura que o maculou e o avilta, bem pode jazer ao lado,
 sobre a mesa, um ponderoso volume de Química, da melhor
 Ciência de Tyndall ou de Berthelot, que se não moverá, não
 emergirá da sua mudez soberana para me aconselhar, salvar o
 meu pobre pergaminho engordurado, gozando mesmo, malig-
 795 namente, no seu orgulho doutoral, a miséria do meu engenho!

772: da Sociologia,] da sociologia, [1970]

773-774: uma geração as ergue, outra geração as derruba.] uma geração as derruba.
 [1900]

775: por meio da cássia,] por meio de quássia, [1970]

775: é eterna:] é eterna; [1900]

775: houver cássia] houver quássia [1970]

778: Ciência útil,] ciência útil, [1970]

779: E sobretudo] [1900 não abre parágrafo.]

780: Ciência das Escolas] ciência das escolas [1970]

784: Ciência de Almanaque,] ciência de Almanaque, [1970]

791: de Química,] de química, [1970]

792: Ciência de Tyndall] ciência de Tyndall [1970]

Mas a amorável Ciência de Almanaque correrá logo, com as saias a bater alegremente as portas, gritando: — «Mistura pedrada-
 -ume queimada e flor de enxofre em pó! Molha o teu pergaminho! Esfrega com o dedo, de leve!» Oh! A boa dona, respandecente de sapiência e bondade! E todavia esta Ciência de
 800 Almanaque, tão dada e fraternal, de grossos braços úteis, que me lustra os tachos e me cola os vernizes, é de uma nobreza bem mais alta, oh, quanto mais alta, que a empertigada Ciência das Escolas. Porque essa é a vaga filha bastarda de uns
 805 Alquimistas e Astrólogos, que se entregaram a práticas tenebrosas nos começos rasteiros do século xv, e acabaram na fogueira ou na forca. E a outra, a franca, sadia, caseira e natural Ciência de Almanaque, descende, numa linha muito pura, daquele muito grande senhor que se chamou Aristóteles!

810 Mas basta... Já este bom *Almanaque Enciclopédico* se prepara a partir, lançando sobre a lombada a sua vistosa capa, onde refulge um grande Sol. Com boa razão tomou ele este emblema, um Sol de ouro sobre um céu de azul — pois que, fixando as datas e espalhando as noções, verdadeiramente regula e alumia... Em boa aurora te ergue pois, bom Almanaque, e
 815 rebrilha com modéstia, que és ainda um Sol muito cheio de manchas. Vai porém sinceramente, como és, porque já nos homens, já nos livros, a sinceridade resulta em força. E por votos de boa jornada, como te reclamas do Sol, retomarei para
 820 ti as invocações que há pouco, no velho Egipto de Ramsés,

796: Ciência de Almanaque] ciência de almanaque [1970]

800-801: Ciência de Almanaque,] ciência de almanaque [1970]

803: oh, quanto mais alta,] oh quanto mais alta, [1896;1900] oh quanto mais alta! [1909]

803-804: Ciência das Escolas.] ciência das escolas. [1970]

805: Alquimistas e Astrólogos,] alquimistas e astrólogos, [1970]

808: Ciência de Almanaque,] ciência do almanaque [1970]

809: grande senhor] grande-senhor [1896; 1909] grão-senhor [1970]

810: *Almanaque Enciclopédico*] «Almanaque Enciclopédico» [1970]

815: bom Almanaque,] bom almanaque, [1970]

816-817: cheio de manchas.] cheio de manchas! [1909]

820: Egipto de Ramsés,] Egipto de Ramezes, [1896;1900; 1909]

825 indiscretamente ouvimos ao grande Pontífice de Amon, no seu templo de Tebas, imóvel e com as mãos espalmadas para o divino Astro que subia — «Sê verídico! Sê benéfico! Sê bem desejado dos homens! E indo de entre nós, que vemos a Estrela Polar, para aqueles outros irmãos nossos que vêem o Cruzeiro do Sul, domina radiantemente nos dois horizontes!...»

EÇA DE QUEIRÓS

821: Pontífice de Amon,] Pontífice de Amnon, [1896; 1900] Pontífice de Ammon, [1909] pontífice de Ámon, [1970]

823: que subia —] que subia. — [1909] que subia: — [1970]

826: horizontes!...»] [1909 e 1970 acrescentam no final do texto a data 1896.]

22. (1896) — Um Génio que era um Santo

Anthero de Quental — In Memoriam, Porto, Mathieu Lugan, Editor, 1896.
pp. [481]-522.

Notas Contemporâneas, Porto, Lello & Irmão, 1909, pp. [349]-404.

Notas Contemporâneas, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1970], pp. 251-288.

Um Génio que era um Santo

I

5 Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas *Sebentas* na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava.

10 A sua face, a grenha densa e loira com lampejos fulvos, a barba dum ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente, negra nas lajes brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

15 Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiqüíssimo

1: Santo] [1909 atribui novo título: Antero de Quental.]

4: as minhas *Sebentas*] as minhas *sebentas* [1909] as minhas *sebentas* [1971]

7: um homem, de pé,] um homem de pé, [1901]

8: e loira] e loura [1909; 1970]

9: dum ruivo] de um ruivo [1970]

13: da Igreja,] da igreja, [1970]

século XVIII — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos,
 despertando almas, anunciando verdades. O homem com efei-
 20 to cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados
 de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura, e

... os transcendentais recantos
 Aonde o bom Deus se mete,
 Sem fazer caso dos Santos,
 25 A conversar com Garrett!

Deslumbrado, toquei o cotovelo dum camarada, que mur-
 murou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo:

— É o Antero!...

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem me lem-
 30 bro, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o céu
 era uma radiante Academia. Os Santos mais ilustres, os Agos-
 tinhos, os Ambrósios, os Jerónimos, permaneciam fora, pelos
 pátios divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe
 imprópria a penetrar no concílio dos Filósofos e dos Poetas.
 35 Mas o escravo Epicteto aparecia, ainda coberto das cicatrizes
 do látigo e dos ferros — e Deus estendia ao escravo Epicteto a
 sua vasta mão direita, donde se esfarelava o barro com que ele
 fabrica os astros...

Epicteto, meu amigo,
 40 Quero ouvir o teu ditame
 E aconselhar-me contigo...

Então, perante este céu onde os escravos eram mais glo-
 riosamente acolhidos que os doutores, destracéi a capa, tam-

18: mas um Bardo, um Bardo] mas um bardo, um bardo [1970]

24: dos Santos,] dos Santos [1970]

26: dum camarada,] de um camarada, [1901; 1970]

30: o céu] o Céu [1970]

31: Academia. Os Santos] academia. Os santos [1970]

34: dos Filósofos e dos Poetas.] dos filósofos e dos poetas. [1970]

42: este céu] este Céu [1970]

45 bém me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que im-
provisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para
sempre assim me conservei na vida.

Intimidade, porém, com aquele que eu depois chamava
«Santo Antero» só verdadeiramente começou na manhã em que
o visitei, com muita curiosidade e muita timidez, na sua casa
50 do Largo de S. João. Era o hereditário quarto da velha Coimbra,
com as portas rudemente besuntadas de azul, o tecto alto de
madeira fusca, e a cal das paredes riscada por todas as cabeças
de lumes-prontos que em cinquenta anos ali se tinham raspa-
do, com preguiça, para acender a torcida de azeite, à hora tris-
55 te em que toca a «cabra». A um canto um leito de ferro, num
alinho rígido. Diante da janela a banca de Coimbra dos meus
tempos, tábua de pinho sobre quatro pés toscos, onde uma
Bíblia, um Virgílio, o caderno de papel, o maço de cigarros,
poisavam numa ordem curta e árida. E no meio desta quietação
60 das coisas, e de todo o azul e todo o oiro da manhã de Maio
que entravam pelas janelas, Antero, batendo com grossos sapa-
tos o soalho mal aplainado, parecia um leão, cheio de desor-
dem interior e de sanha. O «olá!» que me atirou foi perfeita-
mente rugido. Que dor ou que afronta lhe eriçavam assim a
65 juba loira? Abrira um gavetão, e tirava de dentro cartas, pa-
péis, ferozmente, como se arrancasse entranhas. Num arremes-
so empurrou para a mesa uma pobre cadeira caduca onde se
abateu com amargura — e começou então a destruir as cartas e
os papéis dum modo estranho, que me maravilhou. Dobrava
70 cada folha ao meio, esmeradamente: depois, violento e certei-
ro, ainda a dobrava em *quarto*; depois, com uma atenção som-
bria, ainda a dobrava em *oitavo*. Sob a unha raivosa achatava
as dobras: — e, empunhando uma faca como um ferro de vin-

48: Antero»] Antero», [1909; 1970]

60: das coisas,] das cousas, [1909]

60: e de todo o azul e todo o oiro] e de todo o azul e todo o ouro [1909; 1970]

64-65: a juba loira?] a juba loura? [1970]

69: dum modo] de um modo [1970]

gança e morte, cortava os papéis finamente, fazendo com dois
 75 golpes pequenos maços bem esquadrados, que ia amontoando
 numa resma nítida e fofa. E todo este lento, paciente trabalho
 de precisão e simetria, o continuava com um modo revoltado e
 trágico. Fascinado, surdi do vão da janela onde me refugiara, e
 parando à borda da mesa:

80 — Oh Antero, quanta ordem você tem na destruição!

Ele dardejou sobre mim dois olhares devoradores. Depois
 considerou, ainda enrugado, a pilha acertada dos papéis corta-
 dos, e um sorriso, aquele sorriso de Antero que era como um
 sol nascente, iluminou, fez toda clara e rósea a sua boa face
 85 onde havia um não sei quê de filósofo de Alexandria e de pi-
 loto do Báltico:

— O ritmo, murmurou, é necessário mesmo no delírio.

E com efeito, naquela alma estética, sempre as angústias
 mais desordenadas se moldaram em formas perfeitas.

90

II

Foi isto, creio eu, em 1862 ou 1863. Antero já publicara
 a «Beatrice», talvez mesmo o «Fiat Lux»; — e todos conheciam,
 ainda manuscritas, as *Odes Modernas*. Nesse tempo ele era em
 Coimbra, e nos domínios da inteligência, o Príncipe da Moci-
 95 dade. E com razão — porque ninguém resumia com mais bri-
 lho os defeitos e as qualidades daquela geração, rebelde a todo
 o ensino tradicional, e que penetrava no mundo do Pensamen-
 to com audácia, inventividade, fumegante imaginação, amoro-
 sa fé, impaciência de todo o método, e uma energia arquejante
 100 que a cada encruzilhada cansava.

75: bem esquadrados,] bem enquadrados, [1970]

87: — O ritmo, murmurou,] — O ritmo — murmurou — [1970]

92: a «Beatrice»,] a *Beatrice*, [1896; 1909]

92: o «Fiat Lux»;] o *Fiat Lux* [1896; 1909]

93: as *Odes Modernas*.] as «Odes Modernas». [1970]

97-98: do Pensamento] do pensamento [1970]

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos Caminhos de Ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe vasto como o Universo; e Pöe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e *pálida* como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis), todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça! E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirinéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adoptávamos como nossos e próprios, o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a esmeralda céltica, mãe dos Santos e dos Bardos, pisada pelo Saxónio!...

Nesse mundo novo que o Norte nos arremessava aos pacotes fazíamos por vezes achados bem singulares: — e ainda recordo o meu deslumbramento quando descobri esta imensa novidade, a BÍBLIA! Mas a nossa descoberta suprema foi a da Humanidade. Coimbra de repente teve a visão e a consciênci

102: Caminhos de Ferro,] caminhos de ferro, [1970]

104: da França)] da França), [1909]

104: coisas novas] cousas novas [1909]

106: um sol] um Sol [1970]

108: e Hugo] e Hugo, [1909]

108: dos Reis;] dos reis; [1970]

108-109: e Balzac] e Balzac, [1909; 1970]

109: e Goethe] e Goethe, [1909; 1970]

110: creio que já Darwin,] creio já que Darwin, [1970]

117: e próprios,] e próprios: [1909]

120: dos Santos e dos Bardos,] dos santos e dos bardos, [1970]

121-122: aos pacotes] aos pacotes, [1970]

124: novidade,] novidade — [1909; 1970]

124: a BÍBLIA!] a Bíblia! [1970]

adorável da Humanidade. Que encanto e que orgulho! Começamos logo a amar a Humanidade, como há pouco, no ultraromantismo, se amara Elvira, vestida de cassa branca ao luar. Por todos os botequins de Coimbra não se celebrou mais senão essa rainha de força e graça, a Humanidade. E como num meridional de vinte anos, lírico de raiz, todo o amor se exala em canto — não houve moço que não planeasse um grande poema Cíclico para imortalizar a Humanidade. O do meu vizinho era a «Lira» — uma desmedida lira de oiro enchendo os espaços, e cada corda encarnando uma Idade Humana, onde os imensos dedos de Deus, alternadamente, deferiam sons de glória e sons de martírio. Do meu poema não recordo nem o tema nem o título, e apenas que deveria abrir por uma tremenda invocação à Índia, aos Árias, à sua marcha sublime desde Gau até Septa-Sindhú!... Não éramos todavia inteiramente desregrados e vãos — porque se o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade, já é um louvável começo discorrer sobre ela em poemas mesmo pueris. E outro bom sinal do despertar do espírito filosófico era a nossa preocupação ansiosa das Origens. Conhecer os princípios das civilizações primitivas constituía então, em Coimbra, um distintivo de superioridade e elegância intelectual. Os Vedás, o Mahabarata, o Zend-Avesta, os Eddas, os Nibelungen, eram os livros sobre que nos precipitávamos com a gula tumultuosa da mocidade que devora, aqui, além, um trecho mais vistoso, sem ter a paciência de se nutrir com método. Formoso tempo, todavia, esse, em que eu, ignorante, mas amando religiosamente a Ciência dos outros, perguntava a um camarada, com os olhos esbugalhados de respeito e santa inveja: — «Ó menino, já conheces bem a Caldeia?»

133: poema Cíclico] poema cíclico [1970]

134: a «Lira»] a *Lira* [1896]

134: lira de oiro] lira de ouro [1970]

135: uma Idade Humana,] uma idade humana, [1970]

145: das Origens.] das origens. [1970]

153: a Ciência] a ciência [1970]

154: «Ó menino,] «Oh menino, [1896; 1909]

E nem por isso éramos menos alegres e fantasistas. O nosso mote, como a nossa Vida, todo se encerrava naqueles dois belos versos:

160 A galope, a galope, ó Fantasia,
 Plantemos uma tenda em cada estrela!

E em cada estrela plantávamos uma tenda, onde dormíamos e sonhávamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrela, porque éramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do Ideal. Mas o Ideal nunca o dispensávamos, e nem as sardinhas assadas das tias Camelas nos saberiam bem se não lhes juntássemos, como um sal divino, migalhas de Metafísica e de Estética. A pândega mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decilitro de carrascão rompiam os versos. O ar de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos, mal se via com a névoa das nossas quimeras... Outra das ocupações espirituais a que nos entregávamos, era interpelar Deus. Não o deixávamos sossegar no seu adormecido infinito. Às horas mais inconvenientes, às três, quatro da madrugada, sobre a Ponte Velha, no Penedo da Saudade, berrávamos por Ele, só pelo prazer transcendente de atirar um pouco do nosso ser para as alturas, quando não fosse senão em berros. Com um intenso poder de idealização revestíamos todos os entes, os mais triviais, de beleza ou de grandeza, de poesia ou de terror, no desejo inconsciente de que a Realidade correspondesse ao nosso Sonho. Inventávamos Génios — de quantas tricanas fizemos Ofélias! Antero, ainda nos últimos

157: nossa Vida,] nossa vida, [1970]

159: ó Fantasia,] oh Fantasia, [1896; 1909]

161: E em] [1970 abre parágrafo]

164: ciganos do Ideal.] ciganos do ideal. [1970]

164: Mas o Ideal] Mas o ideal [1970]

166-167: de Metafísica e de Estética.] de metafísica e de estética. [1970]

178: os entes os,] os entes so [1896; trata-se de um erro tipográfico.]

179: a Realidade] a realidade [1970]

180: nosso Sonho.] nosso sonho. [1970]

180: Génios —] Génios. [1909] génios — [1970]

anos, se lamentava por ter conservado este vício imaginativo de criar fantasmas. Todos nos movíamos com efeito entre fantasmas, por nós gerados para gastar sobre eles a abundância do
 185 nosso entusiasmo, ou sobre eles cevar santas indignações. O pobre Napoleão III foi para essa nossa Coimbra um Nero, um Anticristo: tal Escolasta, destro em argumentar, tomava logo as proporções augustas de um S. Tomás de Aquino, que nos
 190 deslumbrava: o bom Castilho passou por um opressor das inteligências, de cujas mãos caía a treva sobre o mundo, e que estorvava o caminhar dos tempos! Mas nada pinta melhor este engano de espírito do que a admiração, o espanto, inspirados por certo lente de Teologia, ainda moço, de face chupada e amarela, a quem nós atribuíamos uma patética revolta contra
 195 os dogmas, não sei que sublimidade herética, e estranhas práticas de misticismo sensual. Era um teólogo de costumes quietos, que lia Balmes e sofria do fígado. Pois corria pelos cenáculos que este padre sombrio, todas as noites, colocava uma Bíblia aberta *sobre os seios nus da sua amante*, e à luz duma tocha se
 200 repastava das amarguras do Eclesiastes! E todos nós acreditávamos com inveja nesta Bíblia, nestes seios, nesta tocha... Assim era essa geração.

Em torno dela, negra e dura como uma muralha, pesando, dando sobre as almas, estava a Universidade. Por toda essa
 205 Coimbra, de tão lavados e doces ares, do Salgueiral até Chelas, se erguia ela, com as suas formas diferentes de comprimir, escurecer as almas: — o seu autoritarismo, anulando toda a liberdade e resistência moral; o seu favoritismo, deprimindo, acostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha; o seu literatismo, representado na horrenda sebenta, na
 210

183-184: de criar fantasmas. Todos nos movíamos com efeito entre fantasmas, por nós gerados] de criar fantasmas, por nós gerados [1970]

187: tal Escolasta,] tal escolasta, [1970]

199: duma tocha] de uma tocha [1970]

200: do Eclesiastes!] do «Eclesiastes»! [1970]

207: seu autoritarismo,] seu autoritarismo [1970]

208: moral;] moral: [1909]

209-210: a espinha;] a espinha: [1909]

exigência do *ipsis verbis*, para quem toda a criação intelectual é daninha; o seu foro, tão anacrónico como as velhas alabardas dos verdeais que o mantinham; a sua negra torre, donde partiam, ressuscitando o *precepto* da Roma jesuítica do século XVIII, as badaladas da «cabra» por entre o voo dos morcegos; a sua «chamada», espalhando nos espíritos o terror disciplinar de quartel; os seus lentes crassos e crúzios, os seus Britos e os seus Neivas, o praxismo poeirento dos seus Pais Novos, e a rija penedia dos seus Penedos! A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *Alma Mater*, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o espírito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à «sebenta», esse *grau* que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras. Verdadeira *chave dos campos*, no dizer francês, abrindo para a independência, para a vida e para a beleza das coisas naturais. No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude — a de permanente rebelião. Com efeito, em quatro anos, fizemos, se bem me recordo, três revoluções, com todos os seus lances clássicos, Manifestos ao País, pedradas e vozearias, uma pistola ferugenta debaixo de cada capa, e as imagens dos Reitores queimadas entre danças selváticas. A Universidade era com efeito uma grande escola de revolução: — e pela experiência da sua tirania aprendíamos a detestar todos os tiranos, a irmanar com todos os escravos. O nosso entusiasmo pela Polónia nascia de nos sentirmos oprimidos como ela por um Czar de borla e capelo, que se chamava Basílio. Aqueles de nós que hoje leiam

211-212: é daninha;] é daninha: [1909]

213: o mantinham;] o mantinham: [1909]

227: para a vida] para a vida, [1909]

232: Manifestos ao País,] manifestos ao País, [1970]

233: dos Reitores] dos reitores [1970]

234: era com efeito] era, com efeito, [1970]

236: aprendíamos a detestar] aprenderíamos a detestar [1970]

238: um Czar] um czar [1970]

240 uma História da Vida e da Sociedade em Roma, nos fins do
 século XVIII, quando toda a cultura livre era vedada, e a bana-
 lidade tinha a estima do governo por ser uma condição da
 docilidade, e os melhores bens se obtinham pela intriga e o
 favoritismo, e se educava o homem para a baixeza, e a inde-
 245 pendência se arrancava como erva venenosa, e a polícia inter-
 vinha até na maneira de atar a gravata, e não se permitia aos
 cidadãos andar fora de casa depois das *Ave-marias*, — julga ver
 a escura imagem da vida universitária há trinta anos, quando
 se impunha ao estudante, com a batina de padre, a regra canó-
 250 nica do *Gesú*. E era por nos sentirmos envolvidos numa opres-
 são teocrática, que, além de pendermos para o Jacobinismo,
 tendíamos, por puro acinte de rebeldia, para o Ateísmo. De
 sorte que a Universidade, ultraconservadora e ultracatólica, era
 não só uma escola de revolução política, mas uma escola de
 255 impiedade moral.

Antero resumiu, com desusado brilho, o tipo do académico
 revolucionário e racionalista: e daí começou a sua popularida-
 de — e a sua lenda. Não recordo, nem sei se é histórica, essa
 temerária noite, em que ele, durante uma trovoadas, e de reló-
 260 gio na mão, intimou Deus a que o partisse com um raio, den-
 tro de sete minutos, *no caso de existir*. Desconfio do altivo
 episódio. Antero não tinha relógio; a sua exegese era já muito
 fina para assim confundir as maneiras de Jeová com as de Jú-
 piter: — e, se lançou o desafio satânico, foi rindo alegremente
 265 do excesso da sua fantasia. Mas é certo que ele se afirmou sem-
 pre como o Grão-Capitão das nossas revoltas, desde aquela que
 derrubou o bom tirano Basílio, até a que nos levou para o
 Porto, uma noite, entre archotes, ganindo a Marselhesa. Todos
 os «Manifestos ao País», que a tradição nos impunha no come-
 270 ço destas sedições, saíam da pena de Antero: — porque já ele

242: do governo] do Governo [1970]

247: das *Ave-marias*, —] das Ave-Marias — [1970]

251: o Jacobinismo,] o jacobinismo, [1970]

252: o Ateísmo.] o ateísmo. [1970]

266: o Grão-Capitão] o grão-capitão [1970]

267: até a que nos levou] até que nos levou [1896; *aceita-se a lição da tradição*.]

era, além da melhor ideia da Academia, o seu melhor verbo. E enfim foi ele ainda que se rebelou contra outro e bem estranho despotismo, o da Literatura Oficial, na tão famosa e tão verbosa Questão Coimbrã. Já não é fácil, depois de tantos séculos, lembrar os motivos dogmáticos por que se esganharam as duas Literaturas rivais, de Coimbra e de Lisboa... O velho Castilho, contra quem se ergueram então tantas lanças e tantos folhetos, não se petrificara realmente numa forma literária que pusesse estorvo à delgada corrente do espírito novo. Fora, é verdade, Trovador e Bardo; mas renovara o naturalismo clássico com as suas traduções de Virgílio; e passara para a nossa língua Molière, um dos mais nobres avós da família psicológica. Todas estas almas diversas (é certo) as moldava dentro duma vernaculidade arcádica que as deformava: mas a sua arte de escrever era polida, e houve dignidade e beleza no seu prolongado amor das Letras e das Humanidades. (Seriam hoje úteis, entre nós, um ou dois Castilhos). Em todo o caso, relativamente a Antero de Quental e a Teófilo Braga, o vetusto Árcade mostrou intolerância e malignidade, deprimindo e escarnecendo dois escritores moços, portadores duma ideia e duma expressão próprias, só porque eles se produziam sem primeiramente, de cabeça curva, terem pedido o selo e o visto para os seus livros à Mesa Censória, instalada sob a seca olaia do seco cantor da «Primavera».

O protesto de Antero foi portanto moral, não literário. A sua faiscante carta *Bom-Senso e Bom-Gosto* continuava, nos domínios do pensamento, a guerra por ele encetada contra todos

274: Questão Coimbrã.] questão Coimbrã. [1896; *aceita-se a lição da tradição*.]

280: Trovador e Bardo;] trovador e bardo; [1970]

283: (é certo)] (é certo), [1909]

283-284: dentro duma] dentro de uma [1970]

288: vetusto Árcade] vetusto árcade [1970]

290-291: duma ideia e duma expressão] de uma ideia e de uma expressão [1970]

291: eles se produziam] eles as produziam [1970]

294: da «Primavera».] da *Primavera*. [1909]

296: *Bom Senso e Bom Gosto*] *Bom senso e bom Gosto* [1896] «Bom Senso e Bom Gosto» [1970]

os tiranetes, e pedagogos, e reitores obsoletos, e *gendarmes*
 espirituais, com quem topava ao penetrar, homem livre, no
 300 mundo que queria livre. Para Teófilo Braga, essa luta Coimbrã
 foi essencialmente uma reivindicação do Espírito Crítico; para
 os outros panfletários, todos literatos ou aliteratados, uma afir-
 mação de Retórica; — para Antero, de todo alheio ao litera-
 tismo, um desforço da Consciência e da Liberdade. Por isso o
 305 seu ataque sobretudo nos impressionou, não só pelo brilho
 superior da sua ironia, mas pela sua tendência moral, e pela
 quantidade de revolução que continha aquela ativa troça ao
 déspota do purismo e do *lexicon*. Castilho, armado da sua férula,
 e tendo a pretensão de dar com ela palmatoadas nas almas,
 310 aparecia aos nossos olhos, criadores de Fantasmas, como um
 verdadeiro monstro: Antero, crivando de setas de oiro os flancos
 vernáculos do monstro, foi para nós como um Sagitário Liber-
 tador. Eu digo «nós», uso este plural de casta nobre, unicamen-
 te porque *nos simul in Garlandia fuimos*, nos mesmos bancos
 315 nos sentámos, sob o mesmo luar devaneámos. De resto, eu era
 meramente um actor do Teatro Académico (*pai nobre*), e ron-
 dava em torno destas revoluções, destas campanhas, destas Fi-
 losofias, destas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aque-
 le lendário moço de confeitiro que assistiu à tomada da
 320 Bastilha, com o seu cesto de pastéis enfiado no braço, e quan-
 do a derradeira porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha Fran-
 ça findou, deu um jeito ao cesto leve, e seguiu, assobiando a
Royale, a distribuir os seus pastéis.

298: e *gendarmes*] e gendarmes [1909]

299: com quem topava] com que topava [1970]

299-300: no mundo que queria livre] no mundo que queria ser livre [1970]

300: luta Coimbrã] luta coimbrã [1970]

301: Espírito Crítico;] espírito crítico; [1970]

303: de Retórica;] de retórica; [1970]

304: um desforço da Consciência e da Liberdade.] um esforço da consciência e da
 liberdade. [1970]

308: e do *lexicon*.] e do léxico. [1970]

310: de Fantasmas,] de fantasmas, [1970]

311: de oiro] de ouro [1909; 1970]

312-313: Sagitário Libertador.] sagitário libertador. [1970]

318: destas Filosofias,] destas filosofias, [1970]

325 Mas era um devoto (o termo não é excessivo), do poeta
das *Odes Modernas*. Todos, desde então, esperávamos dele a
renovação dum mundo, do nosso pequeno mundo, para nós
imenso — e imenso na verdade, porque uma simples alma é
um vasto mundo, e a sua renovação, no sentido da justiça ou
da bondade, uma vasta obra. Antero era não só um Chefe —
330 mas um Messias. Tudo nele o marcava para essa missão, com
um relevo cativante: até a bondade iniciadora do seu sorriso,
até aquela grenha cor de oiro fulvo, que flamejava por cima
das multidões. E havia já com efeito hábitos messiânicos nesse
bando de discípulos que o acompanhavam através de Coimbra,
335 de capa solta, enlevados na sua palavra. Essa luminosa palavra
de Antero era uma das suas magníficas forças de atracção. Nin-
guém jamais possuiu um Verbo de tanta solidez, harmonia,
finura e brilho. Todo o século XVIII considerou como um dos
maiores regalos da inteligência o ouvir Diderot conversando.
340 Foi um dos encantos do nosso tempo ouvir conversar Antero.
Em Coimbra a sua veia vibrava em pleno esplendor. Era uma
Lira, a Lira divina de Sete Cordas, em que não interessava e
deslumbrava menos que as outras a corda de bronze do sarcas-
mo. Sarcasmo que nada encerrava de triste ou amargo como o
345 de um Quevedo. Antero, mesmo troçando e amaldiçoando,
era um ateniense: e à sua ironia convinha, mais que à de ne-
nhum outro ironista, o nobre epíteto homérico de *alada*. Os
seus ditos abriam, através da sua geração, grandes sulcos lumi-
nosos — e puros.

325: das *Odes Modernas*.] das «*Odes Modernas*». [1970]

325: esperávamos dele] esperámos dele [1909; 1970]

326: dum mundo,] de um mundo, [1970]

329: um Chefe] um chefe [1970]

332: de oiro fulvo,] de ouro fulvo, [1909; 1970]

339: da inteligência] da inteligência, [1970]

341-342: uma Lira, a Lira divina de Sete Cordas,] uma lira, a lira divina de sete cordas, [1970]

344: ou amargo] ou amargo, [1909] ou de amargo, [1970]

346-347: à de nenhum] a de nenhum [1970]

348-349: luminosos — e puros.] luminosos e puros. [1909]

350 Mas sobretudo se impunha pela sua autoridade moral. Antero era então, como sempre foi, um refulgente espelho de sinceridade e rectidão. De nascença a sua alma viera toda limpa e branca, e quando Deus a recebeu, encontrou-a decerto tão limpa e branca como lha entregara. Nunca, através da vida,

355 tomou um caminho escuro ou oblíquo: com a face levantada, como um sol, rompia a passos direitos e sonoros: — e, se topava com um desses muros que constantemente se erguem nas estradas humanas, ou o demolia ou retrocedia, mas nunca condescendeu em o ladear com astúcia, mesmo quando para além

360 reluzisse o tesouro que a sua ideia ou o seu sentimento apeteciam. Antero foi um carácter heroicamente íntegro. E não se necessitava, para lho reconhecer, uma longa e penetrante intimidade: — a sua lealdade magnífica resplandecia toda nos seus olhos claros como uma luz santa às portas dum sacrário.

365 O granito, o cristal, tudo o que é límpido, tudo o que é sólido, eram menos límpidos e sólidos que a sua amizade. Apesar de algum cepticismo e muita ironia, tropeçou simplesmente em grossos enganos, porque o seu espírito translúcido não previa, nunca se lembrava, do dolo e da falsidade. Naquele erudito

370 pessimista houve sempre um inocente. A justiça era nele ingénita. Assim era a verdade.

Que dizer da sua bondade? Por um constante aperfeiçoamento, ela chegou, nos últimos tempos, a ser perfeita. Mas já na idade ligeira e romanesca de Coimbra era imensa — e se

375 manifestava por uma alegria magnânima. O «claro riso dos heróis», que Michelet raramente encontrou na História e que o arrebatava, foi o riso de Antero. Riso generoso do ser que ama todos os seres, e que, pelo menos dentro desse amor, acha que o mundo é óptimo, e se sente soberbamente optimista e doce. Ele teve a caridade nos anos em que, por se não conhecerem ainda as misérias do coração e do mundo, nunca se é

380

364: dum sacrário.] de um sacrário. [1970]

367: tropeçou simplesmente] tropeçou simplesmente [1970]

368: porque o seu espírito] porque o espírito [1909; 1970]

369: nunca se lembrava,] nunca se lembrava [1909; 1970]

caridoso: — e nele foi natural e simples, não como a da mocidade neo-evangélica (que agora, por Paris e Londres, languidamente ensina o Bem), sugada, ou antes decorada, na Vida de S. Francisco de Assis. Nessas mesmas pugnas, nessas derrocações de Bastilhas em que parecia feroz, a sua bondade andava toda inquieta enquanto a sua cólera trabalhava. Como o Sagitário antigo, apenas despedia do grande arco a grande frecha, atirava largamente um passo para diante — mas era já com o desejo de ir curar a ferida que o seu dardo rasgara. Quando, depois do encerramento tão bruto das Conferências do Casino, ele esmagou o considerável Marquês de Ávila sob aquela *Carta* de tão alegre, picante e patricio desdém, soube, por um amigo, que o pobre Marquês se magoara até se lhe humedecerem os olhos, com uma acerada alusão à origem do seu nome de *Ávila*. Antero angustiado, com os olhos também húmidos, correu à *Revolução de Setembro* a gritar «erreil erreil!», e a imprimir uma retractação apiedada que consolasse o velho...

Toda esta alma de Santo morava, para tornar o homem mais estranhamente cativante, num corpo de Alcides. Antero foi, na sua mocidade, um magnífico varão. Airoso e leve, marchava léguas, em rijas caminhadas que se alongavam até à mata do Buçaco: com a mão seca e fina, de velha raça, levantava pesos que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na façanha: jogando o sabre para se adestrar, tinha ímpetos de Roldão, os amigos rolavam pelas escadas, ante o seu imenso sabre de pau, como mouros desbaratados: — e em brigas que fossem justas o seu murro era triunfal. Conservou mesmo até à idade filosófica este murro fácil: e ainda recordo

383: (que agora,] (que, agora, [1970]

384-385: Vida de S. Francisco de Assis.] «Vida de S. Francisco de Assis». [1970]

387: o Sagitário] o sagitário [1970]

392: Marquês de Ávila] marquês de Ávila [1970]

392: aquela *Carta*] aquela «Carta» [1970]

394: pobre Marquês] pobre marquês [1970]

395: de *Ávila*.] de Ávila. [1970]

396-397: à *Revolução de Setembro*] à «Revolução de Setembro» [1970]

399: alma de Santo] alma de santo [1970]

410 uma noite na rua do Oiro, em que um homem carrancudo,
 barbudo, alto e rústico como um campanário, o pisou, brutal-
 mente, e passou, em brutal silêncio... O murro de Antero foi
 tão vivo e certo, que teve de apanhar o imenso homem do
 415 lajedo em que rolara, de lhe limpar a lama da rabona, e de o
 amparar até uma botica, onde lhe comprou arnica, o consolou,
 citando Golias e outros gigantes vencidos. No Garrano, nas
 Camelas, um prato com três dúzias de sardinhas e uma canada
 do «tinto» não o assustavam, nem lhe pesavam. Pelo contrário!
 Depois, em face da lua, na Ponte ou pelo Choupal, as suas
 420 cabriolas pelos céus da Metafísica eram mais fulgentes e destras.

III

Já porém, no meio destas qualidades esplêndidas que lhe
 garantiam uma vida forte, e superiormente feliz, existia um
 fermento de dor. Bem se descobre ele nalguns dos Sonetos desses
 425 anos, que são (como todos os seus Sonetos) sublimes notas
 postas à margem duma alma que se interroga. Já então o dito-
 so Antero, tão prodigamente dotado por Deus, se considera
 um filho abandonado de Deus: já o mundo lhe parece perder
 a cor, e ele próprio a perder também, devendo para sempre
 430 ficar pálido e triste: e a beleza que então lhe aparece não a
 goza plenamente, porque ela lhe lembra outra, transcendente e
 de mais puros gozos. O seu Presente é uma atormentada aspi-
 ração ao Futuro — mas o que é o Futuro, senão sombra move-

410: na rua do Oiro,] na Rua do Ouro, [1970]

420: da Metafísica] da metafísica [1970]

424: nalguns dos Sonetos] em alguns dos sonetos [1970]

425: os seus Sonetos)] os seus sonetos) [1970]

426: duma alma,] de uma alma, [1970]

427: se considera] se considerava [1970]

429: e ele próprio a perder] e ele próprio a perde [1909; 1970]

430: ficar pálido e triste:] ficar *pálido e triste*: [1909; 1970]

432: O seu Presente] O seu presente [1970]

433: ao Futuro —] ao Futuro: [1909] ao futuro — [1970]

433: o Futuro,] o futuro, [1970]

435 diça e mentirosa? Ele, tão seguido, tão amado, erguido como chefe por uma mocidade feita à sua imagem, já se sente solitário entre turbas vãs: e os braços, que a sorte lhe deu tão fortes e movidos por uma alma tão alta, já se prepara para os cruzar com melancolia.

440 Todavia, em volta dele, esse era o tempo dum optimismo universal. Nas duas grandes nações pensantes que o inspiravam triunfava o optimismo — lírico em França, filosófico na Alemanha, mas em ambas rosado e risonho. Todos os Hegelianistas prussianos eram, creio eu, optimistas: — e Pelletan, para cá do Reno, convidava o homem, tornado omnisciente e onnipotente pelo Progresso, a afirmar soberbamente, e cantando, a sua realza sobre os Céus. Decerto já existiam desiludidos: mas era
445 ainda o antigo desiludido do século XVIII, o *Candide*, depois de reconhecer que no mundo a melhor ocupação, a única que não resulta em logro, consiste em plantar quietas saladas num murado e frondoso quintal. Ainda então não saíra da sua hospedaria de Francoforte o bom Schopenhauer, bem penteado, de calças cor de flor de alecrim, para tirar das mãos de Candide a enxada e o regador, e lhe provar que a sabedoria realmente
450 consiste em entrar num convento de Trapistas, ou, como um *yoghi* hindu, em jazer rigidamente sob a mangueira de Lovelane, meditando a inanidade e o mal das coisas. Ninguém então, do Reno para cá, lera ainda Schopenhauer. E um no seu quarto de Francoforte, metodicamente, tomando o seu chocolate, outro em Coimbra, atormentadamente, porque é poeta e meridional, chegando ao mesmo resumo, num raciocinado, no
460 outro soluçado:

Que sempre o mal pior é ter nascido!

439: dum optimismo] de um optimismo [1970]

440-441: pensantes que o inspiravam] pensantes, que o inspiravam, [1909; 1970]

442: os Hegelianistas] os hegelianistas [1970]

445: pelo Progresso,] pelo progresso, [1970]

451: de Francoforte] de Francfort [1896; 1909] de Frankfurt [1970]

452: de *Candide*] de *Candide* [1909; 1970]

458: de Francoforte,] de Francfort [1896; 1909] de Frankfurt [1970]

460: chegando ao mesmo resumo,] chegam ao mesmo resumo [1909]

Daqui provinham certos modos de Antero ainda então inexplicáveis — dias de tristeza e esparsa cólera, um querer e
 465 não querer entrechocados, entusiasmos que logo escarnecia, bocados de vida que deixava sumir em fumo, e esses apetites de solidão, esses períodos de Trapismo artificial em que desaparecia, se embrenhava sozinho pelas espessuras do Buçaco. O espírito de sociabilidade, é certo, sempre nele triunfava; e também
 470 essa alegria, de raízes vivazes, subsistente sob as névoas do mais denso desalento, e que mesmo depois, nos piores dias, reaparecia — apenas ele se encontrasse entre camaradas de espírito congénere, e crepitasse o lume das controvérsias. Mas, já nesse tempo de Coimbra, Antero, por momentos, ante a face
 475 mais florida de mocidade e saúde, pensava na caveira.

Pessimismo, sobretudo nos seus começos, não vai sem inacção; — e a inacção é verdadeiramente a sua primeira e ligeira forma. Se tudo no mundo conduz a desilusão e poeira — como se podem considerar, sem riso e compaixão, esses rijos
 480 esforços que cuidam revolver mundos, quando estão meramente remexendo fumo? Daí essas indiferenças, desprendimentos, bruscas desistências da energia, que, da parte de Antero, surpreendiam e contristavam os seus amigos. Durante a grande
 485 Questão Coimbrã, quando mais ressoante rolava a briga contra a Tróia literária de Castilho, ele, o nosso invencível Aquiles — um dia desaparece... Era um abandono, pactuara o herói secretamente com Príamo? Assim o pensaram os Acaios fanáticos. Não! Abalara para a Figueira, com saudades da solidão e do mar. Que importância podia ter essa rixa de literaturas e
 490 vaidades para quem, desde os dezoito anos e dos primeiros versos, viera sempre desdenhando alegremente a superstição da glória e das letras? De resto todo o esforço em Antero era acompanhado pelo sentimento secreto e divertido da sua ina-

467: de Trapismo] de trapismo [1970]

479: sem riso e compaixão,] sem riso e sem compaixão, [1970]

481: Daí] Daí, [1909; 1970]

484: Questão Coimbrã,] questão Coimbrã, [1896; *aceita-se a lição da tradição.*]

486: Era um abandono,] Era um abandono? [1909]

495 nidade; — e a ironia nele andava sempre ao lado da acção, sol-
 tando o seu assobio malicioso. Para quê, meus amigos? Tudo
 é fumo e em fumo se espalha!... Esta universal desilusão, este
 escuro e mudo Nada para onde correm, como para um mar,
 todos os desejos humanos, não era todavia afirmado por Antero
 com amargura — antes com uma resignação risonha. «O Amor
 500 e o Bem (ensina ele então, ou parece ensinar) não se realizam
 nesta Vida contingente e escrava, e só na outra, na Absoluta,
 quando o Espírito atinja perfeição e liberdade... No entanto,
 amigos, vamos aceitando as aparências imperfeitas deste mun-
 do onde há bosques, roseiras, Artes delicadas, e as mulheres
 505 entreabrem amorosamente a sua porta, e um curto heroísmo
 por vezes enobrece as cidades, e até se pode colher um fugitivo
 gozo com um cesto de laranjas e uma guitarra, de tarde, num
 barco, por este Mondego acima...» Assim este homem, em cuja
 alma iam enegrecendo as nuvens dum a áspera tormenta inte-
 510 lectual, era ainda para todos, nesses tempos de Coimbra, «da
 encantada e fantástica Coimbra de então», um viçoso camara-
 da, cheio de exuberância e fantasia, apaixonado e luminoso,
 nobre amigo dos homens, embebendo os olhos francos na beleza
 das coisas, e tumultuosamente esperando que da Revolução e
 da Filosofia altos bens viessem à terra. Do negro fermento de
 515 desilusão e dor que ele trazia já dentro da alma só conheciam
 alguns amigos, a quem ele lia os seus sonetos confessionais, e
 que ficavam espantados escutando a confissão, e contemplando
 o homem que a confessava. Desse poeta de face ardente e veia

498: era todavia afirmado] era todavia afirmada [1970]

501: nesta Vida] nesta vida [1970]

501: na Absoluta,] na absoluta, [1970]

502: o Espírito] o espírito [1970]

504: Artes delicadas,] artes delicadas, [1970]

509: dum a áspera] de uma áspera [1970]

511: fantástica Coimbra de então»,] fantástica Coimbra» de então, [1909; 1970]

513: nobre amigo] nobre e amigo [1970]

514-515: da Revolução e da Filosofia] da revolução e da filosofia [1970]

515: à terra.] à Terra. [1970]

516: e dor] e dor, [1909; 1970]

516: da alma] da alma, [1909; 1970]

520 rutilante, todo idealização, todo paixão, metafísico e batalhador,
bem se podia esperar uma epopeia, o apostolado duma reli-
gião, longas aventuras sonoras, — nunca a passiva dor dum
budista aspirando palidamente ao Não-Ser.

E a sua vida, com efeito, desde que saiu dessa «encantada
525 e quase fantástica Coimbra», foi toda de movimento e de for-
ça. Antero anda então ansiosamente procurando um emprego
para a sua grande alma. Viaja pela Europa Ocidental, ou antes
passeia através dela os seus sonhos de liberdade e de justiça,
para encontrar algures um mundo que lhes seja congénere e
530 onde os possa plantar e cultivar com magnificência. Atravessa
o Atlântico, por puro desejo de espaço e liberdade, num pe-
queno iate; e durante semanas de tormenta trabalha descalço
na manobra, ou, metido no seu beliche, que as ondas alagam,
embrulhado num oleado, relê o *D. Quixote*, com um interesse
535 e uma paixão renovadas, talvez por sentir que nessa grande
história da Ilusão está lendo a sua história. Percorre a costa da
América, até à Nova Escócia; e aí, um domingo, tem uma visão
que nunca esquece, a de uma cidade puritana (Halifax ou
Lunenburg), silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de
540 tijolo cor-de-rosa sob um céu cor de pérola, com fundas aveni-
das mais pensativas que as dos Elísios onde os namorados pas-
seiam, numa mudez de sombras, de dedos enlaçados, de pálpe-
bras baixas, respirando sem outro desejo a flor da sua emoção.
Quantas vezes Antero me contava dessa piedosa e suave cida-
545 de, e do longo apetite que ela repentinamente lhe dera de
quietação eterna! Ao cabo dos grossos mares atlânticos Deus

520: todo idealização,] todo idealisção, [1896; *deve tratar-se de gralha tipográfica; aceita-se a lição da tradição.*]

521-522: duma religião] de uma religião [1970]

522: sonoras, —] sonoras — [1970]

522-523: dum budista] de um budista [1970]

531-532: pequeno iate;] pequeno *yatch*; [1970]

534: o *D. Quixote*,] o *D. Quixote*, [1896] o «*D. Quixote*», [1970]

537: Nova Escócia;] nova Escócia; [1896]

541: dos Elísios] dos Elísios, [1970]

546: mares atlânticos] mares atlânticos, [1909; 1970]

talvez lha mostrou como um prenúncio do seu destino; uma grande tormenta, depois um grande descanso — e um descanso a que Deus não era alheio.

550 Enfim Antero volta a Lisboa, encontra o Cenáculo. Encontra o nosso querido e absurdo Cenáculo instalado na travessa do Guarda-Mor, rente a um quarto onde habitavam dois cónegos, e sobre uma loja em que se agasalhavam, como no

555 curral de Bethlehem, uma vaca e um burrinho. Entre essas testemunhas do Evangelho e esses dignitários da Igreja, rugia e flamejava a nossa escandalosa fornalha de Revolução, de Metafísica, de Satanismo, de Anarquia, de Boémia feroz. J. Batalha Reis era o dono do aposento temeroso, e Via-Láctea, galego ilustre, o seu servo. Via-Láctea dormia pendurado, como um

560 paio, da chaminé da cozinha. As suas ocupações não consistiam em escovar ou varrer. A Via-Láctea fora confiada a missão transcendente de espreitar a passagem da Ideia ao longo do rio do Espírito, para nos avisar, e nós correremos e a prendermos na rede rutilante do Verbo. Durante dois anos, cada dia, a horas

565 de sol e a horas de treva, empurrámos nós com fragor a porta da cozinha, e berrámos em ânsia: «Via-Láctea! Via-Láctea! Viste enfim a Ideia Pura boiando na corrente Espiritual?...» E durante dois anos Via-Láctea, de dentro da chaminé ou de sobre a tampa dum caixote, imutavelmente rosou com uma dignidade triste: «*Num bi nada.*» Aí Antero apareceu numa fria

570 manhã — e foi aclamado. Naquela viela de Lisboa ressuscitou então, por um momento, a «encantada e quase fantástica

547: seu destino;] seu destino: [1909; 1970]

554: de Bethlehem,] de Belém, [1970] [*Embora a grafia Belém existisse na língua portuguesa, Eça preferiu a forma Bethlehem, que por isso se conserva.*]

556-557: de Revolução, de Metafísica, de Satanismo, de Anarquia, de Boémia feroz.] de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boémia feroz. [1970]

558: Via-Láctea,] Via Láctea, [1970]

559: Via-Láctea] Via Láctea [1970]

561: A Via-Láctea] A Via Láctea [1970]

566: «Via-Láctea! Via-Láctea!] «Via Láctea! Via Láctea! [1970]

567: corrente Espiritual?... »] corrente espiritual?... » [1970]

568: Via-Láctea,] Via Láctea, [1970]

569: dum caixote,] de um caixote, [1970]

570: «*Num bi nada.*»] *Num bi nada.* [1970]

Coimbra» de que ele sempre conservara uma saudade romântica. Antero, porém, que desembarcara em Lisboa, como um Apóstolo do Socialismo, a trazer a Palavra aos gentílicos, em breve nos converteu a uma vida mais alta e fecunda. Nós fôramos até aí no Cenáculo uns quatro ou cinco demónios cheios de incoerência e de turbulência, fazendo um tal alarido lírico-filosófico que por vezes, de noite, os dois cónegos estremunhados rompiam a berrar, o burro por baixo zurrava desoladamente, e no céu, sobre os telhados fronteiros, a Lua parava, enfiada. Mas toda a nossa alma se ia nesse alarido, e o vento vão da Boémia a levava, para onde leva as almas descuidadas e as folhas de loiro secas... Sob a influência de Antero logo dois de nós, que andávamos a compor uma *Opera-buffa*, contendo um novo sistema do Universo, abandonámos essa obra de escandaloso delírio — e começámos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. Via-Láctea começou a varrer. E do Cenáculo, donde, antes da vinda de Antero (que foi como a vinda do Rei Artur à confusa terra de Gales), nada poderia ter nascido além de chalaça, versos satânicos, noitadas curtidas a vinho de Torres, e farrapos de Filosofia fácil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferências do Casino, aurora dum mundo novo que depois, ó dor, creio que envelheceu e apodreceu...

De resto o Cenáculo estava nas vésperas de se dispersar — porque a cada um de nós, bruscamente (nessa mesma esquina

574: Antero, porém,] Anthero porem [1896; aceita-se a pontuação de 1909]

575: Apóstolo do Socialismo,] apóstolo do socialismo, [1970]

575: a Palavra] a palavra [1970]

577: cinco demónios] cinco demónios, [1909; 1970]

583: da Boémia] da boémia [1970]

584: de loiro] de louro [1970]

585: *Opera-buffa*,] ópera bufa, [1970]

588: da *Justiça e a Revolução na Igreja*,] da «Justiça e a Revolução na Igreja», [1970]

590: Via-Láctea] Via Láctea [1970]

591: do Rei Artur] do rei Artur [1970]

594: Filosofia fácil,] filosofia fácil [1970]

595: dum mundo] de um mundo [1970]

595: ó dor,] oh dor! [1909]

600 da travessa do Guarda-Mor) aparecera a Vida, enrugada, de dedo
ameaçador a avisar que ela não é Musa ou Ninfa que se trate
com ligeireza, indiferença, e cantando. Assim aquele Cavaleiro
que uma noite em Paris, no Pont-Neuf, surgiu ante o senhor
D. Gil, do solar de Vouzela, lhe deteve os passos que corriam
605 ao Pecado e lhe gritou brandindo a lança: — «Homem, para
trás, para o Senhor!» Nós vimos a lança; e saudosamente entre
nós murmurámos: — «Irmãos, não mais cavalgadas sobre o
dorso macio da Quimera, é tempo de irmos a concursos...»

Fomos a concursos. Antero, esse, encontrara Oliveira Mar-
tins que era um pensador, e José Fontana que era um agitador;
610 e ardentemente penetrara no Movimento Socialista, então ini-
ciado em Lisboa com os fervores e os segredos poéticos duma
religião. Simultaneamente propagava a União Ibérica, fundava
Sociedades Operárias, instalava a Associação Internacional, lan-
çava panfletos, conspirava, apostolava... Era, como ele dizia,
615 «um pequeno Lassalle». E como Lassalle, já invadido por um
vago mal-estar, no meio da popularidade que o começava a
cercar — e a sufocar.

Eu não fui testemunha dessa sua vida militante. Por meu
turno partira, a percorrer os mundos deste mundo, dos velhís-
620 simos aos novíssimos, da magoada Jerusalém à estridente Chi-
cago. Longe, porém, soube que Antero se afastara inesperada-
mente da actividade revolucionária. Porquê? Abalara ele, como
durante as grossas guerras coimbrãs, para a Figueira, com sau-
dades dos areais e do mar? Não — harmonizara simplesmente

599: da travessa] da Travessa [1970]

600: Musa ou Ninfa] musa ou ninfa [1970]

601: aquele Cavaleiro] aquele cavaleiro [1970]

602: no Pont-Neuf,] no *Pont-Neuf*, [1909]

604: ao Pecado] ao pecado [1970]

607: da Quimera,] da quimera, [1970]

608-609: Oliveira Martins] Oliveira Martins, [1909; 1970]

609: José Fontana] José Fontana, [1909; 1970]

611-612: duma religião.] de uma religião. [1970]

612: a União Ibérica,] a União-Ibérica, [1896] a união ibérica, [1970]

613: Sociedades Operárias,] sociedades operárias, [1970]

615: E como Lassalle,] E, como Lassalle, [1909; 1970]

624: Não —] Não: — [1909]

625 a sua conduta e a sua natureza. O elemento natural do espírito
de Antero era a abstracção filosófica, e só dentro dela respira-
va e vivia plenamente. Além disso, descendente duma muito
velha família, já ilustre na Corte de D. Afonso V, ele nunca se
desembaraçara de certas hereditariedades de raça e de casta, e
630 conservava, sob a sua vasta humanidade, um não sei quê de
antiquado e de estreitamente fidalgo. Enfim era um superfino
artista... Como direi? O artista, o fidalgo, o filósofo que em
Antero coexistiam não se entenderam bem com a plebe operá-
ria. Sempre sincero, lavou as suas mãos, e proclamou que só os
635 Proletários eram competentes para exprimir o pensamento e
reivindicar o direito dos Proletários. E amando ainda os ho-
mens, mas desistindo de os conduzir a Canaã, subiu com pas-
sos desafogados para a sua alta torre bem-amada, a torre da
Metafísica.

640 Quando, volvidos dois ou três anos, regressei a Lisboa,
encontrei o meu amigo estirado numa cama, no quarto mais
remoto duma casa remota, quase numa trapeira, para que não
lhe chegassem os ruídos da cidade, morbidamente intoleráveis
à sua supersensibilidade nervosa. Ali, em solidão e imobilida-
645 de, Antero estava travando com o seu pensamento uma luta,
de que os Sonetos, de 1874 a 1880, são a notação magnífica e
dolorosa. E o seu pensamento em breve o arrastara a um pes-
simismo negro, repassado de desespero. A certeza de morrer
levara Antero a indagar mais fundamente a razão de viver: —
650 e, por mais que aprofundasse a Existência, ela só lhe aparecia
como uma tortura gratuita, confusa, inútil. Pedia ele então à
Inteligência a explicação da Existência. E a sua inteligência,

627-628: duma muito velha] de uma muito velha [1970]

628: na Corte] na corte [1970]

631: Enfim] Enfim, [1909; 1970]

632: o filósofo] o filósofo, [1909; 1970]

633: coexistiam] coexistiam, [1909; 1970]

638-639: da Metafísica.] da metafísica. [1970]

642: duma casa] de uma casa [1970]

650: a Existência,] a existência, [1970]

651-652: à Inteligência] à inteligência [1970]

652: da Existência.] da existência. [1970]

655 como ele depois contava, toda penetrada do Naturalismo, que
era a atmosfera onde se desenvolvera, só lhe oferecia a solução
660 naturalista — só lhe podia afirmar que a Vida, na sua forma
empírica, é a luta obscura de forças obscuras. E na sua forma
filosófica e intelectual? Apenas a contemplação egoísta dessas
665 lutas instintivas. Não há pois senão vácuo, confusão, e inutili-
dade universais! É certo que uma flor misteriosa, semelhante
àquela que rompe através da neve estéril revelando as fecundi-
dades subjacentes da terra, surge por vezes do fundo da Consciência e espalha por toda ela o seu perfume tímido... Mas não
670 nos prendamos já a essa falsa esperança, porque a flor murchará, apenas entreaberta, e o seu perfume

665 no vácuo universal será disperso!

A Consciência é uma outra ilusão, uma modalidade efémera, pois que nada de Eterno se pode nela realizar. De que serve ter sido, ou procurar ser, justo e bom? Justiça e bondade findam no pó, infecundas como o pó. A vida é um desolado
670 logro. E o melhor é morrer, pois que nos liberta da miséria, da vergonha, do horror da universal Falsidade. — Tal era então o sombrio e secreto monólogo de Antero naquele leito

653: do Naturalismo,] do naturalismo, [1970]

655: a Vida,] a vida, [1970]

656: forças obscuras.] forças obscuras, [1909]

657: e intelectual?] e intelectual, [1909]

658-659: confusão, e inutilidade] confusão e inutilidade [1909; 1970]

659-660: É certo que uma flor misteriosa, semelhante àquela que rompe] É certo que rompe [1970]

660: neve estéril] neve estéril, [1909]

661-662: da Consciência] da consciência [1970]

665: no vácuo universal será disperso!] no vácuo eterno se esvairá disperso! [1909]

666: A Consciência] A consciência [1970]

667: nada de Eterno] nada de eterno [1909; 1970]

669: infecundas como o pó.] infecundos como o pó. [1896; 1909; 1970] [*Corrige-se uma vez que os substantivos justiça e bondade, qualificados pelo adjetivo transformado, são do género feminino.*]

671: universal Falsidade.] universal falsidade. [1970]

estreito, — donde ele todavia, quando os seus amigos apareciam, sorria tão alegremente e tão meigamente aos seus amigos.

675 É que o não deixara nunca o espírito consolante de sociabilidade, e esse adorável bom-humor que era nele como um sol imanente por trás de nuvens transitórias, e ainda essa polidez superior, quase transcendente, forma graciosa da caridade, que não lhe consentia alongar por sobre a alma dos outros a sombra dos fantasmas de que a sua andava povoada. Por mais descido e fundo que o seu espírito jazesse, naquele «poço húmido e morno» de que fala num dos seus Sonetos, bastava que da borda o chamasse uma voz fraternal para que o seu espírito subisse, com compostura risonha, sem vestígios da treva inferior donde emergia, penetrando logo nas alegrias e cuidados alheios, e tomando um interesse acariciador pela coisas mesmas que para ele na vida eram mais desinteressantes e vãs. Muito bem me recordo duma noite em que subi à sua alcova com um velho amigo dele e meu, Carlos Mayer. Antero lá estava, estendido no seu leito, com uma manta por cima dos pés, a face emaciada, e sobre ela espalhada aquela sombra, semelhante a um reflexo de coisas negras, que outrora deu a Dante a reputação de descer cada noite ao Inferno. Pois essa mesma face, num momento, se iluminou de afabilidade e graça fácil. Carlos Mayer andava nessa ocasião envolvido na ciência e cuidados de uma grande indústria de destilação — e a conversa rolou sobre máquinas, processos, fermentos, salários, lucros, milhões. Antero circulava ardentemente dentro daquelas questões de Química, Mecânica, Economia, como se elas constituíssem a paixão suprema dos seus dias solitários. O ar do seu quarto de metafísico ficou em breve mais cheio de cifras, de vozes técnicas, que o dum escritório da *City*. Depois, talvez porque a esse tempo eu me preocupava com a civilização chinesa, deslizámos

673: estreito, —] estreito — [1970]

682: seus Sonetos,] seus sonetos, [1970]

687: que para ele na vida] que, para ele, na vida, [1970]

688: duma noite] de uma noite [1970]

699: de Química, Mecânica, Economia,] de química, mecânica, economia, [1970]

702: o dum escritório da *City*.] o de um escritório da *City*. [1970]

705 a conversar da China. Carlos Mayer atacou rancorosamente o
Império Florido. Antero, arrojando a manta, exaltou logo o
chinês, e a sua pedagogia, e a sua agricultura, e a sua arte, e a
sua sociedade, e a solidez e pureza das suas instituições domés-
ticas — com o saber miúdo e grave dum Mandarim. E não era
710 só a erudição que surpreendia, mas o fogoso interesse, como se
o seu pensamento habitasse constantemente e só se comprazesse
entre a Grande Muralha e o mar Amarelo. E ao mesmo tempo
quanta abundância cómica, que finura e firmeza de juízos, que
dizer tão luminoso e perfeito!

Já tarde, ao alvorecer, Antero chamara o criado estremun-
715 nhado para nos acompanhar, quando um de nós lhe perguntou
por versos. Como Antero não compunha versos por uma fa-
cultade poética bem cultivada, e apenas certos estados da sua
razão e da sua sensibilidade cristalizavam naturalmente em
verso, era esta uma interrogação familiar sobre a sua saúde
720 moral. E muito facilmente, como dando uma informação ínti-
ma, Antero tirou de entre as folhas dum livro um papel, e leu
sem entono amargo ou dolorido, com a simplicidade corredia
duma nota a lápis, aquele seu poema que Oliveira Martins
depois salvou da destruição, o «Hino à Manhã», um dos mais
725 angustiosos lamentos que tem escapado a um forte e ativo
coração de homem. Assim podia aquele Antero singular, du-
rante toda uma noite, aplicar à Mecânica e à defesa histórica da
China um pensamento tão profundamente ferido, tão arque-
jante ainda das lutas tenebrosas com a Esminge.

730

IV

Passaram anos em que não vi Antero, instalado então em
Vila do Conde. Sabia que o meu amigo estava quase são, quase

705-706: o chinês,] o Chinês, [1970]

708: dum Mandarim.] de um mandarim. [1970]

721: dum livro] de um livro [1970]

723: duma nota] de uma nota [1970]

724: o «Hino à Manhã»,] o *Hymno á Manhã*, [1896; 1909]

727: à Mecânica] à mecânica [1970]

sereno. Mas foi uma preciosa surpresa, quando, ao fim dessa
 separação, chegando ao Porto e correndo com Oliveira Martins
 735 a Vila do Conde, avistei na estação um Antero gordo, róseo,
 re florido, com as lapelas do casaco de alpaca atiradas para trás
 galhardamente, e meneando na mão a grossa bengala da Índia
 que em Lisboa eu lhe dera para amparar a tristeza e a fadiga.
 Era uma regressão, quase o antigo Antero Coimbrão, mais ama-
 740 durecido, mais doce: — apenas, no lugar da fulva grenha fla-
 mante e romântica, alvejava um sereno começo de calva Socrá-
 tica. Era sobretudo uma ressurreição moral, à velha maneira
 de Lázaro, uma miraculosa saída do túmulo pessimista e das
 sombras da negação. Findara a luta implacável, o seu grande
 745 coração enfim descansava em paz!

Como chegara Antero a esse repouso apetecido? Escutan-
 do, com uma atenção mais grave, mais crente, aquela Voz da
 Consciência, que tanto tempo desconhecera, e que apesar de
 todos os desenganos e sempre

750 em segredo protesta e afirma o Bem.

Fora atendendo reverentemente a essa doce voz; e conse-
 guindo, por um desesperado esforço do pensamento, penetrar
 a sua significação; e refazendo, guiado por ela, a sua educação
 filosófica; e procurando depois a sua confirmação na História,
 755 nas doutrinas dos Moralistas, nas confissões dos Místicos, que
 ele chegara a descobrir, a compreender bem o fim último e
 verdadeiro de Tudo, não só do homem moral, mas de toda a
 Natureza, mesmo na sua modalidade física. E essa descoberta é

739: Antero Coimbrão,] Antero coimbrão, [1970]

741-742: calva Socrática.] calva socrática. [1970]

744-745: grande coração enfim descansava] grande coração, enfim, descansava [1909;
 1970]

746-747: Escutando,] Escutando

747-748: Voz da Consciência,] voz da Consciência, [1909; 1970]

754: na História,] na história, [1970]

755: dos Moralistas,] dos moralistas, [1970]

755: dos Místicos,] dos místicos, [1970]

757: de Tudo,] de tudo [1970]

760 de infável beleza e contentamento — pois que o fim de tudo
 é o Bem! O Universo tem por fim supremo o Bem — o Bem
 é o momento final augusto de toda a evolução do Universo.

Possuía pois Antero enfim a «sua Filosofia», essa Filosofia
 que ele tantos anos perseguira como Deusa esquiva entre selvas
 765 duvidosas, e que fora sempre para os seus amigos, alternada-
 mente, motivo de esperança, de desconfiança, de entusiasmo e
 de sarcasmo... Mas agora Antero alcançara a Deusa esquiva.
 E a Lei Moral dessa Filosofia (de que ele deu na *Revista de*
Portugal um esboço eloquente e poético) consistia em renun-
 770 ciar a tudo quanto limita e escraviza o Espírito — egoísmo,
 paixões, vaidades, ambições, contingências, materialidades do
 mundo, — e em procurar a união do Espírito, assim libertado
 e limpo de todo o pesado lodo terreno, com o seu tipo de
 perfeição que usualmente se chama «Deus». Essa união, em que
 775 a vontade limitada se dissolve na vontade absoluta, será tanto
 mais eficaz quanto mais completa for a renuncia a tudo o que
 é egoísta, particular, individual. E só pela união com o Ser-Per-
 feito, de que essa renúncia é instrumento e condição, se realiza
 o Bem, o Bem supremo, fim verdadeiro de toda a Vida, fim
 divino a que tende o Universo. Em resumo, a lei moral do ho-
 780 mem é o constante aperfeiçoamento e a progressiva Santidade.

De toda a Filosofia de Antero (que sou bem incompetente
 para interpretar) só quero reter esta linha ética, porque ela o

760: o Bem —] o Bem: [1909]

761: momento final augusto] momento final e augusto [1909; 1970]

762: Antero enfim] Antero, enfim, [1909; 1970]

762: a «sua Filosofia», essa Filosofia] a «sua filosofia», essa filosofia [1970]

763: Deusa esquiva] deusa esquiva [1970]

766: a Deusa esquiva] a deusa esquiva [1970]

767: E a Lei Moral dessa Filosofia] E a lei moral dessa filosofia [1970]

767-768: na *Revista de Portugal*] na «Revista de Portugal» [1970]

769: o Espírito —] o espírito — [1970]

771: do Espírito,] do espírito — [1970]

776-777: Ser-Perfeito,] Ser perfeito, [1970]

778: a Vida,] a vida, [1970]

780: progressiva Santidade.] progressiva santidade. [1970]

781: a Filosofia] a filosofia [1970]

explica nesses anos de paz e de admirável doçura. A vida de Antero em Vila do Conde, era então verdadeiramente edificante — e constituía, sem doutrina, um forte ensino moral. O velho Santo Antão no monte Colzin não vivia um viver mais puro, mais entregue ao ideal, à perfeição, à «Vida Eterna», do que Antero naquela casa de Vila do Conde, simplificada até ao cenobitismo, e onde por único adorno, além de livros numa estante de pinho, havia flores das sebes em púcaros de barro. Era aquele o retiro muito nu e muito limpo (porque Antero tinha o asseio e a ordem rígida de uma freira velha) de quem alegremente se despojou de tudo quanto embaraça, atravanca a vida de cada dia, para encetar a alta conquista da liberdade moral. Com ele viviam as duas meninas que adoptara, «as suas pequenas» que então ensinava e educava, e que, pelos cuidados da Paternidade, o prendiam ainda ocasionalmente à Sociedade. Fora desses cuidados ele só se ocupava com o aperfeiçoamento da sua alma, ou, como diria um católico, com a sua «salvação». Não salvação individual e egoísta, como a dos Santos — mas salvação de todos, salvação para todos, penetração lenta no Bem próprio para dele fazer um instrumento do Bem universal. Leituras intermináveis e longamente pensadas; solilóquios constantes dum espírito que constantemente se confessa para constantemente se corrigir; intensas meditações em que a sua vida se confundia na vida do Ser, num desejo permanente de sentir na sua consciência de homem latejar a consciência do Universo — eis o abstracto emprego dos seus nobres dias. Outro não era o dos Solitários, nos desertos do Alto Egipto, tentando a suprema fusão com Deus. Como regressos ao mundo, donde por virtude e mesmo por gosto se não sequestrara, tinha as suas visitas ao Porto, a Oliveira Martins. Era o que ele chamava as grandes «dissipações».

784: em Vila do Conde,] em Vila do Conde [1970]

787-788: à «Vida Eterna»,] à Vida Eterna, [1970]

796: suas pequenas»] suas pequenas», [1909; 1970]

797: da Paternidade,] da paternidade, [1970]

798: à Sociedade.] à sociedade. [1970*i*]

800-801: a dos Santos —] a dos santos — [1970]

804: dum espírito] d'um espírito, [1909] de um espírito, [1970]

815 Oliveira Martins vivia então na sua linda e recolhida casa das Águas-Férreas. Se já houve em Portugal um delicado e grave retiro de estudo e de trabalho, sereno, hospitaleiro, superiormente polido e culto, forte em afeições, fecundo em obras, belo pela consciência e pela ciência, e como espiritualizado pelas correntes de pensamento que nele tão livremente circulavam,

820 foi esse da saudosa casa das Águas-Férreas — enquanto não veio bater à porta a Política, disfarçada, trazendo sobre a face torpe a máscara nobre do Civismo. A biblioteca ficava em baixo, abrigada no silêncio propício de velas desertas: aí viveu Oliveira Martins os seus dias mais doces, e escreveu os seus livros

825 mais fortes, numa regra e concentração de Beneditino, cortadas às vezes por tumultuosas inspirações de artista, como quando ao reviver a *História da República Romana*, durante quarenta horas, sem descanso, sustentado a café, ele foi empurrando com pena magnífica, através das ruas de Roma, da porta Carmental ao Capitólio, o triunfo de Paulo Emílio. Antero encontrava aí alguns dos seus companheiros de Coimbra, mais amadurecidos, disciplinados pelo trabalho, cada um ancorado na sua pequena Ítaca, mas conservando todos o gosto das viagens incertas pelos mares da Fantasia. A «encantada e fantástica Coimbra» de outros tempos ressurgia, com mais ordem

835 intelectual, um saber mais positivo, e uma outra consciência da vida e da sua seriedade. E, como em Coimbra, Antero era ainda a curiosidade e o encanto daquelas tertúlias, misturadas de alto critério e de belo riso, onde por vezes toda uma Metafísica, em

840 plena expansão, tropeçava e desabava sobre a ponta aguda dum *calembourg*. O seguro renovo de saúde depois das desesperanças da doença, sobretudo a paz filosófica, tinham robustecido a alegria nata de Antero — e dado à sua natureza, até aí alternadamente meiga e violenta, uma serenidade igual e contem-

815: Águas-Férreas.] Águas Férreas. [1970]

820: Águas-Férreas —] Águas Férreas — [1970]

825: de Beneditino,] de beneditino, [1970]

827: a *História da República Romana*,] a «História da República Romana», [1970]

839: uma Metafísica,] uma metafísica, [1970]

840-841: dum *calembourg*.] de um *calembourg*. [1970]

841: de saúde] de saúde, [1970]

845 plativa como a luz dum belo dia de Outono. Aquelas indigna-
 ções de insurrecto, em que outrora constantemente o lançavam
 os seus instintos de superior justiça e certos laivos persistentes
 de Radicalismo, eram agora raríssimas nele: e as misérias ou
 vergonhas da Política (que em casa de Oliveira Martins, já
 850 director da *Província*, repercutiam com particular intensidade)
 só causavam a Antero uma compaixão tranquila. Ele, de resto,
 ainda acreditava então que misérias e erros provinham do ví-
 cio ou da incompetência da pequena Casta Política que, atra-
 vés de Lisboa, domina a Nação, — e que, no fundo do povo,
 855 existia, latente mas intacta, uma grande energia viva, capaz de
 reconstituir, sob a direcção da Virtude e da Capacidade, a or-
 dem na Sociedade portuguesa. Mas desse movimento reconsti-
 tuidor (para que entrevia já os chefes predestinados) Antero só
 queria ser a testemunha consolada, quando muito o filósofo
 860 tutelar. O seu espírito só se interessava pela essência pura das
 ideias; — e creio que dos seus tempos de propagandista lhe fi-
 cara uma pudica repugnância pelo manejo directo dos homens
 e dos factos. E todavia ninguém como ele possuía o dom melhor
 para arrastar homens através de desertos — a força e graça de
 865 sedução. Antero nascera pastor — mas um pastor que, infeliz-
 mente, não tolerava a grosseria e a materialidade do rebanho.

O seu cuidado, nesse ano formoso em que tanto vivemos
 nas Águas-Férreas, era construir definitivamente a «sua Filoso-
 fia», que não queria desenrolar num Tratado, mas (como ele

845: dum belo dia] de um belo dia [1970]

847: superior justiça] superior justiça, [1970]

848: de Radicalismo,] de radicalismo, [1970]

848: eram agora raríssimas] eram agora raríssimos [1970]

850: da *Província*,] d'«A Província», [1970]

853: Casta Política] casta política [1970]

854: a Nação, —] a Nação — [1970]

857: na Sociedade portuguesa.] na sociedade portuguesa. [1970]

858: predestinados)] predestinados), [1970]

864-865: e graça de sedução.] e graça da sedução. [1909; 1970]

865: nascera pastor —] nascera pastor de almas — [1909; 1970]

868: nas Águas-Férreas,] nas Águas Férreas, [1970]

868-869: a «sua Filosofia»,] a «sua filosofia», [1970]

869: num Tratado,] num tratado, [1970]

870 dizia, rindo) condensar num Catecismo, muito claro, muito
 simples, todo em aforismos, de quinze ou vinte páginas, que se
 encadernasse em marroquim, se trouxesse na algibeira como
 um Viático da Razão Pura. Rindo também, muitas vezes se
 875 lamentava de não ter três ou quatro discípulos que iniciasse no
 seu Evangelho, e que, depois de o compreenderem finamente,
 escrevessem por ele as Epístolas aos Galácios e aos Coríntios.
 Eu sempre ardentemente me ofereci para ser o seu S. Paulo,
 afrontar os gentílicos, derramar o Verbo. Mas Antero receava
 que, como artista, eu materializasse as suas ideias em imagens —
 880 imagens floridas, cinzeladas, pitorescas, e arrepiadoras portan-
 to para quem como ele abominava o Pitoresco. Creio de resto
 que Antero não sentia prazer nem utilidade em publicar o seu
 pensamento. Considerando o estado mental da sociedade por-
 tuguesa, ele reconhecia quanto a sua doutrina e as suas conclu-
 885 sões pareceriam incompreensíveis, estranhas, fantasmagóricas.
 No seu país Antero era como um exilado dum céu distante;
 era quase como um exilado no seu século. Para quê, pois,
 mergulhar na multidão, anunciar uma verdade que a todos se
 afiguraria um sonho, e um sonho nem ao menos composto
 890 com os elementos e os pedaços de realidade que entram sem-
 pre no arranjo dos sonhos? Seria o pueril labor do Profeta no
 Deserto — enquanto a caravana bebe nos costumados poços,
 retilha o costumado trilho, e avança para a costumada Meca,
 onde morre da costumada peste. Antero era desses que intelec-
 895 tualmente antedatam, e que, quando escrevem, como dizia
 Stendhal, têm de esperar oitenta anos para serem lidos — e
 contestados. Por isso preferiu permanecer calado — tendo por
 consolação entrever «o Norte para que se inclina a divina

870: num Catecismo,] num catecismo, [1970]

873: um Viático da Razão Pura.] um viático da razão pura. [1970]

875: seu Evangelho,] seu evangelho, [1970]

881: o Pitoresco.] o pitoresco. [1970]

886: No seu país] No seu país, [1909; 1970]

886: dum céu distante;] de um Céu distante; [1970]

891-892: do Profeta no Deserto —] do profeta no deserto — [1970]

898: «o Norte] «o norte [1970]

bússola do Espírito Humano». Só mais tarde, por um esforço
 900 de amizade, para favorecer a *Revista de Portugal*, e também
 para entreter a solidão espiritual em que o deixara a partida de
 Oliveira Martins, instalado em Lisboa e na Política, é que
 Antero esboçou rapidamente algumas ideias, certas tendências
 do seu espírito, que ele considerava, e com razão (o neo-idea-
 905 lismo crescente da Literatura e da Arte, nestes últimos anos, o
 prova) serem as tendências gerais do Espírito Filosófico no fim
 do século XIX.

Antero, com efeito, vivia muito solitário em Vila do Con-
 de — sem mesmo a companhia das suas «pequenas» que, agora
 910 crescidas e necessitando uma educação feminina e doméstica,
 ele colocara, depois de muito escolher, de muito cogitar, no
 convento das Doroteias. Como regressos ao mundo, «grandes
 dissipações», somente lhe restavam as visitas a Luís de Maga-
 lhães, à quinta do *Mosteiro*. Antero amava a farta lavoura, a
 915 forte vida naturalista e sã que enchiam aquela antiga vivenda
 de frades. Mas sobretudo lhe era doce, e talvez salutar, ver, em
 meio de vida tão verdadeira e livre, Luís de Magalhães, robusto,
 exuberante, patriarcal, com aquela sua clara alma onde a
 alegria repica de matinas a trindades, arando os seus campos e
 920 fazendo os seus versos, como outrora Virgílio. Estas visitas,
 depois a sua solidão, e sobretudo o motivo que a avivara, a
 definitiva entrada de Oliveira Martins na Acção, levaram An-
 tero a considerar com mais atenção, quase com paixão, a Po-
 lítica, os seus actos e os seus homens. Sempre intensamente
 925 português, nunca alheio ao que interessava a nação, era natural
 todavia que a Política se tornasse para ele uma realidade mais
 sentida, desde que um nobre amigo, um irmão, passara das
 ideias para os factos, e surgia como um Reformador, empurra-

899: do Espírito Humano».] do espírito humano». [1970]

900: a *Revista de Portugal*,] a «Revista de Portugal», [1970]

906: do Espírito Filosófico] do espírito filosófico [1970]

914: à quinta do *Mosteiro*.] à Quinta do Mosteiro. [1970]

922: na Acção,] na acção, [1970]

923-924: a Política,] a política, [1970]

926: a Política] a política [1970]

928: um Reformador,] um reformador, [1970]

do, aclamado por tantas esperanças puras e crentes. Este novo
 930 interesse de Antero não veio senão desmanchar a suave paz
 intelectual que o envolvia. Seguindo o movimento do mundo
 político com a curiosidade com que se olha para um mar onde
 o barco dum irmão anda a manobrar e a rolar — Antero foi
 recebendo repetidas impressões de tédio e de desesperança.
 935 Aquele espírito pacificado, e tão feliz quando contemplava
 metafisicamente o Universo, porque sentia o fim soberanamente
 perfeito a que ele marcha na sua evolução — perdia a paz, per-
 dia a felicidade, quando observava o pequeno Portugal, e este
 curto momento histórico em que ele se debate entre tanta
 940 baixeza e miséria moral. É certo que a sua supersensibilidade
 de artista, de metafísico e de solitário exageravam essa miséria
 e essa torpeza. E quando uma tarde, passeando por Lisboa, ele
 confessava a um amigo, com terror sincero, que em todos
 aqueles homens que se cruzavam na fria tarde de Inverno dis-
 945 tinguiam nitidamente o signo fatídico da aniquilação iminente, e
 a ferocidade mal escondida de seres esfaimados que se vão
 entredevorar — evidentemente estava sofrendo duma visão e não
 exercendo o seu destro e lúcido raciocínio. Assim S. Pacómio,
 descendo da alta Tebaida a Alexandria, soltava gritos pelas ruas,
 950 porque, sob as túnicas moles e bordadas daqueles Alexandrinos
 votados à sensualidade e à falsa dialéctica, ele via claramente o
 pé de bode que revela os demónios. Mas, de resto, a visão de
 Antero tinha um seguro núcleo de realidade. E pelo exame
 dessa realidade, a que ele desfazia não somente todos os fios
 955 visíveis mas antevia os prolongamentos ainda encobertos, viera
 a descrer de Portugal, com uma descrença que lhe era angústia.
 Angústia bem contraditória num grande intelectual, que sentia
 o mundo, através de todas as aparências perversas, marchar
 sublimemente para o Bem, supremo e consolante momento da
 960 evolução do Ser. Que pode importar uma chaga em corpo,

933: dum irmão] de um irmão [1970]

944: que se cruzavam] que se cruzavam, [1970]

944: de Inverno] de Inverno, [1970]

947: duma visão] de uma visão [1970]

que, por efeito mesmo dessa chaga e da sua decomposição, se está transformando no puro Espírito, no Anjo? Tais contradições, porém, pululam no misticismo, enchem a história dos Santos do Deserto.

965 E a angústia era tanto mais pungente quanto Antero via o seu grande amigo Oliveira Martins que se debatia, já vacilando, no meio desse mundo por ele considerado de irresgatável torpeza. Hércules partira para limpar as cavaliças de Augias: Antero animara, acompanhara Hércules até às portas da escura
970 infecção: — e agora o lodo, em vez de diminuir sob o esforço (que se julgara invencível) do filho forte de Zeus, parecia crescer, cada manhã mais espesso, para o imobilizar e sufocar. Desalento amargo para Antero — e repassado de cólera. Quando eu, justamente por esse tempo, o convidava a traçar na
975 *Revista de Portugal* um «Quadro da Sociedade Portuguesa», ele recusou asperamente, declarando que, a respeito de Portugal, só «podia rugir, vomitar amargores, e esses rugidos e amargores, sem o aliviar, magoariam e contristariam outros». Era ainda aqui o homem que, no meio da grande cólera, não esquece a
980 grande caridade.

Dentro dessa caridade estava já a semente duma nova e definitiva pacificação. Mas tinha ainda de ser fantasticamente iludido, de criar outro imenso Fantasma, para o servir com amor. É seguindo Fantasmas, através dos «palácios encantados
985 da ilusão», que afinal se vem a repousar deliciosamente na Paz do Senhor. Essa singular ilusão foi a *Liga Patriótica do Norte*. Ele próprio lhe chamava «o seu derradeiro Fantasma». Antero

962: no puro Espírito, no Anjo?] no puro espírito, no anjo? [1970]

974-975: na *Revista de Portugal*] na «Revista de Portugal» [1970]

981: : duma nova] de uma nova [1970]

983: imenso Fantasma,] imenso fantasma, [1970]

984: seguindo Fantasmas,] segundo fantasmas, [1970]

984-985: dos «palácios encantados da ilusão»,] do «palácio encantado da Ilusão», [1909; 1970]

985-986: na Paz do Senhor.] na paz do Senhor. [1970]

986: a *Liga Patriótica do Norte*.] a Liga Patriótica do Norte. [1970]

987: derradeiro Fantasma».] derradeiro fantasma». [1970]

acreditou então, e com deslumbrado ardor, em coisas inacreditáveis — na mocidade iniciadora; na contrição dos velhos partidos pecadores; na alma quinhentista de Portugal ressurgindo; no despertar dum povo, com a vontade bem consciente, e formulada em comícios, de ser novamente esforçado e grande!

Trazido por uma turba de estudantes, que a força duma lenda impelia, e que agitavam tochas e bandeiras, deixou o seu retiro de Vila do Conde. Sem ainda saber o que se pedia à sua forte autoridade moral, foi aclamado numa assembleia do Porto, onde os secos burgueses do tristonho burgo se entretoçavam o cotovelo, murmurando com desconfiança: — «Quem é ele?» Era um símbolo. Na casa em que se hospedara, tremulava sobre uma varanda o estandarte de Portugal, anunciando, à velha moda feudal, a presença do senhor da terra, defensor das gentes e dos gados. Tão simbólico era que alguns, mais exaltados, ou mais estéticos, estudavam a forma duma dalmática de doge, toda em veludo e arminhos, com que ele devia presidir às sessões da Liga!... E a Liga, que ainda mal nascera, já findava, decomposta. Tão decomposta que dentro dela não restava outro movimento senão o fervilhar dos vermes partidários, Regeneradores e Históricos. Quando se acabaram de elaborar os Estatutos, que eram o programa muito complexo da Nova Vida, a Liga já não existia, dispersa, sumida, toda fugida para os hábitos da Vida Velha. Os políticos tinham recolhido aos seus centros: — a Mocidade que fora arrancar Antero à Metafísica, regressara, cansada desse esforço, às banquetas e aos *bocks* dos cafés da Praça Nova. Na sessão em que se leram os consideráveis Estatutos só havia, na vastidão dos bancos, quinze mem-

988-989: coisas inacreditáveis —] coisas inacreditáveis: — [1909]

991: dum povo,] de um povo, [1970]

993: uma turba] uma turva [1896; *adopta-se a lição da tradição.*]

993-994: duma lenda] de uma lenda [1970]

1002: que alguns,] que alguns [1909; 1970]

1003: duma dalmática] de uma dalmática [1970]

1008-1009: os Estatutos,] os estatutos, [1970]

1012: a Mocidade] a mocidade [1970]

1012: à Metafísica,] à metafísica, [1970]

1014-1015: consideráveis Estatutos só havia,] consideráveis estatutos só havia [1970]

1020 bros que bocejavam. E numa outra final, como ventava e chovia, só apareceram dois membros da Liga, o presidente que era Antero de Quental, e o secretário que era o Conde de Resende. Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas à chave da casa para sempre inútil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabar a sua noite em Santo Ovídio.

1025 Assim se sumiu a Liga. E, desfeitas as formas revoltas desse estouvado sonho, Antero reentrou numa paz magnífica. Nunca com efeito, como nessa Primavera, quase toda passada em Santo Ovídio, o conheci tão sereno, tão estável na vida, de uma tão diligente e risonha sociabilidade, movendo o espírito dentro duma liberdade tão rica. Se algum amargor lhe ficara dessa Ilusão derradeira, a que tão candidamente se abraçara e que tão chochamente se esvaíra, decerto a sua ironia lho adoçou ou de todo lho dissipou. Foi talvez mesmo um motivo para subir de novo àquelas alturas do Pensamento, donde as coisas se avistam na sua essência e verdade intrínsecas, sem que importem os acidentes, as modalidades e as imperfeições transitórias. Ei-lo pois de novo refugiado na impassibilidade sub-
1030 jectiva, na alva torre de marfim. O seu país, é certo, apodrece... Que importa — se o universo todo, onde ele é apenas uma mancha esverdeada, se move divinamente para o Bem, para a Verdade, para a Beleza?

1040 A este equilíbrio de alma correspondia então nele uma verdadeira pacificação fisiológica. A não ser por certos cansaços, e pelo hábito de comer como os faquires da Índia uma

1017: o presidente] o presidente, [1970]

1018: o secretário] o secretário, [1970]

1018-1019: Conde de Resende.] conde de Resende. [1970]

1021: «Santo Ovídio — nome por que é geralmente conhecido o palácio e quinta dos Condes de Resende, sito no Campo de Santo Ovídio, hoje Campo da Regeneração.»] [Nota do Editor de 1896; a edição de 1909 apresenta a nota no pretérito e acrescenta: ... Regeneração, e demolido posteriormente pela abertura da rua Álvares Cabral.]

1023-1024: Nunca] Nunca, [1909]

1027: duma liberdade] de uma liberdade [1970]

1028: dessa Ilusão] dessa ilusão [1970]

1031: do Pensamento,] do pensamento, [1970]

1035: torre de marfim.] Torre de Marfim. [1909]

única vez de sol a sol, (o que à nossa voracidade godo-latina se afigura uma deficiência mórbida) Antero possuía todas as facilidades e exterioridades da saúde, começando pelas rosas desabrochadas que lhe resplandeciam em cada face. E neste sossego
 1045 de alma e de corpo, depois dos tormentos que ambos tinham atravessado, brilhava, com uma luz mais alta e mais visível, a sua excelência moral. Conviver então com Antero foi um encanto e uma educação. Não conheço virtude que ele não
 1050 exercesse: e com uma graça tão fina e fácil, que a Virtude, através dele, aparecia, não só como a suprema utilidade, mas como a suprema elegância da Vida. A alma de Antero, com efeito, foi sempre superiormente elegante.

Logo os seus modos tinham uma harmonia carinhosa,
 1055 envolvedora, que era melhor que a boa cortesia social, e que não nascia somente da raça e da cultura, mas do nobre fundo dos instintos, do seu amor e alta caridade humana. Não havia nele nenhum dogmatismo, nem orgulho de casta filosófica; e mesmo sobre doutrinas, e em coisas da sua fé, nunca usava
 1060 aquela «ponta agressiva da contradição» que todos os teólogos concordam ser a qualidade mais desagradável do Diabo. Era cheio de paciência, de atenção afável, para os seres mais fastidiosos, mais viscosos. Todas as manias e preconceitos o encontravam risonhamente misericordioso. E sem esforço, a cada
 1065 instante a sua inteligência, acostuada às alturas, descia até às familiaridades da rua, pequenitamente simples com os simples, tão fácil que uma criança podia brincar com ela, semelhante a essa Estrela da lenda que era um mundo, e que na cabana da pastorinha vinha prestar os mais humildes serviços, e ser a fagulha que acendia a lenha e a luzinha que tremejava na candeia. Por isso Antero cativava «toda a sorte e condições de
 1070 gentes várias», como diz a Bíblia. Vi lavradores, diplomatas, industriais, toureiros, meros vadios, voltarem da sua companhia gratamente encantados, e cada um louvando nele um dom diverso, qual o bom senso, qual o saber especial, qual a gentil
 1075

1068: essa Estrela] essa estrela [1970]

1070: luzinha que tremejava] luzinha que tremia [1909]

graça, qual a doçura. Tacanhos beatos, de relicário e opa, amavam aquele livre Filósofo: e mundanos, de estouvada mundanidade, viviam no entusiasmo daquele asceta. Isto provinha, menos da sua ilimitada aptidão para compreender, que da sua amorável facilidade em se interessar: — e ainda também daquela sua delicada arte, tão rara e benéfica, provando sempre nobre raça e muita humanidade, a arte de «saber escutar». E não só de escutar, mas de ajudar o pensamento dos outros a surgir dos embaraços da expressão perra, a lançar o seu pequenino brilho: — e assim muitos afirmavam que, conversando com Antero, se sentiam inesperadamente mais inventivos, mais inteligentes... A inteligência era a dele, que, como o generoso Sol, feito de oiro candente, tudo doira em redor.

Era tocante como atraía as crianças. Muitas noites em Santo Ovídio, quando junto do fogão Antero conversava, sentado no meio de um divã, na sua atitude costumada, com as pernas cruzadas, as duas mãos cruzadas sobre o joelho magro, surpreendi pequenos de seis e sete anos, que, desviando os olhos de algum livro de estampas, o contemplavam maravilhados. Ele possuía, de resto, a subtil ciência de tratar com crianças, sendo ainda ele próprio como uma criança, porque a sua alma, que tanto vivera pela cogitação, nada perdera da candidez — e era assim ao mesmo tempo muito velha e muito inocente.

O motivo desta incomparável sedução era a sua bondade, tão luminosa, tão repassada de intelectualidade. Antero nesse tempo, tornado verdadeiramente Santo Antero, irradiava bondade. Como naqueles jardins espirituais celebrados pelos Místicos, donde se varreram todas as folhas secas, donde se arrancaram todas as ervas más, muito limpos e enfeitados para receber a visita do Senhor — na alma de Antero, de que ele fora jardineiro cuidadoso, não restava erva má ou folha seca, nem egoísmo, nem soberba, nem intolerância, nem desdém, nem cólera. Só as flores do Bem (de cuja duração e perfume ele outrora

1077: livre Filósofo:] livre filósofo: [1970]

1088: de oiro] de ouro [1970]

1088: tudo doira] tudo doura [1970]

1102-1103: pelos Místicos,] pelos místicos, [1970]

1110 duvidara) floriam, e tão lindamente e frescamente que o jardineiro agora repousava, e a cada hora de sol ou de crepúsculo o Senhor podia descer e visitar o seu jardim... Quando muito, aqui, além, numa ponta de folha mais lustrosa, corria uma faísca de ironia.

1115 Mas o Sarcasmo, esse, inteiramente o abandonara, como arma de batalha que se deixa enferrujar logo que vem a bela e doce paz. Também o meu santo amigo perdera aquela exuberante veia cómica, que fazia da sua conversação como um seguido estalar de foguetes, enchendo o céu de festivo ruído, de estrelas quase verdadeiras, de sulcos cor de oiro onde se iam
1120 levados o nosso pasmo e os nossos *ahs!* deleitados. O seu conversar agora era calmo e liso, desadornado de todos os brilhos intensos, duma elegância muito leve, duma insinuância muito lúcida, sempre risonho, sempre sociável, e tão naturalmente harmonioso que formaria páginas de uma incomparável prosa,
1125 só com ser transcrito, sem necessidade de lima e arte que o apurasse. A grande obra de Antero, na verdade, foi a sua conversação. O que resta em Panfletos, Artigos, Ensaios, representa tão incompletamente o seu pleno, rico, povoado, fecundo espírito, como secas folhas de árvore entre folhas de papel
1130 representam um fundo bosque da Florida. Só os que o escutaram, na intimidade, ficaram conhecendo a prodigiosa abundância, originalidade, finura, profundidade e força do seu pensamento. A antiquada comparação do «relâmpago» alumando subitamente horizontes, campos, estradas, casais, toda uma
1135 vastidão de vida e terra que se não suspeitava sob a escuridão, descreve muito graficamente o efeito intelectual de Antero conversando. E o encanto estava em que todo este deslumbramento era produzido com muita simplicidade — quase com humildade.

1114: o Sarcasmo,] o sarcasmo, [1970]

1119: cor de oiro] cor de oiro, [1909] cor de ouro, [1970]

1122: duma elegância] de uma elegância [1970]

1122-1123: duma insinuância muito lúcida,] de uma lucidez muito insinuante, [1909; 1970]

1127: em Panfletos, Artigos, Ensaios,] em panfletos, artigos, ensaios, [1970]

1140 Tão fortes qualidades morais fundidas numa graça tão
 cativante, modos tão suaves e amoráveis servindo uma tal ener-
 gia pensante, faziam de Antero de Quental uma personalidade
 magnificamente consoladora. No meio da mediocridade espiri-
 1145 tual, e da inconsiderada rudeza dos costumes, e do materialis-
 mo argentário, os espíritos delicados encontravam na sua inti-
 midade, e mesmo na sua fugidia convivência, um repouso
 semelhante ao que o corpo cansado e pisado do calor, do pó,
 dos encontrões duma feira de gado, recebe ao penetrar na fres-
 cura e na elevação dum templo.

1150 Antero possuía uma alma, onde, na meiga e intraduzível
 expressão de França — *il faisait très-bon*. Por isso todos os in-
 telectuais, que uma vez o encontrassem, lhe conservavam para
 sempre um sentimento que era misturado de amor e não
 1155 dissemelhante da devoção. E tínhamos ainda nele um confor-
 tante orgulho, pois bem sentíamos que esse homem tão sim-
 ples, com uma má quinzena de alpaca no Verão, um *paletot*
 cor de mel no Inverno, vivendo como um pobre voluntário
 num casebre de vila pobre, sem posição nem fama, sempre
 ignorado pelo Estado, nunca invocado pelas multidões, era o
 1160 elo rijo, o mais rijo elo de fino oiro, que prendia Portugal ao
 mundo do pensamento. Ora uma nação só vive porque pen-
 sa — e pelo que pensa. *Cogitat, ergo est*. Naquele humilde, pois,
 que se comprazia entre os humildes, estava a mais larga e mais
 rica soma da verdadeira vida de Portugal.

1165 Como aquela noite de Coimbra em que o conheci, era
 também de Primavera e de luar a noite derradeira que passá-
 mos juntos em Santo Ovídio. De tarde andáramos por sob os
 nobres e seculares arvoredos da quinta. Depois ele descansou
 no meu quarto, estendido na cama, com o seu cigarro, como
 1170 nos tempos escolásticos. Pela varanda, orlada de glícínias, aber-
 ta sobre os jardins, entrava frescura, paz, o murmúrio dos

1148: duma feira] de uma feira [1970]

1149: dum templo.] de um templo. [1970]

1150: uma alma, onde,] uma alma, onde [1909; 1970]

1156: um *paletot*] um paletó [1970]

1160: fino oiro,] fino ouro, [1970]

repuxos dormentes, todo o aroma esparso das rosas de Maio. Antero amava aquela velha vivenda patricia, refugio excelente para um erudito, ou para um magoado da vida que procurasse

1175 um ermo ainda florido e onde a severidade fosse risonha. E assim viemos a conversar desta materialidade dos tempos, e estridor das cidades, e exageração da actividade cerebral, e aspereza das democracias, que começam a empurrar tantos seres sensíveis, ou mais imaginativos, para a quietação religiosa e

1180 para o Deserto moral. Antero pensava que uma forte reacção espiritualista e afectiva se seguiria à materialidade deste duro século utilitário e mercenário; — e, rindo, lembrou a sua antiga ideia, a fundação da *Ordem dos Mateiros*. Estes monges do idealismo teriam por missão o reconstituir, em toda a sua beleza e dignidade primitivas, a vida rural, a mais elevada, porque imolando toda a civilização sumptuária, e portanto todos

1185 os apetites e paixões e necessidades falsas que dela derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e através dela se prepara a atingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos *Mateiros*. Toda essa reorganização do mundo, na forma de quietos e fecundos hortos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Antero tendia para uma mistura do Platonismo e do Budismo. Eu preferia

1190 que os *Mateiros*, retomando a grande obra de cultura que fez a conversão do Cristianismo Católico em Cristianismo Histórico, a adiantassem, deslocassem o Cristianismo da região da História

1178-1179: seres sensíveis, ou mais imaginativos,] seres sensíveis ou mais imaginativos [1970]

1183: da *Ordem dos Mateiros*.] da Ordem dos Mateiros. [1970]

1183-1184: do idealismo] do Idealismo [1909]

1187: os apetites e paixões] os apetites, e paixões, [1909; 1970]

1191: dos *Mateiros*.] dos Mateiros. [1970]

1194: do Platonismo e do Budismo.] do platonismo e do budismo. [1970]

1195: os *Mateiros*,] os Mateiros, [1970]

1196-1197: do Cristianismo Católico em Cristianismo Histórico,] do cristianismo católico em cristianismo histórico, [1970]

1197: o Cristianismo] o cristianismo [1970]

1197: da História] da história [1970]

para a região da Psicologia, removessem toda a aluvião eclesiástica e teológica, e descobrissem, revelassem o ponto verdadeiramente divino — o estado da Consciência de Cristo... Tudo isto ocorria muito familiarmente, sem pompas exegéticas ou filosóficas; e terminámos mesmo por escorregar da Filosofia para a Fantasia, organizando a Ordem, os seus estatutos, a sua disciplina, o seu traje, o seu cerimonial. Toda a dificuldade foi que, para esta adorável reconstrução da terra e da humanidade, percorrendo os nossos amigos, só encontrámos três *Mateiros* sérios. E eu próprio, tão dedicado, reclamava já confortos, regalias estéticas, e uma poltrona no Deserto. Depois apareceu o Conde de Resende, que imediatamente pediu o hábito e a enxada, e ofereceu, para se erguer o primeiro mosteiro, uma das suas terras, Canelas ou Resende. A velha quinta de Resende parecia a Antero excelente, quase fatídica para uma obra de conquista espiritual — pois sob os seus históricos arvores fora educado Afonso Henriques, de entre eles saíra a velar as armas na Sé de Zamora, e, depois, cavaleiro cristão, a bater o Moiro, e a fundar o reino cristão. Aceitámos a quinta com apostólico fervor. Mas o senhor de Resende teve exigências tão epicuristas a respeito do refeitório, que Antero indignado, apesar da magnífica oferta, o expulsou logo da Ordem como tihoso, servo irremível da carne... Assim ríamos, brincando com os Problemas, entre o aroma das rosas, naquela noite de Maio.

Já tarde acompanhei Antero à casa que ele habitava na Rua de Cedofeita. Conversámos sobre os seus planos — por-

1198: da Psicologia,] da psicologia, [1970]

1200: da Consciência de Cristo...] da consciência de Cristo... [1970]

1202-1203: da Filosofia para a Fantasia,] da filosofia para a fantasia, [1970]

1206-1207: três *Mateiros*] três *Mateiros* [1970]

1209: o Conde de Resende,] o conde de Resende, [1970]

1215: Sé de Zamora,] sé de Zamora, [1896; *aceita-se a correção de 1909*]

1218-1219: Antero indignado,] Antero indignado [1970]

1220: servo irremível] servo irremediável [1970]

1221: os Problemas,] os problemas, [1970]

1221: das rosas,] das rosas [1970]

1225 que agora as suas pequenas, crescidas, iam sair das Doroteias,
e, para as instalar no mundo, devia ele repenetrar no mundo.
Pensava pois em voltar à sua ilha, a S. Miguel, como sendo um
mundo mais sereno, mais puro, mais fácil. Lisboa para Antero
era uma Ninive revolta e sórdida. Diante da sua porta aberta
1230 ainda nos retardámos em pensamentos ligeiros da vida e da
sorte. Por fim: — «Adeus, Santo Antero!» — «Velho amigo,
adeus!» Ele mergulhou lentamente na sombra do corredor...
E não o vi, nunca mais.

Foi para S. Miguel, para o seu mundo mais doce, mais
1235 fácil... Depois, uma tarde, como aquele filósofo Demónax de
quem conta Luciano, «concluindo que a vida lhe não convi-
nha, saiu dela voluntariamente, e por isso muito deixou que
pensar e murmurar aos homens de toda a Grécia». O que dele
pensam os homens da nossa Grécia não o sei — pois que de há
1240 muito, na nossa Grécia, uma apagada tristeza traz os homens
desatentos e mudos. É morta, é morta a abelha que fazia o mel
e a cera! Quem se nutre ainda do gostoso mel? Quem se alu-
mia ainda com a pura cera? Por mim penso, e com gratidão,
que, em Antero de Quental, me foi dado conhecer, neste mundo
1245 de pecado e de escuridade, alguém, filho querido de Deus, que
muito padeceu porque muito pensou, que muito amou porque
muito compreendeu, e que, simples entre os simples, pondo a
sua vasta alma em curtos versos — era um Génio e era um
Santo.

1250

EÇA DE QUEIRÓS

1225: as suas pequenas,] as «pequenas», [1909; 1970]

1225-1226: das Doroteias, e,] das Doroteias, e [1909; 1970]

1228: Lisboa para Antero] Lisboa, para Antero, [1970]

1233: E não o vi, nunca mais.] E não o vi mais, nunca mais! [1909; 1970]

1235: filósofo Demónax] filósofo Demónax, [1909; 1970]

1235-1236: de quem conta Luciano,] de quem fala Luciano, [1909]

1239: da nossa Grécia] da nossa Grécia, [1909; 1970]

1239-1240: de há muito,] de há muito [1909; 1970]

1240: na nossa Grécia,] na nossa Grécia [1970]

1244: que, em Antero] que em Antero [1909; 1970]

1249: [1970 acrescenta, duas linhas abaixo: In Memoriam 1896]

23. [1898] — [A Duse]

- A Duse* — *Número Único*, Lisboa, Typ. e Lith. da Companhia Nacional Editora, s. d. [1898], p. [5].
- Guerra da Cal, Ernesto, *Linguagem e estilo de Eça de Queirós* (tradução de Helena Cidade Moura), Lisboa, Aster, s. d. [1966], p. 346.
- Guerra da Cal, Ernesto, *Linguagem e estilo de Eça de Queirós* (versão portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal), Coimbra, Almedina, 1981, p. 371, n. 4.
- Obras de Eça de Queiroz* — *Últimas páginas dispersas*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. [1981], p. 169.

Na Arte, quando forte, fina e superior — a *Simplicidade* resulta sempre dum violento, quase doloroso esforço. Não se coordena com clara elegância uma Concepção, não se atinge a uma Expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas, tumultuárias lutas em que arquejam juntos o Espírito e a Vontade.

E assim é na Natureza...

O que ela nos oferece de mais simples, uma linha de horizonte, bem unida e lisa, esconde um revolto infinito de forças e formas. E há mundos tenebrosos na água mais límpida.

Lisboa, 23 de Abril.

EÇA DE QUEIRÓS.

- 1: Na Arte,] Na Arte — [1966; 1981] Na arte, [LB]
- 1: a *Simplicidade*] a **Simplicidade** [1966] a *simplicidade* [LB]
- 3: com clara elegância uma Concepção,] com clara elegância, [1966; 1981] com clara elegância uma concepção, [LB]
- 4: a uma Expressão] uma Expressão [1966; 1981] a uma expressão [LB]
- 5: o Espírito e a Vontade.] Espírito e Vontade. [1966; 1981] espírito e vontade. [LB]
- 6: E assim é na Natureza...] É assim na natureza... [1966; 1981, que não abrem parágrafo.]
- 7: O que ela] [1966 e 1981 não abrem parágrafo]
- 10: Lisboa, 23 de Abril.] [Omitido em 1966 e 1981] Lisboa, 23 de Abril [LB]
- 11: EÇA DE QUEIRÓS.] [Omitido em 1966, 1981 e LB]

24. (s. d.) — Factos, ideias, impressões, anedotas —
[A vida Inglesa]

Factos, ideias, impressões, anedotas

O país — Paisagem
Clima
Cidades

5 A raça — Força física
Higiene, exercício, asseio
Beleza das mulheres
O aristocrata
O *Rough*
10 Os escoceses
Os irlandeses
Ingleses e irlandeses, sua incompatibilidade

Factos, ideias, impressões anedotas

15 Vida íntima — As crianças
Adoração do *Baby*

14: Eça repetiu, apenas no cabeçalho da segunda folha, o título da primeira.

16: *Baby*] Baby [Ms]

	O amor, como se casa
	O casamento, a família
	O interior:
20	móveis
	comida
	<i>toilette</i>
	Vida doméstica, relações domésticas, amor
	doméstico.
25	Os animais na família.
	O Adultério.
	Divórcio.
	<i>Kept women</i>
	Vida pública —
30	As escolas públicas
	As universidades
	Escolha dum carreira
	Comerciantes
	Médicos
	Homens de lei
35	O Exército
	A marinha
	Os políticos
	Vida social —
	<i>Country-Houses</i>
	<i>Season</i>
40	Jantares, bailes, <i>garden-parties</i>
	Influência da Corte, dos príncipes, dos
	Lordes
	<i>Snobism</i>
	<i>Struggle for society</i>
45	O Luxo
	Os <i>clubs</i>
	<i>Dandies</i>
	<i>Professional beauties</i>
	<i>Holiday-travelling</i>

- 50 Vida religiosa — O Sentimento religioso
A Bíblia, tracts
 As Igrejas protestantes
 O Papa de Canterbury
 Ritualistas
- 55 *Salvation army*
 Pregadores.
- Vida intelectual — A literatura
 Os poetas
 Romancistas
- 60 *As romancistas*
 Dramaturgos e dramas
 História dum filósofo — Carlyle
 Jornais e jornalistas.
 Revistas
- 65 Instituições científicas.
- Vida Artística — Pintura e pintores
 Escultura
 O *salão*
 Os estéticos
- 70 A música, a música de igreja e de teatro.
 Os museus
 As colecções particulares.
- Vida física — *Sports*, sua influência
Huntings, sua organização.
- 75 *Yachting*
Lawn-tennis, etc.
 Corridas.
 A vida de *sport*

71: Os museus] Os músicos [2000]

73: *Sports*,] Sports, [*Ms*]

77: Corridas.] Coristas [2000]

80	Vida material —	Hotéis Restaurantes <i>Lodgings</i> A criada do <i>lodging</i>
85	Vida viciosa —	Embriaguês Os <i>bars</i> <i>Barmaids</i> Prostituição Jogo.
90	Sentimentos —	Patriotismo Ódio ao estrangeiro Ingleses e americanos Caridade
95	Maneiras —	O ideal é ser <i>gentleman</i> <i>Stiffness</i> <i>Pruderie</i> Hipocrisia Brutalidade das classes baixas Relações com os estrangeiros
100	Funções Sociais —	A Rainha Os príncipes <i>Lord-mayor</i> de Londres
	Mecanismos sociais —	O trabalho As fábricas Os Bancos O crédito.

89: [Na linha seguinte, riscado pelo autor: Relações com os est]

92: *gentleman*] gentleman [Ms]

93: *Stiffness*] *Stifness* [Ms]

97: Relações com os estrangeiros] Relações com estrangeiros [2000]

100: *Lord-mayor*] *Lord-maire* [Ms]

APÊNDICE

Ms. BN Esp. E¹/295

[Transcrição Diplomática do Autógrafo
de acordo com a sua arrumação na Biblioteca Nacional]

BATERIA DE SÍMBOLOS DIACRÍTICOS

- [] Riscado
- < > Acrescentado
- [x] Riscado ilegível
- /x\ Palavra ilegível
- <* > Acrescento na entrelinha superior
- <_ > Acrescento na entrelinha inferior
- <' > Acrescento na margem esquerda
- <' > Acrescento na margem direita
- <" > Acrescento na margem superior
- <= > Acrescento na margem inferior
- []< > Substituição por riscado e acrescento na entrelinha
- []/ \ Substituição por sobreposição
- /0\ Lacuna por deficiência dos suportes
- <sublinhado> Acrescento não rasurado
- { } Indicação do autor (extra-textual)
- | | Mudança de página ou de folha
- Ø Fólio rasgado

|fl. 1| Aqui esta pois um [romance] <*livro> que eu refaço pela segunda vez! *Habent sua fata libelli!*

[Pode-se talvez][Considerar] <*se ha> <*Dir-se-ha, talvez> [uma] esta reconstrucção, paciente, [como] <*é> uma puerilidade, uma lamentavel dissipacão d'esforço: [dir-se-ha] que n'um romance, <*eivado> originariamente [eivado] <*de defeitos> [indestructiveis], não é com adjectivos intercallares [com] entrelinhas, e [phrases] tiras colladas ao lado que se se melhorao [um] <*os> Caracteres mal observados, que <*se> da [mais] luz e côr, a paisagens [artificiaes] <*mortas>, e que se recteficam os desenvolvimentos d'uma paixao erradamente seguidos... [E talvez] <*Isto creio que> exacta [a observacão], quando se trata d'um trabalho puramente imaginativo, conto de fadas, ou novela [romanesca] <*ideal>. Se eu creei, um principe encantado, ou um galan à Antony, [ou um Rocambole], e lhe dei, na minha edicão original cabellos [pretos] <*louros>, e sonhos mysthicos — nao é realmente [sensato] <*util> refazer, n'uma nova edicao, [a refazer] o meu |fl. 1v| trabalho, para dar ao heroe [central] cabellos negros, e pesadellos carnaes — E isso uma phantasia substituindo outra phantasia. Melhor é escrever um livro [duro] novo, e apresentar o [meu] <*mesmo> galã, com outro nome, outra barba, e outra paixão... [É o que sabiamente fazem, os novellistas romanticos].

E porem differente, penso, <*eu> quando se trata romance d'observacão, <*e d'realidade> fundado em experiencias [em] <*trabalhando sobre> [do]cumentos vivos... Se eu qu[iser]/ero\ [mostrar] apresentar o tippo d'um jogador, e o improvisar, com reminescencias de leituras meio esquecidas, e sem mais notas que as que [tomei] <*recolhi>, uma noute, n'uma soirée honesta de praia de banhos, vendo primos, <*joviaes> talharem, uma batota domestica, a feijões — arris[que]/co\-me a fazer um *jogador* falso, pueril, vago, e convencional. Mas, se depois eu frequentar a Roleta <*bem installada> que o Estado patrocina, ou as [espcul] <*frias> espeluncas [que] [onde] da populaça do vicio, <*se analysei, observei,> [se] [colhi] <*surpreen> em flagrante a Paixão, na [sua] expressão viva, <*e> em plena accção, — estou habilitado talvez, a pintar um jogador mais real e mais humano: e o

se graças a um Deus favoravel o meu livro tem uma segunda edição, — eu devo claramente, [transformal-a], [e] — recompor o meu typo, pelas observações, os documentos, < *novos > [as experiencias] que accumulei — exactamente, como n'um tratado de medicina um pratico introduz |fl. 2| n'uma < *segunda > edição [nova], e confirm Ø experiencias recentes.

Quando publiquei, pela primeira vez o Crime do Padre Amaro, < *eu > tinha um conhecimento incompleto, da provincia, < *portuguesa > da vida devota, dos motivos e modos ecclesiasticos. Depois, < *creio > [pude observar, melh] [[n'uma] [com uma] [frequencia]] por uma frequencia demorada e methodica, < *tendo talv obse melh > o mundo beato: [notei, analysei e deduzi] e refiz simplesmente o meu livro, n'estas novas bases, d'analyse. Quer isto significar que o Crime [pr] do Padre Amaro publicado, [nos] da na sua realidade complexa, o padre e a beata, a intriga cannonica, a provincia, [n'este] em Portugal n'este anno da graça de 1879? [Não, certamente.] < *Oh certamente [que] n >. O quadro tem [muitas] < *infelizmen > lacunas, [tons falsos] [talvez], lados de natureza mal estudados, recantos d'alma explorados incompletamente, amplificações, exageração de traço, etc... Em todo o caso, é a [maior] toda soma de observação, e d'experiencia, que eu possuo sobre este elemento < *parcial > da sociedade Portuguesa tao interessante para a Arte e para a Historia. Outros, mais penetrantes, e mais habeis, o recommearão talvez, [com um novo exame] este [exame] < *estudo >, [como dando] < *com > [uma] realidade [de] superior. [Elle [< *ficara >] [curioso] é importante como Documento social, precioso e grave.]

E por meio d'este laborioso [exame] observação da |fl. 2v| realida Ø este [estudo] [< *exame >] < *investigação > paciente [dos phisicos] Ø eria viva, esta accumulção benedictina, de notas e documentos, — que se constroem [no Romance, na Arte] [no Romance e no Drama] na Arte, [na pintura no Romance] que [x] estudam o homem inteiro, as obras duradouras e fortes; < *e > se as minhas são fracas e ephemeras, [como reconheço], < *isto não provem de que o metodo não seja efficaz, mas > é que a verdade não foi surprehendida, com

sufficiente [ana] penetracao [:/;\ \ [[ou que a] [a execução foi] [ou que o processo d'execução não] [Mas, o livro maior d'um artista, não basta que se julguem [simples partes,] os methodos d'uma Arte]] A arte moderna é toda d'analyse, d'experiencias, de [deducção] comparação[./;\ \ e [A]/a\ antiga [Im] Inspiração, innata que, em quinze noites de [ex] febre, creava uma Indiana, é hoje um meio de trabalho [abandona,] obsoleto e falso: < *Infelizmente > [as]/Ja\ não ha Musas, que insuflam n'um beijo, o segredo da natureza: a nova Musa é a sciencia experimental dos phenomenos; a antiga, que tinha uma estrela na testa, e vestes alvas [esta] < *devemos dizel-o com lagrimas, esta > armazenada, [sob o po] a algum canto sob o pó de trinta annos, entre as couracas dos cavalleiros andantes, as asas d'Elloá, a alma d'Antony, e os suspiros de Graziella, e outros accessorios < *tão sympathicos no > antiquad scenario romantico. E a [f]/F\auce que tocava um craneo e fazia saltar uma Illiada, recolheu: |fl. 3| /x\ para sempre ao seu seio Insondável, e

O ¹ Crime do Padre Amaro recebeu, em Portugal e no Brasil, alguma atenção da Critica, quando eu publiquei posteriormente, um livro intitulado O Primo Basilio. E no Brasil e em Portugal, [disse] escreveu-se, com pena copiosa, que [este] o Crime do Padre Amaro era uma imitação [trivial] do romance do Snr. Zola La faute de l'abbé Mouret. Alguns disseram mais cattergoricamente uma traducção [livre] descarada:

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correcto. O Crime do Padre Amaro foi escripto em 1871, lido aos meus amigos em 18[2]/7\2 e publicado em 1874: o livro do Snr. Zola, la Faute de l'abbe Mouret foi escripto e publicado em 1875.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) é esta apenas uma razão secundaria, e debil.

¹ Na entrelinha, a tinta azul, por mão albeia: «Publicar».

Eu podia, enfim, ter penetrado, o pensamento [embryonário] do Snr. Zola, e avistado [nas circunvalações do seu cerebro] < *entre formas fluctuantes das suas creações futuras >, a [forma] < *figura > do Abbe Mouret | fl. 3^v | como Anchises, no valle [dos Elyseos] < *suave > do Lettes [sobre] como [vag] placidamente sob os arvoredos murmurosos [avista] [via], [essa estranh] < *via e e sonhava > entre as sombras as raças futuras, aquelle que [d] um dia devia ser Marcellus. Taes cousas são possíveis. Nem [o homem prudente] [p]sao para o homem mais extraordinarias que o carro de fogo, que como todos [sabem], concordão, arrebatou Elias ao Ceu. — A razão das datas, dos dous livros, é [pro] [pro] portanto, ephemera.

[O motivo,] [que se oppõe] O que segundo penso torna a [imitação] a accusação de «imitação» menos effectiva — é a comparação simples dos dois romances lidos parallelamente. O Crime do Padre Amaro é [< *uma >] < *nas suas linhas gerais > a intriga de padres e beatas urdida e ruminada a sombra d'uma < *velha > Sé de Provincia < *e um Padrevelho, [sem] impedindo a constituição d'uma familia >. A Faute de l'abbe Mouret nas suas linhas geraes, o quadro symbolico da iniciacão do primeiro homem e da primeira mulher [d]/n\o Amor, [nas] < *tendo por decoracão > a profundidade d'uma floresta [enorme, magnifica < *e prodi >] < *prodigiosa >, que [não] < *se chama o Paradou > é a representacão allegorica do Paraiso biblico: alli o abbade Mouret, [perdida a consciencia] tendo perdido, por uma doença cerebral, a que o levou a sua [exagerada] devoção trabalhosa pela virgem, a consciencia da realidade humana e universal a ponto de ter medo das arvores e do sol como de monstros estranhos (como tudo isto é /0\ Ø | fl. 4 | /x\ meu Deus!) alli o Abbade Mouret, erra durante meses, < *semi-nu > com Albine, < *semi-nua tambem > que desde creanca habita aquela floresta, de que ell[e]/a\ o Genio, e a Deusa: alli, procuram, [um] uma arvore, estranha, de cujos ramos cahe um um < *a > influencia aphrodisiaca: < *da materia procreadora >; alli se possuem, depois de horas angustiosas [em que elles] [nao encontram] em que tentao descobrir, < *na sua inocencia paradisiaca > o meio phisico de realizar o amor; depois cobrem-se de folhagem, [espantados]

tomados um pelo outro, d'uma desconfiança já humana; e d'alli os expulsa o frade Archangias, [que na sua fe ca] [personalidade] [um ser Theocratico e] [escravo] [da regra] <*que> he personificação theocratica do [Anjo] <*antigo> Archanjo!

Ahi deixo a prova, ás [pessoas honradas] <*exaracão>, e sufficientemente lucidas, o[s] motivo[s] que tenho, para não suppor o Crime do Padre Amaro, uma traducção mal feita da Faute de l'Abbe Mouret — [apesar de da coincidencia que lhe faz parecidos os titulos]. E nao insisto, na differença das datas, apesar d'ellas constituirem, o que se chamava <*creo> em logica uma impossibilidade metaphisica — por que sou bom cidadão, e [a]/o\ art. 6.º da Carta, impõe-me implicitamente o dever, de não descreer de Milagres.

Mas² parece que esta Faute de l'Abbé Mouret tem sido para mim, uma vasta e rica mina d'arte, d'onde eu vou, todas as manhãs, desenterrar <*a minha provisão de> caracteres, paisagens, imagens e adjectivos... Assim fui, amargamente — accusado de ter copiado o Paraiso do [abb] Primo Basilio do Paradou da Faute | fl. 4^v | de l'Abbe Mouret. O Paraiso, se por acaso leram e se lembram, é um terceiro andar, para os lados da Bemposta, alugado ao mes, barato, onde uma senhora, e um cavalheiro se vao amar, duas vezes por semana, do meio dia as tres. O Paradou como disse, é uma vasta e maravilhosa floresta, antigo parque <*ducal> do século [1x [x]/V\I] x[I]/V\II, que o abandono tornou selvagem, e a quem refez uma virgindade — e onde errão, cobertos de folhas, sobre os corpos [nus] quasi nus, Serge e Albine, procurando, n'um instinto de [geração] <*amor>, a arvore iniciadora da Sciencia.

— Mas, dir-me-hão, [pessoas de bem indignadas, — como] se podem produzir taes accusações? — Meu Deus; bem veem! — Paradou, Paraiso, ha evidentemente plagiato nas duas primeiras syllabas...

[De resto, ha em Portugal, uma litteratura critica que [tendo] <*depois> talvez [recolhido] d'uma prolongada experiencia, tem vindo a condenar a originalidade como um

² Antes de «Mas», uma cruz a tinta azul, por mão albeia.

phenomeno inverosimil. Toda a obra, — Poema, Historia, Critica ou Romance, — que imprehenda [aqui] fazer uma forma nova, ou por um movimento mais largo d'ideas, é immediatamente appontada, como uma imitação servil de Michelet, Taine, Zola, e ate do pobre Baudelaire. <*São estes os nomes <*geramen> usados>. Nem sempre, é verdade, se [aduzem as provas materiais], [dos delact] <*trazem [os trechos] provas [definidas]> <*[as citacões] os> Uma mencao vaga, e considerada sufficiente — talvez por que a comprovação detalhada importaria trabalhar]

[fl. 5] [Não sei] [pois] <*[Syn]> [e] <*Portanto³ ignoro assim> o quesa⁴ idea nova: [mais] sei pouco ou mais ou menos, o que se chama <*em Portugal> a Escola Realista: é⁵ creio, o que em França, e em Inglaterra chamam Naturalismo, ou Arte experimental. [Eu não penetro realmente, a] Ha⁶ em Portugal <*sempre houve> uma tendencia, <*tenaz> para subdividir a arte, em [esc] [e a litteratura] em escollas e capellas — o que prova de resto, [que é uma] <*uma> litteratura de grammaticos e rethoricos. Temos tido toda a sorte de [litterat] escolas litterarias — mas, realmente, em numero, que as de instrucção primaria: [tivemos a] Chegamos a ter a Escola de Lisboa, a Coimbra, a Castilho, etc., cousas que parecem, tão antigas como o rapto d'[Eneas] Helena, ou as façanhas do impetuoso A[z]/j\ax. Mas subsistem a Escola classica, <*A escola> a Romantica, a escola Satanica, a Escola Elegiaca [cubiculos, [<*capellas>] separados por tabiques e paredes mestras, onde,] [como] se [faz], toda a sorte [de escolas] de confrarias das letras, [separadas pro por] isoladas, em cubiculos e cellas, [com] separadas por paredes mestras: o cubiculo de Boileau, o de Lamartine, o de Byron, <*o de Petrarcha> até o subtil e fino <*Beaudelaire> que tem o sue cubiculo: [um] gruppos inimigos, arreganhando-se os dentes, uns usando a

³ Antes de Portanto, uma cruz a tinta azul e as palavras E se, por mão albeia.

⁴ Mão albeia corrigiu o quesa por o que seja.

⁵ A seguir a «é», duas cruces a tinta azul, por mão albeia.

⁶ Antes de «Ha», três cruces a tinta azul, por mão albeia.

peruca de Racine, outros o capacete [com que se] de Percival, outros os cornos de Satan, outros a fruta pastoril dos menalios: e alli vivem, separados, |fl. 5^v| nas suas prosodias rivaes, murando-se dentro d'ellas como o anão chinez, dentro do seu vaso de porcelana. Agora temos a Escola Realista

Não, <*perdõem-me> não há Escola Realista. Há um [movimento] [uma phase, da arte, na sua [<*grande>] evolução] movimento na Arte, <*que> uma phase da sua Evolução, [que deriva] muito longo e muito antigo, sentido outrora por instincto, [i]/e\stablecido hoje em bases consciences e scientificas; [que] <*este movim> se deriva da formula geral «de que fora da [observação] <*investigação> dos factos e do estudo dos phenomenos, não se pode obter nenhuma soma de verdade; e reduz-se a isto — que [em lugar de idealisar, na] na pintura da natureza e do homem se deve proceder pela observação, pela experiencia, e [pelos documentos], e [p]/n\ão pela imaginação e pela [intui] [indução] invenção, como procedia a [Escola Realista] a arte dos Idealistas: e enfim que se deve [pin] [pintar] descrever o homem tal qual elle [é]/n\o mostra a realidade humana e social, e não como o pode conceber a phantasia aquecida. [E]/N\uma palavra, que o Romance e o Drama devem deixar de ser a pintura de seres convencionaes, falsos, [amplifi] fora das condições naturaes e sociaes, abstracções vagas feitas de frases desenhadas segundo um molde rethorico <*ministro ou anjo!> — mas deve ser a pintura

|fl. β| d'essa Idea Nova reli Ø

Phariseus, meditando a cru Ø

e que, ao que parece, foi breve o Ø

e dos risos. Por que um jornal recen Ø

estão pois, aos golpes d'esse prodigio Ø

trados por terra, e mordendo o po, to Ø

Idea Nova». Concluo, que fomos derrota Ø

por um [unico se,]<*[guerreiro]> <*ser>[um] monstro <*disforme> igual aos Ø

[um ser disforme]<*dos Briareus>, [sahido das Theogonias pavor ao] Ø

d'Omphale, ou a Sombra que tinha tres Ø

forma tricorporis umbrae: e que do [que] [ce] Ø

tal Idea Nova [n] como da ala dos Cavalle Ø
 Saxónios depois da batalha d'Hasti Ø
 nada mais resta que um estendal de c Ø averes
 sobr os quaes [es]voaçam o negro semi-circulo dos corvos
 do Usk... — Tal foi a vida breve, a morte tragica, d'uma Idea
 nacional que, como [dizem] <*affirmam> os jornaes, me cus-
 tou a vida a mim e a outros chefes...

Je soutiendrai, morbleu, que ces choses sont drôles.

[Não sei pois o que [e] <*é a > Idea Nova. Mas sei pouco
 mais ou menos, o que [e] <*se quer designar por Escola rea-
 lista a > <o> [Realismo] ou escola do Snr. Zola.]

| fl. β^v | Ø de Zola, e de Beaudelaire e de Renan Ø A Escola
 Classica, a Escola [x]colica, a Escola reØista, a Escola Satanica,
 a Escola Ø. Grupos separados por muralhas fortes, uns usando
 Ø de Percival, [x] perruca de Boileau, outros os Ø de Satan,
 outros a fruta dos Menalios Ø muitos arrojando a [x] Ø mao
 larga e forte Ø onde cada alma esta encerrada Ø como o anao
 chines dentro do seu vaso de Porcelana [x] deixam [x] os [x]
 d'arte espalhar-se, a larga pelos livreiros, e olham para o Ø
 Naturalismo como uma poetica temporal ou produção [x] vela
 verdadeira, como ella é, criti Ø Vicio hereditario da visao nor-
 mal trans Ø [x] [x] como elle nao é, do seu modo falso. Ø⁷

| fl. α | [a-me sobre o dev] [os tato] Ø
 nossa!] Ø

[Por ocasião do Crime do Padre Ø maro <*Deixemos
 bem depressa > Ø

e recomendam — que eu apenas menciono, comoøm traço
 <*[com]> significatv.

Por ocasião do Crime do Padre Amaro e do Primo Ba-
 silio começou-se a fallar em Portugal, no Realismo, em [e]/

⁷ *Página em muito mau estado, suja e rasgada, praticamente ilegível. Texto eliminado por cruzamento na diagonal. Distinguem-se denominações de escolas literárias, à semelhança das mencionadas no fôlio 5.*

E\scola realista, [designa] <*denomina>ções que já em 1840 eram antiquadas, e [que] pelas quaes, o [meu Pais,] creio <*se> pretende designar o movimento, que na [Litteratura] <*Arte> contemporânea, quer substituição à falsa <*e abstracta> idealização da Natureza, o [exame] [o exame, foi] o estudo experimental e documentado da Realidade humana. Aceitemos por Realismo, como a alcunha familiar e amiga, [a]/p\ela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa phase na Evolução da arte.

O meu nome tem sido associado, [a] geralmente com este Realismo...

Devo, antes de mais, dizer que o meu nome tem sido associado, com uma outra Instituição <*a> que [a]/os\ jornaes que tenho presentes chamam a Idea Nova. Isto nao sei o que é. Designo-a mesmo pelo nome <*generico> d'Instituicao, por que ([estando aqui] <*Roman exilado,> entre os Sarmatas [e os herejes]) ignoro as

|fl. α^v| Ø bra, e nao estou informado u Ø

eu Ø uma nova Arte, um novo partido político, uma nova Religião, uma nova Philosophia, um club para fazer <*uma> concorrência <*perfida> ao Gremio, ou uma Companhia de Seguros. Não creio que isso tivesse nascido em França, em Inglaterra, ou na Alemanha, as três n[o]/a\ções iniciadoras[:]/.\ Supponho que é d'origem portuguesa, e puramente local. Ignoro os seus fins, os seus [mei] methodos, se já lançou, como é da tradição, a sua carta aos Corinthios, e se nos tras uma nova concepção do Universo... Eu sou, nos documentos que tenho presentes, designado como «um dos seus chefes» Deduzo pois que há outros chefes — talvez sete como deante de Thebas. N'um livro de [ri] Versos, <*1> que recebo, <*agora> comentados por um mestre douto e [estimado] <*amado>, leio a pag. 2 que «Lisboa recebeu com Hossanas os pregoeiros da Idea Nova». Concluo que tivemos como outros quaisquer a nossa entrada [triumphal] <*gloriosa> em Jerusalem; vejo d'aqui a estimavel Estacão dos Caminhos de ferro, sonora de cantos; as [palmas] florida de palmas verdes; o burrinho dos triumphos evalengicos; e mesmo <*por en-

tre > na multidão [tomada] [d'um] delirando no amor das Musas da

Cancioneiro Alegre etc.

| fl. a) | Amaro: viu-se <*anunciado> n'um jornal Francez, ou n'uma vitrine de livreiro a [Vitrine de Livreiro] a Faute de l'abbe Mouret [Com o auxilio] [Fez-se] <*Estableu > uma regra de tres e disse — a Faute de l'abbé Mouret, deve estar para o Crime do Padre Amaro como a França esta para Portugal: e [ex]/a\chou-se sem esforço esta incognita Plagiato. Ou o que é mais proval, leu-se a Faute de L'en abbe Mouret (o que é grato ao Snr. Zola) e viu-se anunciado o Crime do Padre Amaro. Fez-se a mesma regra dita, com os termos invertidos, e achou-se a mesma incognita Plagiatto! Sic itur ad abyssum.

De resto eu não vi dadas as razões, que comprovão o plagiato — a nao ser um [excerpto] artigo, em que se notava com reprehensão — que ambos os padres Amaro e Mouret dizião missa; isto já é grave: mas o peor é que ao dizer missa ambos diziam Orate Frates. Outra prova, é em que ambos os romances uma rapariga morre — uma de parto outra suicidando-se, [abafada] <*asphyxiando-se> em [aromas de] flores d'aromas fortes: mas, — e aqui esta o plagiato — ambas eram enterradas e ambas n'um cemitério, e <*sobre> ambas, se dizia Requiescat in Pace. A imitação é evidente, e deshonorosa.

Mas, parece que esta Faute de l'abbé Mouret tem sido para mim uma mina, um thesouro, um deposito d'arte — onde eu, vou todas as manhãs, buscar, como a agoa a fonte, a provisão de adjectivos, de imagens, de paixões | fl. a)ᵛ | e de adjectivos. Assim eu fui accusado de ter copiado o Paraiso do Primo Basilio, do Paradou da [A]/F\aute de l'abbe Mouret. O Paraiso, se se be lembram, é um terceiro andar, ao mes, [n]/p\ara os lados da Bemposta, onde [dous] uma mulher, e um homem, se vao amar das tres as quatro da tarde. O Paradou do L [A]/Z\ola, é, como disse, uma floresta mística, symbolizando o Eden Biblico [./,\ [Mas dir-] onde erão semi-nus, <*durante tod um ver> procurando a Arvore fatal da Sciencia, Mouret, e Albine.

Dirme-hao as pessoas de bem indignadas, mas, entao onde esta a imitação. Não veem? — [Esta] Paradou, Paraiso — esta nas duas primeiras syllabas.

Que ⁸ isto não pareça provir d'um espirito <*rebelde> irreverente para com a Crítica. Ninguém a respeita, mais do que os que fazem obras de observacao e de realidade[.]/.\. [para estes ella tem uma authoridade incontestavel.] Os romantigos (como confessa Sainte-Beuve) odiaram a Crítica: e com razão — pela mesma razão que os Monarchas [do Direito] Absoluto destestavam [o exame] a Opinião Publica. Para os romantigos [a arte], [a arte vinh] a Poesia ou a prosa [vinha-lhes]<*descia-lhes> da Inspiração, dos Espaços, como a Graça Catholica, — como o Direito dos Reis, descia de Deus do Sacro. O critico, simples [plebeu] raciocinador, nao tinha direito, a achar defeitos, ou a examinar de perto, o que a Inspiração, a Musa mandava <*de cima> a um Musset ou a George |fl. b)| Sand. <*A Poesia era um presente divino>. O critico nao era iniciado [.]/.\ [Como] nao podia elle [burgues,] avaliar, pelas regras triviaes da sua [comum humani]dade, <*senso comum>, o que cantava, ou declamava, um homem [privilegiado] que estava em communicacão premanente com o ideal. O poeta, o artista, o romancista eram assim seres excepcionais, fora da lei, e da regra humana, eleitos, formando uma legião de deuses, [logo ate] entre o [a]/h\omem e o anjo. A sua vida mesmo nao participava das condições humanas. Aimer, prier, chanter — voila toute ma vie — diz Lamartine. <*Ninguém nunca sabera <*as cousas terriveis> o que eu fiz nos mares do Anio>. Pode-se comprehender a irritação que lhes dava, — quando um Cuvillier-Fleury, um Pontmartin, um Planche, vinhão, com [o seu] julgal-os, pela rasoira com que julgavam os outros homens. Nós somos Christos — exlamava [Heine] Novalis. Um christo supporta mal um folhetim hostil.

Nos porem, burgueses, que não vivemos em communicacão com o Ideal, que nunca recebemos o beijo da Musa, a quem a forma aeria jamais disse:

Poete ton luth et me donne un basier

⁸ Antes de Que, cruz a tinta azul, por mão alheia.

nos homens consentimos em ser julgados pelos homens. [T]/E\studando a Realidade humana e social — aceitamos como um favor, um conzelho, uma poetica, todas as admoestacoes [q]/d\'aquelles que [tem] vivendo na humanidade e na sociedade teem uma experiencia propria d'essas realidades. E nao é so respeito pela Critica, pelos Principes da Critica, os gros bonnets, os dictadores da opiniao, os especialistas — é que |fl. b)^v | qualquer homem, o mais obscuro, que nunca escreveu uma linha nos pode [censurar. Se um padre cura da serra, ignorante me vem dizer que todos os meus padres sao creações falsas, eu aceito com reconhecimento.] [Pintando homens vivos, todas as preciosas aprecisa d'um homem, — que] dar indicacoes preciosas. [Por que nem percebem eloquencia, e rethorica]. [Se se tratasse] Quando se trata de eloquencia, e rethorica — de certo so se pode admittir [que] a [tri] critica, [que]/de\ quem conheceu estas artes illustres. Mas quando de — paixoes, vicios, [almas vivas] — todo o que as sentio, ainda que as nao saiba <*ler> pode julgar-me, e achar-me esse erro. So um [letrado]<*poeta> pode apreciar Graziella — [uma] obra d'eloquencia liryca: [so] um [operario] <*simples carpinteir> pode criticar o Assomoir — obra de realidade social. Eu por mim adoro a critica, leio-a com unção, noto as suas observações, corrijo-me quando as suas indicacões são justas, e faço minha a sua experiênciã das cousas humanas.

<'Foi> Por occasião do Crime do Padre Amaro, e do Primo Basilio, começou-se a fallar em Portugal do «Realismo»

[Eu c] Eu creio, que em Portugal se chama Realismo que é um velho termo de 1830, ao <*movimento artistico> que [hoje] em França se chama Naturalismo, ou arte experimental. Aceitemos porem Realismo como a alcunha familiar.

O meu nome tem sido geralmente, em Portugal e no |fl. c)| Brasil, [tem tido a gloria] de ser associado com o Realismo...

Devo, antes de mais, dizer que o meu nome tem sido associado com uma Instituição <*a> que [se]<*os> [chronis] jornaes <*e livros> que tenho presentes chamao a Idea Nova: designo-a pelo nome [geral de] generico de Instituição, por que ignoro se é uma nova Arte, uma nova Politica uma nova Religiao ou uma

nova Philosophia: nao sei mesmo se sera um Club ou uma companhia de seguros. Nao creio que tivesse nascido em França, Inglaterra ou Alemanha, as tres nacoes pensantes. Supponho que é d'origem portuguesa, e inteiramente local. Ignoro os seus fins, <*o seu program> os seus methods, <*se já lançou, como é d'estylo, a sua carta aos Corinthios,> e se nos tras uma nova concepção do Universo. Eu sou, em documentos que tenho na banca, chamado «um dos seus chefes». [Qu] Deduzo pois que [somos] ha outros —, talvez sete como Diante de Thebas. N'um livro de Versos que [me] recebo agora, comentado por um [m]/M\estre querido e Illustre, leio a pag. 2 «que Lisboa recebe com [as]/H\ossanas os pregoeiros da Idea Nova.» Concluo que tivemos, como outros quaisquer, a nossa [tri] entrada triumphal em Jerusalem. Em todo o caso, pare que foi breve, — o dia da alegria e dos risos. Por que um jornal recente diz-me «Ahi estão pois [prost] aos golpes do grande athleta, prostrados por terra, e mordendo o po os da Idea Nova.» Concluo, que fomos derrotados, por um monstro, solitario, um ser disforme igual a Poliphemo,

Cancioneiro Alegre

[fl. c)^v | ao amante d'Omphale, ou da sombra que tinha [cem mãos] três corpos; e que dos da Idea Nova, ([apostolos ou] como <*ala> dos cavalleiros saxonios depois da jornada <*d'Hastings> nao resta mais que um estendal de cadaveres sobre os quais paira os corvos do Usk... [E ta] Tal foi [e]/a\ vida breve, a morte tragica d'uma Idea, nacional, que, como o jornais, me custou a vida, a mim, a outros chefes...

Je soutiendrai, morbleu, que ces choses sont drôles.

Eu sou pois associado ao movimento que se chama Realismo. [Não me parece todav] Este movimento tem encontrado, em Portugal, hostilidades. No Brasil, também; ahi, (não o digo sem algum despeito patriotico) tem-se [escripto algumas] combatido o Realismo, com um talento superior, [e com um conhecimento], e com ideas[,]/.\ Em Portugal, a campanha inimiga tem sido feita sobre tudo com adjectivos: os mais usados tem sido os seguintes: ascoroso, obsceno <*ignobil>, abjecto,

podre, gangrenoso, latrinario, [frances], <*e> pustulento [.]/,\ [Escriptores, mais impregnados de vernacularidade, tem [cha] lhe chamado protervia] e enfim, (mas este adjectivo so tem sido empregado por, alguns mais exaltados, e quasi ebrios de furor) frances!

A idea que os <*se> inimigos [d'este movimento] fazem d'este movimento litterario, parece, ser segundo os [jornaes] documentos, sobre que [trab] escrevo, a seguinte:

Que e uma escola: chama-se <*lhe> a «Escola Realista». Que foi [fl. d)] foi o Snr. Zola que a inventou, um dia, em Paris: é este sempre o nome citado, ; , [nunca vi apparecer os nomes dos Goncourt, Daudet, Huysmans, etc....] [e]/E\ que o seu fim, é [escre descrever com minuciosidade [scenas] [<*quadros>] obscenos.] [fim] [fazer] pintar, [o que em Portugal se chama,] [se rotula] «a [Gangrena Social,]». <*com minuciosidade quadros obscenos> E que [consiste em escrever,] [n'um estylo] <*especial> <*que tem uma rethorica espe> abstruso, torturado, rutilante, sem gramatica, e sem vernaculidade [x] É-me desagradavel affectar o tom pedagogico, e dar um desmentido authoritario, a esta affirmacao de pessoas estimaveis. [mas, a Ve]

Mas o Naturalismo nao e uma escola: nao a inventou o S. Zola: nao consiste em [pintar] descrever meticulosamente obscenidades; e não tem rethorica propria.

Não é uma escola. Escola é a imitação systematica dos processos d'um mestre. Pressupõe [um] uma origem individual, uma rethorica, ou uma maneira consagrada, [e uma limitação d'existencia]. O Naturalismo nao nasceu da estethica peculiar d'um artista — mas é [um] <*o> movimento [evolutivo] <*geral> da Arte, n'um certo momento da Evolução. A sua maneira não esta consagrada, por que cada temperamento individual toma a sua maneira propria: Daudet é tao differente de Flaubert, como Zola é differente de Dickens. [E nao tem limitação, por que é transform] Dizer a «Escola realista» é tão grotesco como dizer a «Escola [democratica] <*republicana>»... O naturalismo, é a [feição] <*forma> scientifica, e [experimental] que toma a [fl. d)]^v | arte [n'este seculo scientifico e

positivista] — como a Republica e a forma [p]/P\olitica que toma a Democracia, [n'este seculo de [suffragio livre] suffragio popular] como o Positivismo é [Quando se acreditava nas ideas innatas, as concepções philosophicas eram feitas a priori], [sem] como [adivinham] sahindo [da mente, [indo] como] forma experimental que toma a philosophia...

Tudo isto se prende — e se reduz a esta formula geral que fora da observação dos factos, e da experiencia dos phenomenos, [nao] o espirito nao pode obter nenhuma soma de verdade. Outrora uma novella, [sentim] <*romantica> em lugar d'estudar o homem inventava-o: hoje o romance, estuda, a sua realidade social. Outrora, <*no Drama, nos rom> concebião-se as [paixões] o jugo das paixões à priori: hoje [estu] analysão-se à posteriori, [tao] pelos processos tão exactos como os dos meios physiologicos. D'esde que se descobrio que a [formacao] [a] lei que os corpos brutos e a mesma que rege os seres vivos, que na constituição intrinseca d'uma pedra obdeceu às mesmas, que a contituição do espirito d'uma donzella, que ha no mundo uma phenomenalidade [harmonica] <*unica>, que a lei que rege a chimica, não differe da lei que rege a paixao humana — o romance em lugar de imaginar, tinha simpplesmente a observar. O verdadeiro author, entao, do Naturalismo nao é Zola — e Claudio Bernard. A arte torna-se o estudo dos phenomenos vivos — e nao a nao a idealização das imaginações innatas. Peço perdao de lhes lembrar mais uma vez estes lugares communs — que sabem, tao bem, mil vezes melhor que eu.

[fl. e] | É fácil deduzir d'aqui que não foi o Snr. Zola que inventou o Naturalismo. [Não foi] É elle de certo uma forte e grande personalidade que deu ao movimento um grande e forte impulso: ninguem como elle, nos seus escriptos, o tem definido, [melhor, e explicado] e deprendido melhor do vago da theoria. E sejam quais forem os seus defeitos, [ficara] [como um dos] o homem que [escre] [p]/e\screveu o Assomoir ficara, como um dos mais prodigiosos artistas d'este seculo artista. Mas seria tão absurdo dizer que elle inventou o Naturalismo como dizer que o Snr. Gambetta inventou a Democracia.

[Mas] N'este seculo porem, no periodo scientifico do Naturalismo, o Snr. Zola teve predecessores illustres: antes d'elle

estao os [g]/G\oncourts, antes dos Goncourts, Flaubert, e antes de [flaul] Flaubert [Sainte B] Taine e Sainte Beuve (por que não [he differente] o methodo do Crítico [realista] positivista, que estuda um [p]/r\omancista, não differe do methodo do romancista estudando um personagem) — e antes d'estes havia Sthendal; [e Balza] e ao lado, d'elles, [n'] [um] Balzac: e no seculo passado, [d'instinto] Moliere... [Não obriguem a remontar ate Homero, que] É verdadeira uma ge[a]nealogia illustre.

Mas dir-me ha o Leitor, o verdadeiro Leitor, o Cidadão que nao é letrado nem theorico, que é simplesmente um ser ins- |fl. e)| sumavel, um Atomo do Grande Publico, que é no fim de tudo quem faz a Arte, — dir-me-ha: em que consiste pois o Famoso naturalismo? Que eu tenho eu com isso? Que tenho a lucrar, com essa descoberta em que ella me interessa, me educa, me diverte, me interessa e me impressiona mais que a velha novella idealista. Por que [x]/me\ querem forçar a comprar o Snr. Zola, em logar de levar o meu dinheiro, ao Snr. Julio Zandeau?

Aqui esta, meu caro concidadão: suppõe que tu querias ter na tua sala, a Imagem de Napoleão I passando os Alpes (taes phantasias são-te permittidas, []) a parede é tua podes cobrila, de escarros ou da Figura de Bonaparte — são cousas que ficao com a tua Consciencia, e [q]/c\om o Deus severo que te ha de julgar) O que fazes tu? Chamas dous pintores, um que e idealista e que vem com a sua grenha, o seu casaco de velludo e o seu chapéo Guermantes — e o outro que é Realista e que vem, como tu de chapeo alto, e a sua caixa de tintas debaixo do braço. Dás lhes o teu assumpto e vaes aos teus negocios.

Aqui esta o que se passa na tua ausencia, sobre essa tua parede.

O pintor idealista, arregaça as mangas, e brocha-te <*imediatamente> este quadro: um pincaro de montanha: sobre ella, um cavallo com a proporcao heroica do cavalo de Phidias, empinado; e sobre o cavallo, [press] premindo-lhe as ilhargas, Napoleao |fl. f)| nú, [como um Cesar], de braços e pernas nus, a <*Cesar> romano, com uma coroa de loiros na cabeça: em volta nuvens. E assigna. (Dirme-hao: é falso! Como

falso[!]/? \ Este quadro, foi creio que é ainda, uma das joias do Luxemburgo).

[A esse] Durante esse tempo o pintor realista tem lido a historia, consultado as chronicas, do tempo, estudado as paisagens dos Alpes, os uniformes da epocha, etc.: e aqui esta o que fez — sobre a tela, pôs-lhe, um caminho escabroso de serra nevada: por elle, resfolangoda, e retesando os musculos, sobe uma mula, sobre a mula [Napoleao] Bonaparte, abafado em peles, com um barrete de lontra, e oculos azues por causa da re[f]/v\erberação da neve, doente e derreado —.

Que quadro escolhes tu, meu concidadão. O primeiro [falsifica-te] <*inventa-te> a Historia, o segundo pinta-ta: o idealista deu-te uma falsificação, o segundo uma verificação... Toda a differença entre o Naturalismo e o idealismo esta n'isto: é que este é uma falsificação da Natureza aquelle uma verificação da Natureza.

Dir-me-has: mas isso é simples materia de accessorio e decoração. Quando se trata de pintar a alma, e o seu interior?

Perfeitamente — dou-te outro exemplo.

Supponho (tudo é permittido a uma alma como a tua, amante da arte, e curiosa da vida) supponho que, [não tendo ido n] se trata de te [pint] descreverem uma menina, que alli habita de frente, n'um predio da Baixa. |fl. f)|^v | Apresentão-se dous novelistas — o Idealista e o Realista. [Tu] Tu dás-lhes a base da [pint] do quadro — Uma menina que se [V]/c\hama Virgínia, e que mora alli defrente.

O idealista <*nao a quer ver, nem ouvir, nem saber mais nada>, tira a sua boa pena de Toledo, [e immediatamente,] recorda um momento os seus authores, e, n'um [lance dá-te este quadro:] crea-te a menina Virginia d'este modo: põe-lhe na figura a graça de Margarida: no coração a paixao grandiosa de Julietta: nos movimentos a languidez de qualquer Odalisca (a escolha); na mente a [rectidão] prudencia de Salomão, e nos labios a eloquencia de St. Agostinho...

Dir-me-hao — é mentira. Como Mentira? Vejão a criação da Morgadinha dos Cannaviaes, um romance, e feito pelo talento delicado, paciente de Julio Dinis, o artista que entre nos mais importância deu a realidade. E todavia a sua Morgadinha

é bem extraordinaria: [ama] alli esta uma burguesinha d'[aldeia, vi] da serra, vivendo na serra, educada na serra, e querendo ser a personificação da mulher da Classe media: ama a sinceridade heroica de Cordelia; tem < *com os sobrinhos > os tons da maternidade romantica da amante Werther; pensa, em materias de moral, como as alunas de Bossuet; fala da Natureza, com o colorido mystico de Lamartine; junta a isto em intrigas d'Amor a finura das duquesas de Balzac, e quando falla d'Amor julgamos ouvir ouvir Rousseau declamar: sem contar que tudo o que diz de poesia de Religião é de Chateaubriand: [melhor, mesmo!]

Mas trata-se da mesma Virginia que mora alli |fl. g)| de frente. E agora é o [pi] [es]/ro\mancista realista que a vae pintar. Este homem faz uma cousa extraordinaria: começa pela ir ver...

Nao se riam: o simples facto de ir ver Virginia, quando se quer descrever [v]/V\irginia é uma revolução na Arte, é toda a philosophia Cartesiana: significa isto — que so a [experien] [estudo] < *observação > dos phenomenos, da a sciencia das cousas. Vae ver Virginia, estuda-lhe a figura, os modos, a voz: examina qual foi a sua educação; estuda o meio em que ella vive, as influencias que a envolvem: [como] que livros lê, que gostos tem; [que alimentação] — E dá-nos enfim uma Virginia que nao é Cordelia, nem Ophelia, nem St. Agostinho, nem Clara de Borgonha, — mas que é a burguesa da baixa, em Lisboa, no Anno da Graça de 1879.

Caro Concidadão, a qual dás tu a preferênciã?

O primeiro mentio-te: o seu trabalho nem te pode interessar — [no presente por que é falso, nem interessara ao futuro, por que não fica como documento util: a Virginia] a Virginia que tens diante de ti, é um ser [are] vago, feito de phrases, que não tem carne nem osso, e que portanto pou pertencendo à humanidade a que tu pertences não te pode interessar. É um [titere] < *[simples] chimera, > não [um]/e\ um ser vivo. Das [cousas] [d]/q\ue ella diz pensa, ou faz — nao te adeanta uma linha no conhecimento da paixao e do homem; [da a tua filha um exemplo funesto a imitar]. Tu [tambem podes fazer uma Virginia assim: é] Uma tal |fl. g)| Virginia [p]/n\ao pode ficar como documento d'uma certa sociedae n'um certo periodo: < *é > [esse/o\] livro é inutil, — Tens deante de ti moeda falsa.

O segundo [de] da-te uma lição de vida social: poe deante dos teus olhos n'um resumo, o que sao as Virgínias Contemporaneas: faz-te conhecer [a natu] [f] fundo da natureza, do character da mulher com quem tens que viver; Se a Virginia em conclusão, não é boa — evitarás que tua Filha seja assim: podes-te acautellar d'esde ja com a nora que te espera: é-te liccao no presente para o futuro ficara como um documento histórico.

É uma verificação da natureza.

Eu aqui redundo a formula familiar, ao a[c]/l\cance da tua compreensão, e desprendida de [toda a pret] [ou nevoas] < *nevoas > philosophicas, — o que é o Idealismo e o Naturalismo no Romance — e no drama.

Notas biobibliográficas

Eça de Queirós (1845-1900)

- 1845 25 de Novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de Dezembro: é baptizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).
- 1867 Director do *Distrito de Évora*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*.
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egipto e à Palestina.
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em co-autoria com Ramalho Ortigão) e de «Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» em *República — Jornal da Democracia Portuguesa*.
- 1871 Início da publicação d'*As Farpas* (em co-autoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (Junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*.
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).
- 1873 Publica no *Almanaque Álbum Ilustrado para 1873* o texto «Três Americanos».
- 1874 Publica o conto «Singularidades duma Rapariga Loura», no *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Parte para Newcastle (Dezembro).

- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.^a versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.
- 1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*.
- 1877 Concebe e comunica ao editor o projecto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas».
- 1878 Publicação d'*O Primo Basílio* (1.^a e 2.^a edição). Possível redacção d'«A Batalha do Caia» e de «Um Dia de Chuva». Publica «Ramalho Ortigão (carta a Joaquim de Araújo)» n'*A Renascença*.
- 1880 Inicia-se a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de Julho) do Rio de Janeiro. Publicação da terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.^a edição em livro), com uma «Nota» introdutória, d'*O Mandarin* e dos contos «Um Poeta Lírico» e «No Moinho» (ambos em *O Atlântico*).
- 1882 Interrompe a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de Outubro).
- 1883 Escreve [Testamento de Mecenas], que não conclui.
- 1884 Publicação de «A Inglaterra e a França julgadas por um inglês» na revista *A Ilustração*.
- 1885 Contribui com «Festa de Crianças» para *Beja-Creche* e um autógrafo sem título para *Esmola*. *A Ilustração* publica uma longa apresentação de «Os Latidos», autógrafo conjunto num leque. Publicação de «Outro Amável Milagre» (in *Um Feixe de Penas*) e d'«A Catástrofe». Publica «Uma Carta sobre Victor Hugo (carta ao director da *Ilustração*)».
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona. Publica a carta-prefácio a *O Brasileiro Soares* de Luís de Magalhães, também a carta ao director do jornal *A Província*, a 20 e Maio de 1886, e a carta-prefácio a *Azulejos* do Conde de Arnoso.
- 1887 Publicação d'*A Relíquia*. O *Almanaque das senhoras portuenses* inclui o autógrafo de «A Vida». «Mr. Cumberland» sai no jornal portuense *A Província*. Data provável de [O Francesismo], que ficou inédito.
- 1888 Retoma a colaboração na *Gazeta de Notícias* (2 de Abril e 15 de Agosto). Publicação d'*Os Maias* (em livro e n'*A Província de São Paulo*) e de parte

- d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (*Gazeta de Notícias* e *O Repórter*). Publica «A Europa» n' *O Repórter* e [A partilha da dor] em *Lisboa-Porto*. Muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a *Revista de Portugal*. Publicação, nessa revista, de cartas de Fradique Mendes. Sai o volume de poemas *Aquarelas* de João Dinis, com um prefácio de Eça. Publica n' *O Tempo*, anonimamente, «Os Vencidos da Vida».
- 1890-91 Publicação (2 volumes) d' *Uma Campanha Alegre*, com a colaboração d' *As Farpas*.
- 1891 No volume de solidariedade *Anátema* publica «Fraternidade». Autografa em Paris o leque da viscondessa de Cavalcanti. Data provável da escrita do fragmento manuscrito assinado «João Gomes».
- 1892 Termina a *Revista de Portugal*. Início da última fase da colaboração na *Gazeta de Notícias* (18 de Janeiro); aí publica «Notas Contemporâneas»: «Colombo e o seu Centenário» e «O Caminho-de-ferro de Jerusalém», ambas sob o pseudónimo «João Gomes».
- 1893 Publicação de «Positivismo e Idealismo» e de «Tema para Versos I e II» (ambos na *Gazeta de Notícias*); o segundo será postumamente intitulado «A Aia» (*Contos*).
- 1894 Publicação d' «As Histórias»: «O Tesouro» e «Frei Genebro» (ambos na *Gazeta de Notícias*). Terceira edição d' *O Mistério da Estrada de Sintra*, com carta-prefácio da segunda edição.
- 1895 Publica um texto sem título no número de homenagem *Os de Paris a João de Deus*. Escreve «Um novo plano de almanaques» e o prefácio ao *Almanaque Enciclopédico para 1896*. Possível redacção de «Engelberto». Publicação do conto «O Defunto» (na *Gazeta de Notícias*).
- 1896 «Um Génio que era um Santo»: publicação em *Antero de Quental: In Memoriam*. Conto: «Adão e Eva no Paraíso» (no *Almanaque Enciclopédico para 1897*).
- 1897 Termina a colaboração na *Gazeta de Notícias* (20 de Setembro). Contos: «A Perfeição» e «José Matias» (ambos publicados na *Revista Moderna*). Início (Novembro) da publicação d' *A Ilustre Casa de Ramires* (*Revista Moderna*).

Irene Fialho (Lisboa, 1967) é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Universidade Nova de Lisboa (1989). Em 1994 concluiu na mesma universidade o mestrado em Literaturas Comparadas, Época Contemporânea, com a apresentação da dissertação *Popular e Popularizante nos Manuais Escolares do Estado Novo*. Ainda em 1994 publicou o volume *Alves & Cia.*, em co-autoria com Luiz Fagundes Duarte. Publicou *Almanques* (2001) e *Aquisições Queirosianas* (2007) na Biblioteca Nacional. Está a finalizar uma tese doutoramento em Estudos Portugueses, a apresentar à Universidade Nova de Lisboa, sobre censura e autocensura em manuscritos autógrafos de Eça de Queirós, com o título «No manuscrito dum Romance». Tem em preparação os volumes *O Conde de Abranhos* e *Correspondência de Fradique Mendes* (com Carlos Reis e Maria João Simões) para a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. É investigadora do CLP da Universidade de Coimbra e colaboradora do CLEPUL da Universidade de Lisboa e do CHC da Universidade Nova de Lisboa.

Acabou de imprimir-se
em Abril de dois mil e onze.

Edição n.º 1018131

www.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A produção literária de qualquer grande escritor regista, quase sempre e para além dos seus textos capitais, outros textos provindos de circunstâncias mais ou menos acidentais ou conjunturais. Quando se trata de organizar o conjunto dessa produção literária (é também isso que esta Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós está a fazer, o que obriga a questionar títulos e colectâneas até agora aceites como canónicos), torna-se necessário reunir esses textos em volume ou em volumes que lhes dêem o acolhimento possível.

Não é fácil organizar e editar um conjunto de textos como os que se encontram neste *Almanaques e outros dispersos*. Escondidos, perdidos ou esquecidos por diversos locais e publicações, eles exigem do editor uma concentrada atenção e um conhecimento muito minucioso desses lugares recônditos onde se ocultam pequenas jóias ou filões ignorados. Irene Fialho é uma investigadora com experiência acumulada pela circulação em espólios oitocentistas, sobretudo pelo de Eça de Queirós. Tendo sido já, nesta série de volumes, co-editora (com Luiz Fagundes Duarte) de *Alves e C.*² e tendo muito adiantada a complexa edição crítica d' *O Conde de Abranhos*, Irene Fialho é credora de inquestionável confiança e de provada competência para a tarefa a que se abalançou, ao editar estes *Almanaques e outros dispersos*.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

ISBN 978-972-27-1941-4



9

INCM